



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES

**AS INTENÇÕES DA ESCRITURA:
CRIAÇÃO LITERÁRIA E ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM VIVINA DE
ASSIS VIANA**

Londrina
2009

ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES

**AS INTENÇÕES DA ESCRITURA:
CRIAÇÃO LITERÁRIA E ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM VIVINA DE
ASSIS VIANA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Augusto Garcia Fernandes.

Co-orientador: Profa. Dra. Regina Célia dos Santos Alves.

Londrina
2009

ANDRÉIA NOGUEIRA HERNANDES

**AS INTENÇÕES DA ESCRITURA:
CRIAÇÃO LITERÁRIA E ASPECTOS BIOGRÁFICOS EM VIVINA DE
ASSIS VIANA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Frederico A. G. Fernandes
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Gizêlda Melo do Nascimento
Universidade Estadual de Londrina

Prof. João Luís C. T. Ceccantini
Universidade Estadual Paulista

Londrina, 27 de abril de 2009.

À vó Ziza, que enfeitou a minha infância com
margaridas. À vó Délia, que enfeitou
com rosas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu Deus, meu Grande Educador, que é parte de minha família muito antes de meu nascimento, nos sustentando e nos formando grandes homens e mulheres.

Ao meu orientador Frederico A. G. Fernandes pela direção, por acreditar em mim, e sobretudo pela amizade, sempre.

À co-orientadora Regina Célia, que prontamente fez-se presente em tantos momentos decisivos.

À CAPES, que tornou viável o bom desempenho deste trabalho.

Ao professor João Luís C. T. Ceccantini, pelos primeiros passos que me trouxeram onde hoje cheguei.

À amiga Vivina de Assis Viana, que contribuiu incansavelmente por meio de e-mails, telefonemas e por vezes, pessoalmente.

Aos meus pais Carlos e Raquel, pelo incentivo desde tão cedo, sonhando e lutando junto a mim.

Ao Henrique, presente dos meus pais pra mim, que encheu minha casa de novas idéias e me ensinou a ver o lado *light* da vida.

Ao Kleber, por ser a minha companhia especial nos melhores e nos mais difíceis momentos dos últimos anos.

Aos meus tios Dirceu e Ely, que me fizeram filha no períodos de estudo em Londrina.

Às amigas Fabiana Dorta, Holly Smith, Mariana Romeiro, Patrícia Ayres, Rita Araújo, Regiane Zacarias, pelos momentos de felicidade e prazer, que colaboraram tão bem para dar um fôlego a este trabalho.

**“Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus
planos serão estabelecidos.”
Provérbios 16:3**

HERNANDES, Andréia Nogueira. **As intenções da escritura:** criação literária e aspectos biográficos em Vivina de Assis Viana. 2008. 217f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

O presente trabalho concentra-se em reconhecer as intenções do projeto literário de Vivina de Assis Viana. Escrevendo literatura para crianças e adolescentes desde o ano de 1977, Viana procura trazer, com clareza e objetividade em suas obras, um diálogo com o leitor. Entre análises de uma entrevista com a autora; de seis obras que se passam no pano de fundo urbano; de três narrativas que se desenvolvem em âmbito rural; e da apreciação de um conto escrito na internet, o objetivo foi observar a existência de características formais e temáticas que permitem caracterizar a escritura de Viana. Dentre elas, destacam-se sua linguagem direta e de fácil acesso, propiciando ao leitor uma fruição, e o engajamento político de grande parte de suas personagens. Também são notáveis seu apreço pela vida no campo, bem como sua crença em um leitor mais maduro e atento, que a possibilitam trazer uma temática mais aberta, inclusive ao tratar de pontos complicados da vida infantil e adolescente. Por meio deste estudo, ficam nítidas estas características que acabam por configurar-se como a marca escritural de Viana, que dentro da particularidade de cada obra não deixa de existir, permitindo a aplicação do pensamento foucaultiano de que o nome do autor permite agrupar e classificar um conjunto de textos, em razão de algumas características e peculiaridades em comum que apresentam.

Palavras-chave: Vivina de Assis Viana. Escritura. Autoria. Projeto Literário. Literatura Infanto-Juvenil.

HERNANDES, Andréia Nogueira. **The intentions of the writing:** literary creation and biographic aspects in Vivina de Assis Viana. 2008. 217p. Dissertation (Masters in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

ABSTRACT

This work's purpose is to recognize the intentions of Vivina de Assis Viana's literary project. Writing literature for children and teenagers since 1977, Viana tries to bring a clear and objective dialogue with her readers. Analyzing an interview made with the author, six different works that occur in the urban environment, three narratives that develop in the countryside space and a tale written on the internet, the objective was to observe the existence of formal and thematic characteristics that allow us to distinguish Viana's writing, as her explicit and easy accessible language, propitiating to the reader a fluency, and also the politic commitment of great majority of her characters. Are also noticeable her regard for the life at the countryside, as well as her belief in a much more mature and attempt reader, elements that allow her to bring a more open thematic, dealing with complicated aspects of the children's and teenager's life. Through this study, this characteristics get clear and are considered as Viana's writing mark, that, considering the particularity of each work, are always present, consenting the confirmation of Foucault's theory that says that the name of the author allows the gathering and the classification of a group of texts, in view of some characteristics and peculiarities in common that they present.

Keywords: Vivina de Assis Viana. Writing. Authorship. Literary Project. Children's Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vivina de Assis Viana em casa	21
Figura 2 – Biblioteca da sala da casa de Vivina de Assis Viana	23
Figura 3 – Na Bienal do Livro em São Paulo.....	24
Figura 4 – Revista “A Cigarra”. Edição de Janeiro de 1921	28
Figura 5 – Trem do Sertão.....	41
Figura 6 – Volumes 1, 2 e 3 de <i>Winnetou</i> , de 1893, de Karl May.....	42
Figura 7 – O volume Graciliano Ramos da série Literatura Comentada	49
Figura 8 – Cartas e cartões postais da correspondência entre Ana e Pedro.....	99
Figura 9 – A estrutura do site que imita o livro... ..	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SOBRE VIVINA DE ASSIS VIANA	14
O SURGIMENTO DE UM PROJETO	19
COMO SE ESTRUTURA O TRABALHO	19
CAPÍTULO 1 – ENTRE LEMBRANÇAS E LETRAS	21
ENCONTRADA NA GRANDE SÃO PAULO.....	21
CAPÍTULO 2 – DA CIDADE PARA OS LIVROS	53
OBRAS URBANAS, OBRAS REALISTAS	53
<i>O DIA DE VER MEU PAI</i> (1977)	58
<i>O JOGO DO PENSAMENTO</i> (1984)	66
<i>SUANDO FRIO</i> (1986)	72
<i>O MUNDO É PRA SER VOADO</i> (1988).....	83
<i>SABE DE UMA COISA?</i> DIÁRIO DE UMA ADOLESCENTE (1989)	90
<i>ANA E PEDRO: CARTAS</i> (1992).....	98
RETRATO DE UMA SOCIEDADE	106
CAPÍTULO 3 – UM OLHAR RURAL	112
COMO E POR QUE TRATAR DO RURAL.....	112
<i>O REI DOS CACOS</i> (1987)	115
<i>ARCO-ÍRIS TEM MAPA?</i> (1989)	120
<i>SERÁ QUE ELE VEM?</i> (1986)	128
RETRATO DE UMA SOCIEDADE	133
CAPÍTULO 4: IMPRESSÕES DIGITAIS	138
UMA ESCRITURA VIRTUAL.....	138
A ESTRUTURA DE “A PIPOCA DO QUINTO ANDAR”	142
COMO SE CONTA O CONTO.....	143
UMA ESCRITORA MODERNA	150
UM EXPERIMENTO DE EXCELÊNCIA	157

CONCLUSÃO	160
REFERÊNCIAS	164
ANEXOS	170
ANEXO A – Tabela com a bibliografia completa de Vivina de Assis Viana.....	171
ANEXO B – “Meus caros formandos” – Texto de Vivina de Assis Viana dedicado a uma turma de Ensino Médio do Distrito mineiro de Mercês de Água Limpa.....	177
ANEXO C – “Paraíso” – Texto de Vivina de Assis Viana escrito para um livro-homenagem ao Distrito de Morro do Ferro	181
ANEXO D – “Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já ta maravilhoso, missão cumprida”: Entrevista com Vivina de Assis Viana.....	184

INTRODUÇÃO

Um trabalho que pretende apresentar, discutir e levantar aspectos sobre determinado escritor, deve, em primeira instância, lembrar-se de caminhar em seus estudos com cautela. Isto porque uma pesquisa que almeja trabalhar noções sobre a vida de um escritor, e usar deste conhecimento para refletir sobre seus projetos, seus mecanismos de criação literária, levantando idéias e percepções acerca de seu acervo bibliográfico, deve envolver, em primeiro lugar, uma conversa sobre o conceito da autoria.

Ao pensarmos ou falarmos sobre a figura do autor, trazemos à tona o texto de Michel Foucault (2000, p. 45), que discute a profundidade deste conceito, indo muito além de considerá-lo apenas como a referência ao sujeito a quem determinado escrito é atribuído, mas entendendo-o como o conceito que caracteriza uma entidade que compreende elementos externos, de natureza coletiva, sendo o fôlego de uma determinada cultura ou de um ambiente, repelindo qualquer conotação individualista.

Estudar um autor é entender que ele representa uma unidade que qualifica e determina seus textos, ao mesmo tempo em que é unidade qualificada e determinada por eles. Em outras palavras, entendemos, em Foucault (2000, p. 55), que o autor é um campo de idéias e conceitos; é ponto comum de certo número de acontecimentos; é o representante de um momento histórico, ao mesmo tempo em que é uma heterogeneidade individual construída por seus diferentes textos, no sentido de ser caracterizado por todas as naturezas de textos que tenha vindo a escrever.

O autor colabora para um suave delimitar e caracterizar da obra, que não se remete intrínseca e diretamente ao indivíduo humano escritor, mas age como uma película envolvente que circunda e amarra as obras, determinando sobre elas algum grau de igualdade e similaridade.

Esse autor é, portanto, uma construção diretamente ligada ao indivíduo que escreve o texto, mas sua peculiaridade é que ele se apresenta ali como uma unidade singular e diferenciada onde se origina a escrita.

A autoria não é sinônimo de homogeneidade e nem da classificação das obras de um autor sob um mesmo prisma, sugerindo que ele mantenha sempre

um tipo de camisa de força que delimite um padrão em sua escritura. Aparentemente, pode-se dizer que existe, em princípio, uma certa unidade, mas o autor é o que permite ultrapassar as contradições que podem manifestar-se, e, de acordo com Foucault (2000, p.53), acredita-se que

deve haver – a um certo nível do seu pensamento e do seu desejo, da sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis encaixam finalmente uns nos outros ou se organizam em torno de uma contradição fundamental ou originária.

Em outras palavras, no próprio escritor, as aparentes impossibilidades e incongruências se encontram, se ajustam, encontram seu sentido.

Tendo em mente que o autor configura-se como entidade tão complexa e plena de peculiaridades a serem desvendadas, como individualidade que pode transformar-se em uma voz uníssona, como singularidade repleta de multiplicidades, entende-se a importância da figura autor.

Também nos lembra Foucault da importância do autor, quando menciona a dificuldade em se saber o que é obra ou não dentre todos os escritos de um deles. Para ele

não basta afirmar: deixemos o escritor, deixemos o autor, e estudemos a obra em si mesma. A palavra “obra” e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor. (FOUCAULT, 2000, p. 39).

É possível observar a tênue linha que separa autor, escritor e obra, a ponto de o teórico atentar para a impossibilidade de se estudar obra e autor em sua individualidade, justamente porque são individualidades intrinsecamente vinculadas.

Partindo destes pressupostos, este trabalho, elaborado em quatro capítulos, dispõe-se a trazer para o leitor uma amostra da importância e da validade de se observar mais minuciosa e detalhadamente a vida e obra do escritor, atentando para a maneira pela qual a vida, que carrega em si um repertório tão grande de vivências, representando a voz e a mente de um período ou sociedade e suas experiências com a história, a política, entre outros, colabora e acrescenta para

o melhor conhecimento da obra; exerce força na pessoa do autor, colaborando para a formação desta entidade, tanto quanto a obra, em suas minúcias e abrangências, variando entre livros inteiros, capítulos, prefácios, epílogos, ajuda a definir e delinear a vida do escritor. Para Foucault (2000, p. 54) essa “pluralidade de egos” é o que permite falar do autor como “uma espécie de foco de expressão, que, sob formas mais ou menos acabadas, se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos etc”.

A partir destas observações e apontamentos, trazemos um trabalho com Vivina de Assis Viana (1940), escritora de literatura infanto-juvenil que, por meio de seus escritos, conversa com o leitor de maneira aberta e sem hesitações.

Trataremos do modo pelo qual a autora em suas obras deixa transparecer seu ponto de vista sobre a vida e sobre as situações que ela traz consigo, enquanto desfia e tece ao mesmo tempo suas palavras em favor de entreter e pensar junto com o público leitor.

Vivina de Assis Viana trabalha nas linhas e, sobretudo, nas entrelinhas de suas narrativas, um despertar para as situações boas e ruins da vida, propondo temas que vão desde as gostosas brincadeiras de criança, até problemas como a desigualdade social e a separação conjugal, deixando o leitor à vontade e a par de tudo o que se passa dentro e fora da história, por meio de uma linguagem de fácil acesso e que promete se fazer entender sem a necessidade do uso de palavras complicadas. Fica aqui um parêntese para um detalhe importante: A autora faz conta de deixar claro que o modelo “linguagem simples e direta” é uma escolha baseada no apreço pelo escritor Graciliano Ramos.

Buscando, em 2004, encontrar um escritor sobre o qual se pudesse tecer um trabalho de iniciação científica, tive, sob orientação, de ler algumas obras de críticas e historiadoras da literatura infanto-juvenil como Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich, entre outras. Iniciando a jornada das leituras por *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias* (1984), conheci por meio desta obra, o nome de Vivina de Assis Viana. Encantada com o fato da não ciência sobre a autora e sobre seu acervo bibliográfico, e entendendo a possibilidade de conhecê-la, decidi estudá-la no mesmo momento.

Observando a importância atribuída à autora por teóricas como Marisa Lajolo (1984), Regina Zilberman (1985), Fanny Abramovich (1995), tornou-se indubitável a necessidade de trabalhar as escrituras de Viana, já que ela havia

colaborado como um diferencial no panorama da literatura para crianças, instaurando na literatura para elas uma narrativa menos fantasiosa, e que procurava trazer ao leitor uma realidade nua e crua, travando um embate direto com suas emoções de criança. Em favor de uma literatura que vinha a fim de desmascarar as mazelas sociais e tratar das dores e dificuldades dos leitores, as obras de Viana chegavam na década de 70 às prateleiras, trazendo um novo olhar sobre a literatura infanto-juvenil, mais próximo da literatura para adultos.

Por isso, fundamentamos também este trabalho sob a idéia da importância de colaborar para a visibilidade de autores e obras de valor e projeção notórios, que estejam, por vezes, apagados ou adormecidos de alguma maneira.

A fim de que o trabalho fique sobremaneira claro, pretendemos, nesta introdução repartir com o leitor noções de como o trabalho foi constituído, os critérios utilizados para o estudo e a análise de obras da autora, entre outras coisas.

Contudo, em um primeiro instante, almejamos que o leitor deste trabalho conheça um pouco mais do objeto de estudo do qual se ocupa a dissertação: a escritora da literatura para pequenos, Vivina de Assis Viana.

SOBRE VIVINA DE ASSIS VIANA

Vivina de Assis Viana nasceu em 1940 em Morro do Ferro, em Minas Gerais, numa fazenda chamada Santa Luzia. Compartilhou da casa no sítio com outros quatro irmãos e foi alfabetizada lá mesmo, pela mãe. Sempre foi fanática pela fazenda, apaixonada pela natureza e pelos animais.

Aos oito anos, trocou a liberdade da fazenda por um internato, em São João Del Rey/MG, durante sete anos. Depois disso, mudou-se para Juiz de Fora, rumo a outro internato, agora num curso de três anos.

De 1958 a 1968, residiu em Belo Horizonte, cursando Letras Neolatinas na UFMG. Durante estes 10 anos, Viana participou ativamente dos movimentos estudantis, passeatas, protestos, nunca se deixando estar alheia às situações mundiais, mas procurando estar sempre atenta a cada movimento mundial ao seu redor.

Durante o ano de 1964, lecionou francês no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG.

Dois anos depois, casou-se com Gilberto Mansur, jornalista e escritor mineiro. Dois anos se passaram e Viana mudou-se para a cidade de São Paulo. Lá nasceram Mariana, Bernardo e Fabiano, personagens principais da vida da escritora.

A partir de 1968 começou, sem se preocupar com publicações ou outras propostas que viessem a surgir, a escrever narrativas que dessem conta de expressar sua saudade da infância, a convivência com os irmãos, a vida no campo, ou textos que pudessem transmitir sua indignação com a situação mundial, a violência, os problemas infantis, os familiares.

E foi assim que no ano de 1977 publicou sua primeira narrativa, *O dia de ver meu pai*. A obra trouxe, pela primeira vez, a questão da *separação conjugal* em livros infantis. Fazendo parte de uma coleção chamada de A Coleção do Pinto, junto às obras *O Pivete*, de Henry Correa de Araújo, *Os rios morrem de sede*, e *O menino e o pinto do Menino*, de Wander Piroli, *O dia de ver meu pai* despontava com uma linguagem e uma temática que foram além de realistas, mas, de acordo com Regina Zilberman, propunham uma obra verista¹, que compreendia um caráter extremamente realista, isto é, de linguagem nua e crua, e inclusive de ilustrações em preto e branco, objetivando voltar a atenção do leitor ao monocromático mundo em que se encontrava a humanidade.

A partir daí, novas obras foram publicadas e com certa regularidade. Em 1989, Viana ganhou o prêmio Jabuti de Literatura Juvenil com *O mundo é pra ser voado*. Assumiu, de 1990 a 1999, o título de cronista, publicando textos semanais no *Estado de Minas*. As crônicas tratam de assuntos do cotidiano, assuntos pessoais, eventos da vida da escritora e da vida política de seu país.

Atualmente, a escritora dá consultorias a editoras e possui projetos de novas obras a serem concluídas.

¹ Termo utilizado pela primeira vez por Regina Zilberman na obra *A Literatura Infantil na Escola* (1985), para definir a literatura para crianças que tomou força na década de 70, apostando em um público leitor mais maduro e capaz de lidar com assuntos mais aprofundados. A literatura tinha como objetivo manter as crianças com o pé no chão, no mundo real, abordando temas como a violência, a vida familiar, a desigualdade e os problemas sociais, colaborando para uma emancipação da visão e entendimento da criança sobre o mundo ao seu redor.

O SURGIMENTO DE UM PROJETO

A produção literária de Vivina de Assis Viana foi motivo de inquietação desde o início, desde que foi observado nela o desejo de compartilhar sobre os acontecimentos que vinham tomando conta da nossa sociedade de uma maneira geral.

Assim, no ano de 2004, um projeto de iniciação científica, intitulado “A produção literária de Vivina de Assis Viana: um estudo introdutório” começou a engatinhar, tomando forma e rosto ao longo de quase três anos. Iniciando-se com um levantamento bibliográfico da autora e posteriormente análise de algumas obras e entrevistas, o projeto começou a ter mais visibilidade, e a escritora, mais voz.

Em 2005, foi realizada pessoalmente uma entrevista com a escritora, que contou com 28 questões e quase 90 minutos de uma esclarecedora conversa sobre sua produção literária, sua visão de mundo, sua idéia da literatura para crianças, seus medos, ansiedades e projetos.

A fim de dar continuidade aos estudos que vinham levantando importantes apontamentos sobre a escritora, o projeto de iniciação científica transformou-se, em 2007, num projeto de Mestrado, sob a orientação do professor Frederico Augusto Garcia Fernandes.

Analisando agora todo o material recolhido, trazemos este trabalho, que procura não esgotar os estudos sobre Vivina de Assis Viana, visto que a escritora continua viva e em constante produção de obras, mas tratar daquelas obras já produzidas, levantando suas principais características e observando de que maneira se dá o processo da criação literária na escritora Vivina de Assis Viana.

COMO SE ESTRUTURA O TRABALHO

Em primeira instância, trazemos um capítulo inicial intitulado “Entre Memórias e Letras”, e que trata, por meio de estudo e análise da entrevista por mim realizada com a autora em São Paulo, em 2005, de aspectos da vida e obra de Viana, que serão melhores explicitados a seguir.

A entrevista, de caráter memorial e que conta com o desenvolvimento de muitas idéias e reflexões por parte da escritora, constitui um material riquíssimo, pois nos proporciona maior contato com os aspectos peculiares da vida da escritora. Tais aspectos mostram como a vida do autor não está dissociada de sua criação literária e que a construção de um “autor”, isto é, por meio da “escritura” e de seu aspecto material propriamente dito, o texto, desvela muitas vezes sentidos importantes de uma obra.

A obra de um autor é parte dele, e, sobretudo, contém elementos que provêm do repertório desta pessoa, de suas experiências individuais e como membro de uma sociedade, que tem uma história, uma política. Dissociar escritor e obra impossibilita o encontro que produz a leitura, lembrando que este conceito é ligado ao prazer do texto. (BARTHES, 2004, p. 9)

Também é possível atentar em *O grão da voz* para a importância da voz que comunica, quando Barthes (1981, p. 14) afirma que “os homens dão um sentido à sua maneira de escrever; com palavras, a escrita cria um sentido que as palavras criam à partida”.

Ouvir a voz do autor e os ruídos de sua obra é entender que a intenção deste autor estende-se muito além de palavras, é não fazer uma leitura ingênua, mas dedicar-se a uma leitura minuciosa e que passeie por entre as entrelinhas, lendo o que o autor disse e reconhecendo o que o autor não disse, mas que certamente está habitando e pairando sobre o texto.

Observando estes apontamentos, concluímos que nada mais enriquecedor e aglutinador do que a possibilidade do estudo de aspectos da vida, do passado, daquilo que caracteriza o autor tal como ele é, a fim de observar de que maneira a vida, os sentimentos, as experiências, os sonhos, se inserem na ficção das obras, e de que maneira estas especialidades propõem um tempero especial a um estudo do acervo bibliográfico de um autor.

Por levantar aspectos importantes sobre as memórias e a formação da escritora, o capítulo nos revela de que maneira os escritos são bordejados, recortados e suavemente caracterizados por seu autor, apresentando-se como um fluxo de emoções e opiniões, além de, como já mencionamos, serem representações de uma sociedade, período, ou outro elemento.

“Entre Lembranças e Letras” apresenta ao leitor uma jornada interessante por entre as idéias de uma autora que desde 1977 vem disseminando

seus pensamentos em forma de livros. Aborda a maneira pela qual as experiências vividas brotam e integram de maneira peculiar sua escritura; e atenta o leitor para as diferentes maneiras que a criação literária pode ter, oriundas de diversas fontes e fatores.

A escrita, que, de acordo com Roland Barthes (2004, p. 13) é na verdade um tom que individualiza e resulta de um engajamento do autor, modelando-se às suas distinções a particularidades, marca e particulariza Vivina de Assis Viana no âmbito das letras.

Por esta razão, foram elencadas seis obras da escritora, que dão substância para a construção do segundo capítulo do trabalho, nomeado de “Da cidade para os livros”. As obras são *O dia de ver meu pai* (1977), *O jogo do pensamento* (1984), *Suando Frio* (1986), *O mundo é para ser voado* (1988), *Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente* (1993), e *Ana e Pedro: cartas* (1990), e objetivam, por meio de seu estudo, a observação da maneira pela qual esta escrita, delineada com cuidado por Viana, “fica encarregada de unir com um só traço a realidade dos atos e a idealidade dos fins” (BARTHES, 2004. p. 18) ou, em outras palavras, a maneira como se pode observar, sob a escrita, uma intenção.

A partir desta observação, situa-se o âmago deste trabalho, que se propõe a observar e atentar para o fato da existência de uma finalidade do autor, ao não propor uma escritura inocente, mas trazê-la carregada de significados.

Será possível apontar, ao longo dos capítulos que integram este trabalho, intencionalidades que despontam e que constituem a escritura de Viana.

Assim, as obras da escritora já mencionadas, foram agrupadas a partir da temática urbana ou, em outras palavras, têm a cidade grande como o ambiente para o desenrolar das narrativas.

Nelas, as mazelas sociais, os problemas familiares, as dificuldades conjugais, as dúvidas infantis resultantes da modernização da vida, agora mais acelerada e mais individualista, projetada pelo crescimento das cidades, são abordados sempre com uma proposta de adesão à realidade, pelo uso de uma linguagem direta. A autora usa de palavras descomplicadas, facilitando o acesso da criança ao entendimento da narrativa.

Elementos importantes são destacados por nós dentro deste estudo, como o papel em que figura o jovem e a criança dentro de suas narrativas, os relacionamentos familiares e as relações pessoais, os medos das pessoas, suas

dificuldades e suas peculiaridades, especialmente observando o contexto social, político e econômico onde estão inseridas.

Opondo-se às narrativas que desfrutam de um ambiente urbano como cenário para o desenrolar de sua trama, nasceu um terceiro capítulo, nomeado “Um olhar rural”, que conversa com o leitor por meio de narrativas que se passam no âmbito do campo, trazendo muita tranquilidade, inocência e puerilidade por meio de personagens que se divertem em meio às frutas, às árvores e aos animais da fazenda.

Lembrando que as obras em tom rural trabalham suas memórias e saudades, Viana traz ao leitor nas obras selecionadas: *O rei dos cacós* (1978), *Arco-íris tem mapa* (1992), *Será que ele vem* (1986), narrativas de diferente natureza em relação às que compreendem a cidade, propondo um clima muito mais sereno, e no qual personagens marcadas por sua infantilidade e pacifismo desfrutam de lares acolhedores e das delícias da natureza.

Fica evidente, nos dois capítulos mencionados por último, tanto o que compreende o ambiente rural, como aquele que compreende o ambiente urbano, a importância de termos, previamente, trabalhado na entrevista com a autora. Traços que permitem relacionar fatos que compõem a narrativa a aspectos da vida da escritora ficam muito claros, já que a escritora não esconde que procura escrever sobre suas vivências, suas memórias, ou sobre suas percepções.

Por fim, em um capítulo que leva o nome de “Impressões Digitais”, ocorre a apresentação de um conto escrito por Vivina de Assis Viana no site do Banco Real, disponível na internet.

Com a intenção de apresentar ao leitor mais um pouco das possibilidades e da variedade que se instaura na obra da escritora, escolhemos levantar e conversar com o leitor sobre este conto, que, num modelo um tanto inovador, figura como importante etapa da vida da escritora: a da produção de literatura em internet.

O conto que se chama “A pipoca do Quinto Andar” (2004) traz diversos apontamentos e convida estudiosos e leitores à reflexão a respeito da suscetibilidade da intersecção entre a literatura e a internet. Com a peculiaridade de ser um conto escrito a muitas mãos, pois Viana contava com as idéias do público mirim leitor, abre-se também espaço para a discussão do conceito de autoria, que fica aqui, e em muitos outros textos da rede, mais vulnerável.

Durante a leitura destes capítulos, fica o convite ao leitor a conhecer mais do projeto literário de Vivina de Assis Viana, de sua criação literária, daquilo que a escritora entende e propõe como literatura para crianças, seja por meio de narrativas atuais e que tratam de temas de extrema importância, ou por meio de narrativas ternas e cheias de cumplicidade e amizade, nas quais o leitor encontra seu local de prazer.

Dar visibilidade ao seu trabalho e às suas obras nos permite alcançar discussões acerca de muitos elementos que marcaram a literatura que despontou na década de 70, com Vivina de Assis Viana, que foi a literatura mais voltada a um retrato das mazelas sociais. Tê-la como representante desta década faz com que um trabalho como este não seja apenas importante, mas indispensável para a constituição de um panorama mais completo da literatura para crianças.

Da mesma maneira, reconhecer em Viana uma escritura memorialista em tom de doce lembrança e de sonhos infantis aponta para a possibilidade da coexistência de temas aparentemente distintos, lembrando a viabilidade da heterogeneidade do autor, observação que nos remete a Foucault, que sabe que em algum lugar do pensamento do autor, as diferenças e distinções se completam e se resolvem.

CAPÍTULO 1

ENTRE LEMBRANÇAS E LETRAS

Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola,
Outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.

Marisa Lajolo

ENCONTRADA NA GRANDE SÃO PAULO

Julho de 2005. Tênis esporte, calças jeans e uma blusa de lã de mangas longas e gola rulê. Foi assim que Vivina de Assis Viana me recebeu numa tarde de minhas férias na gigantesca cidade de São Paulo, tendo estampado no rosto um sorriso que tornava tudo muito mais confortável. Foi o primeiro encontro entre colegas de trabalho que até então tinham a necessidade de usar da imaginação para estarem mais próximas uma da outra, enquanto se comunicavam via telefone ou e-mail. A insegurança e o medo devido ao meu amadorismo duraram poucos segundos, até reconhecer em Vivina uma figura extremamente acolhedora e espontânea.



Figura 1 – Vivina de Assis Viana em casa.

Foto: Andréia N. Hernandez

Mineira, sempre fazendo questão de ser muito atenciosa, Vivina apresentou quarto, banheiro, cozinha, e disponibilizou o que fosse necessário, fazendo o lar se tornar familiar. Na cozinha, abriu a geladeira, recheada com doces de padaria, agradáveis aos olhos, e especialmente ao olfato, tanto que um dos doces que se assemelhava a um “Pastelzinho de Belém” deixou em minha memória até hoje uma lembrança muito doce, dessas lembranças que surgem de repente quando a gente sente um cheiro que invade a nossa imaginação, trazendo de volta um fato ou um tempo que nos marcou, como o cheiro da casa da avó, ou da comida preferida que a mãe preparava, ou o cheiro do eucalipto da fazenda, palco das brincadeiras infantis entre irmãos ou melhores amigos.

Vivina se preparava para ir à academia enquanto tentava me deixar à vontade, e eu ficava a cada minuto mais maravilhada com a casa da escritora, que, fazendo jus à profissão da dona do lar, era feita de livros. Olhando por todos os lados da sala e de um quarto próximo, tudo o que se via era a biblioteca abarrotada de livros que coloria as paredes do apartamento. Eram livros grossos, finos, colocados na vertical, em perfeita harmonia, outros dormindo na horizontal, talvez usados há pouco. Muitos deles convidativos, com folhas cheirando a impressão recente, outros com aparência de que a idade também lhes tinha pesado.

Toda esta miscelânea de cores e formatos e sabores, sem saber, contrastavam com o ambiente paulistano acinzentado e branco, que se via da janela da sala.

Olhando pela vidraça, me inundou um pensamento. Nunca antes eu havia entendido São Paulo daquela maneira. Vendo a capital tão pequena lá embaixo, tão limitada, emoldurada pelas ferragens da janela, São Paulo tornou-se por alguns instantes, menos amedrontadora. Tornou-se menos ameaçadora do que eu a achava há algumas horas atrás, quando, dentro dela, de seus metrô e de suas avenidas largas e amplas, e de suas pessoas e de suas igrejas e de seus prédios, eu me perdia, sozinha, em busca da literatura contida na escritora de meu estudo.



Figura 2 – Biblioteca da sala da casa de Vivina de Assis Viana.

Foto: Andréia N. Hernandes.

Descendo na estação do metrô, observando de perto a Avenida Paulista, de mochila nas costas, buscando pelo nome da rua ditada como referência por Vivina e anotado no mapa feito a mão, imaginei que estávamos próximas. Mais.

Haddock Lobo. “Desça a Haddock Lobo”. Era o próximo passo. Nunca a Haddock Lobo foi tão longa. Sem saber, ela tentava me distrair com suas lojas de decoração convidativas e suas boutiques de grife que cheiravam de fora, a uma essência que eu sentiria de longe: cheiro de novo, de novidade e de novela. Sim, era, de fato, como se eu estivesse vivendo o enredo de uma delas.

Na portaria do prédio, o porteiro:

- Dona Vivina, a Andréia.

A resposta deve ter sido: Pede pra ela subir – porque eu subi.

Entrei no elevador, com a mochila nas costas, um cansaço leve que refletia nas pernas, e a insegurança etiquetada na testa. Viana já devia saber que eu estaria assim, por isso abriu a porta antes que eu chegasse lá em cima, com aquele sorriso e vestida daquela maneira, toda *sport*.

O ambiente para a entrevista foi preparado enquanto Vivina fazia seus exercícios de rotina em uma academia próxima ao apartamento. O gravador ganhou pilhas novas, foi testado. As perguntas a serem feitas, relidas numa forma de ensaio. Eu aguardava, com a certeza de que o melhor estava, definitivamente, por vir.

Olhei o ambiente, gostei muito. Achei o apartamento bonito, bem cuidado, todas as coisas em seu lugar. Era como ler a obra dela. Você se sentia em casa.



Figura 3 – Na Bienal do livro em São Paulo.

Foto: Mariana Mansur.

Avisei a família, que esperava notícias, que eu estava bem. Cuidei de tomar um banho breve e esperar pela entrevistada. Viana chegou. As chaves da porta repicaram como o tiro da largada, e eu me encontrava na linha de saída. Pronta.

Já sentadas à grande mesa de madeira que morava no centro da sala, propus à minha entrevistada que gravássemos aquela conversa inicial, como uma pré-entrevista, porque tive a certeza de que ali surgiriam assuntos que contribuiriam com a pesquisa e com a entrevista. Mais tarde me dei conta de que meu pedido não era mais que um capricho da minha curiosidade de conhecer Viana de maneira integral, como se fosse possível.

Falamos sobre tudo, sobre amigos, sobre a cidade, sobre o projeto, ela falou sobre os filhos, eu sobre os pais, falamos sobre muito.

O fato é que nesta conversa inicial, Viana, com um doce jeito de se expressar se desculpou de repente pois estava intimidada pelo gravador. Achei engraçado e sensível. A Vivina, escritora, que está aí em todo lugar, que as idéias, os pontos de vista, os conceitos, os medos, estão todos aí pulando pra fora dos livros e invadindo as cidades e as mentes, escorrendo pelas bocas das professoras das crianças e das crianças para as outras crianças, tinha se tornado pessoa e se intimidado pelo gravador.

Essa Vivina, tímida e cheia de idéias que pulavam como pipoca por muitos lugares deste país me intrigou desde a primeira vez que li seu nome na obra de Marisa Lajolo e Regina Zilberman *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* (1984). O nome dela me chamou a atenção, nem “Divina”, nem “Viviana”, e nem “Vivian”, era mesmo Vivina.

As escritoras Lajolo e Zilberman cuidavam de falar, nesta altura da sua obra, sobre o boom da literatura infanto-juvenil na década de 70, alavancada pelo forte incentivo aos livros na década de 60, a partir da criação de instituições como a Fundação do Livro Escolar (1966); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968); Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), contando também com a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil (1979), voltadas ao fomento da literatura infantil. De acordo com as escritoras, essa mobilização do Estado em favor da literatura para crianças despertou interesse de livrarias, que agora dispensavam atenção a esse público, e também suscitou interesse por parte dos próprios escritores de literatura, que buscavam agora se inserir na nova tendência que emergia.

O grande número de escritores e a facilidade da produção das obras, viabilizado pela expansão do mercado editorial, resultava agora em enormes quantidades de livros que, independente da qualidade, tinham seu consumo garantido.

Segundo as escritoras, é nesse espaço que surgem as narrativas que apresentam um traço marcante de seu aspecto moderno: o compromisso com as denúncias dos problemas sociais contemporâneos.

Ao citar as obras pioneiras nos apontamentos às mazelas sociais, Lajolo e Zilberman remetem seu pensamento à primeira obra publicada por Vivina de Assis Viana e que se chamou *O dia de ver meu pai* (1977). Podemos encontrar em *Literatura Infantil Brasileira* observações que definem a obra pioneira de Viana como uma literatura de estréia num tema até então evitado na literatura para crianças, que era a separação conjugal, apontando para a perda da identidade infantil, já que a personagem principal percorre toda a narrativa buscando se encontrar e encontrar sua própria história, perdido em meio ao silêncio dos pais.

Ao descobrir nesta obra teórica o nome de Viana e conhecer seu interesse pela denúncia dos problemas que o mundo moderno trouxe consigo, me interessei pela escritora mineira de Morro do Ferro. Conhecendo sua obra mais

profundamente, me encontrei com uma escritora sonhadora e realista. Uma pessoa para quem o tempo que passou, trouxe muito mais vantagens do que desvantagens, adicionando sobre ela experiências maravilhosas, desejos, medos e que puderam ser transformados em palavras escritas, alcançando outras pessoas, talvez muito distantes.

Podemos dizer que Fanny Abramovich entende o mesmo, ao dispensar em *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, um olhar sobre a escritura da mineira:

Vivina de Assis Viana, que caminha com suavidade, delicadeza, ternura pelo universo da criança, preservando cada um dos pequenos momentos tão cheios de significado e boniteza. (ABRAMOVICH, 1991, p. 93).

Vivina, com três filhos, conta histórias maravilhosas. Conta contos, canta e capta a qualquer um que possa desfrutar de sua obra ou de sua companhia. E depois de saber de tudo isso, e de conhecer a importância e de entender o lugar da escritora na história de nossa literatura infantil destinada ao público infantil, decidi conhecer Viana.

Começamos a entrevista.

É possível afirmar que tenha ocorrido aqui, por minha parte, uma tentativa da tradução, por meio de palavras, das minhas memórias, dos meus sentimentos e impressões, de minhas imagens mentais sobre o dia em que a entrevista me foi concedida. Revivi aqui as minhas lembranças únicas de um momento único, ou, a imagem carregada de lembrança, que caracteriza este momento singular e irreversível de meu passado.

Ao longo de nossa entrevista, percebemos como as memórias da escritora misturam-se ao mundo das letras, e como esta narrativa formada por estes dois elementos resulta em um aglutinado maravilhoso de se ler e se sentir. Vivina de Assis Viana, plena de poesia e de histórias, recria diversos momentos de sua infância e adolescência por meio da rememoração de momentos, pessoas e situações vividas em sua plenitude durante uma entrevista tecida com paciência e sensibilidade. É sempre muito bom ser ouvinte de histórias que inspiram e marcam, que incentivam e exemplificam, histórias que sensibilizam e cativam. Melhor ainda é conhecer todas elas por meio da narrativa tão humanizadora e cheia de afeto que

brota da mente da escritora Viana. Aqui, fundem-se sabedoria, ternura, sonho e realidade, e remontam em uma entrevista que fala sobre tudo um pouco, e muito de todos nós.

É o que eu tô te falando, eu acho que você é louca, eu não mereço. Agora, é aquela história, eu escrevi os livros, e pensei:

- Bom, eles chegaram em algum lugar.

E era o que eu queria, saíram da escola e da livraria, chegaram lá na cabeça do seu professor, na sua, no coração dele e no seu, e fico superfeliz, emocionadíssima, todo mundo acha a maior graça.

Minhas amigas falam:

- Que isso?

E eu não sei, falo:

- Ou estou velha, ou estou famosa, ou estou não sei o que.

Mas fico assim, espantadíssima, superfeliz, orgulhosa, o que você precisar eu vou fazer. Tudo! Agora, eu não mereço! Você é maluca e eu embarco na sua maluquice, vamos lá! (VIANA, 2005, p 26-27).

É nesse clima de maluquice, espanto e nesse espírito de sonho realizado que vamos iniciando gradualmente nossa conversa a duas. Não é necessário apontar e nem chamar atenção para a receptividade da escritora em relação à entrevista, ao projeto que se tornava ali, realidade.

As falas, as expressões faciais, olhares mais distantes, pensamentos errantes, apontavam o caráter que viria a ter nossa sensível conversação. O caráter memorialista.

Sua opinião a respeito do livro e da leitura são formados muito cedo, conforme fica evidente no excerto que se segue:

Se andar a cavalo é maravilhoso, ficar aí pelas árvores, pelo quintal, e com o gado, e tal, é maravilhoso, - que eu adorava essa vida de fazenda – e se meu pai, gosta e vive disso e ainda assim ele para de fazer isso, ele para de andar a cavalo pra ler, é porque ler é melhor ainda do que andar a cavalo...!

Eu acho que eu devo ter tido raciocínios desse tipo, porque, claro, você faz as opções pelas coisas que você gosta mais... (VIANA, 2006, p. 2)

Viana, no trecho transcrito acima e no trecho que abaixo segue, refere-se ao papel que teve a família e o mundo rural em sua infância sendo eles responsáveis para que as coisas acontecessem desta forma:

Então... Eu sou de uma família de leitores. Meu pai sempre foi fazendeiro, minha mãe também, eles nunca moraram fora de fazenda. Era no fim do mundo. Não chegava nada lá... Não tinha ônibus, nada, nada, nada, mas jornal chegava porque ele assinava.

Ele assinava na época os jornais do Rio e de Minas, que eram os mais conhecidos, o "Correio de Manhã", "Jornal do Brasil", e semanalmente chegava tudo lá. Ele assinava a revista "Cruzeiro", "Revista Cigarra", "Alterosa"... Chegava tudo e ele lia.

Ele lia jornal, lia livro, escrevia... A minha mãe escrevia para a "Gurilândia", e outras seções de jornal para crianças, meus irmãos eram pequeninhos, não sabiam escrever, e ela escrevia cartinhas no nome deles, e chegavam as respostas... Então todo mundo curtiu esse intercâmbio. [...]

Depois, mais tarde quando a gente começou mesmo a estudar, todo mundo alfabetizado, adolescente, estudando em colégio interno, isso eu já falei e dei vários depoimentos, de uma lembrança vivíssima que nós todos temos. Somos cinco irmãos, eu sou a quarta deles, e a lembrança é a da chegada da minha mãe na fazenda, com a gente, na época das férias, com a mala cheia de livros.

Lá em casa, às vezes, podia não ter dinheiro pra alguma coisa que a gente quisesse, uma roupa nova, ou várias vezes um queria isso, queria aquilo, e meu pai:

- Não, eu tenho que vender o gado, eu tenho que fabricar o polvilho, eu tenho que fazer não sei o quê.

Mas se era livro que a gente pedia, aí sempre tinha, sabe? Dinheiro pra livro, não sei onde ele arranjava, não sei se ele ia dar o resto que ele podia ou se, pra livro, ele dava mesmo sem poder, só sei que, pra livro, sempre tinha dinheiro, então é uma coisa que a gente cresceu sabendo sempre: Que livro faz parte da vida entendeu? Da vida mesmo, diária.

Ele cuidava lá de gado, disso, daquilo e todo intervalo que ele tinha, ele ia pra casa e pegava um livro pra ler, ou um jornal ou uma revista, não necessariamente livro. Mas lia... Nas horas vagas ele lia, então hoje, quando eu penso naquilo, e nessas lembranças que ficaram dele lendo, minha mãe também. (VIANA, 2005a, 2005b).



Figura 4 – Revista A Cigarra. Edição de Janeiro de 1921.

Foto: site <<http://www.anhemi.com.br>>

É possível atentarmos para o reconhecimento que Viana dispensa ao seu primeiro contato com os livros. Encontra-se aqui uma criança que desde pequena desfrutou da convivência com leitores e que entendeu na leitura um momento de extremo prazer, ainda mais do que andar a cavalo.

Em uma entrevista concedida por Viana em 2004 à Editora Nova Alexandria, a autora ilustra com a afirmação “Os livros ainda mudam o mundo”, e que dá nome à entrevista, o processo que vivenciou e que muito provavelmente a tornou a pessoa que é hoje. Ela acredita que o livro, antes lido pelos pais, agora faz parte de seu cotidiano, e por sua vez colabora para a vida de leitura de outras crianças. Viana, em consequência de seu passado ligado ao mundo dos livros, vive hoje envolvida com a leitura de uma maneira tão íntima que até os e-mails trocados, e que guardo com todo cuidado em minha caixa postal, jorram poeticidade e sensibilidade de quem tem um jeito todo especial com as letras.

Viana transmite, com toda a segurança, a crença na literatura como objeto humanizador e formador das capacidades necessárias para um viver de maneira satisfatória.

[...] eu escrevo porque eu leio. Eu tenho poucas certezas na vida, mas uma certeza é que a gente só chega à literatura pela leitura [...] Ah, eu acho que hoje, como sempre, o papel da literatura é o papel da arte em geral. Eu acho que é tudo junto, é uma criação, é um jeito de você chegar no outro, e do outro, chegar em alguma coisa. Então, eu acho que é um papel de uma coisa de questionar mesmo, de lançar as coisas por aí, de fazer o povo pensar, pensar junto, fazer pensar, não, porque é pretensioso. Mas eu acho que é pensar junto com o leitor. Eu penso pra escrever e eu espero que ele leia pensando, eu acho que é isso, é alargar o horizonte... O pensamento alarga. Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já tá maravilhoso, missão cumprida. (VIANA, 2005a, 2005b).

Assemelhando-se ao pensamento do crítico Antonio Candido em *A literatura e a formação do homem* (1972, p. 804), observamos que ambos dispensam à literatura uma função humanizadora, observando nas escrituras uma capacidade sublime de ratificar a humanidade do homem leitor.

Também podemos observar, por meio desta fala da escritora, de que maneira nasce o projeto da escritura e atentamos para a intencionalidade desta escrita. Em outras palavras, fica evidente que o processo da escritura, desde seu princípio, se apresenta com o objetivo e a intenção de trazer algo que vai além do

simples entretenimento para o leitor, mas parte de um desejo e necessidade do escritor em tratar de algo em especial.

Este trecho da entrevista nos remete a Roland Barthes, que de maneira similar trata e define o papel da literatura e afirma que “a escrita é a arte de levantar questões e não de lhes responder. Quando as questões levantadas são verdadeiras, elas incomodam” (1981, p. 15).

É ainda trabalhando esta idéia que Barthes nos relembra, em *O prazer do texto* (2004), que o autor é uma figura móvel, que se encontra mesclado ao texto, e que faz parte dele, nunca se colocando em posição de autoridade e soberania, nunca ordenando ao leitor que pense, mas pensando com ele, porque o texto é de ambos, para ambos.

As questões levantadas pelo escritor para serem refletidas pelo leitor são questões que o próprio autor se pergunta e busca respostas. Leitor e escritor trabalham juntos, pensando, se indignando, conversando via livro, em tempos diferentes, sobre os assuntos trazidos previamente por aquele escritor.

Sabemos também que encontramos na literatura os primeiros traços de uma escrita como objeto questionador. É possível exemplificar com mais ênfase esta literatura de interrogações e protestos quando falamos especialmente da literatura para crianças que ganhava forças na década de 70, propondo uma nova linha temática a que o livro infantil agora se amarrava. O compromisso com a realidade e denúncia das mazelas sociais aqui se instaurava, propondo uma identificação do leitor infantil com a obra para ele escrita.

Algumas das obras de Vivina de Assis Viana inclinam-se para uma tendência um tanto relatora das dificuldades pelas quais vinha passando a família moderna, como já vimos; uma temática realista que aponta para os problemas que até por volta da década de 70, eram considerados tabus e assuntos proibitivos. Para Lígia Cademartori e Regina Zilberman, em *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação* (1987), temos a literatura como um retrato da vida “tal qual é”, “enfocando os núcleos populares da cidade”.

Em *Um Brasil para crianças* (1986), também compreendemos um pouco da nova tendência da literatura em tom denunciativo. De acordo com Regina Zilberman e Marisa Lajolo, a literatura infantil dá voz à crítica, procedimento também assumido pela literatura não infantil. A cidade passa a tomar conta, assuntos mais

complexos e até então censurados para os menores vão tomando espaço, o que acaba ocasionando uma maior aproximação entre a literatura infantil e a não infantil.

Segundo Flora Süssekind em *Tal Brasil, qual romance?*, a literatura para adultos nesta década, com propriedade, se apoderava de um tom jornalístico, prezando pela liberdade de expressão e de informação, e, ao observar a severa censura imposta a outros meios de comunicação pela política da época, entendia caber a ela mesma esta função denunciadora e informativa.

Se o que não se possuía eram informações e formas de atuação política eficazes, se o jornal está sob censura rigorosa, cabe à literatura exercer a sua função. Por isso ficção e jornalismo se tornam eternos inseparáveis nos anos Setenta. (FLORA SÜSSEKIND, 1984, p. 174).

Por esta razão, também ocorre um realismo maior nos livros infantis: as personagens têm conflitos, crises, sofrimentos, presenciam situações de dificuldades, obrigando o leitor a viver com os pés fixados na realidade e distanciando-o de maiores fantasias.

Para Viana, esta literatura mais ríspida e direta é nada mais que uma representação das situações que a rodeiam:

É... é engraçado, às vezes me ocorre, como eu estou te falando, são as coisas que eu gosto, que eu penso, que eu vejo, às vezes na hora você vê uma cena, não dá importância nenhuma, depois... (VIANA, 2005, p. 10)

Procuro falar sobre o que conheço, vivo, percebo. Mas sobretudo sobre o que imagino. Além disso, sinto uma certa necessidade de registrar o que emociona, tanto quanto o que me incomoda. Claro que sempre se descobrem novos caminhos. (VIANA, 2004)

A escritora, observando de perto esta movimentação social que refletia na literatura para os adultos, entendeu, portanto, que tal reflexo haveria de fazer morada também na literatura dos jovens.

Também por meio desta observação de Viana sobre aquilo que procura falar a escrever, ficam claras as intenções da escritura. É visível que neste momento a escritura se concebe porque há um desejo latente de se expressar uma imaginação. Frente a uma literatura que se usava de suas belas letras para, junto à

sociedade, empregar com propriedade uma canção de liberdade e de denúncia, motivados pelo desejo de driblar a repressão, Viana decide trilhar o mesmo caminho.

Fica também visível na passagem citada anteriormente, que, de acordo com a autora, surge a missão do escritor de pensar junto com o leitor, proposição que ela cita em sua entrevista em trecho transcrito anteriormente, falando ao mesmo tempo de fatos que a emocionavam e cativavam, e que coincidiam com os problemas que o leitor vinha enfrentando.

Quando a escritora afirma que a obra deve fazer com que o leitor pense, reitera a característica primordial do texto apontada por Marisa Lajolo em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, que afirma que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. (1994, p. 15).

Estes elementos somados eram responsáveis por alargar e propor a este leitor novas experiências e soluções para dificuldades como o abandono infantil, a perda de sua identidade, o sentimento de abandono frente os problemas conjugais, usando-se de crianças como personagens centrais nas narrativas, a fim de que os pequenos tivessem uma identificação mais imediata com a narrativa.

De acordo com Zilberman e Lajolo (1984, p. 33) o procedimento que adota as crianças como as personagens centrais das obras não é novo. A diferença é que, inicialmente, nas obras escritas no Brasil nos anos que circundavam a República, as personagens centrais das obras eram sempre exemplares e referências em boa conduta, amor à pátria, noções de obediência, a fim de que as crianças leitoras fossem influenciadas. Nas obras de Vivina de Assis Viana, não as encontramos como exemplares e modelares a fim de contagiar e influenciar os leitores, porém elas, como todos seus defeitos e limitações passam a ser familiares a esses leitores, que compreendem, nestas personagens mais humanas, elas mesmas.

Todas estas peculiaridades de Vivina de Assis Viana, de suas escrituras, de suas personagens, estão contidas na entrevista que foi realizada com a escritora. Também sua entrevista se alicerça em suas experiências do passado. Raramente temos trechos, durante todas as vinte e oito questões propostas na entrevista, em que as lembranças não afloram e trazem algum sentido ao assunto de que se fala.

Em uma experiência relatada por Viana, quando a autora falava sobre suas primeiras experiências com a leitura, temos uma pequena amostra de

como, inconscientemente, Viana, numa redação da escola produziu, de maneira ainda inexperiente e amadora, um texto comprometido com uma realidade social, linhagem que ela viria a desenvolver durante todo o seu projeto literário. Num momento de lembrança de sua infância na escola, Viana propõe um movimento de sobrevivência de seu passado e busca despertar e dar sentido ao seu trabalho de escritora de hoje. De acordo com Vivina de Assis Viana, pela primeira vez, ela teve leitores. Transcrevo aqui a citação em sua completude, a fim de que o leitor entre em contato de maneira integral com o relato da autora.

[...] Então, ela (a professora), numa aula normal, na 7ª série, leu um poema pra nós, de um menino pobre, nunca descobri que poema é esse. Eu sei que era um menino que estava sonhando com o Papai Noel, e que queria, ficava pedindo um presente pro Papai Noel. E a mãe falava com ele, era um soneto, a mãe falava que não tinha jeito, ele não ia ganhar presente, eles não tinham dinheiro, era uma coisa que não tinha como, e aí ela terminava assim:

- Como é que de ti ele vai se lembrar?

Qualquer coisa assim... “como”? E ela leu esse soneto umas três vezes pra gente e esse “como” é o que mais me ficou. “Como”, “como”? Aí ela falou:

- Agora vocês vão fazer uma redação sobre esse poema em casa.

E aí a gente fez, entregou, ela levou pra casa, tudo normal.

Quando ela trouxe de volta, ela foi entregando. Então aluno, aluno, aluno, sempre trinta alunos, toda classe lá no colégio era de trinta. E aí, ela foi entregando e nada, a minha nunca que vinha, até que ela entregou todas e ficou com uma na mão eu falei:

- Bom, deve ser a minha...

Aí ela falou:

- Agora, aqui, antes de cada um ver a sua aí, corrigir os erros, todo mundo olhe, mas antes de entregar todas, eu queria falar o seguinte, estou com uma redação aqui, que foi feita aqui, naquela mesma hora, quer dizer, vocês fizeram do mesmo jeito, levaram pra casa, todo mundo escreveu, tudo, só que eu senti, é que essa aluna, trabalhou muito, se esforçou e escreveu uma coisa muito bonita que eu queria ler pra vocês.

E aí ela começou a ler, e eu falei:

- Bom, fui eu mesma, essa é a minha redação.

E aí eu fiquei felicíssima, eu fiquei orgulhosíssima, foi a minha primeira experiência, hoje, pensando, quer dizer, naquele dia, eu tive leitores. Agora, se eu disser que a partir desse dia, eu falava:

- Bom, então vou ser escritora, fiz uma redação maravilhosa...

Não, aí eu estaria falando ficção. Nunca pensei... Fiquei super feliz, e claro, eu acho que é meio inevitável, é como eu estou falando, lá na minha família todo mundo escreve, ninguém é escritor, mas todo mundo escreve corretamente e bem, porque todo mundo leu e lê desbravadamente até hoje, então não tem jeito, você lê, você escreve. (2005, p. 4).

Fica evidente que a leitura e a literatura foram elementos importantes para a constituição de Viana como ela é hoje, e nota-se que a escritora

tem a plena consciência deste fato, pois em suas memórias atenta para este momento de preciosidade que marcou e particularizou sua história com a leitura.

Vivina de Assis Viana viveu entre leitores e sua família era uma grande valorizadora das letras. Assim, guarda de maneira singular especialmente as memórias que dizem respeito aos valores de sua família.

Por meio desta lembrança nítida na memória de Viana, voltamos nossa atenção para a sua identidade em relação às belas letras. Muito provavelmente no momento da leitura feita pela professora, as imagens lhe pesaram sobremaneira: um menino maltrapilho e de feição triste, que sofria as conseqüências dos problemas sociais do país. E são a estas situações que a autora dispensou, em princípio, grande parte de sua atenção, produzindo obras que traduzindo sua indignação em forma de palavras que conversem com as crianças.

Viana tem uma facilidade inata com o ato de escrever. É uma mulher desprendida, articulada e eloqüente, preocupada em se comunicar com o público infantil ou adulto. Assim surgiu a curiosidade em saber quais seriam os percalços encontrados pela autora quando se fala em escrever para as crianças e escrever para adultos. Segundo a autora, ambos os atos são semelhantes pois requerem grande esforço por parte do escritor, a fim de que ele fale ao coração de cada leitor:

[...] eu não vejo diferença. É como eu te falei, pra mim escritor é escritor, seja do que for. Então, eu não vejo diferença, a diferença está só na aparência do livro, então tanto faz. Você anda por ali ou por aqui. Pra mim é igual e eu sei que eu dou conta de escrever um texto pra adulto ou um texto pra criança. [...]

É literatura. Sob encomenda, ou eu estou com mais vontade, ou eu estou convivendo mais com adolescente, estou convivendo mais com criança, estou mais com aquilo na cabeça, mas é só por aí...

O ato de escrever não tem a mínima diferença, é dolorosíssimo, trabalhosíssimo, seja pra quem for. (VIANA, 2005a, 2005b).

A escritura configura-se aqui como objeto de reflexão provoca a mente do leitor objetivando trazer um sentido às coisas do mundo, independente do receptor do texto, pois o mais importante, e também o mais complicado, na verdade, é o “como”, é a escolha das palavras, é o tom certo a ser usado para que o texto encontre a sua beleza e alcance o coração do leitor, seja ele criança, seja ele adulto.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984, p. 19), falam-nos sobre outra característica da literatura para crianças que colabora para a imposição de sua

fisionomia. De acordo com as autoras, quando pensamos no fato que o adulto é o escritor da narrativa destinada ao público mirim, entendemos que os livros “deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo” (1984, p. 19), ou seja, pode acontecer de maneira explícita e indevida, uma impressão das características e particularidades do pensamento do autor no texto, conduzindo a literatura por um caminho específico e que compromete uma possível autonomia do leitor.

Podemos então entender que esta literatura corre o risco de encaminhar-se por duas vias: fundamentar-se na literatura de caráter pedagógico, com destino certo de ensinar e conduzir, transformando-se no final, em um manual de boas maneiras para as crianças, ou apegar-se à idéia de idealizar e melhorar a realidade do mundo dos adultos. Ao autor, cabe a responsabilidade e a preocupação em atingir a melhor linguagem e abordagem possíveis, adaptando-se ao mundo infantil.

Encontrar este meio-termo é tarefa árdua. Encontramos na fala de Viana um desabafo sobre o peso da responsabilidade de escrever ou sobre encontrar o ponto de equilíbrio da obra que fale ao leitor, sem que seja pedagógica e nem escapista, mas apenas adequada.

Ah, um desafio acho que é sempre a linguagem, o meu desafio é a linguagem, não sei se eu consigo isso. O que eu queria, além de escrever livros questionadores, como eu te falei, que eu não estou preocupada com o enredo, com o que acontece, eu gostaria que no meu livro o que acontecesse fosse o texto, meu compromisso é com o texto. É mais a “maneira de falar” do que “o que” eu estou falando. Você percebe? Fui clara?

Então, esse é o grande desafio, a linguagem, porque eu sempre quero encontrar uma linguagem que eu quase não seja capaz de fazer, é aí que eu quero chegar sempre, esse é o desafio, eu quero ser capaz de fazer uma coisa amanhã, que hoje talvez não seja. É diário. (VIANA, 2005, p. 14).

É visível em Viana a tentativa constante de ser feliz em seu esforço de ajustamento ao nível mental da criança, idéia já mencionada por Ecléa Bosi (1987). Por meio de personagens mais humanizadas, uma linguagem mais simples e direta, Viana propõe uma conversa mais pessoal e achegada com esse público infantil, trazendo à criança o interesse, porque as obras falam com ela, sobre ela, e ajudam a defini-la.

É possível dizer que seja, sim, “dolorosíssimo” o processo de adaptar-se a fim de falar na linguagem de outrem, para que essa outra pessoa leia e entenda. De acordo com Viana, fazer com que o leitor goste de sua obra já é muito. Para ela, se o leitor disser que leu a obra, já é suficiente. O processo da escritura foi trabalhoso, mas teve seu retorno.

Viana tem, não apenas em seus livros, mas também na entrevista, muitas histórias para contar. A narradora das histórias maravilhosas abre aqui seu livro de vida, onde narra com arte, como quem tece uma rede que tem longos anos a fio. Exercita-se aqui, também, como define Ecléa Bosi, a faculdade de escutar, e a vemos quando observamos uma de suas histórias:

Viana dispensa a própria experiência, e que ajuda a alinhar a história daqueles que a escutam. Quando a autora menciona seu primeiro livro escrito *O rei dos cacós* (1977) (não o primeiro publicado), fala dele com amor, e revela que o escrevera, sem imaginar que ele viria a ser, um dia, uma obra tão doce.

Um dia eu tava com uma saudade dos meus tempos de criança, sentei, escrevi *O rei dos cacós* e guardei. Eu não tava escrevendo livro nenhum, eu escrevi um conto.

Eu achei, falei:

- Vou escrever um conto.

E escrevi um conto chamado *O rei dos cacós*.

Aí depois eu comecei a mexer com livro infantil e um dia um cara falou:

- Você não tem outro texto? – e eu falei:

- Eu tenho esse daqui, mas isso não é livro infantil.

Ele leu e falou:

- É! É livro infantil, sim, vamos fazer.

Olha, esse livro é uma coisa impressionante, porque como eu te falei, escrevi de pura saudade. Eu tinha certeza de que ninguém no mundo tinha brincado de caco no córrego, a não ser eu e o meu irmão, porque nenhum dos meus outros irmãos brincaram, fomos só nos dois. Também nunca vi filho de empregado nenhum andando no córrego atrás de caco, nem primo nosso, nada, era uma experiência nossa. (VIANA, 2005, p.7).

Nessa obra de extrema sensibilidade, contamos com a história de dois irmãos que viviam no sítio e brincavam de, dentro do rio, encontrar os cacós mais belos e trabalhados. Seria o rei dos cacós, o mais bonito deles. Viana faz aqui o movimento de entrar dentro dela mesma, fechar a porta, a fim de conviver com seres não materialmente presentes e viver situações já cronologicamente extintas.

O irmão aparece fixado em um momento, que é o mesmo da autora, ambos em sua idade juvenil, e perpetua a idéia de uma face da memória. De acordo

com *Memória e Sociedade* (1987), é feita pela autora uma escolha no sentido de eleger uma fisionomia do irmão, um retrato, e conservá-lo naquele momento: o de irmão brincalhão e companheiro. Aqui em *O rei dos cacós* temos emoldurada a fotografia da infância.

Vivina de Assis Viana, narradora, tira da própria experiência o fio que conduzirá a narrativa, espelhando-se no narrador benjaminiano, que é aquele que trabalha suas próprias experiências em suas narrações. Para Walter Benjamin em “O narrador”, a narração é a forma artesanal da comunicação, na qual ele trabalha a matéria-prima da experiência e faz isso tendo suas raízes no povo. De acordo com suas próprias palavras, “ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (VIANA, 1994, p. 205).

Tendo suas raízes no povo, é possível que a experiência do narrador possa ser a experiência de um ouvinte ou leitor. Assim, de acordo com Ecléa Bosi, a arte de narrar não fica confinada aos livros, mas atinge outras projeções. Para ela, “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”. (1987, p. 43).

Viana, por meio de uma experiência que colabora com o assunto de que tratamos aqui, relembra

[...] Numa conversa com Edmir Perrotti (professor da ECA e coordenador da Coleção Olh'Arte) ele me contou uma coisa que ele fez uma vez uma vez lá em Belo Horizonte, com professores, e que sempre fazem. Inclusive, há pouco tempo eu encontrei uma moça que me contou igualzinho, ela participou... Foi um curso de aperfeiçoamento para professores, ele foi convidado. Aí leram *O rei dos cacós*. Ele e os professores, a maioria me conhecia... E naquela escola onde eles estavam, tinha lá uma fazenda, e depois que ele leu, ele falou que eles então iam brincar de “rei dos cacós”, por onde eles quisessem. E aí uma foi pro córrego, outra foi pra uma palmeira, enfim, a tarefa era essa, que cada um procurasse o próprio caco. Aí eles voltaram. Tinha gente que tinha caco mesmo, outro tinha uma folha, outro tinha uma flor... E aí cada um começou a falar do caco, e começou aquele choro coletivo, só que um choro bonito, de dentro... Eu fico arrepiada quando eu falo isso... Era um textinho de 40 linhas, então, é um alcance que foge completamente ao seu controle. (VIANA, 2005, p. 20).

Temos, neste depoimento de Viana, um exemplo claro do modo como a obra atinge seu objeto e o transforma. As pessoas que participaram do exercício de Edmir Perrotti não trouxeram apenas cacós, o que significa que a idéia central e o significado contido no âmago da obra foram atingidos. A brincadeira de *O*

rei dos cacos não acontecera com todas as pessoas presentes na platéia de Perrotti, mas todas elas entenderam que o caco era a ilustração de alguma coisa que tinha algum significado.

Talvez um significado de memória, como no caso de Viana, onde o caco trazia consigo todo um cenário: rio, céu azul, grama verde, irmão, cacos, peixes, casa de madeira, pai cuidando do gado, mãe no pomar, avó a fazer o almoço; ou um significado: saudade, infância, vida tranqüila, família, despreocupação com o futuro. A preocupação se resumia a encontrar o rei dos cacos. Aqui a memória contida na história do caco toma uma proporção muito maior e atinge Viana, desperta-lhe uma história que dê conta de abranger seus sentimentos passados, de saudade, e por fim, atinge outros, que fazer de sua experiência, a sua própria.

Conforme Maurice Halbwachs (1990, p.26),

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estamos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.

Encaixa-se aqui também a observação de Roland Barthes em *O Rumor da Língua*, quando, ao discutir sobre a leitura e seus níveis, aborda as leituras que não exigem aprendizado, que se usam da imagem, que se parecem com a leitura da qual fala Marisa Lajolo na epígrafe citada ao começo deste capítulo, que é a leitura que se faz ao longo da vida, ou para Barthes, a leitura que está próxima da conotação, que permite “colocar o direito ao sentido múltiplo e liberar a leitura” (1988, p. 45). Ler não se limita à decodificação dos signos lingüísticos, mas vai além e significa dar sentido, seja a um texto, a uma situação vivida, descolando-se, por vezes, da pura denotação e desvendando o seu significado, atingindo o prazer de se sentir descobridor, envolto naquilo que não se havia percebido.

Vivina de Assis Viana, na entrevista, aborda uma situação em que se observa como o escritor, o contador de histórias, se torna, por vezes, o ouvinte delas:

E eu lembro uma vez que eu estava falando sobre esse livro, eu acho que foi na Nestlé, e tinha uma senhora italiana, e que falou que lá em Roma, ou não me lembro onde era, ela brincou de rei dos cacos, só que ela não escreveu, claro. Então, o tamanho de um livro é uma coisa inacreditável.

Uma vez também, eu fui numa escola aqui no Morumbi, há muitos anos, o livro era novo. A professora me chamou, eram trinta ou quarenta minutos conversando com as crianças sobre o rei dos cacos.

Fizeram muitas perguntas, e eram crianças pequenas mesmo, oito ou nove anos. Aí, no livro tem um pedaço que fala que cada vez a gente procurava um caco mais colorido, a gente separava, e cada um queria ter achado o mais colorido, o mais bonito, eu achava que era eu, ele achava que era ele. E a gente guardava, mas os brancos não, a gente jogava fora, porque: Que graça tem um caco de vidro branco?

E uma criança me perguntou isso, se eu achava isso mesmo, eu falei: - Acho! – pensei lá na hora, e falei: - Acho, acho que não tem graça nenhuma um caco de vidro branco - Não achava graça nenhuma quando era criança e continuo não achando.

E eu tinha percebido que quando eu entrei, no fundo assim, tinha uma cortinona, na verdade não era cortina, era um pano mesmo que estava colocado lá, e achei aquilo estranho na hora que eu cheguei, mas como eu sou muito desligada, depois nem vi mais, acostumei e fiquei ali concentrada nas crianças, não fiquei olhando pro fundo da classe.

Aí, quando fizeram essa pergunta, foram lá, puxaram o pano, que realmente estava só pregado lá, com esparadrapo. Estava cheio de azulejo branco, que eles cataram. Azulejos da rua porque aqui não tem caco, pegaram pedaços de azulejos das construções, fizeram um cavalete, e tava cheio de azulejos brancos. Aí, me convidaram pra ir pra lá, e todo mundo com giz colorido, massinha, tinta, guache, começou a pintar, e eu no meio. Aí depois, eles me falaram:

- E aí, você ainda acha que não tem graça?

Nesse dia eu tive ódio de mim, falei:

- Eu tinha que ter posto uma frase tão burra assim? – e aí falei: - Vou tirar, vou tirar essa frase, na próxima edição do livro não tem. Depois, eu falei: - Que nada, pô, se essa frase deu ensejo a um trabalho desse tipo é a melhor frase do livro! É burra, mas é ótima. (VIANA, 2005, p. 20-21).

Aqui, Viana se lembra de uma história que se passou quando ela esteve no projeto organizado pela Nestlé. Interessante o trajeto da memória da experiência de Viana, que frutificou em diversos níveis. Uma história aparentemente escrita apenas a fim de sanar o momento de saudades do irmão, torna-se num livro, e, quando lida, é identificada por uma leitora desconhecida que também foi parte da mesma brincadeira, e o conto volta para Viana, agora dotada da faculdade de escutar a história que antes era sua e agora é a história de um outro.

Também quando as crianças conversam com a escritora sobre sua escritura, ela se torna ouvinte, fazendo ali uma releitura de sua própria obra, sendo levada a analisar questões que ela mesma havia proposto. Por meio das opiniões infantis, a escritora reflete sobre a sua própria escritura. De maneira interessante, observamos que as crianças fazem uma bela leitura de *O rei dos cacos*. Brincando com as possibilidades apresentadas pelos cacos brancos, de serem pintados, transformados, relidos, a narrativa tem seu prazer atingido em tom majestoso.

Trabalhando com o aparentemente inútil, sem valor e cores, sem vida, a contrapartida surge diante da possibilidade da transformação, de adição de novas cores e materiais, alterando o externo e o interno, a aparência e a essência do até então “sem graça”.

Observando como a memória vem trazendo diferentes situações a serem tratadas, nos apoiamos texto de Ecléa Bosi, que nos conduz para muitas observações no que diz respeito a essa memória. Podemos ver que Vivina de Assis Viana tece suas recordações ao mesmo tempo em que conta a história de uma sociedade. Ao mesmo tempo em que narra sua história, narra também a história de milhares de outras pessoas, outros grupos:

Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. O caudal das lembranças, correndo sobre o mesmo leito, guarda esses episódios notáveis, que ouvimos sempre retomados na fabulação de seus moradores. (BOSI, 1987, p. 339).

Sem querer, uma narrativa da própria vida, por vezes pessoal e íntima toca na História e nos quadros sociais do passado. Em um dos trechos, quando recria, ao contar a história de sua infância no internato em São João Del-Rey, Viana narra:

Sou da roça, com cavalo, já falei, já repeti, cavalo, vaca, cachorro, gato, só. O meio de transporte era o cavalo, era assim que a gente ia estudar. Então, a gente andava duas horas a cavalo, atravessava um rio de Minas chamado Rio das Mortes, chegava numa estação, chamada Estação do Nazareno, tomava um trem que chamava Trem do Sertão, que acho que nem existe mais, viajava duas horas de trem pra chegar em São João del-Rey. Era isso duas vezes por ano. Ficava lá no internato quatro meses, depois voltava pras férias, ficava o mês de julho, voltava de novo, ficava mais quatro meses, voltava no fim do ano e ficava três meses, dezembro, janeiro e fevereiro. As aulas começavam em março. (VIANA, 2005, p. 22)

Estas memórias compartilhadas por Viana e seus irmãos e muito provavelmente por outras pessoas que viveram o mesmo na época, colaboram para que aqueles que viveram a situação no mesmo palco sirvam, uns aos outros, como testemunhas daquilo que se passou. O irmão que brincou no rio de ser o rei dos cacós é a maior testemunha da infância compartilhada no sítio, que deixa tantas

lembranças de uma infância vasta, sem margens e sem fundura, onde a mente sente que gostaria de dar conta e armazenar tudo, a fim de reviver e recriá-los a cada instante.

Bosi (1987) nos fala muito das lembranças de família e aponta que ainda que o núcleo destas lembranças seja o mesmo, o modo de encarar e valorizar cada uma delas é individual e possui um enraizamento próprio.



Figura 5 – Trem do Sertão

Foto: site <<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>

Então livro, sempre fez parte, sabe? A gente chegava do internato com a minha mãe, e a mala, ela dividia em duas partes: Um lado da mala eram as roupas. E do outro lado eram os livros. Então tirava aqueles livros todos, e tinha livros desse cara aqui, o Karl May, um escritor alemão, que escreveu sobre índio americano, sobre o deserto, tudo. Enfim, a gente aprendeu geografia com esse cara, nos livros deles.

E isso aqui, então, era a paixão de todo mundo, e eu, ao mesmo tempo em que eu ficava embevecida com esses livros, eu sofria muito porque eu era a quarta irmã, então eu tinha que esperar os outros lerem primeiro, pra chegar em mim, e eu sabia disso... O mais velho, depois o outro, porque todo mundo era viciado nesse cara, eu sabia. Então é uma coisa muito interessante, porque quando chegava a minha vez, eu já sabia a história.

Mas quando eu ia ler, quando chegava na minha mão, um livro desse aqui, por exemplo, eu já sabia o livro inteiro, claro, porque três irmãos já tinham lido, meu pai já tinha lido, minha mãe já tinha lido. A gente morava em fazenda, não tinha televisão, e ainda vivíamos conosco mesmo, quer dizer, na hora do almoço, forçosamente alguém me contava, igual você conta hoje um capítulo da novela, você contava o capítulo do livro, um irmão pro outro, e pro outro, e eu 'antenada', ouvindo, ouvindo, então eu já sabia que hora, ou como é que eles iam ficar amigos, o Alemão e o Winnetou, que é o rapaz apache que dá o título aqui, como é que eles iam se conhecer, tudo, tudo... Quando ele ia morrer, o que ia acontecer, mas no entanto, isso é que eu acho incrível, mesmo eu sabendo tudo, eu sabia que eu ia ler o livro, e a hora que eu lia era muito mais rico, sabe? Me falava muito mais do que eu já sabia oralmente. Quer dizer, a leitura é uma experiência que é insubstituível, entendeu? Não adianta você falar:

- Não, já sei, já me contaram.

Não contaram. Se você não leu, não contaram, pelo menos não contaram direito. A leitura é você com você mesmo, e o livro ali no meio. Então, eu já sabia, por exemplo, que esse cara ia morrer, em que hora, em que capítulo, direitinho. O *Winnetou*, o cacique, já sabia tudo. Eu devia ter doze anos quando eu li esse livro, e é livrão, três volumes. A gente lia mesmo, e o tamanho da letra... minúscula. Então... Mais ou menos no fim do terceiro volume ele morria, aí quando foi chegando a hora, eu falei: - Hoje é que ele vai morrer. Isso eu lembro direitinho. Eu me preparei, eu fui pra cama da minha avó, pro quarto da minha avó, super confortável... A minha avó morava lá com a gente, e meu pai era filho único, então, meus avós moravam lá. Quer dizer, não é porque é filho único que moravam. Podia ser filho único e não morar, mas os pais dele sempre moraram com ele. O meu quarto, eu dividia com a minha irmã, não tinha privacidade nenhuma e a minha avó só entrava à noite no quarto dela, pra dormir. Durante o dia, ela tava solta na fazenda, uma mulher magrinha, ágil, sabe, vivia lá entre frutas, bichos e tudo. Então eu fui pro quarto dela e deitei lá, no maior conforto, com o travesseiro macio, sabia que eu ia chorar, mas eu quis chorar em grande estilo (risos). Aí quando chegou aquela hora, realmente eu chorei, mas assim, eu punha o travesseiro no rosto e soluçava, de uma coisa que eu já sabia. Então, você vê o que é a experiência, né? Então eu acho, cada vez que eu lembro essas coisas, e principalmente quando estou com meus irmãos, que são experiências muito semelhantes, eu acho que eu já escrevia, entendeu? Se você se emociona com um texto a esse ponto, aos doze anos, que é uma coisa só escrita, não tem outros artifícios, não tem nada, e eu tinha uma bagagem ainda muito pequena: uma menina de roça e internato, só conhecia o internato onde eu ia e o trem da estação que me levava e que me trazia e pronto. Não conhecia mais nada. E você se emociona a esse ponto com índios e Alemanha, acampamentos, apaches, é porque a literatura é uma coisa fortíssima. É melhor do que andar a cavalo, e tão boa que você até se prepara pro momento, na cama da avó. (VIANA, 2005, p. 2)



Figura 6 – Volumes 1, 2 e 3 de *Winnetou* (1893) de Karl May.

Foto: site <<http://www.google.com.br>>

Este trecho da história de criança de Vivina de Assis Viana nos relata um pedaço de sua experiência com a leitura. Observamos que, acompanhadas da vivência no orfanato, da vivência em casa, sempre, a experiência da leitura é marcada com propriedade, tendo papel importante no crescimento de Viana, como pessoa, como futura escritora.

Sobre a leitura, temos o que Eliana Yunes e Glória Pondé (1989, p. 1450 nos propõem em *Leitura e leituras da literatura infantil*:

Ler é importante para a emancipação do leitor, para um melhor estudo e conhecimento da língua, para o alongamento das experiências pessoais e um maior conhecimento do mundo, para dar prazer. A fruição solitária do livro é um lazer produtivo, pois não se reduz apenas a um passatempo, uma vez que tem função social, cultural e educativa.

Temos aqui a importância do papel da leitura, que colaborou para o entretenimento da leitora mirim, mas não deixou de lado seu papel social e educativo. O trecho transcrito nos remete mais uma vez à observação de Viana já feita sobre o papel questionador da leitura, que também nos permite reiterar o conceito de Candido (1972) sobre a capacidade da literatura de trazer humanidade ao leitor.

Também é possível observar por meio do depoimento da escritora, o fato de que a memória afeta, como já vimos antes, cada pessoa de maneira diferente. Talvez para os outros irmãos mais velhos de Viana, o livro de Karl May, *Winnetou*, possa ter deixado uma lembrança do aprendizado da geografia, ou da história, ou da diversão propiciada pelo ato da leitura, mas a experiência que a autora narra vai além e envolve de maneira natural a importância do ato da leitura, que lhe era singular, pois não a influenciava negativamente o fato da narrativa já lhe ter sido apresentada de maneira oral. Para ela, a história não havia sido lida ainda, era apenas uma leitura superficial, uma leitura de ouvir falar, que não substituiria a experiência individual que ela teria ao fazer a leitura por ela mesma. E é por esta razão que a escritora prepara a cama da avó com cuidado, com delicadeza, criando o ambiente e o clima no local em que é permitido ser levado pela emoção, e ter ali o envolvimento intenso com a obra.

Barthes faz menção ao relacionamento apaixonado entre leitor e obra, onde a “imagem de leitura captura o sujeito leitor”, quando fala sobre a leitura

desejante na qual o leitor cuida de abstrair todo o mundo exterior, dedicando-se exclusivamente ao seu relacionamento com o livro, “fechando-se à sós com ele, colado a ele, de nariz dentro dele... como a criança fica colada à Mãe, e o Namorado suspenso ao rosto amado”. (BARTHES, 1984, p. 48).

Da mesma maneira, Viana trabalha no livro, num momento especialmente preparado, sua leitura desejante, ansiosa e envolvente.

Observando de que maneira o ambiente e o clima trabalham com as experiências de vida, Ecléa Bosi atenta para a importância do espaço *casa* na autobiografia. A casa onde Viana viveu, no sítio, plena de árvores e frutas, animais, rios é onde se passaram os mais importantes e significantes momentos de sua vida.

É o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções. Fixamos a casa com as dimensões que ela teve pra nós e causa espanto a redução que sofre quando vamos vê-la com os olhos de adulto. (1987, p. 356).

O espaço da casa vai além do significado de moradia ou lar, mas é pano de fundo das maiores aventuras. Até o mágico cabe dentro do espaço casa. O lar é o ponto central a partir do qual todas as outras referências sobre a vida irão surgir. Fica fácil perceber este apontamento quando conhecemos as narrativas urbanas e rurais de Viana. As rurais trabalham com o lar da fazenda, num clima de paz e segurança, enquanto a maioria das urbanas, em contrapartida, trazem lares mais vulneráveis e inseguros. As representações urbanas são pontualmente contrapostas ao que Viana desfrutou em sua infância, ao que ela cognitivamente construiu como idéia de lar.

Nas narrativas de Viana em que desfrutamos das paisagens do campo, a casa possui o local especial, onde a criança se sente protegida, algum “canto” pleno de afeto e do qual qualquer possibilidade de mudança e desvencilhamento seria terrível e devastador. Podemos falar aqui da cama da avó, que Viana prepara com tanto gosto na pretensão de emocionar-se com privacidade no clímax de *Winnetou*.

Ah, o que eu sinto que eu tenho condição de falar é sobre isso mesmo, a experiência da leitura, que eu tenho desde criança, que eu acho maravilhosa, intransferível. Volto no *Winnetou* aqui, ou seja, você vai ler uma coisa que você já sabe o que você vai ler, mas aquilo na hora em que

lê, cresce, te penetra, é uma coisa forte. Então eu acho que essa é a primeira grande experiência, a leitura [...]

Então, se eu puder fazer alguma coisa, falar, acho que nessa área é isso: acreditar, que escrever é uma coisa possível, e ter certeza, porque eu acho que eu tenho, e todo mundo que trabalha com isso tem, que além de possível é um ato bonito, e aglutinador, quando você conhece um leitor, você vê:

Meu Deus, o que eu tô fazendo... Até onde tá indo a minha palavra... Como é que ela tá chegando... (VIANA, 2005a, 2005b).

Viana mesmo se emociona e se indigna a cada dia com o rumo que sua escritura está tomando. Para Barthes, o domínio sobre a palavra proferida não mais tem retorno, a palavra é irreversível. Talvez seja esse o pensamento da escritora. Uma vez proferida a sua palavra, ela toma seu próprio caminho e chega a lugares nunca imaginados por ela mesma:

Igual a eu te falei do *rei dos cacos*, pra mim é um livrinho, mas não é, se ele vai parar na mão de uma mulher mais ou menos da minha idade, que foi criada em Roma, e que também brincou e que falou:

- Queria ter escrito esse livro -, então ele não é um livrinho. Eu tenho que acreditar nesse produto, que é o livro, que é a literatura. (VIANA, 2005, p. 29).

Assim também podemos entender o impacto que teve na vida de Viana o poema do menino carente que sonhava com presentes de Natal. Quantos dos colegas de classe da escritora se lembram hoje da mesma atividade proposta pela professora? Para quantos a experiência da leitura e da escritura proporcionou esta marca tão profunda e que viria a frutificar de tal maneira, com tal intensidade? Para Marisa Lajolo em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, temos que

Cada leitor, na individualidade da sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. (LAJOLO, 1994, p. 106).

A experiência da leitura é única, é individual e compreende ir muito além, conhecer o que está nas linhas, e desvendar o que mora nas entrelinhas. Por isso é que nunca o que nos foi contado é exatamente o que conta a narrativa. Cada leitor carrega dentro de si aquilo que vai despertar e ter sentido dentro de cada obra, e que é, muitas vezes, distinto do repertório de outros leitores.

A obra escrita permite distinções, permite particularidades, permite grande expansão dos detalhes, colaborando para a formação de uma imagem mental rica e detalhada. A narrativa escrita dá oportunidade às pequenas informações para que habitem o texto em sua forma plena.

Para Maria Helena Martins, em *O que é leitura*, temos que a leitura é tudo o que dá sentido a algo. Ler é a capacidade de poder enxergar algo com determinada perspectiva, e através disso aprender a modificar o mundo por meio destas novas experiências. Na experiência de Vivina de Assis Viana, onde conta que se preparava para ler a obra que já lhe havia sido contada, a autora intera-se em um tipo de leitura emocional, que de acordo com Martins é uma leitura que se deixa embebedar pelos sentimentos, e tudo não se encontra mais ao alcance do leitor, que sofre a influência direta da obra. Sofre com ela, felicita-se com ela, vibra, fazendo parte do mundo contido no livro.

E é por isso que Viana acredita que sem o contato direto leitor/obra, a história não lhe foi contada, pois a emoção, os pormenores, as particularidades, que tocam e invadem cada leitor de maneira única não lhe foram passados. E esta sensação sua memória revive com clareza, de que o sentimento por meio da leitura era de fato muito mais profundo. Calvino nos diz o mesmo quando nos define os clássicos. Creio que seus comentários em *Por que ler os clássicos* se aplique, sem problemas, aqui:

São livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos... Isso ocorre quando “funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. (CALVINO, 1993, p. 12).

Para Bosi (1897), as memórias modificam-se a cada minuto, com as mudanças da mente, que incluem desde novos aprendizados até o amadurecimento natural. Das memórias mais antigas, faz parte uma espécie de reflexão sobre o que se passou, abrindo a possibilidade para um julgamento, já que conta agora com o peso da experiência e do saber. Assim também funciona, segundo Vivina de Assis Viana, a escrita. Para ela, o amadurecimento traz mudanças, ainda que os temas sejam os mesmos, aqueles que incomodam sempre:

Agora, eu acho que os tempos mudam, mas os cernes são os mesmos. Muda talvez a maneira de abordar... Então por exemplo, a família, escola, aluno, professor, esses são temas eternos, se for pra escrever agora um livro sobre um casal separado, eu escrevo, e vai ser diferente desse (*O dia de ver meu pai*), possivelmente. Mas eu acho que o tema está aí, tão novo quanto naquela época. E se for pra escrever livros de cartas, vamos lá, se for pra escrever livros de cartas pela internet, vamos, eu acho que eu escreveria tudo o que já escrevi à maneira de hoje; e outras coisas também que eu escrevi, claro.

Mas eu mudei. Todo mundo muda, a gente amadurece, você pode ficar mais amarga, mais otimista, mais pessimista, fora isso, um dia você está de um jeito, outro dia você está de outro, tem coisas que te pegam mais, têm perdas hoje que você não tinha antes, mas no fundo você é a mesma pessoa. Então, muda um pouco a abordagem, porque eu não sou exatamente aquela pessoa que eu já fui, mas eu tenho interesse pelas mesmas coisas. (VIANA, 2005. p. 24-25)

De maneira poética e reflexiva, a escritora nos traz a temática do tempo. O tempo conta de maneira irreversível para que externo e interno se alterem progressiva e continuamente. O tempo traz o envelhecimento das coisas que já nasceram prontas, o amadurecimento das que não nasceram maduras e a mudança daquelas que nasceram passíveis de alterações. O que realmente perdura de todas elas é a essência, o individual e particular que se encontra guardado e que vai ser encontrado em toda e qualquer época.

A escritora nos conta que participou de diversas oficinas que, segundo ela, colaboraram para um desenvolvimento e aprimoramento do texto, e que era sempre questionada por ser uma escritora em um laboratório de escrever.

Eu quero ver coisas que eu não vi, que eu não sei, que no meu tempo não tinha, o que eu não tive contato. E a criação coletiva, nunca mexi com isso, quero mexer, quero aprender. A gente aprende, cresce. Agora eu escrevo mais rápido e às vezes eu acho que tem a ver com a oficina...

... A leitura é uma coisa maravilhosa, a literatura é incrível, escrever é uma palavra gratificante, gratificante é uma palavra tão gasta, mas não me ocorre outra, é uma coisa muito realizadora. Como eu te falei, eu não me arrependo de nenhum livro, e às vezes quando eu pego qualquer um deles, quando eu leio às vezes um pedacinho, eu falo:

- Pô, mas fui eu quem escreveu?- porque eu realmente acho bonito, sabe?
 – Como é que eu fui escrever um negócio desses? – mas depois eu penso
 – Não, eu tinha escrever um negócio desses, mesmo, porque eu sofri pra escrever, fiquei muito tempo fazendo isso - noites e noites, dias e dias, cansada, com sono, às vezes até nem passando muito bem conforme a época da vida, sofrendo mesmo com problemas familiares que são tantos, né, perdas, ou isso, ou aquilo, que você tem que fazer, então... está bonito? Está, mas deu um trabalho desgraçado, então tem que estar bonito mesmo. (VIANA, 2005, p. 28)

A escrita, conforme a escritora já mencionou em outro momento, não é processo fácil e simples. Requer um momento e um movimento introspectivos, onde o escritor, dentro dele mesmo, tece, com paciência, esforço e até dor, o que será trabalhado com o leitor.

A beleza deste texto sofrido e minuciosamente elaborado colabora, mais tarde, para o prazer deste texto. Quando, com a leitura, se encontrar o leitor, os três: escritor, obra e leitor formarão a completude do texto e a obra passará, de fato, a existir.

Quando falamos em leitura com a escritora, devemos ter em mente que falamos com uma das pessoas que mais se emociona quando o assunto é Graciliano Ramos. Viana conta que busca dar à sua obra, sem pretensão, um toque de Graciliano, de sua concisão e de sua clareza. Ao mencionar a influência do escritor em sua obra e em sua formação como escritora de literatura de maneira geral, Viana não esconde a admiração constante pela obra de um dos mais renomados escritores brasileiros:

Meu modelo é o Graciliano, não estou dizendo que eu estou imitando, porque também eu não sou nem pretensiosa e nem boba, mas eu gosto das frases curtas. Pra mim tem que ser claro, tem que ser curto, tem que todo mundo que quiser ler, entender. Não tenho o mínimo interesse em bagunçar a cabeça de ninguém, e eu mesma tenho uma dificuldade de entender uma literatura mais complicada. Tem livros que eu leio um pedaço, no outro dia eu tenho que reler... Eu acabo herdando, sabe?

Eu acho que a simplicidade, a síntese, essas coisas são indispensáveis. Eu gostaria de escrever assim, e é do jeito que eu acho bonito. Agora, isso é uma coisa que talvez eu saiba mais sentir do que expressar, do que falar. Na hora, eu leio a frase que eu estou fazendo, vejo se elas estão bonitas ou não. É uma coisa pessoal. Se não estiver, eu delete. [...] O Graciliano é a pessoa que mais me emocionou até hoje. O Graciliano é o texto mesmo, é aquela coisa de ler uma frase, curtinha, porque ele é conciso, e eu leio aquilo ali e falo:

- Como é que pode falar tanto em tão pouco?

Depois eu penso:

Bom, isso é burrice, não é tão pouco. Isso aqui é muito, fala muito. Só é pequeno, mas é muito, não é pouco.

E então é claro que se eu leio, leio e leio, e já o li várias vezes, não só pra trabalhar, eu tinha que ler pra fazer um trabalho encomendado, que era a Literatura Comentada. Aliás, encomendaram porque sabiam que eu gostava dele, que eu conhecia relativamente. Mas claro que aí eu fui reler várias vezes tudo porque escrever um livro é uma responsabilidade muito grande e nem é a minha área, porque é uma coisa meio didática, mas, se cada vez que eu leio, eu gosto mais, e se eu leio muito, me influencia. (VIANA, 2005a, 2005b)

As referências são de fato, elementos que fazem parte de qualquer aspecto da vida. Seja no trabalho, na conduta pessoal, no dia-a-dia, é comum existir a admiração e o reconhecimento que motivam e originam novos olhares sobre nossa própria vida. Na escritura de Viana não é diferente. Encontrar-se e identificar-se, fazer morada na escritura de Graciliano Ramos colabora para que sua escritura seja descomplicada e não tenha como objetivo dificultar a leitura, mas, pelo contrário, viabiliza a fluência e a compreensão dela.

Ao longo da obra de Roland Barthes, *O grau zero da escritura* (1974), observamos apontamentos feitos pelo escritor no que diz respeito ao ato de escrever e aos elementos que o compõem. Abordando a escrita, define que este elemento representa uma escolha, geralmente de um tom, e o caracteriza como um objeto de engajamento do escritor. É isto que Viana admira em Graciliano Ramos e almeja no autor. A capacidade de situar a natureza de sua linguagem, segundo Barthes, uma escrita que é na verdade um jeito de “pensar” a literatura e não de “estendê-la”, em outras palavras, é um cuidado especial com a língua e com o texto, e não simplesmente a transmissão de uma mensagem. Esta literatura “está sempre enraizada num mais além da linguagem, (que) desenvolve-se como um germe e não como uma linha.” (BARTHES, 2004, p. 18).

Assim, Viana nos apresenta o volume de Literatura Comentada organizada por ela mesma, e lançada em 1981. Este volume é hoje uma grande referência para aqueles que buscam conhecer um pouco da vida e obra do autor. A obra também conta com fotos, textos selecionados, um panorama histórico, dentre outras informações sobre Graciliano Ramos.

Para Viana, a linguagem de Graciliano Ramos singulariza-se pela clareza de informações, pela capacidade de atingir aquilo que almeja.



Figura 7 – O volume "Graciliano Ramos" da série Literatura Comentada.

Foto: site <<http://www.google.com.br>>

Durante a entrevista, quando o assunto se abre para as influências de Viana no mundo da literatura, a escritora deixa transparecer que possui, sim, admiração por muitos escritores e que muitos deles colaboraram para que seu texto seja o que se apresenta hoje. É inegável afirmar que não existam influências, já que ela mesma confirma que sua escritura nasce da leitura de outras obras.

A gente é injusto quando cita, porque sempre esquece alguém, mas gosto muito do Veríssimo. Eu leio os cronistas, já te falei que todo dia eu leio o jornal... Então, todos os dias eu leio o Cony; o Clóvis Rossi; o Jabor, todo dia na Folha; o Ferreira Gullar, todo domingo na Folha, todo dia o Veríssimo no Estadão, leio o Zuenir Ventura no "O Globo" ou no "Jornal do Brasil", não sei em qual ele escreve, mas eu leio todo domingo; leio esse povo todo. Acho o Cony um escritor deslumbrante, cronista deslumbrante. Leia, ele escreve na Folha todo dia, na página dois da Folha, a crônica de baixo, a Folha tem todo dia três crônicas, a lá debaixo é a dele, mas é um texto maravilhoso, você vai adorar. [...] Acho que se você fica ouvindo uma música o dia inteiro, você cantarola aquela música até sonhando eu acho. O seu subconsciente está lá, ligado e com Literatura é a mesma coisa.

Então, eu tenho esses autores que eu gosto muito. Eu gosto muito do Cortazar, reli o Cortazar há pouco tempo, *Todos os fogos, o fogo*, que é um livro de contos, e tem um conto lá que eu acho mesmo um grande chamado *Á saúde dos doentes*; e quero reler Judas. Gosto demais do García Márquez, li há pouco tempo atrás *Memórias de minhas putas tristes*. Entre os juvenis, a Lygia Bojunga, eu acho uma escritora incrível. Pouca gente conhece o Carlos Moraes, que escreveu um livro chamado *A Vingança do Timão*... Eu queria ter escrito esse livro. Isso ele sabe, ele vem aqui de vez em quando, a gente conversa... Você viu que eu fiz a contracapa do livro? Isso eu falo pra ele, se inveja pudesse ser uma coisa saudável, a minha seria por causa de *A Vingança do Timão*. *A bolsa amarela* eu também gostaria de ter escrito. Eu acho que influencia, eu acho que se você gosta, influencia.

Tem um escritor inglês chamado Thomas Hardy que eu li também na faculdade, um livro chamado *Judas, o obscuro*. Nossa, é tão triste, mas é lindo aquele livro. Eu li com a sua idade, e agora ele já está ali, com aqueles que eu te falei hoje, que eu coloco na fila, pra numa hora dessas ler de novo. Eu quero ler *Os Meninos da Rua Paulo*. Lê. Esse é de chorar também. Fabiano, meu filho, leu há um mês. Saiu uma edição nova agora, e quando me perguntaram, falei:

- Olha, eu quero um livro que saiu agora: *Os Meninos da Rua Paulo*.

O meu era letrinha pequena, que agora eu já não leio mais, minha vista... não dá! E aí, saiu esse novo, estou lendo, e achando maravilhoso de novo.

Então eu acho que na hora, essas coisas vêm. Igual, se eu vou falar de música na hora em que eu escrevo, ou se eu vou falar de time de futebol, acho que você deve ter até pergunta sobre isso, não sei, mas se eu for falar de um time que eu queira, que é legal, que tem um torcedor, que eu quero uma cara fanático, eu vou falar do Galo, que é o meu time. Eu não vou colocar nunca o Cruzeiro, quero que o Cruzeiro perca sempre. Nos meus livros, o Cruzeiro vai perder sempre (risos).

Ou se eu tiver que citar um sambista, vai ser o Paulinho da Viola. Se for um cara mais tradicional um pouquinho, o Lupicínio. É a minha turma, a minha tribo. Eles é que me influenciam também, não é só livro, é letra de música, tudo. Não é só escritor... Quer dizer, é escritor, né? O Paulinho é escritor, o Chico é escritor, Caetano é escritor. Claro. Então toda hora que eu cito, eles estão me influenciando, significa que eles entraram na minha cabeça e não saíram, a leitura que eu faço é essa. (VIANA, 2005a, 2005b)

Escritores, obras, músicas, gostos, cada particularidade da qual a escritora tem conhecimento, colaboram para que Viana seja hoje a escritora que é, para a sua formação e caracterização. Sua leitura sobre cada um destes aspectos é que fazem sua escritura germinar e crescer assumindo determinadas características.

A entrevista terminou. Na hora de partir da casa de Viana, ela não estava. Deixou-me a sós, e eu me preparava para deixar São Paulo enquanto cuidava do meu gravador a sete chaves, pois nele eu tinha contido um tesouro nobre, um tesouro que já me transmitia a certeza do grande fruto que viria a dar. Preparando-me para tomar o metrô, seguir para a Barra Funda, depois o ônibus de volta para o interior, eu não via a hora de poder novamente ouvir a entrevista gravada, e refletir nela, passada a euforia e a emoção de estar frente a frente com a escritora de meu estudo.

Antes de fechar a porta e deixar que a lembrança agora assumisse o momento que ali se encerrava, tomei a liberdade de deixar um cartão, contando a Viana como naquele dia eu me havia sentido e agradecendo a oportunidade ímpar que me carregaria por muitos anos de minha vida, por meio das lembranças na mente, das lembranças do olfato, que me permeiam até hoje com muito carinho.

Mencionei, por escrito, que conheci a sensação que Vivina teria tido caso tivesse desfrutado da oportunidade de conhecer a seu grande admirador, Graciliano Ramos. Em e-mail no dia seguinte, cuidando de saber da minha viagem de volta pra casa, Vivina me contou que ao ler o cartão, se emocionou.

Subi a Haddock Lobo devagar, pensando. Subi como quem está tranqüilo e não tem pressa de chegar a lugar algum quando todos ao redor caminhavam em ritmo de maratona.

Voltamos para casa. Vivina, por meio da entrevista. Eu, de ônibus. Viana re-conheceu ali suas lembranças, sua infância. Eu conheci aquilo de que eu queria tratar no meu próximo trabalho: da vida. Da vida vivida por Vivina de Assis Viana.

Me propus, então, a tratar do que ela é, do que ela pensa, do que ela escreve. Observando suas falas nas entrevistas, fica claro que a escritora possui um propósito ao dedicar-se ao processo da escritura. Torna-se necessário observar com minúcia aquilo que ela busca tratar por meio de suas narrativas, tão plenas de intenções e finalidades, atentando para o seu comprometimento com cada palavra

escolhida minuciosamente para integrar e dar corpo ao texto. Quero mostrar que ela tem sempre algo a dizer, que se baseia nela e que se baseia em nós.

Este capítulo primeiro nos apresenta pedaços da vida de Viana, nos mostra toda a doçura de suas lembranças e aponta para a maneira como se constituiu uma voz que desde 1977 vem encontrando motivos para se colocar e pensar junto com aqueles que a rodeiam. A partir daqui, introduziremos algumas das obras que colaboram para ilustrar o trabalho desenvolvido por ela. Nos capítulos subseqüentes, pretende-se apresentar um pouco mais do “como” de Vivina de Assis Viana.

CAPÍTULO 2

DA CIDADE PARA OS LIVROS

Certa vez, parada numa livraria de São Paulo,
escutei uma conversa entre duas garotas:
- Eu queria um livro pra saber...
-Eu não, prefiro um livro de querer!!

Fanny Abramovich

OBRAS URBANAS, OBRAS REALISTAS

A escritora Vivina de Assis Viana nos apresenta em seu acervo bibliográfico uma infinidade de obras que permeiam e atrelam-nos com os mais diversos temas mundiais, que variam desde problemas sociais, abandono e perda da identidade infantil até enredos suaves e brandos, tendo como pano de fundo a área rural e toda a sua tranqüilidade.

Desta maneira, a fim de classificar as obras da escritora, podemos instaurar sua divisão em dois grandes grupos. Em primeira instância, nos dedicaremos a introduzir a bibliografia que integra o grupo das obras *Urbanas*. Estas obras contam em sua maioria com o relato das mazelas sociais, dos problemas que enfrenta quem tenta sobreviver diante dos problemas que vieram junto com o crescimento súbito das cidades e do mundo. A escritora plena, de humanidade e sensibilidade, não esconde que se indigna quando a criança sofre, vítima da vida acelerada e modernizada da cidade grande.

Estas narrativas que tratam do ambiente das cidades usam de uma linguagem mais realista e direta para com o público leitor, a fim de trazer à tona uma conversa franca e esclarecedora, sem rodeios ou enganações.

Elegemos assim, as obras mais representativas escritas por Vivina de Assis Viana, e que nos permitem observar como acontece em seu acervo bibliográfico essa denúncia social da qual falamos.

Obras como *O dia de ver meu pai* (1977), *O jogo do pensamento* (1984), *Suando Frio* (1986), *O mundo é para ser voado* (1988), *Sabe de uma coisa?: diário de uma adolescente* (1993), e *Ana e Pedro: cartas* (1990), nos contam histórias, no formato de romances, sobre os adolescentes e seu mundo conflituoso e vulnerável frente às crises familiares, suas vivências amorosas, o agigantamento do mundo que os rodeia, e as dificuldades da vida moderna.

Aqui, as atenções se voltam com força para a literatura que propicia um encontro e uma identidade entre o leitor infantil e a personagem do livro, já que ambos desfrutam das mesmas situações, iniciando uma movimentação que viria a marcar a produção livreira da década de 70.

Para Heloísa de Faria Cruz (1994, p.82) em *Na cidade, sobre a cidade*, ao discorrer e refletir sobre as relações entre a cultura e a cidade, afirma:

A cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos dessas publicações. Através de novas temáticas, personagens e linguagens, o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as publicações.

Encontramos em *Literatura Infantil Brasileira: História e História*, observações importantes a respeito deste momento em que os caminhos pelos quais seguiam a literatura agora se alteravam, dando outra direção às novas obras que vinham surgindo.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman mencionam diversos nomes que colaboraram para demarcar este novo percurso de urbanização que permeava as obras infantis deste momento, como Isa Silveira Leal, com a série Glorinhas, que compreende: *Glorinha* (1958), *Glorinha e o mar* (1962), *Glorinha bandeirante* (1964), *Glorinha e a quermesse* (1965), *Glorinha radioamadora* (1970), manifestando de maneira clara as preocupações no âmbito urbano, trabalhando seus impasses e dificuldades. Preocupação similar se viu em Odette de Barros Mott, com *Justino, o retirante* (1970). A escritora enfatizou a temática da pobreza, da marginalização e dos preconceitos e propôs ao leitor mirim tratar das transformações intensas ocasionadas pela modernização econômica da sociedade do país.

Tomando por base a série Glorinhas, outro aspecto que pode ser levantado de modo a caracterizar a época é a tendência para a produção por séries

e coleções, onde os livros conservam as mesmas temáticas, ou como no exemplo citado, contam até com as mesmas personagens, corroborando a semelhança com a tradição lobatiana, onde as aventuras circulam sempre por entre Dona Benta e sua turma e o ambiente “Sítio do Picapau Amarelo”.

A temática realista da literatura, que teve um impulso grande na década de 70, originou a idéia de uma coleção que viria a abordar esta temática um tanto proibitiva na literatura para o público mirim: A Coleção do Pinto, lançada em 1975 pela Editora mineira Comunicação. De acordo com estudiosas como Lajolo e Zilberman (1984), cabe a ela a consolidação com este compromisso fidelíssimo com a retratação da vida “tal qual ela é”.

Esta coleção foi a que primeiro focalizou o chamado *verismo*, que parte de pressupostos que permitem caracterizá-lo como uma corrente de propósitos e intenções singulares, e que por estas peculiaridades, marca a década de 70.

Esta escrita se apresenta, de acordo com Zilberman (1985), mais empenhada em mostrar a vida em sua nudeza, e evidencia características que, aparentemente, não integravam obras destinadas a crianças e ocorre, por conseqüência, uma aproximação às obras destinadas ao público de leitores adultos.

A Coleção do Pinto contou com as obras: *O menino e o pinto do menino* (1975) e *Os rios morrem de sede* (1976), de Wander Piroli; *Pivete* (1975), de Henry Correia de Araújo e *O dia de ver meu pai* (1977), publicado por Vivina de Assis Viana.

A obra de Regina Zilberman (1985), *A Literatura Infantil na Escola* discorre, em algumas linhas, um pouco sobre a coleção que colaborava para encorpar a realidade denunciadora a que os livros se dedicavam agora. Ao conversar com seu leitor sobre essa coleção que trazia novas peculiaridades, Zilberman nos apresenta André Carvalho, editor da Coleção do Pinto. Nas palavras de Carvalho, temos:

E ele nos dá um livro forte, corajoso, com uma temática que vai assustar pessoas que ainda acreditam em meninos desinformados e que não participam dos problemas sociais, mas que vai responder aos interesses das crianças e pais atentos à realidade do mundo de hoje. (ZILBERMAN, 1998, p. 38 apud CARVALHO)

O dia de ver meu pai foi, então, uma das obras pioneiras a abordar de maneira precisa e pontual alguns dos problemas mencionados, quando falamos sobre as características desta nova literatura *verista*.

Preocupada com o novo elemento que se tornava comum, a escritora Vivina de Assis Viana adotou o problema da *separação conjugal*. Autoras como Marisa Lajolo (1984), Regina Zilberman (1985), Fanny Abramovich (1995) e Nelly Novaes Coelho (1991) deixam transparecer, ao traçar um panorama da literatura infanto-juvenil, o peso que a obra da escritora teve para que este tema até então considerado tabu viesse a ter maior projeção e atenção.

Nas linhas subseqüentes, encontramos observações teóricas sobre o novo enraizamento literário e a maneira com que a obra de Viana colaborou para esta tendência que despontava.

[...] Uma literatura infantil comprometida com a representação realista e às vezes violenta da vida social brasileira. O resultado é um esforço programado de abordar temas até então considerados tabus e impróprios para menores... A partir daí, várias obras se ocupam da representação de situações até hoje evitadas na literatura infantil: *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana, trata da separação conjugal.

Essa linha social da narrativa infantil brasileira contemporânea tem desdobramentos importantes, que a fazem debruçar-se, por exemplo, sobre a perda da identidade infantil: ...nas perplexidades de um menino a quem a separação dos pais o deixa inseguro e dividido em *O dia de ver meu pai* (1977), de Vivina de Assis Viana [...] têm-se histórias que internalizam, na personagem infantil, as várias crises do mundo social. (ZILBERMAN, LAJOLO, 1984a, 1984b).

Por meio dessas autoras, é possível observar como a obra em questão teve um diferencial e que contou para a constituição de um novo rosto para a literatura infanto-juvenil.

Fanny Abramovich, em *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*, (1991) chama nossa atenção para um movimento que deve acontecer por parte do escritor e que de fato concretiza-se nesta obra de Vivina de Assis Viana, que é o do escritor identificar-se e familiarizar-se com o assunto sobre o qual discorre em sua obra.

Para ela, é fundamental que essa questão trazida pelo escritor seja de fato relevante para ele, estando esse autor convencido daquilo que traz à tona,

para que o tema possa ser trabalhado de maneira que envolva sentimentos, verdade e clareza da parte daquele que fala ao público infantil e adolescente.

Fica aqui, então, um parêntese que aponta para a colaboração de um estudo como o realizado no Capítulo 1 deste trabalho, que, por meio da entrevista realizada com a autora, dá ao leitor a chance de entrar em contato com suas percepções e compreender de maneira mais densa o seu processo de criação literária. O leitor que tomou conhecimento da entrevista, nota acontecer aqui a corroboração do apontamento de Abramovich (1995) no que diz respeito à relevância do assunto abordado na obra pelo próprio autor, já que a escritora Vivina de Assis Viana deixa claro em muitos momentos a sua preocupação e o incômodo com a situação mundial, especialmente no tocante aos leitores mirins.

Ao longo da discussão a respeito da literatura infanto-juvenil como objeto de informação ao seu leitor, Fanny Abramovich também aborda a importância que atribui ao fato de que o assunto dos problemas conjugais seja conversado, trazido à tona e assegurado de uma maneira nova, já que

Querer saber mais sobre aflições, tristezas, dificuldades, conflitos, dúvidas, sofrências, descobertas que os outros enfrentam, para poder compreender melhor as suas próprias, faz parte das interrogações de qualquer ser humano em crescimento. (1995, p. 98).

Estando, agora, a par destas considerações sobre as obras que se convertem a um movimento de inclinação e focalização da temática urbana, procurando retratar o país, suas crises e impasses, trataremos mais minuciosamente de algumas delas, que representam de maneira expressiva as características propostas, e que colaboram para a percepção daquilo que autora deseja compartilhar com seus leitores.

Todas, com suas peculiaridades, apresentam elementos que merecem destaque por colaborarem para a construção de um projeto literário, que, dentre todas as suas principais características, possui em seu âmago o foco na linguagem direta e aderida à realidade, entendendo a criança como madura o suficiente, além do desejo de tratar da denúncia da situação de crise e de carência, de muitas naturezas, da sociedade, do país, do mundo. Conforme já observamos em Foucault (2000), o autor e suas idéias misturam-se às obras, não estando anterior e nem exterior a ela, mas mesclam-se, sendo parte integrante delas, e por esta razão,

observa-se como para a escritora a infância configura-se como época decisiva, onde sentimentos e perspectivas encontram-se aflorados. Viana propõe personagens infantis inteligentes e reflexivas, que sentem e observam tudo o que acontece à sua volta, perpassando ao leitor noções de uma infância nada alienada, que compreende as flores e as dores do mundo, do meio em que vivem, que pode configurar-se como entrave para seu bem-estar, conforme ficará evidente nas obras que se seguem, ou como palco do desenvolvimento prazeroso desta criança, conforme será possível notar nas obras de cunho rural.

Desta maneira, partimos, então, para um olhar mais detalhado e minucioso sobre seis diferentes narrativas, apontando de que maneira a voz da autora busca tratar em particular com o leitor de dores tão únicas, e que configuram-se, ao mesmo tempo, tão coletivas.

O DIA DE VER MEU PAI (1977)

Em *O dia de ver meu pai*, encontramos uma narrativa contada em primeira pessoa, por um menino com dificuldade de encontrar a si mesmo em meio ao conflito da separação dos pais.

Sem bem entender o porquê da situação, questiona desde elementos concretos, como o fato de o juiz estipular dias para que ele veja o pai, até questões sentimentais, como o silêncio dos pais quando mais ele queria saber sobre sua família, agora desfeita. As questões são tantas, que algumas de suas dúvidas Fabiano carrega até o fim do livro, como fica evidente na oração que encerra a obra de 1977: “Quem, no mundo, seria capaz de completar, para mim, as frases incompletas de meu pai e minha mãe?” (VIANA, 1988, p.34).

Viana passeia por entre temas da família, tecendo uma narrativa de linguagem terna e cheia de cuidados. Ela também aborda o lado sensível e solitário do menino Fabiano, personagem que é central na narrativa. Interessante notar como ela leva o mesmo nome da personagem de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o qual influencia Vivina de Assis Viana. Destaque para a semelhança entre as duas personagens, que perambulam por toda a obra em clima de aridez e solidão, com perspectivas mínimas para seu futuro incerto e silencioso.

O dia de ver meu pai é sucinto, mas suficiente para falar das coisas de criança: futebol, escola, brincadeiras, dor, choro, saudade, questões familiares, chacota por parte dos colegas de classe e repressão dos sentimentos.

Além de utilizar temas e problemáticas baseados em situações que de fato permeiam a vida cotidiana, Viana chama atenção, por meio de comunicação via e-mail, em prol do enriquecimento deste trabalho, para a ancoragem de suas personagens neste mesmo mundo real.

Para Umberto Eco, em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, “todo o mundo ficcional se apóia parasiticamente no mundo real, que toma por seu pano de fundo”. (1994, p, 99).

Fica evidente a correlação entre real e ficção que existe nas obras da autora. Em *O dia de ver meu pai*, a personagem principal do livro, Fabiano, leva o mesmo nome do terceiro filho de Viana, nascido em 1980.

O livro toca no ponto da família, instituição extremamente importante socialmente desde sua origem e quase que condicional para a vivência em grupo em sua grande maioria das vezes.

Em obras como *A família: origem e evolução* (1980) entendemos, entre outras coisas, sobre as mudanças que a família vem sofrendo; seu funcionamento e seu valor, que é por vezes distinto em cada sociedade, com destaque para a nossa sociedade, da qual a instituição familiar é condição *si ne qua non*.

Para Lévi-Strauss, a família burguesa se define como “um par casado [...] que coopera na vida econômica e na criação dos filhos, a maior parte dos quais, ou todos, residem em comum” (1980, p.47). Ao menos teoricamente, esta instituição tem como condição primária a união e colaboração de todos os seus membros. Especialmente nas décadas de 60 e 70, a sua dissolução era sinônimo de desestrutura e desordenamento de valores.

Em *O dia de ver meu pai*, a família é machucada e desfeita pela decisão do pai de viver com outra mulher. Desfaz-se aqui a estrutura básica social, composta por marido, esposa e filhos. Os padrões e costumes são de repente quebrados, deixando a mãe desamparada. Fabiano fica confuso e solitário, e o irmão mais novo praticamente órfão, pois o abandono do pai aconteceu em meio à segunda gravidez da mãe.

Essa confusão estabelecida pelo desmembramento dos responsáveis pelo lar significa uma quebra de regras pré-estabelecidas pela família, que conta, segundo Lévi-Strauss *et alli* (1980), com uma divisão básica das tarefas, característica que perdura desde seu surgimento.

Papéis de proteção e estabilização do lar por meio da provisão e chefia, normalmente fornecidos pelo pai, são agora incorporados pela mãe, que passa a possuir muito mais responsabilidades. A cadeira de balanço, geralmente e com freqüência, objeto de repouso do pai de família, é usada pela mãe de Fabiano para amamentar o bebê. Fica evidente que a idéia de proteção, segurança e da paternidade cabem à mãe agora.

Também os sentimentos envolvidos e que amarravam o relacionamento familiar tais como *amor, afeto, respeito e temor* são suprimidos, voluntária ou involuntariamente, já que entre os pais divorciados não existe mais amor e nem afeto, ou nem pode haver, e da parte do pai, adúltero, não houve, além destes, o respeito, o temor e a sensibilidade.

Ao mencionar sociedades distintas, mas que também usam do casamento, Lévi-Strauss (1980) releva a condição daquele que é órfão ou solteiro nestas tais sociedades. Para ele, seus membros nunca atingem um estatuto pleno dentro da comunidade, e vai mais longe quando afirma que eles acabam sofrendo de exclusão, como se fossem vítimas de algum tipo de maldição ou azar.

O dia de ver meu pai também remete ao problema da identidade da criança, que sofre a diferença instaurada pelos seus colegas de classe sobre ele, fazendo-o sentir-se inferior, por uma condição sobre a qual ele não possuiu qualquer possibilidade de escolha ou opinião, sendo forçosamente responsável por assumir o papel de filho de pais que não moram juntos, assemelhando-se a um processo de orfandade do qual fala Strauss, que acarreta na exclusão sentida pelo menino Fabiano.

Aqui, de acordo com Erik Erikson (1972), em *Identidade, juventude e crise*, temos que estes fatores que definem o valor do ser humano e, neste caso, da criança, tais como a cor da pele, os antecedentes familiares, fatores que fogem à sua escolha, acabam por ser fatores determinantes do desenvolvimento de seu caráter. Para ele, é em situações como esta que pode desenvolver-se uma alienação, ou um sentimento de inferioridade, que notamos de fato na personagem Fabiano, já que ele não desfruta de uma solução para o conflito em questão.

O menino vive cheio de dúvidas e medos e fica aparente que os pais quase sempre lhe negam respostas, afincando nele a condição solitária e de desnorтеio frente às situações cotidianas infantis.

No trecho que se segue, vemos Fabiano refletir:

Vou perguntar à minha mãe. Se ela não souber, ou não quiser dizer, pergunto a meu pai. Se ele imitar a minha mãe, pergunto a um professor, ou vizinho ou amigo. Alguém há de saber, há sempre alguém que sabe alguma coisa que a gente quer saber. (VIANA, 1988, p. 6).

A autora trata aqui, então, do sentimento de desamparo da criança, num momento de falta de respostas, onde pessoas de convivência menos íntima e mais distante acabam configurando-se como importante referência infantil, papel que caberia em especial aos pais. Fica evidente que o menino já sabe que dos pais pode não vir resposta, então a opção será encontrar em outras pessoas de seu convívio o entendimento para certas questões de sua vida.

Mais uma vez, o desejo da escritora em afirmar o perfil e a condição solitária de Fabiano mostra-se ainda em outros momentos, como quando pai e filho conversam sobre o nascimento do menino. Neste momento, Fabiano parece compreender seu destino solitário desde muito cedo:

- Eu era feio?
 - Podia ser, mas eu não achei. Achei você muito bonito.
 - E depois?
 - Depois o médico cortou o cordão umbilical que unia você à sua mãe e você ficou sozinho.
 - Sozinho?
 - É. Você se separou de sua mãe. E uma enfermeira mostrou você a ela. (VIANA, 1988, p. 13).

No dicionário, a palavra “sozinho” vem definida pelos sinônimos “abandonado” e “desajudado”, palavras que colaboram para definir a condição externa e interna do pequeno.

Num domingo à tarde, Fabiano passeia com o pai. Sentados no parque, discutem muitos assuntos que dizem respeito à origem do menino e de sua família. A cena no parque, área arborizada e particular em meio à sequeidão da

cidade marca a contraposição entre urbano e rural e a contraposição de sentimentos do menino.

Observa-se que num raro momento de respostas e reflexões, muitas das quais são geralmente encontradas no pai, mais aberto a esclarecimentos para Fabiano, as árvores, o verde, o pedaço de natureza colabora para uma atmosfera mais leve onde o ar mais puro traz um clima mais saudável, apartando, por alguns minutos, o menino do desassossego e da crise de identidade para qual o cotidiano da cidade e da vida moderna o empurram diariamente, sua casa, seu prédio, a vista acinzentada da cidade, vista da janela, paisagem comum dos grandes centros. Fica manifesto aqui de maneira clara o olhar da escritora, que reconhece na área voltada para a natureza, a possibilidade de fuga e tranqüilidade do cotidiano e opressor ao qual se liga Fabiano. Ali o menino encontra por alguns instantes a possibilidade de conhecer-se e reconhecer-se, acompanhado por um ambiente que emoldura e dá o tom de sua conversa com o pai.

Abordando diversos assuntos com o pequeno leitor e propondo a ela uma reflexão sobre aquilo que seu cotidiano vem trazendo à tona, Viana também dá destaque ao processo das escolhas, que afeta todo e qualquer ser humano. Esse processo doloroso que conta com uma eleição; que significa priorizar alguns e vitimizar e prejudicar outros, é notado por Fabiano, que, após uma conversa franca com a mãe, obtém a informação de que o pai optara por outra companheira.

A temática tão delicada e doída realça a tendência verista, trazendo com espontaneidade e clareza assuntos delicados e por vezes doloridos demais para serem tratados. A descoberta faz com que ele reflita, com toda sua ingenuidade e singeleza de menino aprendiz da vida:

Fiquei deitado, cansado, triste, ouvindo. E pensando, também. Se eu gosto muito de algumas pessoas, será que ainda terei de escolher entre elas, como meu pai? Então na vida a gente escolhe umas pessoas e deixa outras? Como time de futebol? Como roupas ou brinquedos, numa loja? Como viajar ou ficar? Então é assim? Será assim? (VIANA, 1988, p. 25).

Usando-se de palavras de seu campo semântico, Fabiano parece, de forma triste e forçosa, reconhecer e conhecer como a escolha pode afetar, ferir, fragilizar, quando não se é o escolhido.

Durante toda a narrativa, observamos como a voz da escritora dedica-se a tratar da aspereza experimentada por quem passa por divórcio, em especial a criança. Diante de elementos claramente significativos como o choro, a tristeza, os questionamentos, ficam evidentes características da personalidade de Fabiano, enquanto outros elementos mais implícitos, como as simbologias, subentendem a mesma condição. Lembrando que nunca a obra é inocente ou ingênua, dedicamo-nos a observar as cores da narrativa. Fabiano, imerso em uma paisagem acinzentada que percorre quase que toda a narrativa, tem seu quarto e sua cama pintados de azul. A percepção das cores é fato importante para a compreensão das características de um ambiente. Sabemos que a decodificação das cores não acontecem apenas nos olhos, mas vão além e colaboram como informação também para o cérebro.

A voz da autora busca trazer na cor das paredes do quarto e da cama de Fabiano um diálogo com sua condição. De acordo com o Dicionário Online Babylon, o azul é uma cor que apresenta-se como sendo essencialmente harmônica, e por isso mesmo relaciona-se à frieza, à depressão, à monotonia e à introspecção. Estas características relacionam-se, por sua vez, com o menino, que se encontra em total desarranjo sentimental, oscilando entre momentos de carência, solidão e confusão. Monotonia e dependência também são características da cor que colaboram para enfatizar o perfil do pequeno Fabiano, que permanece a narrativa toda em busca de palavras dos outros que completem as dele.

Ainda observando o espaço físico, encontramos na narrativa de Viana momentos em que o menino se pega agarrado às grades da janela de seu quarto, observando tudo o que se passa fora dali.

Fabiano observa os prédios vizinhos e a narrativa nos traz a informação da existência de grades em grande parte das janelas destes prédios. São grades coloridas, grades cor de alumínio, grades de outras cores, dialogando com a condição carcerária dos moradores das cidades, inclusive de Fabiano.

Símbolo da abertura para os novos ares, para a luz do dia, que traz a vida ao ambiente, a janela figura aqui bloqueada com grades que comprometem a vista e sua grande função de purificação e de novo fôlego.

Outrora local onde as moças se debruçavam e, tomadas pelo romantismo e pelo amor, sonhavam e entoavam cantigas iluminadas pela luz do sol e acariciadas de brisa fresca, a janela aqui parece ser nada mais que um objeto de

acesso e conexão com a dura realidade cinzenta e abafada do mundo exterior, o mundo de Fabiano, o mundo de quem mora na cidade grande. Ainda que as grades sejam coloridas, elas emolduram uma realidade cinzenta e encarceradora.

Viana também traz diferentes amostras de como o estado de espírito do menino encontra-se abalado. Vivendo o cotidiano de quem mora em prédio, Fabiano tem narrados momentos em que sobe a escada, indo para casa. Dependendo de seu estado de espírito, o menino sobe as escadas de uma maneira.

Depois de um dia triste de chacota dos colegas de classe, por sua condição de filho de pais separados, Fabiano compartilha: “Cheguei em casa correndo, nem esperei o elevador. Subi as escadas saltando os degraus e escancarei a porta da cozinha. (VIANA, 1988, p. 22).”

Em outro momento, quando Fabiano se dá conta de que havia poucas possibilidades de que os pais se resolvessem, resolvendo também as dúvidas e questões sem resposta do menino, temos:

E eu, que não tinha segredo nenhum pra contar, subi também devagar, degrau por degrau. O elevador, como da outra vez, foi deixado de lado. Enquanto eu subia, diminuía uma antiga desconfiança e crescia uma nova certeza: eu nunca ia aprender a cantar a “Machadinha”. (VIANA, 1988, p.22)

Fica claro de se observar que a escritura de Viana relaciona as escadas e os degraus, que conduzem Fabiano ao lar, ao espaço de expressão do momento e do sentimento do menino.

A escada e seus degraus, de acordo com Herder Lexicon (1997), são objetos que trazem a conotação da ascensão e do progresso. É evidente que, de maneira expressiva, o andar lento e desmotivado do menino pela escada em direção à sua casa, figura como a descrença dele em relação a qualquer progresso no que dizia respeito ao seu lar, e aos seus questionamentos. O jogo do corpo, o impulso e a força que se requer para subir o lances de escada não acontece, já que a mente, que comanda esse corpo, cansada e sem perspectivas, não tem pressa para chegar em casa.

O menino Fabiano também sofre as dores de ter na memória a música cantolada pelos pais em sua época de bebê. A cantiga, canção popular brasileira “Machadinha”, é silenciada durante toda a narrativa e os pais fogem de

cantá-la, quando o filho pede, pois cantá-la traria à tona a memória da família a todos, inclusive para os pais, também sofredores com o processo da separação. Da mãe, Fabiano ouve:

Eu canto todas as músicas que você quiser, Fabiano. Cantamos juntos, canto sozinha, alto, baixo, durante o dia, à noite. Sempre tudo o que você quiser, filho. Mas não me peça pra cantar a “Machadinha”. (VIANA, 1988, p.19).

Do pai, temos: “Acho que não sei mais essa música, filho... Vamos cantar outras, as que você quiser. Mas não me peça pra cantar essa” (VIANA, 1988, p.33).

Fabiano fica privado, então, durante toda a história do livro e de sua história de personagem, de ouvir mais uma vez a música que o ninou em sua época pueril. O projeto autoral da escritora enfatiza, portanto, as dificuldades da infância e fato de não ter acesso à música que o ninou na meninice acaba por negar a permissão para que seja novamente criança e descanse. O fato de a música nunca lhe ser cantada pelos pais o empurra forçosamente ao mundo adulto, arrancando-o do tempo de criança, em que os pais lhe permitiam acalmar ao som protetor de sua voz.

Fica visível que, aparentemente, não há uma relação direta da narrativa com a vida da escritora, mas observa-se a intenção da escritura. Frente a uma sociedade que encontrava-se imersa em novos valores culturais de individualidade e egoísmo, relações mais superficiais e instantâneas, todas características propostas pela nova vida moderna que se instaurava, Viana, indignada, traduz em palavras e conversa com o pequeno leitor.

As dúvidas e os questionamentos do menino Fabiano parecem infindos e todos eles sem resposta. Solução não existe, porém o leitor se identifica com a personagem, encontrando nela uma extensão de si e um alibi, criando forças para a superação de sua fragilidade. O silêncio conduz a narrativa ao seu final, sem mesmo que se concretize o canto da “Machadinha”.

O JOGO DO PENSAMENTO (1984)

Seguidamente a *O dia de ver meu pai*, encontramos-nos com a narrativa questionadora e indignada de *O jogo do pensamento* (1984), que nos dá as boas vindas na edição de 1984.

Como quem tece um cachecol a que nos aquecemos, a narradora nos aquece com histórias de seu coração que pretende contar à filha numa noite comum. Porém, logo no primeiro parágrafo entendemos o tom insatisfeito com a situação mundial da narradora. A história se inicia assim:

Hoje eu ia contar à minha filha uma história qualquer, como faço todas as noites, mas como lhe explicar que estou pensando em guerra, fome, injustiça, essas coisas que nascem e crescem sem a gente querer, e depois não morrem, por mais que a gente possa querer? (VIANA, 1984, p.4).

Exercendo seu doce papel de mãe, a narradora, que pretendia contar belas histórias de dormir à filha, não consegue esconder que a realidade atual do mundo tem se sobreposto às usuais histórias de ninar.

A narrativa se desenrola numa noite, onde mãe e filha, sozinhas, esperando pelo pai que trabalhava até tarde, são vítimas de uma queda de energia.

A situação, inicialmente um tanto amedrontadora, transforma-se depois em palco para uma brincadeira entre mãe e filha: a brincadeira de adivinhar. O vencedor do jogo inventado pelas duas, e que dá imagens e brilho a uma noite completamente escura, é aquele que adivinhar em que pensa o pai trancafiado até tarde no escritório impedido de terminar o serviço pela falta de luz.

A narrativa fala de um momento íntimo e de proximidade entre mãe e filha. Não nos estranha que a história seja familiar a Viana. O episódio de fato aconteceu, com peculiaridades e distinções a encargo da ficção e do processo narrativo, e Mariana, o nome da personagem é mesmo o nome de sua única filha mulher. Aqui não só a personagem apresenta uma correlação com o real, mas também a história é tecida com base em uma situação similar.

A linguagem simples e propositadamente direta disponibiliza ao leitor acesso e entendimento em sua completude, por meio de uma história tranqüila e

convidativa, que, embora, perdue quase que a completude do livro no escuro, é ao mesmo tempo clarificadora em diversos aspectos.

Vivina de Assis Viana, em entrevista ao site Geração Books, comenta:

Nos anos setenta, aqui em São Paulo, quando havia tempestade, as luzes costumavam se apagar, na Alameda Lorena, onde eu morava. Crianças pequenas, velas, cuidados, limitações, a rotina era conhecida.

Em 84 - eu estava morando em Belo Horizonte -, aconteceu um fim de tarde tão escuro e ameaçador, que não tive dúvida: busquei velas, preparei mamadeiras, fechei janelas e, dever cumprido, fiquei à espera. "O Jogo do Pensamento", então, nada mais é que o resultado de uma escuridão que não veio. Ou veio de outra forma, nas vozes da mãe e da filha, que inventam um jogo possível, quando tudo parece impossível. Jogo em que se descobrem cúmplices e rivais. Humanas, portanto.

De onde surgiu a idéia? Da espera frustrada de uma escuridão, certamente. Por que quis abordar esse assunto? Prefiro acreditar que tenha sido abordada por ele. Por ele e por minha filha Mariana, então com dez anos, que dormia como um anjo enquanto - luzes do escritório acesas - eu escrevia, madrugada adentro, a história-diálogo-monólogo de uma filha esperta e dinâmica, e de uma mãe angustiada e serena.

Se essa história tivesse acontecido - e como eu gostaria que tivesse! - acho que teria sido assim, desse jeito. Exatamente que foi pensada, escrita e ilustrada. (VIANA, 1999)

Aqui, o mundo ficcional surge no ato de emoldurar um momento que aconteceu de fato, transformando o que poderia ser um momento real limitado num momento muito maior do que o real portador de muitos outros elementos. Em outras palavras, temos que no ato de tornar o momento como narrativa de ficção, a escritora apresenta um recorte do momento e o modifica, fornecendo ao leitor informações, recheando seu texto de novas imagens, e que acabam por ampliar e dar grandeza àquele momento, tornando-o pleno de significados e idéias. Para Eco, este movimento de acrescentar indivíduos, atributos e conhecimentos ao mundo real que funciona como pano de fundo possibilita dizer que o mundo ficcional ganha proporções e extensões infinitas.

[...] Descubro que esse é um jogo muito fácil, basta jogar para ganhar. Não é difícil, hoje, adivinhar o que o outro pensa. É fácil. Ele pensa no mundo. Ele pensa nos problemas, nas dívidas, nas histórias, nas dores (e nas cores, por que não?) do mundo. Ele pensa no que eu penso, é isso, o mundo é pequeno e o homem é um só, uma pessoa só. (VIANA, 1984, p.23).

É fácil notar que um livro que fale de desordem mundial, guerras tristes, mães separadas de filhos, não podendo abraçá-los, beijá-los, acaba sendo um livro que fala ao coração de todo leitor. Isso acontece porque a humanidade de uma maneira geral preocupa-se hoje com as condições pelas quais o mundo caminha, sendo este um incômodo comum a muitos.

Sem tom pedagogizante ou moralista, Viana atenta seu leitor para o contexto social do mundo. Ao mencionar que todos pensam em problemas, em dívidas, admitimos nossa igualdade como seres humanos, dotados de sentimentos e situações familiares, particulares, que nos desconcertam e tomam nosso pensamento todos os dias.

Aqui temos, como afirma Viana ser seu objetivo primordial, um momento reflexivo, por meio do qual o leitor tem a oportunidade de pensar com o escritor. Tem-se talvez aqui o momento do qual fala Roland Barthes em *O rumor da língua* (1988), quando afirma a importância do momento em que leitor tira os olhos do texto e executa seu próprio pensamento a respeito daquilo que o texto lhe fala. A completude do texto se dá ali, naquele momento, conforme mostra Viana:

As histórias do mundo chegam pontualmente todas as manhãs, todas as noites, o dia inteiro, pelos jornais, pela televisão, pelo rádio... As histórias do mundo costumam chegar e ficar. Ficam rondando a cabeça e o coração da gente, insistindo, fazendo companhia. Querem ser contadas, comentadas, lembradas, relembradas. E conseguem. Acabam se misturando às histórias que a gente costuma levar as crianças pra cama, à noite, com pijama, travesseiro, olhar de espera. Acabam se misturando às histórias antigas, João e Maria perdidos no bosque, sapo pegando carona em viola de urubu e indo a festa no céu, bode e onça construindo a mesma casa, mas um não sabendo do outro, a Gata Borralheira sempre assentada no fogão, sempre perto do borralho, que é o nome da brasa do fogão de lenha que vai virando cinza. (VIANA, 1984, p. 5).

No trecho transcrito acima, a escritora usa de notícias do mundo, que majoritariamente têm se resumido a notícias trágicas, que assustam e desmotivam a sociedade, propondo um movimento onde estas histórias que maltratam o coração do ser humano, como a pobreza, a fome, a guerra, a orfandade, misturem-se aos contos de fadas, nos quais se estende um mundo pleno de maravilhas onde impera o fantástico e o sobrenatural, contrapondo os pólos narrativos, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade de sua vivência lado a lado, no dia-a-dia das crianças.

Estas narrativas idealistas, os contos de fadas, tocam em suas entrelinhas sobre as descobertas, as possibilidades, falam das carências infantis e das dificuldades de ser gente pequena. Lembramo-nos aqui de que o fantástico parte de uma situação que é vinculada à realidade, propiciando à criança, por meio do elemento ideal, sua desenvoltura e o encontro de seu caminho e suas respostas para determinadas situações, confirmando que é possível usar-se da situação fantasiosa para seu mundo real.

A vela permanece acesa durante quase toda a narrativa, propondo uma penumbra gostosa que ilumina a brincadeira. A chama configura-se como elemento essencial, já que poupa os olhos da escuridão total. O fogo, símbolo do poder, do desenvolvimento do homem e de sua soberania sobre os animais, se faz presente. Representa também a supremacia da belicosidade: até os dias atuais, a hierarquia parece ser clara, sendo mais temidos e considerados mais poderosos os países que desfrutam do maior número de armas de fogos.

De maneira sutil esta condição dialoga com aspectos da narrativa de Viana. O fogo e sua simbologia de belicosidade evidenciam-se quando observamos em diversos momentos a narradora mencionar as guerras, bombas, a tristeza das famílias desfeitas:

... me lembro do Líbano, de Beirute acabando devagar, as mães de lá não podendo passar a mão nos cabelos dos filhos sonolentos, nem depressa, correndo, os filhos não podendo se encostar nelas, não esperando histórias e conhecendo, com certeza, outras realidades além de plástico e tevê. Outros barulhos. Os aviões daqui são uns, a gente viaja neles, os de lá são outros, a gente se esconde deles. As correrias e gritos das crianças na rua, ou nos restos de ruas. (VIANA, 1984. p. 7)

Em mais um momento a voz da autora enfatiza a sua preocupação com os as tristezas de quem vive mergulhado em tristeza e medo por causa da guerra, fazendo com que este tema seja se arraste por grande parte da narrativa.

Olho os cabelos de Mariana sendo acariciados pela mão do pai, penso nas crianças do Líbano escondidas em abrigos anti-aéreos sem saberem de seus pais, me assento perto dos dois, no chão, e sinto o mundo todo perto de mim, rondando, rodando. (VIANA, 1984, p. 20).

O aspecto bélico é trabalhado com expressividade, e o fogo, munindo as armas, incendiando as florestas, exterminando o amor e o respeito do coração dos homens, acentua a ameaça que a raça humana se tornou a si mesma.

O contraponto é feito com expressividade pela escritora na narrativa. Enquanto os pais dos países em realidade de guerras, onde a falta de amor e respeito figuram como carros-chefes, conduzindo e caracterizando toda uma nação, a obra de Viana conta com um relacionamento familiar pleno de carinhos e trocas de experiências, plenas de demonstrações de amor.

Sugerindo informações e análises complementares, a escritora traz também diversas e freqüentes menções à água. As águas, normalmente símbolo da vida, da transformação, aparecem nesta narrativa de maneira particular e distinta.

A narradora mais de uma vez menciona o Mar Mediterrâneo e os oceanos. Brinca quando fala que gostaria de ter um mapa em relevo para poder tocar o mar. Estas águas salgadas, agitadas e embaraçadas pelo vento, distintas por suas grandes ondas conversam com a desordem mundial e com os sonhos afogados de quem vive mergulhado em guerra. Trabalhando com a instabilidade das relações entre os homens, a água salgada e encapelada habita a narrativa de maneira clara e a particulariza. A alta salinidade desta água amarga a boca da sociedade, da escritora, do leitor, água que não mata a sede, mas maltrata e adocece.

Mais uma vez, Viana deixa transparecer por meio de sua escritura um aspecto importante, para o qual atenta com propriedade nas outras obras. Empenhada em trabalhar as falhas e lacunas da sociedade, dá atenção especial ao elemento família. Aqui, diferentemente da família de Fabiano de *O dia de ver meu pai*, este elemento encontra-se estruturado e fundamentado em pais com uma relação sólida, na qual a filha Mariana se firma, com a certeza de ser amada. Mesmo enquanto o pai se encontra no escritório, a trabalho, nunca lhe rodeiam as lutas psicológicas e as dúvidas, já que todas as suas perguntas têm as respostas dadas pela presente figura materna.

Fanny Abramovich, em *Literatura Infantil: gostosuras e bobices* (1995), aborda a obra de Viana, passando por muitos de seus pontos relevantes, que fizeram desta obra bela e cativante, merecedora do *Prêmio Coleção do Pinto*:

Vivina de Assis Viana, em *O jogo do pensamento*, narra a relação terna entre uma mãe e uma filha, e relação das duas com o pai sem que nenhum se perca como pessoa, como individualidade. Há contação de histórias, aconchegos, a sensação gostosa da textura do cabelo, e a força encorajante do aperto de mão, e há temores do que havia sido mágico, na infância da mãe, já não o seria para a menina, que vive na era dos plásticos, da TV, das metrópoles... E também os flashes de tudo o que está acontecendo no mundo, que passam pela cabeça preocupada e informada da mãe... E quando a luz se apaga na cidade toda, no escuro, a brincadeira entre as duas: adivinhar o que o pai estaria pensando naquele momento, em seu escritório... E o que cada uma vai colocando, dizendo, priorizando e mostrando o quanto o conhecem, cada uma a seu modo nos contrapontos de necessidades e vontades diversas. E a constatação de que os problemas do mundo – por ele ser tão pequeno – ser também os problemas e as preocupações das pessoas... (ABRAMOVICH, 1995, p.102-103).

A observação de Abramovich sobre a narrativa de Viana nos aponta, mais uma vez para as possibilidades. A possibilidade do contato familiar fica evidente, enquanto em outras realidades isso figura como uma mera idealização. O dia-a-dia da mãe, adulta, é de desencanto e tristeza com o caminho para o qual se direciona a humanidade, e é o silêncio e a escuridão que trazem pra dentro de casa um momento lúdico, infantil e que parece abstrair a realidade da mente da mãe.

Caminhando para o final do livro, nos deparamos com o retorno da energia na casa.

Depois de algum tempo as luzes se acendem. Mariana se assusta, a gente leva as mãos aos olhos que fecham sem querer, estranhando a claridade. (VIANA, 1984, p. 23).

A luz marca o fim da brincadeira de imaginar, o fim da utopia na qual nada se vê, como se a não-visão marcasse o não-conhecimento das situações externas. A falta de luz foi necessária para que houvesse um convite ao lúdico. A escuridão cegou os olhos das personagens para a realidade e propiciou que a imaginação e a brincadeira, ainda que por alguns instantes, habitassem a mente das personagens.

A narrativa, que conta em seu início com a indignação da mãe por conta das mazelas sociais e das dificuldades em que se encontra o mundo, dá espaço para a inserção da fantasia por meio da imaginação que transita livre pelo ambiente, trazendo doçura e leveza à escura noite da mãe e filha.

Os olhos já acostumados e acomodados com a escuridão, são agora obrigados a atentarem, novamente, para a realidade que, infelizmente, perdura.

SUANDO FRIO (1986)

Sabendo que as histórias tecidas por Vivina de Assis Viana trazem em sua grande maioria personagens jovens e que colaboram para que ocorra uma identificação com seu público leitor, a personagem apaixonada, sofredora de amor, não poderia passar despercebida.

Conhecemos em *Suando Frio* (1986) uma história diferente de todas as outras, trazendo ao leitor uma narrativa calma, apaixonada e apaixonante.

A história narrada em *Suando Frio* entrou nas idéias de Viana numa noite de 1984, depois que ela reencontrou um aluno de suas aulas de francês do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, em 1964. A história ficou morando em sua mente até que a escritora resolveu contar, por meio de um texto com o qual o leitor se emociona, e principalmente, se reconhece de alguma forma.

Suando Frio é uma história narrada por um garoto que, não diferente de muitos, tem uma paixão, das típicas paixões adolescentes, paixões impossíveis e que apenas em sonhos se realizam. O grande segredo que se revela ao longo da narrativa e surpreende o leitor é que a grande paixão do menino é a sua professora de francês.

Viana traz à narrativa, logo no início “O poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade. A personagem apaixonada afirma que a razão para se encontrar em tão torturante situação de amor seria porque provavelmente haveria sido, como Drummond, visitado por um anjo “gauche”.

É evidente que a personagem tem dificuldades quanto à sua identidade. É um menino inseguro e que não pode viver e demonstrar seus sentimentos em sua plenitude, visto que é dono de uma paixão proibida.

A palavra “gauche”, “esquerdo” em francês dialoga com a condição perdida da personagem, que sente-se inapto no mundo, cheio de desejos e paixões impossibilitadas de se realizarem.

O poema de Drummond encontra seu primeiro verso transcrito aqui, a fim de observar os sentimentos do poeta, que ajudam também a definir a personalidade da personagem:

Quando nasci, um anjo torto
 desses que vivem na sombra
 disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida. (ANDRADE, 2005, p. 15)

É possível observar como a escritora busca tratar do sentimento de inferioridade e de exclusão sentidos pelo adolescente, por meio da abordagem de uma personagem e de um poeta desfrutam do mesmo sentimento. Ambos sentem-se avessos a uma realidade, sentindo-se fora dela, marginalizados e perdidos, e desfrutam de tristeza e de pessimismo. O menino, frente a uma paixão platônica encontra-se em muitos momentos triste, desmotivado e vive de sonhos e idealizações, onde seus desejos mais profundos se realizam.

Também nota-se seu sentimento de falta de confiança e de inaptidão para muitas coisas da vida adolescente quando ele afirma que deve ter sido visitado pelo anjo torto de Drummond, pois considera-se também um anjo às avessas: é alto, magro e desengonçado, características que não se aplicam a anjos convencionais, que são “perfeitos, limpos e bonitos”, de acordo com a própria personagem.

É possível observar que Viana busca, então, por meio da tessitura de uma personagem abalada e minimizada, propor ao leitor uma identificação e abrir a ele um mundo de relações e igualdades, de modo que seu olhar sobre esta similaridade de relações trate e amanse suas feridas adolescentes. Durante toda a narrativa “gauche”, Viana permeia o leitor com um texto pleno de sentimentos e principalmente de sensações, que o ajudam a entender-se na personagem.

Na grande maioria dos momentos, o aluno apaixonado está idealizando, sonhando, imaginando, e encontra nos pequenos momentos em classe e alguns fora dela, uma tentativa de conhecer melhor a professora, atentando para os pequenos detalhes que fazem parte da vida da amada:

Entre uma aula e outra, nos intervalos, a gente conversa. Todo mundo, a turma toda. Ela também. Finjo que não vejo os outros. Finjo nada, nem é preciso. Não vejo mesmo.
 Ela ocupa o espaço inteiro, invade, atravessa meus olhos. Dizem que olhos azuis são transparentes. Os meus são. Ela passa por eles com a maior facilidade, flutuando. Como se fosse um anjo. (VIANA, 1995, p. 9).

Novamente o anjo dialoga com a condição das personagens. A professora é um anjo que flutua e atravessa dimensões e sentidos, enquanto o menino, não amado, considera-se um anjo às avessas. Considerados “mensageiros de Deus”, aos anjos perdura a missão de cuidar e proteger as pessoas em suas mais variadas situações cotidianas. Entende-se que o menino não encontra a lacuna necessária para assumir, na vida da professora, o papel de protetor e cuidador, já que é anjo torto.

Mais uma vez o olhar da escritora sobre as relações e as possibilidades se reflete. Trazendo à tona um amor impossível, a escritora dialoga com a dificuldade adolescente em relacionar-se com tantos aspectos novos que agora fazem parte de sua vida. O amor, os abismos de gerações, a transformação de criança para adolescente e posteriormente para a fase adulta ficam por meio da voz da escritora transcritos.

Os olhos e os olhares são elementos que atravessam toda a narrativa e têm uma expressiva participação nela. Os olhos figuram como o órgão essencial da visão, podendo ser meio de expressão dos sentimentos, e podem ser definidos também como as janelas da alma. Em *Suando Frio*, os olhares têm significado especial, pois figuram como mensagens transmitidas:

O olhar risonho me deixou e passeou pela classe, o pessoal se manifestando, dizendo o que achava, sentia ou imaginava ser “gauche”.
 [...]

De vez em quando ela me olha com os olhos tristes. Tento adivinhar o motivo.
 Meus olhares são de um jeito só: azuis e apaixonados.
 Os dela são tranquilos, brincalhões, às vezes surpresos, quase perplexos. Eu queria que fossem apaixonados. Mesmo tristes.
 Quando estão tristes, tento adivinhar o motivo. Podem ser tantos. Problemas com namorado, trabalho, colegas.
 (VIANA, 1995, p. 21)

Por meio dos olhos, Viana imprime na narrativa de poucas expressões verbais, onde o amor tem a necessidade de manter-se escondido e abafado, demonstrações de sentimentos com grande evidência. Os olhos são cartas que trazem e levam mensagens de amor, mensagens de desejo e de saudades de um dia que nunca chegou, mas que esteve vivo em muitos dos sonhos da personagem. Fica nítido que Viana trabalha aqui a timidez e a incapacidade do menino em se expressar com mais propriedade, iniciativa que dialoga com o

acanhamento, com o embaraço e com a dificuldade em encontrar-se a si mesmos, dificuldades típicas da adolescência, período no qual as opiniões e os juízos ainda estão em formação, criando raízes e se formando com cautela.

Novamente Viana insere como elemento complementar o trabalho com a cor, que dá margem a interpretações mais significativas da narrativa. A cor azul dos olhos do menino brinca com a característica melancólica e dependente que a cor abriga, apontando para a condição “esquerda” do garoto na história, perambulando a narrativa toda em busca da aprovação da professora, tentando dizer sempre a coisa certa, dar o presente certo, estar a sós com ela na hora certa, se esforçando em ser e dizer aquilo que a professora quer ter e ouvir.

Aqui é o cotidiano escolar que toma o lugar na narrativa. Palco de grande parte das memórias, tanto do menino apaixonado da narrativa de Viana, quanto do leitor mirim, a escola é o ponto comum entre eles, que remete a lembranças de todas as naturezas, que variam entre momentos de descontração e brincadeiras até momentos de estudo e responsabilidade.

De maneira interessante, notamos na entrevista concedida por Vivina de Assis Viana o quanto a escola e o professor proporcionaram experiências que marcaram profundamente sua vida. É notável o quanto esta instituição ofereceu-se como pano de fundo para milhares de histórias e acontecimentos marcantes. Da mesma maneira se coloca Fanny Abramovich (1995):

Com 7 anos, no Mackenzie, minha professora – Dona Nicota – nos iniciou nos mistérios da cartilha do povo... Tenho viva, gravada, a primeira página até hoje: uma imensa mão, onde cada dedo apontava pruma [sic] vogal: a-e-i-o-u... (ABRAMOVICH, 1995, p. 11).

A professora, aparentemente figura de autoridade e responsabilidade, encarregada da condução e disciplina da sala de aula, deixa no depoimento de Abramovich, na entrevista de Viana e na narrativa de *Suando Frio*, uma marca um tanto inédita, da autoridade como objeto de amor, admiração, apontando para a experiência positiva de crescimento pessoal dos alunos.

De acordo com Erikson (1987),

Repetidamente, em entrevistas com pessoas especialmente dotadas e inspiradas, é-nos dito espontaneamente e com particular veemência que um professor pode ser creditado por ter acendido a chama do talento oculto. (ERIKSON, 1987, p. 125).

Ao longo de sua obra que se preocupa em discutir a questão da identidade, Erikson abre um parêntese quando aponta para o amor adolescente como uma busca pela identidade própria. Para ele, ocorre uma “projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, vendo-a assim refletida e gradualmente aclarada” (ERIKSON, 1987, p. 133). Teríamos, então, que o menino apaixonado encontra na professora uma tentativa para alcançar uma definição para ele próprio.

Em Viana, a identidade adolescente, tanto quanto as problemáticas desta fase são abordadas. A autora busca tratar com este leitor, por meio da narrativa, as mudanças do corpo, a desvalorização a que se submete o adolescente, depreciando demasiadamente suas características. Em trechos como o que se segue, observamos como isso acontece:

Nem sei como é que esse terno, há algum tempo no armário, vai ficar em mim. Sei como vou ficar nele. Vou ficar do jeito que sou. Desengonçado, magro, comprido, meio “gauche”. (VIANA, 1995, p. 5).

Observa-se a preocupação da escritora em valorizar aspectos que dificultam a passagem pela adolescência. Inconstâncias e sentimentos de falta de afirmação ficam aqui evidentes e não são tratados com descaso ou desdém, mas encontram-se relatados com seriedade e sentimento verdadeiro, corroborando o movimento de Viana de inserir-se na narrativa, vivendo a problemática, valorizando e tratando o assunto não “para” o leitor, mas “com” este leitor.

A condição de não-anjo adolescente vivido pelo menino, com propriedade dialoga com o cotidiano de outros adolescentes. O físico desengonçado provocado por um crescimento desigual que ocorre na adolescência colabora para que a personagem não se encontre nas convencionais definições e descrições da figura do anjo.

Mais uma vez o projeto autoral evidencia uma preocupação com as simbologias e os elementos complementares que colaboram tão bem para uma interpretação mais completa da idéia que Viana deseja imprimir. Em certo momento, quando a personagem faz menção à cor de seu quarto, podemos entender mais uma vez o quanto Viana propõe o comprometimento da identidade do menino apaixonado:

De costas, tênis em cima da colcha, cabeça apoiada em duas das mãos cruzadas sobre o travesseiro, olho o teto. Nem tão branco como o de um hospital nem tão colorido como eu gostaria.

Meu teto tem uma cor vazia que meu professor de artes classificaria na hora: neutra. (VIANA, 1995, p. 23)

Palavras como “neutra” e “vazia” constam na definição do menino do que é seu quarto, seu mundo, e as cores deles. Aparentemente existe uma falta de colorido na vida do garoto por conta de sentimentos e sofrimentos dos quais ele desfruta naquele momento: sofrimento, não realização pessoal, não aceitação e sentimento de exclusão.

Por meio do uso da cor “neutra”, Viana busca refletir com propriedade um interior abalado e uma vida aparentemente sem sentido e sem perspectivas, apontando para o vazio existente no coração do aluno pela impossível realização do inocente amor.

A família em *Suando Frio* aparece um pouco mais esmaecida do que em outras obras da escritora, sendo mencionada a existência da mãe e da avó da personagem em apenas um momento ao longo da narrativa. Talvez aí resida outro grande objetivo da escritora: tratar esta transferência da figura materna, pois a mãe pouco participa da vida do filho, e o garoto acaba encontrando na professora e na escola, uma extensão da família e do lar. É possível que aí se encontre mais um motivo para o apego do menino à professora, já que ela é uma das figuras mais presentes em seu dia-a-dia, aparentando a existência de um relacionamento quase que materno por parte da professora.

É importante ressaltar que movimento similar ocorre em *O dia de ver meu pai*, quando Fabiano, descrente em encontrar na mãe respostas para suas dúvidas, adianta-se em afirmar que procurará explicações a amigos ou vizinhos.

É possível atentar para a preocupação da escritora para com os relacionamentos familiares não se anula, porém se ratifica a cada análise, encontrando nas mais particulares narrativas seu ponto comum.

As preocupações com a maioria, o conceito de liberdade e o desejo de ser emancipado também não deixam de constar na narrativa, visto que são desejos adolescentes:

A gente custa muito a fazer dezoito anos, Tenho vontade de entrar numa boate, mas minha idade não deixa. [...] Entramos na casa dela. Uma república de estudantes igual a tantas outras espalhadas pela cidade. Só conheço essa, mas sei de muitas.
Invejo a vida que levam. Saem quando querem, voltam se quiserem, ninguém vigiando, cobrando, implicando. (VIANA, 1995a, 1995b).

A discussão sobre a liberdade na adolescência permanece até hoje nos meios de comunicação. Em um estudo sobre a veiculação da imagem do adolescente nestes meios, Ana Cristina Teodoro Silva em *Juventude de Papel* (1999, p. 42), chama a atenção para o assunto que parece nunca deixar de se relacionar com a conduta adolescente, ou *teen*, que é a liberdade. De acordo com Silva, para os *teens*, esta independência significa tomar decisões por si próprios e agir independentemente da opinião e das regras dos pais. Aqui não é diferente, como notamos em trechos que mencionam o desejo do jovem em sair e voltar quando quer, sem ninguém “cobrando, implicando”.

Encontramos, como já mencionamos, nesta obra e em muitas de Vivina de Assis Viana, um desejo por parte da autora de abordar assuntos pertinentes à sociedade, que variam entre assuntos da esfera econômica, política, até muitos outros, sempre com o objetivo de atentar o leitor para o mundo em que ele se encontra, fazendo dele um adolescente informado e pensativo sobre seu passado, presente e o que está por vir. O livro de Viana enfatiza o ano da revolução e da implantação da ditadura militar, que teve os jovens como personagens de prestígio, de conduta brilhante por sua preocupação com o futuro e com o presente.

Em trechos como os que se seguem, observamos de que maneira as informações sobre o mundo permeiam sua narrativa:

Muita gente andou presa. Muitos professores, do nosso e de outros colégios.

O começo foi mais ou menos na segunda metade de maio, logo depois da revolução do dia 31 de março. Mil novecentos e sessenta e quatro. Escrito assim, por extenso, fica bonito, solene. Mas assim – 1964 – não. Fica do jeito que é. Uma data triste. Ficamos sem aula por um tempo [...] Sonhei com soldado, exército. Militares.

Sonhei que o Castelo Branco, esse general que ficou no lugar do Jango, não largou mais o poder, foi ficando.

Vinte anos.

O Brasil perdeu a copa de 66 em Londres, ganhou a de 70 no México, perdeu a de 74 na Alemanha, a de 78 na Argentina, a de 82 na Espanha, e ele na Presidência.

Muitos brasileiros perderam seus direitos civis, outros foram exilados, torturados, mortos e ele na Presidência.

Juscelino morreu, Lacerda também, Jango, e ele na Presidência. Chico Buarque foi exportado pra Itália, Caetano pra Londres, Vandrê sumiu, Lupiscínio Rodrigues morreu, Sidney Miller, Torquato Neto, e ele na Presidência.

Carlos Drummond – o do anjo torto – fez 80 anos “gauches”, Pedro Nava, cansado, se suicidou, Guimarães Rosa, emocionado, morreu, Osman Lins, Erico Veríssimo, e ele lá na Presidência.

O povo nunca mais votou e ele lá, firme. (VIANA, 1995a, 1995b)

A escritora faz referências a eventos que dizem respeito à política, ao futebol, enfim, a eventos que merecem atenção por sua singularidade e especialmente porque marcaram a história de uma sociedade, que é a nossa.

As referências são significativas, trazendo nomes que com singular comportamento colaboraram para emitir e tratar um sentimento de todo um povo que, da mesma maneira, vivia asfixiado e abafado por conta das circunstâncias da época.

Aparecendo também em outro momento da narrativa, temos Walt Whitman, poeta americano marcado pela exaltação do homem moderno com otimismo. No livro *Suando Frio*, Whitman é citado como sendo a leitura favorita de um dos colegas da personagem central. Caracterizado em suas escrituras pelo sentimento altruísta, preocupado em não apenas abordar e trazer a tona batalhas individuais, mas por observar também as dificuldades da vida de sua nação, produzindo uma literatura ufanista e atenta, Whitman parece dialogar com o sentimento da escritora demonstrado ao longo da narrativa, bem como com o contexto do país na época de *Suando Frio*, quando a sociedade sofria e desfrutava de um sistema político repressor que permeia a história com um sentimento de tensão e tristeza.

Canções de Vinicius de Moraes, entre outros músicos são também mencionadas, pois a bossa nova encontra-se extremamente atrelada à música de protesto, forma de expressão que, com propriedade, erguia-se como a voz do país, a voz da sociedade, em especial na época de juventude da escritora. Fica nítida a importância e a relevância da música na vida de Viana, que imprime a mesma importância na vida de suas personagens, que cantarolam melodias, citam letras de músicas, dando ritmo e poeticidade às narrativas. Em *Suando Frio*, trechos da composição de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra “Macha da Quarta-feira de Cinzas” encontram-se transcritos, relatando o desânimo e a falta de perspectivas da nação,

seu sentimento de agonia e anonimato em meio a um cotidiano marcado pela carência de liberdade e de expressão.

Umberto Eco (1994), quando menciona a presença do mundo real na narrativa, ou no mundo da ficção, aborda a importância da questão da condução de informações do mundo primeiro para o segundo. Para ele, fica a cargo do elemento ficção os acréscimos, supressões, entre outras mudanças que possam haver no texto, mas observa-se sempre traços que partem da realidade vivida de um autor em seus escritos.

A ditadura e o presidente Castello Branco, elementos do real, aparecem presentes na narrativa ficcional, caracterizando e dando um rosto para a narrativa realista da escritora, que viveu, sentiu e respirou os ares desta repressora década. Ainda que este leitor esteja totalmente conscientizado com a ficcionalidade da narrativa, tem contato, por meio dela, com o mundo real. Ainda que não tenha vivido naquela época, e partilhado daqueles acontecimentos, participa da recepção de informações quando confia no autor que lhe transmite os dados. Apreciamos e nos delicias com a música de Caetano Veloso, e temos certeza de que ele sentiu de fato sensações marcantes e que o inspiraram a compor uma das canções de mais prestígio de nosso país, ao cruzar a Ipiranga e a Avenida São João, ainda que não conheçamos Caetano, e nem tenhamos sequer cruzado esta esquina.

Também é possível observar que ao longo da narrativa Viana introduz muitas vezes o elemento *sonho*. Sonho da professora em desfrutar de dias melhores, sonhos do menino de ser homem, e de se o homem da professora de francês. Também observamos que o menino dono de um amor platônico pela professora narra muitas vezes os momentos em que dormiu e sonhou. Com frequência o aluno sonha com a professora, sonha que está na boate, vendo-a cantar, sonha que a professora é a Nara Leão, cantora preferida dela, sonha com exército.

Ao enfatizar o fato de o menino sonhar, Viana mostra que é no sonho que se concretizam os desejos do aluno, que vive de anseios escondidos e apenas realizados na imaginação. Também, pelo fato de ser de uma geração de adolescentes sonhadores e lutadores, Viana talvez encontre no sonho a realização daquilo que na complicada vida do dia-a-dia parece impossível de tornar-se real.

A menção aos sonhos é relativa à condição dos contos de fadas, que falam dos sonhos mais belos, das fantasias mais ternas e perduram até hoje,

por permitir que se viva por alguns instantes da maneira que o inconsciente deseja, sem limites de espaço e tempo, de idade e de responsabilidades. Os sonhos, assim como as fadas, ou como os anjos, podem tudo, abrem todas as portas, viajam por todas as dimensões, alcançam qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo.

As personagens desta obra são compostas por professora e alunos. Tonho, Sérgio, Milton, Walter, entre outros, circulam pela narrativa sendo parte do grupo de convivência do menino apaixonado.

A título de curiosidade, questionei Viana, num e-mail enviado em outubro de 2004, sobre as suas personagens. Disse a ela que havia lido *A personagem*, de Beth Brait (1990), e que a escritora havia, ao final de seu livro, coletado vários depoimentos de escritores, e que todos falavam de seu processo de criação das personagens: alguns inventavam, outros baseavam as personagens em pessoas conhecidas, outros misturavam, criando personagens metade ficção e metade real, enfim, cada autor preferia fazer de uma maneira, e mostrou ali sua preferência. Falei, então, que eu gostaria de saber de Viana, como surgem, em sua maioria, as personagens de suas obras. De acordo com ela:

Personagens de Suando Frio? Todas reais.

Um deles, o Marco Antonio Guimarães, o Tonho, queria ser músico. Alguns anos depois, criou o Uakti, grupo de música experimental. Hoje, com apresentações pelo mundo todo, o grupo ainda é dirigido por ele, com quem ainda tenho contato.

Sérgio, que queria ser jornalista virou meu afilhado de casamento e, hoje, dirige a Agência Estado, do jornal Estado de São Paulo.

Loló conheceu meu cunhado no dia do meu casamento, acabaram namorando, se casaram, nossos filhos são primos.

Consuelo, que sonhava ser psicóloga, há muitos anos é psicóloga, aqui em São Paulo, e também virou minha afilhada de casamento.

Walter dava cheque-mates durante as aulas, estudou Química, trabalha em Campinas, com fibra ótica.

Um dos alunos, o nome não apareceu no livro, foi sorteado para meu padrinho. Vestiu terno, gravata, compareceu. Antes, levou um balde de gelo para o casal. Alguns anos depois, fui convidada para ser madrinha de casamento dele. Era promotor, morava no interior de Minas. Não pude ir. (VIANA, 8 de outubro de 2004).

Depois, ao longo do e-mail, Viana conta como o reencontro com este aluno vinte anos depois, agora promotor, deu origem à narrativa que ela vinha há anos pensando na abordagem a fim de falar sobre os tempos do Colégio de Aplicação.

Ela conta que no desenrolar da conversa, tão cheia de revelações que ela jamais conhecera, descobriu o núcleo da história que iria escrever: A história de um aluno apaixonado pela professora. Aqui, mais uma vez, temos um momento real e pessoas reais que se encontram registrados e transcritos pela memória de Viana, adicionados de elementos, de sensações, de acontecimentos que eternizam e ampliam as fronteiras da ficcionalidade.

De acordo com ela,

Minhas personagens são assim, reais. Existem por aí, e eu as conheço de vista, de pouco contato, de muito. Às vezes, eu as misturo, e a salada costuma dar certo. Às vezes, quando precisa, eu as invento, mas é raro. (VIANA, 8 de outubro de 2004).

Ficção e realidade se misturam e dão origem a figuras e situações únicas, que, originárias da mente do autor, caracterizam-se como interessantes e distintas particularidades.

A história de *Suando Frio* encerra-se com a não concretização do amor entre aluno e professora, devido a inúmeras incompatibilidades que tornam o amor proibido.

O aluno apaixonado é sorteado na formatura para acompanhar a professora, mas não contente com a posição de acompanhante, revela, em meio a lágrimas e muita tristeza, que a única maneira de sentir-se feliz seria se ele pudesse ser de seu grande amor, o noivo.

A narrativa tecida linha a linha por Viana de maneira simples e de linguagem de fácil acesso, toca na temática amorosa e atinge o leitor jovem, brinca com as possibilidades e incompatibilidades da vida, toca a fundo nos sentimentos e nas conformidades propostas pelo dia-a-dia, trazendo ao leitor jovem uma identificação proposta em especial por um tema tão comum nesta fase, o amor platônico.

O MUNDO É PRA SER VOADO (1988)

Em *O mundo é pra ser voado* (1988), conhecemos uma outra personagem que é penalizada pela mudança de cidade a que se submeterá a família, e assiste ao desmoronar de sua relação amorosa, sem poder fazer muito para que ela perdue.

Vivina de Assis Viana compartilha em entrevistas e outros meios, a necessidade que sente em denunciar aquilo que a incomoda e a entristece, por isso compartilha com o leitor por meio da temática desta obra de 1988 o processo sofrido da mudança da família de cidade em cidade.

No caso de *O mundo é para ser voado*, temos uma narrativa que acontece em primeira pessoa, contada por um adolescente de quinze anos que descobre, pelo choro abafado da mãe, pelo silêncio dos pais e pelos sussurros deles ao telefone, que algo estava errado. Um dia, no café da manhã, ele é avisado que a família ia se mudar de cidade. De novo.

No prefácio desta obra tão sensível, observações sobre as mudanças são feitas, retratando-a como uma difícil experiência em que todos sofrem, obrigados a deixar para trás aquilo que custaram a cultivar em seu convívio naquele lugar.

O passado vêm à tona na narrativa com grande frequência, marcado por contações de histórias da personagem sobre sua infância, antigas amizades, antigos hábitos, antigas namoradas, e é encaixotado e abafado junto com as lembranças e com os sonhos toda vez em que acontecem as mudanças da família.

Observa-se que Viana, ao brincar com o movimento retrospectivo, propõe uma tentativa de rememorar aquilo que fica subentendido como um tempo passado mais feliz e mais próspero. A infância parece aqui mais prazerosa e configura-se como parte importante do passado que precisa morrer quando a ordem é seguir em frente.

Os antigos brinquedos, já velhos, quebrados, por vezes inúteis, acompanham a família, que não se desfaz deles, em nenhuma das mudanças. Tratando da condição dos sentimentos das personagens a cada mudança, figuram como parte de sua identidade e de sua constituição como pessoas.

Viana alega que a temática veio à tona quando percebeu dentro de sua família o estilo de vida “cigano” que vinham levando, forçando os filhos a desmanchar laços desenvolvidos em cada lugar diferente por onde passavam.

A crítica da escritora também se direciona aos desmantelados relacionamentos que abarrotam a sociedade contemporânea. Numa espécie de refrão, em situações de demonstrações de carinho entre a família da obra existe a constante repetição da frase: “Algumas pessoas passavam, olhavam, seguiam. Uma delas disse que aquilo era bobagem”. (VIANA, 1991a, 1991b). O comportamento desleixado e descrente da massa populacional das cidades em relação aos importantes momentos de afeição e carinho trazidos pela família da personagem fica nítido. O relato da personagem aponta a possibilidade da percepção desta superficialidade e da indignação frente a tanto descaso e desapego.

Viajando pelos olhos e pela mente do jovem narrador, temos acesso a todas suas dores, ora tolhidas, ora extravasadas, motivadas por um só sentimento: a tristeza pela necessidade de se pensar em um recomeço, quando a sensação é a de que as coisas da vida estão devidamente em seu lugar; o abalo das estruturas e a dúvida entre estar com a família ou com a namorada, diante da possibilidade de escolher entre ficar ou ir.

Em *O mundo é pra ser voado*, a constante busca da família brasileira por melhores condições de vida é trazida à tona, para ser conversada com o leitor. Encontra-se aqui o retrato da família de mentalidade totalmente convertida ao capitalismo, numa busca por melhores condições sociais. Em *Romantismo e Messianismo* (1990), ficam evidentes as características da sociedade influenciada pela Revolução Industrial, sempre pressionada ao ritmo de produção acelerada e demandando esforços ao seu máximo, assemelhando-se às máquinas que vinham tomando lugar na época.

Quando questionado sobre os motivos que levaram a família à necessidade de mais uma vez, passarem por uma mudança de cidade, o pai da personagem da história responde:

Sem gritar, ele tentou, mais uma vez, explicar: As condições de trabalho são melhores numa cidade maior.
 - O desemprego, lá, é maior também – me agarrei ao primeiro argumento que me passou pela cabeça.
 Ele concordou: num país subdesenvolvido como o nosso, os problemas crescem com as cidades. Quanto mais povoadas elas se tornam, maior a miséria... (VIANA, 1991, p. 32).

A família surge nesta obra de Viana, assemelhando-se à família de *O jogo do Pensamento*, como uma instituição estruturada e firme em suas bases. Pai e mãe, embora muito trabalhadores e vítimas das correrias da vida moderna que exige a cidade grande, dispensam grande afeto e atenção aos filhos, não apenas notando suas dificuldades com as mudanças, mas também sendo fonte de importantes diálogos que dão peso à narrativa. Os filhos são obedientes, submissos aos pais, por vezes diferenciando-se do usual que se tem por modelo nos relacionamentos pai-filho do mundo moderno.

Os capítulos “Feliz da Vida” e “Diálogo” relatam belos momentos entre filho, mãe e pai, nos quais a conversa franca, o carinho e os sentimentos brotam e passeiam por entre os membros da família, que choram juntos, se tocam e, principalmente, se entendem.

Minha mãe, no escuro da sala – foi ficando noite devagar -, deslizou a mão pelo meu rosto, carregando minhas lágrimas. Há algum tempo descobri: chorar é bom. (VIANA, 1991, p. 30).

O choro e as lágrimas encontram permissão para fazer parte da doída decisão do menino, e apontam para o fato de que ele não deixa de ser gente grande porque chorou. O garoto é entendido pelos pais como sendo responsável por suas decisões, e eles compreendem que é determinação dele mesmo ir ou ficar, com lágrimas, com sentimentos, ou não.

Diante da possibilidade de não deixar a cidade, opção dada pelos pais, ao presenciar a dor do adolescente em partir, deixando as amizades e a namorada, a personagem, permeada de dúvidas sobre suas escolhas, deixa transparecer por alguns instantes sua fragilidade de menino:

Ceguei pra mais perto do sofá.
 - Quero ir com vocês e ficar com ela.
 - Isso não é possível. Agora.
 - Eu sei.
 Ele passou a mão na minha cabeça:
 - São Paulo não é noutro planeta. De vez em quando, você vem pra cá.
 - Será? – eu queria ter certeza.
 - Será. – ele tinha certeza. (VIANA, 1991, p. 34).

Frente à importante decisão entre ir e ficar, as dificuldades e as distâncias aparentam serem maiores, e mais complicadas de serem lidadas. Mudar para uma cidade grande não é sinônimo de liberdade e amplitude de espaço, por outro lado, só reforça o sentimento de asfixia e desnorteio da personagem.

Deixando à mostra suas características adolescentes: perdido em meio à necessidade de crescer e a vontade de ser criança, a necessidade de se mostrar maduro, querendo ser apenas ele mesmo, o menino, com a mãe, deitado no escuro, confessa:

Ficamos calados, abraçados. Cansados. Tive vontade de passar a mão na cabeça dela. Dizer que eu era um homem. Não se preocupasse. Um homem capaz de casar naquele minuto e sair correndo pra Dinamarca. Não duvidasse. Um homem de quinze anos, feliz da vida... (VIANA, 1991, p. 31).

Ainda que os sentimentos estejam desencontrados e aparentemente contraditórios dentro do próprio coração da personagem, apontando para características típicas adolescentes, temos a presença dos pais, o carinho e o toque, que são fundamentais para embalar e ser suporte no momento em que razão e emoção se fundem e apartam qualquer tipo de clareza.

No decorrer de toda a narrativa, o ambiente rural é tratado com muito prestígio. Morada dos avós, o sítio é palco das lembranças do jovem narrador, juntamente à natureza que lá existe. Por serem amantes dos animais e da tranqüilidade da área rural, fica evidente o sofrimento do narrador e da família em momentos em que ele faz o movimento de retrospecto e comenta sobre sua infância em meio à natureza. O ambiente rural figura como o lugar indefectível das realizações pessoais, extensão da parte prazerosa e divertida da vida.

Destaque especial para o “canarinho do bico torto” que acompanha a família durante quase toda a narrativa. O pássaro, que estava antes no sítio e depois vai com a família para a cidade grande, atravessa toda a narrativa como se não coubesse em ambiente algum. Além de viver trancado em apartamento, o bicho fica ainda mais perdido depois que os funcionários do caminhão de mudanças avisam a família que “coisa viva” não pode ser transportada.

O pássaro na gaiola passa o tempo todo fechado, carregado pra lá e cá, tomando sol da manhã na varanda e ficando à tarde em casa amuado, vivendo na rotina de quem mora em apartamento. Fica visível a relação próxima entre a

personagem principal e o canarinho: ambos presos e obrigados a viverem no seu espaço confinado, vivendo de imagens de um mundo que ali não cabia. Quando o canarinho morre, no tombo da gaiola, alguns elos se quebram e obrigam a família a seguir em frente, violentando as lembranças da fazenda que o pássaro representava.

Num momento de contação de histórias da infância, a personagem relembra a história de um frágil passarinho que a avó cuidava. Um dia, querendo aquecer o bicho, colocou-o no bolso, cobrindo-o com a palma da mão e acidentalmente dormiu. O passarinho morreu asfixiado. Fica evidente que o processo de cuidado com o bicho parece não pertencer ao seu natural. Bicho não vive como gente e não se esquentava com blusa de frio. E gente, será que sabe viver como bicho? Solto demais, como animal de floresta, ou preso, como bicho de zoológico?

Em especial neste momento, a obra conversa com *O menino e o pinto do menino* (1975), de Wander Piroli, que retrata o cotidiano de um menino que ganha da professora um pintinho e suas dificuldades diante da impossibilidade de o bicho se adaptar ao ambiente que não lhe pertence, o apartamento.

Em *O mundo é pra ser voado*, cada dia do encaixotamento da mudança é narrado, e aos poucos o apartamento vai ficando vazio, junto com o coração das personagens. A ida pra São Paulo representava uma nova adaptação na cidade onde tudo era muito maior e mais complicado do que se podia pensar.

Enquanto ajudava a encaixotar os livros da mãe, a personagem principal encontra-se com o livro *Os meninos da Rua Paulo*, de Ferenc Molnár. Esta belíssima obra traz ao leitor amostras de como a infância pode ser tão doída e tumultuada quanto a maturidade. A batalha de diferentes grupos de crianças por um terreno baldio, que figuraria como a base do grupo, onde vencer significa a permissão para ser superior e livre, esboça, na verdade uma luta em favor da liberdade e da evasão. O egoísmo e a superioridade, combinado à singeleza e à força do trabalho em grupo, tendo como pano de fundo uma sociedade capitalista em Budapeste, ficam evidentes, apontando para uma Rua Paulo que é, na realidade, a representação de realidade de outras ruas como essa.

A luta dos meninos da Rua Paulo em favor desta liberdade e da felicidade fica evidenciada nas relações atuais, e em especial dialoga com o livro de Viana, já que a família vive em uma grande guerra em busca de uma vida melhor, de

um campo de batalha mais vantajoso onde se possa lutar pela sobrevivência com mais benefícios e melhor posicionamento.

Além da menção constante das personagens à sua dificuldade de entendimento do porque da mudança, outros elementos trazidos pela voz de Viana ajudam-nos a observar a problemática da mudança de casa e de vida. De maneira representativa, a mesa de almoço da família, não preparada para mudanças, feita de madeira pesada, de pregos não feitos para serem arrancados, recusa-se a passar pela porta do apartamento:

Meu pai e minha mãe têm essa mesa há muito tempo. Grande, pesada. Com um defeito imperdoável para uma família cigana como a nossa: não desmonta. Não tem um parafuso, só pregos. Enormes. Toda vez que a gente muda, minha mãe jura, promete e ameaça: - É a última vez que isso me acontece. Quando chegarmos lá, vou chamar um carpinteiro e pedir que resolva esse problema de uma vez por todas. (VIANA, 1991, p. 52).

A mesa antiga, carregada de significado, de histórias, local de tantas reuniões familiares é o símbolo da resistência e do medo da mudança. Algumas coisas, como a mesa, são feitas para ficar. Entram pela porta e não têm plano de sair por ela. Assim, não se deixam levar com facilidade, e só quando o batente da porta é arrancado é que ela sai, à força e machucada.

O contexto social, político e econômico, como em *Suando Frio*, também aparece de forma expressiva na obra ganhadora do Prêmio Jabuti de Literatura Juvenil de 1989 e marca um momento da história. Em trechos como o subsequente, o leitor, além de acompanhar a narrativa, participa do mundo que serve de pano de fundo para a narrativa, e que se apóia de fato no mundo real, como eventos políticos e econômicos.

[...] Nasci no final do chamado “Milagre Brasileiro”, os jornais têm falado em grandes conquistas e enormes misérias; grandes empreendimentos – Itaipu – e maiores desempregos; grandes sonhos – ah, a campanha das “diretas já” – e decepções sem tamanho. A gente acredita, depois tem que desacreditar. Grita “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. (VIANA, 1991, p.27).

Mais uma vez a música de protesto configura-se como elemento de grande importância para o projeto literário de Vivina de Assis Viana, e colabora para

trazer à narrativa o espírito de liberdade desejada, de sonho não realizado. A contradição entre as conquistas e as misérias da sociedade não deixa de aparecer e reconhecer que em tudo e para tudo, há o sonho, mas há também o medo.

O modelo do menino apaixonado e em processo de sofrimento por saber que deve deixar a namorada para trás, em *O mundo é pra ser voado*, distancia-se do tipo de relacionamento que a cidade grande e a cultura do consumo introduzem, que é o dos relacionamentos mais desligados e descompromissados.

O que fica proposto pela voz da escritora é que em meio a tantas inversões de valores provocados pela ganância e pelo egoísmo, algumas importâncias, com algum custo e esforço, acabam se conservando.

De acordo com Christopher Lasch, em *O mínimo eu* (1986), a ganância da escolha de muitas coisas de uma só vez, com dificuldade de priorizar poucas, é um traço da sociedade de consumo que se instaura na cidade grande. A personagem de *O mundo é pra ser voado*, contrariamente aos relacionamentos típicos da fugacidade da cidade grande nutre, até o fim, seu amor de escola, demonstrando sempre o apreço e o cuidado com a namorada. Percebe-se, conforme já mencionado, o mesmo tipo de atitude familiar. Os membros da família desfrutam de um relacionamento estreito e de proximidade.

Caminhando para o fim da narrativa, ocorre a despedida do casal de namorados, que acontece na esquina próxima ao colégio.

Pagamos a conte e saímos, calados. Na primeira esquina, parei:

- Posso te dar um abraço, aqui, no meio da rua, ou você fica chateada?

- Eu quero – ela disse.

Ficamos calados e abraçados. Muito tempo. Algumas pessoas passavam, olhavam, seguiam. Uma delas disse que aquilo era bobagem.

- Tem que ser na rua?

Tinha que ser em qualquer lugar. Não sei quanto tempo ficamos ali, calados e abraçados.

Uma vez, vi um casal assim, no aeroporto. As pessoas iam e vinham, apressadas, e eles não viam ninguém. Com os olhos fechados, apertavam cada vez mais o abraço. Fiquei olhando e pensando qual dos dois iria viajar. E me perguntando por que tinham que se separar. (VIANA, 1991, p. 50).

A cidade grande, as ruas, as pessoas apressadas que passam servem de palco para um abraço apertado, demorado e sem palavras. Por meio da reflexão da personagem a respeito das mudanças e das separações, num momento em que os questionamentos voltam a habitar seus pensamentos, fica evidente na

escritura de Viana uma tentativa de trazer ao leitor esta reflexão sobre os equivocados valores da sociedade, suas falhas e suas perdas. Com a menção do aeroporto e dos aviões, a condição de fugacidade, de velocidade, de aumento das distâncias, categorias que dizem respeito à modernidade e a vida na cidade grande ficam evidentes.

A preocupação com uma dissolução de valores e suas conseqüências, em especial ao que diz respeito às crianças, habita a narrativa de forma permanente.

A narrativa termina com a família adentrando o novo apartamento. Olhando pelas grades da janela, a personagem vê o caminhão de mudanças chegar e trazer com ele os velhos móveis e a nova rotina em família e individual.

SABE DE UMA COISA: DIÁRIO DE UMA ADOLESCENTE (1989)

A fim de, mais uma vez, atentar para a maneira pela qual Viana introduz seus pensamentos e conceitos por meio de sua escritura, faz-se importante a menção à obra *Sabe de uma coisa: diário de uma adolescente*, livro de 1989.

Nesta obra, Viana nos apresenta Teresa, uma personagem que nos propõe uma leitura num livro feito diário, onde suas confissões, desejos, dúvidas, entram em contato direto com o leitor, que tem acesso a todos os pensamentos que permeiam seus escritos confessionais.

Teresa é uma adolescente de dezesseis anos que vive na década de 80, e que como todas as outras, sofre as dificuldades e as alegrias de menina, as paixões da idade e as dúvidas frente ao sexo e à responsabilidade de crescer.

A narrativa de Viana é, como sempre, muito descomplicada e direta. Espécies de capítulos formam o livro, sempre marcados pelo dia, mês e ano. A cada dia, Teresa vai compartilhando com o leitor seja um aniversário que acontece naquela data, às vezes um fato histórico, uma tristeza, ou uma briga com a mãe.

Mais uma vez tratando da temática familiar, Viana, preocupada em compartilhar com o leitor as mais distintas peculiaridades dos relacionamentos familiares, aborda em *Sabe de uma coisa?* uma família estruturada. A família toda mora junto e aparentemente desfruta de um relacionamento saudável. O que fica

evidente e é de fundamental importância para atingir o que a autora deseja compartilhar na narrativa é a ausência destes pais, que trabalham demais, propondo para Tereza um relacionamento muitas vezes deficiente em amor, em contato físico, e em esclarecimentos e dúvidas de Teresa. Talvez por isso se explique o procedimento da menina para compartilhar angústias e alegrias: o uso do diário.

De acordo com a psicologia, o uso do diário configura-se como um processo extremamente revelador sobre a personalidade da pessoa, da personagem.

Aparentemente, escolher compartilhar sentimentos com um diário pode significar uma dificuldade grande no compartilhamento de anseios e emoções com outras pessoas, sejam colegas, sejam familiares, acontecendo por diferentes razões, como uma timidez excessiva, algum tipo de trauma ou desencanto, ou falta de identificação com outrem.

A personagem Teresa, embora conviva, conforme já mencionado, em um meio familiar concreto, não deixa de demonstrar em diversos momentos da narrativa, a falta de respostas e o descontentamento provocado por grande parte das conversas com a mãe, que pouco tem de esclarecedoras:

Vinte e três:

Pedi a minha mãe que tomasse café devagar.

- O que foi? – ela me olhou, séria.

- Queria conversar um pouco.

- Algum problema?

- Não, acho que não. Dúvidas.

- Vamos lá, filha.

- Sabe, mãe. Essa história de camisinha. Quanto mais leio, converso, mais confusa fico.

- Eu também ficaria.

- Como é que você fez, mãe?

- Quando?

- Na sua primeira vez.

- Naquela época não existia Aids.

Eu não perguntei, mas queria: “Como é que eu faço, mãe?” (VIANA, 1994, 67).

Em outro momento, processo similar ocorre. Teresa busca na mãe respostas e explicações, e novamente a pergunta fica pairando no ar, sem qualquer tipo de esclarecimento:

Quatro de outubro

Hora do café:

- Dia confuso, outra vez, mãe?

- Não, calmíssimo.
 - Quero te perguntar um troço.
 - Pergunta.
 - Você acredita em reencarnação?
- Ela parou com a xícara no ar. Sinal certo de surpresa.
- Acredita, mãe?
 - Sei lá. Acredito e desacredito.
 - Sabia, tinha certeza da sua resposta.
- Baixou a xícara.
- Você é a pessoa mais indefinida que eu conheço, mãe. Acredita e desacredita, pode e não pode, sonha e não sonha. Assim, desse jeito, sempre, sem parar.
 - Pô! Como você me conhece, Tereza! – minha mãe, entusiasmada.
- (VIANA, 1994, p. 49)

Fica evidente aqui a motivação da escritora. Frente a complexos relacionamentos familiares baseados em poucos ensinamentos, escassas orientações, motivados por um anseio material, abrindo mão do contato íntimo e tão importante em família, a escritora busca compartilhar e levar ao leitor um pedaço de realidade.

A cidade grande, as correrias e a ambição que nasce e se instala de vez no coração dos homens acabam minimizando a riqueza dos relacionamentos e gerando situações de profundo silêncio, nos quais a palavra escrita é tudo o que se tem. Viana, ao notar tal desarranjo busca conversar e se achegar ao leitor, tão martirizado e fragilizado, vivendo, por vezes, exatamente como a personagem da obra de Viana.

A personagem traz dúvidas sobre diversos assuntos, em especial problemáticas adolescentes ficam sem respostas da mãe, que apresenta-se tão ou mais confusa do que a própria adolescente. Fica visível uma dificuldade de relacionamento, e, por vezes ocorre até uma sugestão de inversão de papéis, já que é a filha quem conhece bem a mãe, e não o contrário. Reconhecendo a importância e a trivialidade com que a situação se instaura no cotidiano, a escritora que gosta de falar do que sente, decide compartilhar o assunto.

Os diálogos entre Teresa e a mãe são poucos, e por meio de alguns trechos do diário da filha, temos conhecimento das freqüentes brigas e discussões entre elas, acentuando o abismo de gerações existente, constatação também de suma relevância, e que atesta o caráter preocupado de Viana.

Propondo, então, uma comunicação distinta do normal, Viana nos apresenta um diálogo entre mãe e filha por meio do diário. Teresa acaba

conversando com a mãe por meio da leitura dos antigos diários antigos que a mãe produzia. Presente e passado mesclam-se durante toda a narrativa, e por meio destas escrituras da mãe, Teresa a conhece e a reconhece melhor, e o que falta nas conversas, nas orientações, os verbos que se calam são encontrados nas linhas tecidas pela mãe, que por ali conversa com a filha sobre política, sobre família, sobre responsabilidades.

A voz de Viana também procura atender e conversar com o leitor a respeito das diferenças de pensamento e de conduta das diferentes gerações. Tratando com os adolescentes da dificuldade em se compreender os pais, por vezes donos de uma verdade inquestionável e de um comportamento incompreensível, Viana ressalta a incompatibilidade entre Teresa e a mãe.

Estas distinções ficam evidentes para Teresa, que se indigna com a forma de escritura da mãe, que anota os aniversários do dia ao final da página. Para Teresa, os aniversariantes são prioridades. O pensamento da menina apenas colabora para definir com mais propriedade o aparente desencontro entre as prioridades e gostos de ambas.

Fica evidente que a proposta da escritora é que no diário, Teresa encontre uma extensão de si, da família, encontrando nele companhia e tendo ali a chance de compartilhar sem censura e recriminação suas reflexões, suas angústias, o que anda vendo e ouvindo.

Saudações como “querido e amado diário”, que constam na escritura de Teresa, colaboram para confirmar a condição de companheirismo e da confiança do livro escrito dia-a-dia pela menina. Mais uma vez parece existir um desejo de Viana de tocar no assunto da transferência e da projeção de afeto e de relacionamento, movimento que acontece em obras anteriormente analisadas.

Aqui, a liberdade que a folha em branco oferece para Teresa, ou para qualquer outro que use-se do diário acaba constando como uma situação um tanto distinta do que acontece no cotidiano de Teresa, onde, no pensamento dos jovens e adolescentes, qualquer liberdade lhes parece tolhida e inibida pela interferência dos pais.

Fazer um diário propõe uma releitura dos próprios pensamentos, exatamente quando eles se transformam em palavras, além de compreender um vasto mundo de possibilidades e probabilidades que o cotidiano não oferece e por vezes condena.

Herdando da mãe o hábito da escritura em diário, ambas aparentam conversar pouco e desenvolver seu contato por meio destes livros de relatos tão particulares. Muitas das preocupações da mãe são também as de Teresa, e acabam por evidenciar, mais uma vez, motivações e preocupações de Viana em relação à política e à economia mundiais.

Mais uma vez fica legitimada aqui a marca escritural de Viana, que traduz em todas as suas obras preocupações eminentes com aspectos sociais e políticos. Em *Sabe de uma coisa?* a esperança e expectativa de Tereza de que a política traga novos ares e olhares é evidente, e é, em especial, herdada da mãe, tão engajada politicamente e atenta.

Principinho de março

Parece que vou votar. PT, claro, claro, claro. Até que enfim os constituintes fizeram alguma coisa que valesse a pena. Se a gente pode, aos 16 anos, estudar, namorar, trabalhar, sofrer, ser assaltado, morrer de Aids, por que é que não pode votar?

Só espero que não me aconteça o que aconteceu com meu pai. Ele tem 46 anos e nunca votou pra presidente. E o pior é que presidente o país sempre teve. O que faltava era eleição. [...] Sete de dezembro

Aniversário da Cristina, colega do Rafa.

A letra mais bonita do colégio. Eu, se fosse ela, escrevia sabe pra quem? Pro Gorbachev. Acho que ele merece. Vi na tevê e quase não acreditei. Na assembléia da ONU, ele, líder de um país superpoderoso, falando em perdão de dívida aos países de Terceiro Mundo, redução das tropas e tanques em vários pontos do planeta, paz mundial. Fiquei ouvindo e pensando: "esse cara bem que podia ser brasileiro. Do PT, claro". (VIANA, 1994a, 1994b).

Elementos da história do país são discutidos por Teresa, dados que vão delineando seu caráter de adolescente "antenada" no mundo que a cerca, retrato do jovem da década de 60 e 70, que atentou para seus ideais e com muita iniciativa lutou por uma nação diferente, debaixo de pressões e repressões:

Seis de agosto, de manhã:

Quarenta e três anos da bomba sobre Hiroxima. Trabalho dos americanos.

A rosa de Hiroxima

"Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas

Mas oh não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroxima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose
 A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa sem nada.”
 (Vinicius de Moraes) (VIANA, 1994, p.33)

Com jeito de menina, a personagem vai revelando aos poucos suas preocupações e opiniões com respeito aos acontecimentos mundiais que a rodeiam. O direito ao voto, as dívidas externas, guerra e paz são todos elementos abordados pela personagem. Buscando pintar um retrato de uma juventude como a sua, Viana mais uma vez apresenta a lembrança, o sonho e o desejo por uma juventude mais batalhadora e engajada politicamente, preocupada com os acontecimentos que a rodeia.

Entre observações a respeito de política, mais uma vez encontramos canções que configuram-se como a voz e o desespero de um povo. Assemelhando-se com tanta veemência nas obras de Viana, o processo de se usar de canções e de musicalidade propõe uma narrativa intertextual e interessante, que brinca com diferentes tipos de expressão e arte, além de traduzir com mais propriedade e incisão o pensamento da autora.

Teresa, após buscar encontrar na mãe maiores esclarecimentos para suas dúvidas relacionadas à sexualidade, reflete sobre aspectos de relacionamentos, vida e morte:

Cinco de janeiro, 1988, de manhã
 A morte do Henfil me tirou do ar. Fiquei com a maior raiva, por causa dele, e com o maior medo, por causa de mim e de outras pessoas. Ninguém quer morrer assim, sem mais nem menos.
 Eu quero mais que viver. Quero dormir e acordar junto. O ano passado, no fim das férias, quase aconteceu. Não hora tive medo. Não de Aids, nem estava me lembrando. Medo não sei direito de quê. (VIANA, 1994, p.11).

A voz de Viana não deixa passar despercebida sua preocupação com questões sexuais. Tocando em assunto de tamanha importância, e que remete

com grande freqüência ao relacionamento estreito entre mãe e filha, a autora evidencia a grande problemática da ausência da figura materna.

À sexualidade e ao amor são dispensadas grandes atenções na narrativa. Teresa vive diferentes casos amorosos, se magoa e se apaixona, trazendo preocupações adolescentes que se identificam com as do leitor.

[...] - Você está com medo?

- Estou.

- De mim?

- Não, de você não, nem um pouco. Estou com medo de Aids. Como é que nós vamos fazer?

- Eu faço como você quiser.

- A Mônica disse que a primeira vez, ao menos a primeira, ela queria que fosse sem camisinha.

- Você concorda com ela?

- Concordo, mas tenho medo. Acho que minha mãe tem razão: a gente ama, mas corre perigo. (VIANA, 1994, p.74).

Teresa, solitária, sofre, em determinados momentos, em função de suas próprias escolhas, feitas em momento de grande desamparo e falta de maiores orientações, que caberiam, em especial à mãe. Novamente a preocupação com a questão do abandono familiar permeia a narrativa, onde Viana enfatiza sua inquietação frente a tamanho descaso com o adolescente.

Como em outras obras já citadas, as personagens de Viana costumam mencionar e viver muitas vezes de sonhos e aspirações. Teresa também sonha:

Três de janeiro de 1988.

Tenho sonhos sobrando: dias claros, céu azul, roupas transadas, aulas também, mesada nem se fala, vida mansa, sombra, água fresca, país nos eixos, governo competente, PT no poder. E ele. (VIANA, 1994, p. 1).

Teresa, aparentemente forçada a tomar decisões pela falta de respostas da mãe, mergulha em seus momentos de fuga provocados pelos sonhos, onde ela se permite encontrar sua própria identidade e reconhecer-se como adolescente, dona de roupas transadas, mesadas, perspectivas de uma vida tranqüila e pacífica, realidade da fase adolescente, onde momentos de fuga acontecem com freqüência em busca de uma idealização da penosa realidade.

A cidade grande e os temas contemporâneos da vida em sociedade têm na obra de Vivina de Assis Viana uma grande projeção.

Trazendo à tona conflituosas situações como a violência, a autora demonstra, mais uma vez, sua indignação e seu incômodo frente a tristes realidades que fazem morada na cidade, junto com milhares de pessoas.

Num dia ensolarado, depois da escola, Teresa é vítima de um assalto em plena luz do dia. Volta pra casa sem relógio, com arranhões nos braços e com lágrimas nos olhos. Depois do susto e de chorar a tarde toda, trancada no quarto, compartilhando o susto com o travesseiro apenas, o medo chega. Com o medo, o único jeito era ficar em casa. É fácil reconhecer aqui a abordagem de um dos problemas mais críticos pelos quais passa quem mora na cidade: a violência. A escritura vai sendo tecida linha a linha com o intuito de trazer ao leitor uma identificação com a vitimada Tereza, tão perdida e frágil em meio à cidade grande. Violentada por dentro e por fora, Teresa vai aprendendo os limites e perigos da vida, vai descobrindo o que a cidade tem de muito bom, ao mesmo tempo em que percebe seu lado triste e infeliz.

O espaço do campo fica caracterizado nesta obra de Viana de maneira distinta quando comparado às outras narrativas da escritora. Tendo sempre a preocupação em retratar o espaço rural com muito apreço e afeto, a autora nos aponta que Teresa é de fato uma garota da cidade e tem pouco interesse em coisas da natureza:

Dia oito de novembro, de manhã
Aniversário da Dina e do pai do Juá. Devem estar pensando em coisas como chuva, seca, plantação, colheita, adubo, essas coisas.
Eu não seria capaz de morar em fazenda, apesar dos tons de verde. Tudo igual todo dia. Mesmíssimas pessoas, mesmíssimo trabalho. Sossego monótono. No meu caso, desassossego. (VIANA, 1994, p. 59)

Em *Sabe de uma coisa?* Vivina de Assis Viana dá ao leitor o aval para conhecer de perto a personagem e suas revelações, seus momentos de reflexão e seus desejos, que, além de assemelharem-se aos pensamentos, anseios e questionamentos dos leitores mirins, propõem a eles uma discussão sobre a crise mundial e os valores da sociedade, questões que podem e devem ser conversadas com os jovens.

A personagem, um tanto solitária e que, forçosamente ou não, acaba compartilhando sua vida com o diário, traz ao leitor uma identificação, já que ambos desfrutam muitas vezes da dificuldade em criar um bom relacionamento com os pais, esclarecedor o suficiente para que as dores e os anseios possam ser diminuídos. Seja por culpa dos pais, que não se esforçam em fazer perdurar um bom relacionamento com a filha, seja por parte da filha, que não encontra nos pais uma extensão ou uma identificação consigo mesma, o sentimento de confusão e atrapalho fica evidente, e o leitor adolescente, dono das mesmas dificuldades, tem a possibilidade de encontrar-se em Teresa.

ANA E PEDRO: CARTAS (1991)

Ana e Pedro: cartas traz ao leitor uma proposta diferente e que demanda novidade. O leitor nota desde o início que o livro é curioso, pois é na verdade um romance epistolar, escrito por Viana e pelo escritor mineiro Ronald Claver.

Vivina de Assis Viana, com orgulho, atesta a veracidade da correspondência ocorrida entre ela e Claver durante todo o processo da escrita do livro. Em entrevista em 2005, ao mostrar algumas das cartas e cartões postais que dão corpo ao livro, relembra:

[...] eu tinha já ficado muito realizada quando escrevi o livro com o Ronald, um livro que eu sou dona dele só 50%. E digo fascinada porque eu mandava uma carta e pensava, bom, agora, mandei a carta e com isso que eu falei, isso que eu perguntei e tudo o que a Ana colocou aqui, acho que o Pedro vai andar por esse, esse, esse caminho, mas isso era o que eu pensava, porque não era o que o Ronald fazia.

Aí vinha lá a resposta, e eu tinha que mudar os meus caminhos, não por mim, por ele [...] a gente se encontrava e conversava, conversava sobre tudo, menos sobre "Ana e Pedro", várias vezes, eu ia pra Belo Horizonte, levava a carta escrita, e falava:

- Essa carta é da Ana - e ele guardava; ou então ele falava:

- A carta do Pedro.

Sobre o livro a gente nunca conversou a gente só escreveu. Engraçado, né?
(VIANA, 2005a, 2005b)

Por meio do excerto retirado da entrevista, observa-se a distinção entre autor e escritor fortemente marcada. No momento em que Viana afirma não conversar com Claver sobre o livro, ela reafirma sua condição de escritora, afastando-se da voz que fala na narrativa, e o mesmo movimento é feito pelo escritor parceiro.

Por meio desta narrativa peculiar, o leitor tem contato com uma história distinta e que é constituída por duas pessoas diferentes, que aos poucos vão compartilhando seus medos, anseios, trocando poemas, carinhos, amizade, cumplicidade.

Ana e Pedro são provas de como um relacionamento aparentemente superficial, que conta com a correspondência por meio de cartas, já que Ana mora em São Paulo e Pedro mora em Belo Horizonte, e que acontece sem que as personagens sequer se conheçam pessoalmente, pode gerar um relacionamento próximo e cheio de ternura entre os correspondentes.

A capa da edição mais atual do livro (Figura 13) traz o desenho de uma carta, na qual os retratos de Ana e Pedro configuram-se como os selos. Na parte inferior da capa, a silhueta da cidade fica à mostra, evidenciando o pano de fundo urbano em que se passa a narrativa.

Por não haver a existência de um narrador que observe e transmita a narração ao leitor, fica a encargo de cada personagem trazer àquele que lê aquilo que se quer comunicar.

Por meio das cartas, Viana nos apresenta personagens peculiares e nada alienadas, que vão se revelando através de cartões postais, revelando sua personalidade, em conversas particulares, das quais o leitor tem a chance de fazer parte.



Figura 8 – Cartas e cartões postais da correspondência entre Ana e Pedro.

Foto: Andréia N. Hernandes

Na narrativa, as palavras têm grande valor, já que em nenhum momento as personagens se conhecem pessoalmente, ou conversam por telefone. Num convite à valorização da palavra, da escrita, do texto, Viana nos introduz uma história na qual a palavra escrita a principal forma de expressão e de identificação dos correspondentes.

Buscando trazer para o leitor uma imagem positiva da criança, afastando-se mais, agora de um retrato infantil e adolescente fragilizado e machucado, Viana apresenta Pedro, por meio daquilo que ele deixa transparecer nas cartas enviadas a Ana, como um menino atencioso e muito romântico. Suas cartas normalmente assumem um tom poético e com lirismo contam diversas das aventuras da personagem.

Puxa Vida, Ana, gostaria de sonhar com você de novo. Vou invocar as montanhas, os mares, se possível os deuses. Faço força de pensamento. E rezo [...] Afinal, ao nascemos acabados, perfeitos. Por isso te verei em sonhos e quem sabe ao vivo? [...]

Sou contraditório. Gosto de ver a tinta da caneta inventando rabiscos no papel. As palavras e desenhos surgem lentamente. Mas tenho pressa de viver. Por isso falei em morte. Tenho medo de não dar conta de tudo o que eu quero. Tenho fome do futuro.[..]

De repente senti a mesma emoção de um gol, um gosto de picolé na boa e promessa de festa de aniversário.

Depois saí andando por aí. Gastando tênis e esquinas. Solto. Sem pensar em nada. Sem ver nada. Até que você se acalmou em mim. Aí parei. Coloquei a mão no queixo e deixei o pensamento solto. Livre. E sonhei com o mar, com a mansidão de Peçanha, com sua coleção de lápis. Sonhei com as cidades que você conhece. E tudo virou realidade. Afinal, a vida é sonho. A realidade é um pedaço de morte. (CLAVER, VIANA, 1990a, 1990b, 1990c)

O lirismo de Pedro marca sua personalidade, distinguindo-a da personalidade de Ana, uma menina mais tímida e recatada, que se revela aos poucos a Pedro, por meio de uma escrita mais objetiva e direta, configurando-se aparentemente como uma personagem mais reclusa.

Por meio da caracterização de Ana como uma menina que possui grande afinidade e identificação com obras de relatos bibliográficos ou diários, textos em geral objetivos e muito particulares, que se configuram quase como documentos, abrindo pouco espaço para a imaginação e fruição de idéias, Viana parece propor ao leitor a ampliação das perspectivas no que diz respeito às distintas características das pessoas. Pedro, em distinção a Ana, exprime o gosto por leituras mais leves e

que permitem uma fantasia maior por parte da mente, quando numa das cartas enviadas, conta que leu *A montanha do tesouro*, livro faroeste de Louis L'Amour, obra que permite dialogar com seu aspecto pueril e imaginativo.

Conforme já mencionado, a palavra nesta narrativa desfruta de grande valor, já que é por meio delas que a narrativa o diálogo que conduz a narrativa acontece. Brincando com as possibilidades da palavra, a personagem Ana escreve, numa carta de Agosto para Pedro:

A gente não se conhece apenas através da palavra. Da letra também. Sabe que você tem letra de professor? Parece que você vive escrevendo na lousa, que aí em Minas chamam de quadro negro. Quem me contou foi a Malu, lá em Cabo Frio. Nós estávamos escrevendo umas coisas na areia e ela disse: "praia é melhor que quadro-negro porque a água apaga pra gente". Minhas palavras apagadas pela água foram: Sarney, avião, liquidificador, fila, motor. As da Malu: Ordem, Progresso, hepatite, banana. (CLAVER; VIANA, 1990, p. 45)

As palavras, dentro e fora da narrativa, desempenham função importante para a constituição do texto como tal, e fica nítido o desejo da escritora em atribuir a elas grande valor.

Em uma das cartas escritas por Pedro, observa-se o valor atribuído ao fato de estarem lidando com a palavra escrita. Em suas próprias palavras, quando brinca de escrever um relato em terceira pessoa, Pedro revela: "Ana e Pedro convivem com palavras perigosas: liberdade, emprego, reformas, dinheiro, amor e Aids" (CLAVER; VIANA, 1990, p. 49).

Com um tratamento poético, reafirmando importante característica de Pedro e trazendo novamente à tona o distinto tratamento da palavra nesta narrativa, o correspondente de Ana deixa transparecer suas preocupações e anseios adolescentes.

Fica evidente, portanto, que as intenções de Viana em discutir com o adolescente sobre aspectos sociais, políticos e econômicos, encontram em Pedro raízes que o fazem também uma personagem reflexiva e engajada, mais uma vez colaborando para uma produção literária da escritora marcada pelo incentivo ao engajamento e ao posicionamento crítico perante determinados aspectos sociais.

Observa-se mais uma vez a representação familiar na obra da escritora. Desta vez, os relatos familiares de Ana e Pedro são escassos, e constam nas cartas com pouca frequência. Momentos em que Ana aborda o recente falecimento do pai, ou em que Pedro conta a Ana da dificuldade em visitá-la em São Paulo com a permissão dos pais, por ser menor, aspectos familiares são levantados, mas não constam na narrativa de maneira tão intensa como em outras obras, à exceção de *Suando Frio*.

A família não é ausente e nem é possível falar em um desempenho crucial que ela possua na narrativa. É possível observar, apenas, como a escritora debruça-se em trazer um cotidiano ameno e amigável a Ana e Pedro, no qual a família consta como elemento de equilíbrio e estabilidade.

Mais uma vez, brincando com a condição de burlar a realidade encontrada nas forçosas situações do dia-a-dia, o projeto literário propõe-se a alargar os pensamentos da personagens e dos leitores, expandir as fronteiras e brincar com as possibilidades por meio dos sonhos. De maneira interessante, como em grande parte das outras narrativas, o elemento sonho também consta em muitas partes da narrativa. Como as personagens não se conhecem, o que possibilita o seu encontro é o sonho, o mundo das idealizações que permite que o impossível ocorra. Para Pedro, “sonhar é bom e travesseiro é barato” (CLAVER; VIANA, 1990, p. 8).

O processo do compartilhamento de idéias das personagens conta também com o compartilhar da ideologia política, social de cada um.

Tratando, em todas as outras obras, de personagens sempre atentos aos acontecimentos mundiais, Ana e Pedro não poderia contar com uma perspectiva distinta. Ana, a personagem paulista, vivendo com Pedro esta espécie de romance por meio de cartas, fica atenta a um acontecimento que está para acontecer: a greve dos correios. Preocupada com o fato de que os trabalhadores não possam entregar e trazer novas cartas, a personagem mantém-se vigilante para um movimento de grande importância e que retrata e atenta o leitor para as necessidades, injustiças e problemas da sociedade atual.

Em muitos momentos ficam evidentes a preocupação dos adolescentes quanto à política e um forte nacionalismo, que reflete-se em uma crença num futuro melhor, que daria um “novo rosto” à nação brasileira, junto com a nova política que se instaurava com o novo candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva.

Contando que fora assistir a um comício de Lula em Belo Horizonte, Pedro transcreve alguns dos versos de *Evocação do Recife* de Manuel Bandeira.

"A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo
 Língua certa do povo
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
 Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear
 A sintaxe lusíada. (EVOCAÇÃO DO RECIFE, MANUEL BANDEIRA, 1929)

Além do sentimento nacionalista, é nítida a preocupação da escritora em reafirmar os valores do povo, sua língua, sua cultura, ao passo que alia o cosmopolitismo à alienação.

Também é possível observar como o verso colabora para a percepção da importância atribuída a uma aculturação particular, em busca da libertação e do crescimento por si só do país, em especial depois de um período onde a repressão deixara um sentimento prisioneiro e aprisionado dentro dos brasileiros. Mais uma vez evidencia-se o reflexo da voz da escritora na narrativa, que mantém assinalado na vida e na alma da escritora o desejo de liberdade e de expressão em consequência de uma repressão poderosa que assinala seu passado.

Outros trechos colaboram para marcar a atenção das personagens de Viana aos movimentos mundiais:

[...] No dia 23 de março um asteróide passou mais perto da Terra do que devia e a humanidade esteve por um triz. Você ficou sabendo? Li no 'Estadão' e fiquei roxa de medo. E o pior é que em outubro esse asteróide vai voltar. O que consola e anima a gente é que o pessoal da NASA pesquisou e concluiu que ele vai passar longe demais. Impossível qualquer choque. Só na outra volta dele, mas aí não é problema nosso. Não vamos viver bilhões de anos, vamos? (VIANA; CLAVER, 1990, p. 17).

A violência, tristezas e doenças como Aids e outras também são trazidas à tona pela personagem. Compartilhando com Pedro a terrível história da professora que foi assaltada, ela propõe sua própria reflexão a respeito da segurança e, mais uma vez, apresenta o olhar de uma escritora atenta e indignada com o caos a que a cidade se alia:

[...] Ela foi visitar uns parentes e roubaram o relógio dela, na rua, à noite. Um cara passou correndo e, quando ela viu, o braço estava vazio. Poucos dias depois, num sábado de manhã, ela foi fazer compras (na praça Raul Soares, se é que eu entendi o nome direito) e ficou sem o cordão de ouro com um coraçãozinho muito legal, presente do namorado. Toma cuidado, viu? Guarda seu relógio e esconde o cordão, se você tiver. Outra coisa: você mora perto dessa praça Raul Soares? Eu estava pensando em ir até aí nas férias, mas to perdendo a coragem. E se sumirem comigo? (VIANA; CLAVER, 1990, p.35).

O voto e as problemáticas que envolvem o país também se mostram presentes na narrativa de Claver e Viana.

Com personagens engajadas politicamente, à semelhança das personagens das outras obras da escritora já citadas, a juventude, representados aqui por Ana e Pedro, se mostra nada alienada. Lembramo-nos, mais uma vez, de *Juventude de Papel* (1999) de Teodoro, que relembra a força dos movimentos juvenis da década de 60, reivindicando melhorias em diversos aspectos da sociedade.

Em *Ana e Pedro*: cartas temos:

Brasil vota presidente. Eu voto. Você vota? Não quero jogar meu voto fora. Quero um presidente com a mistura do tatu-bola, onça-pintada, coruja, olhos de águia, tamanduá, lobo guará, cascavel e carcará [...] os professores fizeram greve e agora estamos correndo atrás do prejuízo. Isto é justo? Sei não. Neste Brasil todos saem perdendo. Todos, não. Os que provocam os baixos salários não. Será que estou certo? [...] Meu pai morreu na cadeira de balanço, conversando com minha mãe. Ele ia votar no Roberto Freire.

Um dia na hora do almoço, eu disse que estava querendo votar no Covas. Ele riu muito, dizendo: 'O Fernando Sabino tem razão quando diz que o mundo está de cabeça para baixo. Você, com dezesseis anos e votando pela primeira vez, vota num conservador. E eu, com quase cinquenta, voto num comunista' [...] Ontem, na Caixa Econômica (minha mãe me pediu pra resolver umas coisas lá pra ela), o pessoal começou a reclamar da demora, da fila que não andava, de tudo. Um cara de uns 50 anos começou a falar mais alto que os outros, como se fizesse um comício.

Disse que o Brasil não tem solução, que a geração dele recebeu dos pais e avós um país melhor do que o que estamos recebendo. Que aqui existem três raças e que todas começam com M: a dos Milionários, que abusam, a dos Militares, que controlam, e a dos Miseráveis, que sofrem e pagam as contas. Do lado de dentro do guichê, uma moça disse que as coisas vão melhorar depois das eleições. Que o Brizola vai ganhar e mudar o país. Ele disse que admirava a juventude e o entusiasmo dela, mas que ela não tivesse ilusões. Depois que passasse para o lado de lá, Brizola (ou qualquer outro) mudaria de atitude com a tranquilidade que muda de camisa. (VIANA; CLAVER, 1990a, 1990b, 1990c)

Mostra-se aqui a preocupação da autora em disponibilizar ao seu leitor dados sobre a política e sobre a situação social em que se encontrava o país. Deixando nas entrelinhas suas opiniões sobre a política, fica marcado um pensamento por parte da escritora, preocupado com a exploração social e a crença na melhoria do país.

Além desta observação, é possível ressaltar como Viana aponta a insubordinação da geração mais nova, sendo eles os conservadores, ao passo que aos pais cabe o papel de liberais. Ao observar este enfoque dado por Viana às relações entre pais e filhos, traz-se à tona o conflito das gerações, e a iniciativa e insubordinação dos mais novos, que configura-se como marca escritural de Viana.

A morte e as perdas naturais da vida também são trazidas à tona pela escritora. Além de mencionar o falecimento de colegas, e da cantora preferida Nara Leão, uma perda familiar acontece e é compartilhada:

Quero te dizer que meu pai morreu. Estou triste, cada dia mais. Penso nele quando estou em casa, na rua, na escola, na lanchonete, na fila do banco. Minha mãe chega do trabalho com os olhos vermelhos e meu irmão procura menos os amigos. A casa não ficou vazia, mas é como se faltasse um pedaço. Meu professor disse que a gente se acostuma, que o tempo resolve essas coisas. (VIANA; CLAVER, 1990, p. 51).

Na resposta de Pedro, a discussão sobre a morte se estende, trazendo a conotação da naturalidade para os processos da vida:

A gente nunca imagina que as nossas pessoas um dia morrem. A morte é tão natural para os outros, mas é terrivelmente dolorosa para com amigos e parentes. Morrer é inevitável. É a palavra que se evita, mas não há meio de ignorá-la. Melhor pensar que somos adubos, sementes, folhas, raízes e futuras árvores. E que depois do inverno vem a primavera e a promessa de festa no coração. (VIANA; CLAVER, 1990, p. 55)

De maneira bonita e sensível, a escritura afaga o leitor e entende sua dor, valorizando seu sentimento e compreendendo que dor de criança e de adolescente não são diferentes de dor de adulto, já que todo mundo sofre com a perda de quem se ama.

Brincando de falar de futebol, dos acontecimentos televisivos, das famílias e do colégio, Ana e Pedro vão desenvolvendo também uma amizade com o leitor, que fica envolvido nas cartas, aparentemente confidenciais das personagens.

A mesma brincadeira que o leitor experimenta em *Sabe de uma coisa?* Diário de uma adolescente, ao ter acesso a todas as informações mantidas pela personagem em sigilo, anotadas no pequeno livro que só ela tem acesso, se repete aqui, quando o leitor é exclusivo no contato com as doces cartas que só dizem respeito a Ana e Pedro.

A linguagem, como nas outras obras, apresenta-se descomplicada em favor de uma leitura plena de entendimentos e identificações do leitor para com o texto. As ilustrações são poucas, em sua maioria figuras de cartões postais de São Paulo e Belo Horizonte que as personagens enviam um ao outro ao longo da narrativa.

O leitor que caminha ansioso ao fim do livro, esperando pelo encontro das personagens, visto que eles atravessam toda a narrativa alimentando e contando com a possibilidade de se encontrar, toma um susto quando a história termina sem que ambos se vejam.

Para Viana, é o leitor quem pode, em sua autoridade de co-autor, decidir se Ana e Pedro acabam se encontrando ou não. De acordo com ela, este livre arbítrio que o leitor possui, de, por meio de sua imaginação, alcançar diferentes dimensões e optar pelo caminho que deseja seguir, é o que faz da literatura tão importante objeto de emancipação do leitor.

RETRATO DE UMA SOCIEDADE

Por meio deste trabalho analítico, observamos como a escritura de Vivina de Assis Viana encontra-se imersa em grandes doses de intencionalidades e motivações. Buscando conversar com o leitor sobre assuntos que a preocupam ou incomodam, a escritora cultiva de maneira intensa diálogos que, proporcionando ao leitor algum tipo de identificação, conversam com ele sobre eventuais adversidades e contratempos a que possa estar atrelado.

Ao longo do estudo das obras de Viana desenvolvido neste capítulo, tivemos a chance de notar como a escritora conduz determinados assuntos como o tratamento dado à criança e ao adolescente, às crises familiares, à violência, ao abandono, à solidão.

Nosso enfoque recaiu sobre a maneira como o jovem e o adolescente figuram nas narrativas de Viana. Em sua grande maioria, são engajados politicamente, extremamente ligados a noções de economia e possuem opiniões fortes acerca disso.

Quando conhecemos um pouco mais sobre o pano de fundo a que se liga o nosso país nas décadas de 50 e 60, deparamo-nos com um período da sociedade brasileira no qual os pilares se abalavam e as estruturas se encontravam em pleno período de mudança, rumo a um caminho do qual pouco se conhecia.

A implantação do regime militar de 1964 traria novas perspectivas e novas situações, propondo redefinições aos campos político e ideológico, transformando de modo radical o que havia de cultural e artístico, e que vinha sendo produzido até então.

Nascida em 1940, Viana viveu sua juventude neste período, presenciando movimentos de peso especialmente encabeçados pelos jovens, e vivenciando muitos dos ajustes pelos quais passava o Brasil, observando, desde 1950, quando a crise geral atinge seu pico e contando com fatos que proporcionaram abalos em proporções mundiais, como a morte do presidente Kennedy, a Guerra do Vietnã, a ocupação soviética no leste da Europa.

Desta maneira, reconhecemos em sua obra esse mesmo modelo de jovem, que é seu referencial da juventude: o jovem que está envolvido nas denúncias das mazelas sociais e políticas, e que acredita que tem força para democratizar o mundo, influenciado por artistas que, ainda que penalizados, reorganizam-se para continuar produzindo trabalhos que denunciem sua posição frente aos eventos políticos e sociais.

É aqui que nos encontramos com Nara Leão, estudante e cantora que teve destaque entre os anos 1964-1968, como representante ousada do pensamento esquerdista que fazia frente à repressão militar. Ao longo de nossos passeios por entre *O dia de ver meu pai*, *Suando Frio*, *O mundo é pra ser voado*, *Sabe de uma coisa*: diário de uma adolescente, *Ana e Pedro*: cartas, nos encontramos com Nara Leão. A cantora que simbolizou o movimento do anseio pela

liberdade e democratização, tão sonhado pela sociedade e dirigido por muitos dos jovens na década de 60, sempre consta como a cantora preferida de alguma personagem das obras de Viana. A escritora não esconde que suas preferências sempre constam nas obras e de maneira descontraída e bem humorada, complementa:

se eu for falar de um time [...] eu vou falar do Galo, que é o meu time. Eu não vou colocar nunca o Cruzeiro [...] Nos meus livros, o Cruzeiro vai perder sempre (risos). (VIANA, 2005, p.6).

De acordo com as pesquisadoras Mariza Veloso e Angélica Madeira (1999), em *Leituras Brasileiras*, os intelectuais, a partir da década de 70, dividem-se em blocos, de acordo com sua cooperação ou não com o sistema. Dentro destes, podemos encontrar um deles que nos permite identificar de certo modo, um pouco sobre o pensamento e a visão que Viana nos apresenta em suas obras. Temos que ele é “remanescente de uma tradição dos movimentos político-culturais dos anos 60 e que preconizam a necessidade de uma arte e uma cultura engajada de denúncia social” (VIANA, 1999, p. 186).

Essa arte de denúncia social, marcada pela força da tradição realista e da adoção do modelo jornalístico pela literatura, a que se amarra Vivina de Assis Viana, colabora para o desenvolvimento de uma linha que vem a marcar a década de 70, quando Viana, junto a Henry Correa de Araújo e Wander Piroli, publica sua primeira obra *O dia de ver meu pai*.

Seguindo o modelo da literatura adulta, a literatura destinada ao público mirim conta agora com uma perspectiva mais direta e realista sobre a sociedade.

Como notamos, Viana nos apresenta obras onde a clareza tanto da linguagem como das situações propõem ao leitor um entendimento descomplicado das coisas. Este realismo urbano da época pós-ditadura militar vem de maneira a resgatar uma literatura voltada ao realismo, fecundada nas décadas de 30, 40 e 50, que pretende deixar o leitor o máximo possível a par das situações do mundo.

Para Carlos Mota (2000), em *Viagem Incompleta*, o maior expoente desta geração de 30 é Graciliano Ramos, com o romance regionalista nordestino, tratando de um realismo crítico e objetivo, por meio de uma linguagem simples e

direta, deixando a marca de um realismo “tão seco quanto a paisagem nordestina”. (MOTA, 2000, p.63)

Outros autores colaboraram para instaurar esta marca de uma literatura de linguagem concisa e afiada, e de temática realista, porém o enfoque em Graciliano Ramos se justifica não apenas pela aproximação do texto de Viana, claro e realista, mas também pela admiração da autora pela figura de Ramos, autor em que ela se inspira ao escrever suas obras.

Esta literatura que se instaura na década de 70, propondo um retorno do realismo iniciado em 1930 vem adicionada de mais um ingrediente que corrobora para a formação da identidade desta década: o urbano.

Diante das literaturas de denúncia social, de linguagem clara e límpida, da poesia marcada pela desesperança em relação ao dia de amanhã, a literatura destinada ao público mirim também se posiciona, por meio da simplicidade das estruturas das sentenças e das palavras, e se propõe a “abrir o jogo” para o leitor.

Observando o cenário brasileiro em ritmo de urbanização acelerada, precedendo os momentos do processo de industrialização, atentando para a nova era que se instaurava, frente ao novo conceito de família que se levantava, onde não mais a instituição de pais e filhos prezava pela união, mas agora cada membro dela trabalhava em prol de sua própria felicidade, propondo um individualismo, induzido pelo mercado de trabalho e a lei da selva; frustrada com a condição dos relacionamentos afetivos de atualmente e sua fugacidade, Viana nos introduz uma longa conversa com o leitor, sobre aquilo que lhe chama atenção.

Em entrevista sobre o livro *O jogo do Pensamento*, Vivina de Assis Viana deixa transparecer como tem entendido os relacionamentos de hoje. Para ela, parece haver um abismo de gerações, onde quanto mais se revelam os mundos, - adulto e infantil -, mais eles se apartam. A escritora desabafa: “Talvez esse ‘diálogo-monólogo’, em que o indivíduo conversa mais consigo do que com o outro, se explique pela realidade atual, geradora de distanciamentos e silêncios”. (VIANA, 2004).

Podemos então perceber o movimento proposto por Viana, apontando para as diferentes representações de família em suas diferentes obras. Em cada uma delas a família consta de uma maneira, aparece de uma forma distinta, que colabora para a compreensão daquilo que a autora propõe e deseja que

o leitor alcance em sua leitura. Em *O dia de ver meu pai*, Viana discorre sobre uma família desestruturada, na qual os pilares básicos de sustentação, os pais, encontram-se abalados e vulneráveis, permitindo que toda a insegurança seja transmitida ao ponto mais fraco da família, os filhos. Nela é retratada a separação conjugal, o tabu do qual até então a literatura não dava cabo de mencionar, não encontrando o tom correto para trabalhar o assunto, já que os representantes deste ponto mais fraco eram justamente os leitores.

A família, que até a década de 60 representava condição para a existência do convívio e do crescimento social, dilui-se numa estrutura pendente onde, como menciona *História da vida privada brasileira* (1988), o interesse é individual, e cada membro busca alcançar sua felicidade, independente do que isso signifique.

A casa continua a ser o centro da existência social. Apenas a vida em família não é mais governada pelo passado, pela tradição, senão que pelo futuro, pela aspiração à ascensão individual, traduzida antes de tudo pela corrida ao consumo. (MELLO, NOVAIS, 1988, p. 605).

Já na obra *O jogo do pensamento*, a narrativa conta com uma família estruturada e fortificada, porém não deixa de atentar para o pai da personagem, que atravessa quase que toda a narrativa no escritório, a trabalho.

Vivina de Assis Viana deixa, então, uma marca visível e colabora para esse novo direcionamento da literatura infanto-juvenil que teve êxito na década de 70, rumo à conversa franca com o leitor, trazendo à tona os problemas que não valiam a pena esconder e não mencionar, já que estavam perambulando pelos relacionamentos atuais, tornando-se cada vez mais comuns e influenciadores.

Para Vivina de Assis Viana, os mistérios e os desafios dos relacionamentos que surgiam e se instauravam mereciam ser tratados de forma límpida e direta, com a mesma naturalidade com que se agarravam ao cotidiano das famílias e à mente das crianças.

Tratar das problemáticas da sociedade por meio da literatura, trazendo questões e reflexões é procedimento importante. Roland Barthes nos relembra, em *O grau zero da escritura* (1974), que Kafka trouxe para a literatura

questionamentos sobre a sociedade e, suas palavras, teceu uma literatura “fascinante” (BARTHES, 1974, p. 15). Para ele,

Até então, a literatura nunca tinha posto em dúvida o sentido das coisas. Isto quer dizer, neste caso, a totalidade que nos rodeia, tanto um acontecimento como um objeto. Portanto, o papel da literatura é o de levantar esta questão, através da narrativa, do romanesco, da personagem ou do objeto. (BARTHES, 1974, p. 16).

Por meio desta leitura feita a respeito das obras que compreendem desde a década de 70 até a de 90, o leitor deste trabalho tem a chance de conhecer e compreender com mais propriedade o trabalho que vem sendo desenvolvido por uma escritora, que, como se pode notar, é observadora, e mais importante, tem a sede de compartilhar tudo que observa com seus leitores.

Diferentes de narrativas que acreditam que é essencial falar às crianças por meio de uso de diminutivos e de uma linguagem que amaciem as situações que o constituem como indivíduo, as obras discutidas são abarrotadas de propostas que incentivam o desenvolvimento de opiniões e apresentam-nos uma escritora que convida o leitor a um processo reflexivo.

Usando-se do ambiente urbano, a escritora não esconde sua indignação com o tratamento dado à sociedade por ela mesma, passando por cima de valores essenciais e que deveriam ser prioridades para todos.

Fica claro, então, que o ambiente urbano, em todas as suas qualidades, ainda acaba, no ponto de vista da escritora, por vir a representar um ambiente onde a sociedade vive um processo de constante perecer.

Resta conhecer, então, o que se pode depreender das narrativas da escritora que conversam com o leitor imersas na área verde, ou, em outras palavras, no ambiente da terra, das árvores e das frutas, do céu, da chuva e dos animais. A este fim, dedica-se o capítulo que se segue.

CAPÍTULO 3

UM OLHAR RURAL

Abro montanhas
e desço porteiras
por simples tradição
e pura fantasia.

Jaak Bosmans . *Poema Rural*.

COMO E POR QUE TRATAR DO RURAL

As problemáticas que envolvem a definição de campo e cidade vêm se desenvolvendo e constando como temática de inúmeras obras há tempos. Os teóricos se desdobram com frequência a fim de criar conceitos que permitam classificar e determinar onde começa e termina a fronteira, e quais são estes limites que ressaltam as diferenças e semelhanças entre o âmbito rural e o urbano. Para os historiadores, fatos em nossa linha do tempo, que datam de centenas de anos atrás, deixaram desde então marcas em todos os tipos de manifestações do ser humano, especialmente nas que dizem respeito a qualquer tipo de arte.

Neste capítulo, pretende-se observar de que maneira a literatura de Vivina de Assis Viana trabalha, em parte de sua bibliografia, com o rural, com a temática campo, obtendo uma literatura um tanto diferenciada daquela comentada no capítulo anterior. Será necessário, então, não apenas levantar elementos que permitam diferenciar campo e cidade, mas, especialmente, conhecer de perto como estes elementos se aplicam em sua literatura, descobrindo, assim, a forma de pensar da escritora, seu ponto de vista, suas prioridades. Falar de campo, especialmente no que diz respeito à obra literária, remete-nos, num primeiro momento, à temática da paz e da tranquilidade.

Nesse sentido, o campo encontra-se associado a um modelo de representação de vida desprovida de benefícios e elegâncias em demasia, mas voltada para os valores internos, ao passo que se encontra longe de grandes

ostentações e ambições, elementos aparentemente mais relacionados às obras de âmbito urbano.

É possível notar que fica difícil mencionar a noção e o conceito que existe a respeito do campo sem compará-los ao espaço cidade. Representando oposições ou não, é facilmente visível notar, com o mínimo de informação a respeito de cada um destes espaços, que eles apresentam, ao menos, algumas discrepâncias.

Sabe-se que à cidade, associam-se inúmeras idéias positivas e que apontam para a possibilidade de ascensão e desenvolvimento. O espaço cidade é a fonte do saber, das comunicações, da projeção, da luz. Porém, para Raymond Williams, em *Campo e Cidade* (1989), por outro lado, a cidade carrega poderosas associações negativas, como o berço da ambição, mundanismo, poluições sonoras e de outras naturezas, enquanto o campo figura, muitas vezes, sob o sinônimo do atraso, da ignorância e da limitação.

Em um primeiro momento, buscamos tratar daquele homem rural das sociedades tradicionais, em outras palavras, o homem rural que vive baseado nas rotinas, tradições e conservação de idéias, e que é diferente do homem do campo mais urbanizado, mecanizado e que se aproxima em maior escala do homem da cidade.

De acordo com estudiosos da sociologia rural, como Aldo B. Solari (1972), que cuidam de fazer o mesmo estudo da Sociologia, mas atendo-se à determinada região ou meio, as sociedades rurais e urbanas apresentam distinções mais complexas do que à primeira vista possamos notar.

No texto de Aldo B. Solari (1972), vemos a primeira característica que marca a sociedade que vive no campo. Para o sociólogo, o traço fundamental é o que diz respeito à sua ocupação, ou seja, aquilo de que se ocupam os moradores daquele local. Ele aponta para sua relação de afeto com a terra, entidade criadora e provedora da sobrevivência.

A população rural encontra-se, pois, em relação direta com a terra, porque a mãe-terra é, definitivamente, a única criadora e manufatureira das plantas e dos animais. Os autores que aceitam a distinção dicotômica crêem que esta é a diferença fundamental e primária... (SOLARI, 1972, p. 7).

Além de observar a terra como aquela que alimenta e supre as necessidades do homem, vale mencionar a observação do autor sobre o contato estreito e a dependência do morador rural com os processos naturais como a chuva, o sol, as geadas, entre outros, que trabalham sob circunstâncias que escapam ao controle do homem do campo, criando nele uma mentalidade distinta e particular, bem à parte da auto-suficiência e da corrida contra o tempo dos trabalhadores das cidades.

Diferente da grande maioria dos moradores das cidades, os habitantes e trabalhadores do campo estão mais expostos ao meio natural, em contato direto com tudo aquilo que a sociedade urbana desfruta por meio dos filmes, dos livros, ou em seus períodos de folga das correrias do dia-a-dia, quando saem em disparada numa fuga para o interior.

O volume demográfico também denuncia outra dessemelhança. Enquanto no ambiente rural sobra espaço, seja para a produção agrícola ou para a criação de animais, e o número de habitantes é reduzido, na cidade as pessoas se abarrotam em pequenos espaços. Para Solari, as atividades que acontecem na sociedade rural necessitam, de fato, de maior extensão do terreno. Constando como um critério distintivo, por vezes impreciso, por conta da dificuldade de se precisar quantitativamente com precisão a diferença, este critério fica em plano secundário, porém “é certo que os grupos rurais tendem a ser numericamente menores que os urbanos. Isto implica uma densidade da população” (SOLARI, 1972, p. 8).

A variedade, tanto social quanto racial, acontece em maior escala nas cidades. Já a população do campo apresenta menor heterogeneidade. Esta menor variedade acontece também no ramo profissional. Raramente, um filho de pais agricultores não dá continuidade à profissão da família.

O princípio segundo o qual o lugar que uma pessoa ocupa na sociedade é determinado, essencialmente, pelo lugar que nela ocupavam os seus pais – é muito mais forte no meio rural do que no meio urbano. (SOLARI, 1972, p.9)

É importante lembrar que o rural e o urbano passam por constantes transformações e apresentam peculiaridades. Por isso, não se deve, e é quase impossível, traçar teorias afirmativas e incontestáveis acerca deles. Para

Solari, o mais apropriado é, de fato, o trabalho que conta apenas com distinções a respeito de ambos os tipos de sociedades. Solari (1972) segue apontando disparidades entre os ambientes rural e urbano até que atinge um outro ponto relevante e que colabora para aquilo que pretendemos levantar.

Após nos introduzir noções sobre a sociedade rural e suas relações profissionais e espaciais, o texto “O objeto da sociologia rural” (1972) dá espaço para a discussão sobre os habitantes da área rural e suas relações pessoais com outros membros.

Este espaço rural do qual fala Solari configura-se como um ambiente por onde transitam algumas das mais doces narrativas de Viana, plenas de sensibilidade, e que acabam por estabelecer relações com aspectos levantados por Solari.

Desta maneira, trataremos de uma representação particular desde espaço, que consta na obra de Vivina de Assis Viana desde a década de 70, atentando para diferentes considerações que a escritora venha a fazer sobre este ambiente, e especialmente conhecendo características de sua narrativa rural que nos permitam caracterizar e particularizar o projeto literário de Viana.

A fim de que o leitor tenha um contato mais denso com o que introduzimos até agora, trazemos algumas das obras mais representativas no que dizem respeito ao ambiente rural.

As minúcias das obras serão apresentadas, contando com uma análise que nos permita levantar aspectos distintivos e únicos da obra de Vivina de Assis Viana.

O REI DOS CACOS (1977)

Tratamos, então, em primeiro lugar, da obra *O rei dos cacós*, publicada por Vivina de Assis Viana no ano de 1977. Nesta obra, a autora nos narra uma história sobre dois irmãos que tinham como brincadeira andar pelo córrego do Jacaré, um pequeno riozinho que passava por perto de sua casa na fazenda, brincando de colecionar cacós de porcelana.

O grande objetivo da brincadeira era encontrar o caco que completaria um outro, chamado de “o rei dos cacos”, porque era grande, listrado, em alto-relevo. Este caco, o rei, sem par, ficava dormindo dentro de uma caixa, e guardado num grande esconderijo bolado pelas crianças e pelo pai delas, para abrigar os cacos mais belos.

O pano de fundo da narrativa é o campo, aberto, encorajador, e cheio de novas possibilidades. A autora introduz sua narrativa propondo todas as belezas e a liberdade da criança que nasce e vive com os pés no chão de terra. A história da personagem que mora na fazenda começa assim:

Quando saio por aí, com meu irmão, brincamos de tudo: subimos em árvores, principalmente nas mangueiras, corremos atrás de todos os bichos, principalmente das galinhas e apanhamos todas as frutas, principalmente as verdes. (VIANA, 1978, p. 7)

Mais uma vez o caráter de impertinência da geração mais nova fica marcado, caracterizando a escritura de Viana.

No primeiro parágrafo do livro, já entramos em contato com alguns dos conceitos que caracterizam o morador rural, encontrados no texto de Aldo B. Solari. Apesar de se tratar de uma história que envolve duas crianças, eles aqui figuram como as personagens principais, representantes do morador rural. Os irmãos têm contato direto com a natureza, estando em harmonia com animais e plantas, desfrutando dos recursos que elas podem oferecer, da possibilidade de diversão através dela. Retoma-se aqui de certa maneira, quando se observa a exaltação da natureza, um tom bucólico, caracterizado pelo contato e com o desfrutar da natureza e com os elementos dela.

Subir em árvores, apanhar frutas, saber brincar e ter intimidade com os animais são características que fazem parte, com muito mais intensidade, da criança que vive na área rural.

De acordo com Solari, do mesmo modo que os pais tiram o sustento e a vivência da natureza em geral, as crianças tiram desta mesma natureza para si o essencial para o seu desenvolvimento e entretenimento.

Em *O rei dos cacos*, podemos notar alguns dos aspectos pontuados por Solari (1972) a respeito do contato estreito do homem do campo com a natureza.

A personagem que narra esta história nos dá um dado importante sobre sua brincadeira de andar no córrego em busca de cacos:

Minha mãe não gosta muito, nem minha avó, mas a gente anda assim mesmo. Meu pai nem vê porque fica trabalhando o dia inteiro, tratando das vacas, correndo de jipe, tirando leite, passeando a cavalo, cuidando dos porcos [...] Meu pai disse que lá, antigamente, era um tanque onde se fabricava polvilho, depois de colhida a mandioca. (VIANA, 1987a, 1987b)

Na fala da personagem infantil, temos um retrato do pai habitante do campo, cuidando dos animais, trabalhando com eles em prol de seu sustento. Também fica visível que o pai é um homem muito trabalhador, quando a personagem menciona que o pai não tem conhecimento das brincadeiras dos filhos, pois se dedica exclusivamente ao serviço. Seguindo a mentalidade do pai de família, responsável pelo lar, é sobre ele que pesa o sustento da família, enquanto cabe à mãe e à avó, mulheres, cuidar dos filhos, apontando para o modelo da família patriarcal.

A escritora toca por algumas vezes nas tradições. Interessante a maneira como a personagem menciona em determinados momentos os conselhos da mãe e da avó, apontando para uma sabedoria hierárquica que habita, principalmente, as famílias mais antigas, que moravam no campo.

Minha mãe não gosta muito e minha avó concorda com ela [...] Minha mãe diz e minha avó concorda com ela, que o nome certo é louça, e louça antiga [...] Minha mãe diz e minha avó concorda com ela, que são pedaços de aparelho de jantar... (VIANA, 1978a, 1987b, 1987c)

Além da tradição “sabedoria hierárquica”, das que passam de pais para filhos e netos, a História do Brasil também aparece relatada em um trecho na narrativa. Ao mencionar sua fragilidade de criança e seus medos, a personagem nos conta que a mãe e a avó dizem que as louças no fundo do rio são muito antigas e estão lá desde o tempo dos escravos, fato que provoca medo na personagem, que, muito criança, se assusta ao imaginar os corpos dos escravos no porão da casa.

A escritora toca, então, nas questões sociais, toca na História e brinca com o medo de criança, trazendo à tona algo aparentemente distante e que só tem importância na escola.

O grande desejo que perdura no coração dos irmãos, e que vai além das páginas do livro, é encontrar a outra metade do rei dos cacos, o maior dos cacos, que é listrado, de cor diferente, e que fica guardado com muito cuidado pelo irmão.

Junto aos outros tesouros do irmão, que ficam na mesma caixinha, o rei dos cacos fica adormecido e só é visto de vez em quando.

A brincadeira dentro do córrego, diversão preferida da personagem e seu irmão, dá conta de trazer ao leitor noções sobre o relacionamento familiar. O desejo de juntar cacos e o sonho de formar com eles a peça toda da louça que se partiu nos remonta à idéia da completude por meio do todo. A família da personagem, ainda que bem tradicional, contando com um pai que trabalha em prol do sustento da família, uma mãe que olha os filhos e os aconselha, juntamente com a avó, aponta para uma estrutura definida, que é característica da família do campo: mais unida, mais focada em unidade, formada por membros que desejam crescer juntos, ao contrário da natureza individualista da família urbanizada.

De maneira interessante, o texto de Pierre George (1972), “As bases geográficas da sociologia rural”, discute pontualmente, a condução de um estudo geográfico sobre a área rural. George menciona a distribuição das águas e sua importância para a localização das áreas habitadas. Em suas palavras:

A distribuição das águas – sob forma de tanques, alagados, ou correntes – a maior ou menor regularidade do regime dos cursos de água que atravessam ou margeiam a área de exploração, têm igualmente uma importância decisiva sobre a localização das áreas habitadas, sobre a maior ou menor concentração destas, sobre sua presença ou ausência à margem dos rios, conforme estes forem calmos ou sujeitos a enchentes bruscas e violentas. O rio, como o riacho, o poço ou o charco são pontos de fixação de múltiplas atividades, geradoras de contatos sociais. (GEORGE, 1972, p. 21)

O pensamento de George nos permite trazer e analisar a condição do elemento *rio* na narrativa de Viana. Além de, sobre o rio, concretamente, imperar a capacidade de definição da terra habitável ou não, da delimitação do espaço, o rio na narrativa é que amarra a condição da existência familiar, o rio é onde moram os cacos que precisam ser ajuntados para formarem o todo, completarem o quebra-cabeça. A água, elemento chave para a sobrevivência humana, é que gera a vida, em seu significado mais literal, e a vida, em seu sentido amplo, que envolve saúde e entretenimento.

Para Solari, o ambiente *campo* também supõe contatos mais estreitos e pessoais do que se encontra no meio urbano. O número de pessoas que se conhecem é menor, o que acaba ocasionando uma relação mais densa e profunda daqueles que são mais próximos.

A narrativa que conta com um rememorar, por parte da escritora, de seus tempos de infância, apresenta para o público leitor a possibilidade que o campo dava para que as idéias e a criatividade brotassem livres e passeassem pelo meio das crianças, resultando em brincadeiras criadas por eles mesmos, daquelas que não estavam à venda em loja alguma, nem à vista e nem a prazo.

De acordo com Viana, a brincadeira criada por ela e pelo irmão Lucrécio, quando brincavam no córrego do Jacaré, foi relatada em *O rei dos cacos* num momento de pura saudade e a escritora nunca imaginou que seu pequeno conto, que dizia respeito a algo tão íntimo, resultaria num livro, e muito menos, que ele seria tão belo.

O rei dos cacos... Eu me emociono profundamente até hoje. Escrevi num dia de saudades. Aquele livro é pura saudade... É uma coisa impressionante, porque como eu te falei, escrevi de pura saudade. (VIANA, 2005, p.9)

É possível reiterar aqui elementos dos quais falamos em nosso primeiro capítulo. A ficção, ainda que conte com elementos que brotem na imaginação da personagem, a fim de dar corpo à narrativa escrita, possui, em seu âmago, experiências pessoais daquele escritor, que fazem parte e existem em seu repertório como indivíduo.

É por isso que Ecléa Bosi (1987) nos atenta em todos os momentos sobre a capacidade da memória, ou aqui, da obra memorial, de ser a representação não apenas de uma pessoa, mas de uma sociedade, em outras palavras, ao mesmo tempo em que o conto descreve um momento de brincadeira de criança no rio, pode apontar para determinado público leitor que comungue de algumas das mesmas experiências.

Em qualquer tipo de literatura, seja de denúncia, de protesto, ou seja ela puramente para o entretenimento do leitor, ocorre algum tipo de impressão e expressão daquele que fala. Uma contação de história pode configurar-se como

lembrança da mais pura e pessoal, como acontece aqui, mas a qualidade da reprodução de uma voz uníssona por meio da voz deste escritor é evidente, e justamente por ser tão particular é que torna-se tão abrangente, abarcando diferentes e por vezes muito distantes realidades vivenciadas.

O rei dos cacós é uma bela narrativa plena de poeticidade e muita simbologias por meio da qual a autora dispensa grandes considerações a respeito do ambiente rural.

Visivelmente Viana traz o campo acompanhado de uma qualidade de vida que se opõe à da cidade, trazendo com ela um lado mais doce da vida, em que as brincadeiras e as ingenuidades da puerilidade encontram lugar para acontecer.

O projeto autoral empenha-se em compartilhar com o leitor esta história entre irmãos, favorecendo sua compreensão quanto a diferentes valores. Ele propõe ao leitor observar a incompletude da vida, e compreender de que modo ela, seja no âmbito familiar, seja no pessoal, como os cacós de porcelana, vale-se de pequenos e grandes pedaços, que, ajuntando-se, criam corpo, criam o todo.

ARCO-ÍRIS TEM MAPA? (1989)

Ainda nos dedicando a conhecer obras que usem do campo como ambiente para o brotar de suas narrativas, nota-se em *Arco-íris tem mapa* (1989) uma história doce e que conta, como as outras narrativas que retratam o campo, com a visão romantizada da área rural.

Nesta obra, conhecemos a história de uma menina, que, como criança que vive na área rural, anda atenta aos fenômenos da natureza. O arco-íris, para ela, é sempre muito misterioso, e ela gosta de imaginar como seria dentro dele. A chuva, quando não vem em forma de temporal, é motivo para muita farrá e diversão, deixando o rosto ensopado e os dedos murchos nas pontas, como os da avó.

A capa da edição mais moderna é amarela, iluminada pelo sol que faz crescer as plantações da fazenda e a personagem principal é retratada realizando um grande sonho: ter acesso ao enigmático arco-íris.

Por meio de uma linguagem desprendida e descomplicada, Viana compartilha tradições de quem vive no campo, de gente que aprende com a natureza, e vive dela, e que depende de esforços, muitas vezes braçais, para obter aquilo que necessita.

Eu sei a resposta das coisas quando chove. Primeiro é o barulho dos pingos no telhado, na escada da cozinha, no terreiro.

Depois começa um cheiro de terra molhada, de planta, de raiz, tudo misturado, igual às cores do arco-íris e o arroz com feijão no prato esmaltado. [...] Minha mãe pensava que eu sabia o que era um prato esmaltado, porque ela me pediu um ontem, na hora de tirar o queijo da forma de madeira.

Todo dia ela faz um queijo. Acho que também já sei fazer queijo, de tanto ficar olhando.

Tudo começa com o leite sendo trazido do curral, de manhã bem cedo. Minha mãe coloca um pouco de coalho no balde. O coalho faz o leite virar coalhada e depois virar queijo e nunca mudar de cor, sempre, sempre branco.

Depois que o leite coalha, isto é, vira coalhada, minha mãe dá uma mexida nele, lá dentro do balde.

Aí ela pega uma vasilha funda, mas não muito – bom é uma caçamba -, e vai separando o soro. Tira o soro do balde com a caçamba e vai guardando em outra vasilha pra dar pros gatos e pros cachorros, ou então pra fazer broa, de tarde. (VIANA, 1993a, 1993b).

O cotidiano da narradora do livro se afasta bem do cotidiano do leitor infantil da cidade. Enquanto a criança da cidade se diverte, em sua grande maioria, dentro de casa, munido de aparatos eletrônicos, as personagens da obra de Viana brincam com coisas que a natureza lhes oferece, brincam com terra, brincam com bicho, brincam com chuva. A personagem que narra história conta ao leitor que quando a chuva é muita, e não dá pra brincar de tomar banho nela, ela fica observando a chuva cair no quintal, molhando a casinha de fazer doces, os pés de laranja, jabuticaba, pêssigo, manga, limão e abacate, molhando as galinhas, o galo, que se escondem debaixo das árvores. Fica aqui marcada a impossibilidade até de as brincadeiras acontecerem se o espaço rural encontra-se impossibilitado de ser explorado.

A narradora conversa também sobre outros temas que compreendem a natureza da vida humana. Em poucas linhas, a personagem, que brinca e aproveita da melhor maneira os presentes que lhe dá a área rural, conversa com o leitor sobre o mais natural dos processos e também a maior perda: a morte.

Isso foi quando eu era bem pequena e corria atrás da Jolie, minha gatinha de três cores. Naquele tempo eu achava fácil entrar no arco-íris. Só chegar e entrar.

Depois fui crescendo e parando de correr atrás de Jolie. Num dia de arco-íris, ela, que ganhava todas as corridas, morreu.

Nesse dia aprendi que umas coisas a gente tem a vida inteira, outras acabam com o tempo. (VIANA, 1993 p, 19)

A autora, atenta em observar e compartilhar que alguns temas são atemporais e não dependem de espaço, toca no sentimento de perda e relembra que, ainda que se entenda a lei natural das coisas, ainda que se saiba que o que a natureza fornece, ela mesma pode tirar, fica difícil saber o que se pode ter pela vida toda ou não.

Habituada com o aspecto natural do dia-a-dia do campo, a obra infantil nos traz na voz da personagem um olhar interessante sobre os elementos da mãe-natureza.

Ele (o morador do campo) sabe que seus esforços, seus instrumentos, podem orientar o processo natural em certo sentido, mas que podem também ser, em grande parte, estéreis – isto é, que um ou vários fatores naturais podem torná-los inúteis. (SOLARI, 1972, p.7)

Como em *O rei dos cacos*, traços que apontam para o meio de sobrevivência rural, que depende das condições naturais e climáticas, *Arco-íris tem mapa* também nos remonta à relação afetuosa e de dependência que o morador do campo possui com a terra que habita.

No trecho subsequente, observamos também como isso acontece:

Meu pai vive dizendo que sem chuva a gente não vive. Por isso, todo ano chove, nem que seja pouco e tarde. Ele gosta quando chove muito e cedo, porque aí todo mundo começa a preparar a terra, arar e plantar. Eu e meu irmão: a gente gosta por causa do arco-íris.

Meu pai, que conversa muito essas coisas de sol e de chuva, às vezes fica muito tempo parado, no pé da escada, olhando o céu.

“Olhando o tempo”, diz ele. [...] Eu sempre prestei muita atenção no tempo. É dele que eu vivo, não é? Preciso do sol, da chuva, do vento. (VIANA, 1993a, 1993b)

O pai da personagem aponta para o modo de sobrevivência do trabalhador rural, aprendendo e ensinando o temperamento humilde e paciente,

quando fica olhando para o céu, parado, estudando o tempo e as possibilidades de ter sua plantação regada, suas sementes germinadas.

Conforme observamos ao longo de todo este estudo, elementos colaboram para a compreensão da intenção da escritura de Viana, sejam eles mais explicitados, sejam eles mais discretos e subjetivos.

Símbolos são alguns destes elementos, que nos permitem compreender com mais clareza a voz que se estende por toda a narrativa. Observa-se, desta maneira, a água, que além de possibilitar a vida de maneira objetiva, abastecendo e fortalecendo as células do corpo humano, filtrando e disponibilizando ao corpo o que é necessário ao seu bom funcionamento, trabalha também aqui como fonte de sobrevivência à aqueles que dependem do plantio, que dependem de ver sua produção, suas plantações crescerem, crescendo, assim, com elas. O elemento chuva é o agente fecundador do solo, que denota a fertilidade, possibilitando a vida, colaborando com ela, sendo essencial para o bem-viver de quem dela depende.

A escritora também dedica suas linhas para tratar dos relacionamentos familiares do campo, em especial no que diz às tradições e transmissões de conhecimentos que se enfatiza na área rural. Em alguns momentos, fica visível esta já citada transmissão de conhecimento dos mais velhos pros mais novos, num processo de ensinador e aprendiz que os caracteriza com grande propriedade.

- Pai, você me ensina a olhar o tempo?
- Meu pai tirou o chapéu de feltro, sentou-se na escada, puxou a gente para bem perto e disse:
- Isso não tem jeito de ensinar, só de aprender.
- E como é que a gente aprende? – insistiu meu irmão.
- Olhando, filho. [...]Essa música aí, que você estava assoviando, eu aprendi no seu rádio.
- Meu pai fingiu que estava triste:
- É mesmo? Pensei que você tinha aprendido comigo...
- E você, pai, aprendeu com quem?
- Com meu pai, seu avô. (VIANA, 1993a, 1993b)

Olhar o tempo não se ensina, se aprende. Viver no campo, conhecer as minúcias de trabalhar com a terra e com os bichos, reconhecer neles uma extensão de si mesmos, entendendo todos como natureza é processo que se aprende vivendo e observando aqueles que o fazem. De maneira distinta de

narrativas mencionadas no capítulo que se destina às obras urbanas, Viana aponta a família aqui como elemento de elos fortalecidos, colaborando para atentar o leitor a respeito de valores que tenham se perdido num processo de urbanização e capitalismo repentinos.

A família figura como elemento de transmissão não apenas de educação, afastando-se do cunho pedagógico, mas exerce o papel de transmissor de experiências e de conhecimentos daqueles que se perpetuam pela vida.

Os diálogos entre os membros da família atentam o leitor para o relacionamento familiar mais estreito e em foco no ensinamento das tradições. Estes ensinamentos, conduzindo e direcionando a formação da criança, novamente nos relembram do conceito da *herança*, proposto por Aldo Solari. O conceito, que é bem presente na vida do morador do campo, propõe que na área rural os filhos acabam, por uma questão de ciclo quase que natural, seguindo os passos do pai na profissão, fato que acontece com menos intensidade e frequência na área urbana.

Esta obra de Vivina de Assis Viana propõe, por meio de diversas características do texto, um recorte sobre a família do campo, atenta aos sinais da natureza, e aprendendo a viver em harmonia com eles. O rio não é parte da narrativa, como em *O rei dos cacôs*, mas a água aqui aparece como importante figura, regando e ajudando a brotar a vida nos personagens. Para os pais, adultos e responsáveis pela sobrevivência da família, ela ajudava a plantação; para as crianças ela colaborava como fonte de diversão e alegria, trazendo, muitas vezes o misterioso arco-íris.

Durante toda a narrativa, questionamentos sobre o arco-íris são feitos. Sabendo apenas que seu nascimento se dá por meio da junção de chuva e sol, a personagem se empenha em descobrir qual sua real função, sua utilidade para a família que costuma se beneficiar dos elementos da natureza. Fica evidente que ela entende que os fenômenos da natureza são fundamentais para a prosperidade de sua família.

Sempre a par do desenvolvimento e do dia-a-dia da família, as crianças ouvem, sabem, conhecem o trabalho e os esforços dos pais em favor de prover a eles o sustento, por meio do cuidado com a terra, atentando para a chuva, para o vento, para o sol e se eles vêm, e quando vêm, a fim de trazer, com eles, o germinar e o desenvolver das plantas.

Novamente fica evidente o propósito da escritora em trazer diferentes representações da criança para o leitor. Desenhando, agora, uma criança participativa da vida em família, ao mesmo tempo em que ela encontra permissão e incentivo para desfrutar de momentos de puerilidade e infantilidade apenas reafirma a idéia da escritora de distinção entre a criança criada em campo e a criança criada em cidade, não tendo grandes dificuldades em apontar o lado extremamente positivo e enriquecedor desta última.

Diante dos questionamentos das crianças a respeito da utilidade do arco-íris para a prosperidade da plantação da família, observa-se, nas entrelinhas propostas pela escritora, como se configuraria este elemento dentro da obra.

O arco-íris esboça-se como o local perfeito, onde todas as cores unidas resultam em uma só, igualando as diferenças, afastando as distinções e suprimindo as necessidades. A lenda da existência de um pote de ouro no final dele só colabora para reafirmar as conotações de primor e perfeição atribuídas a este elemento da natureza.

As cores majoritárias se completam num elemento de beleza inquestionável onde a diferença é sinal de completude do todo, e que premia àquele que se dispõe a entrar dentro dele, a assumir a beleza do todo, com um pote de ouro.

Querendo entrar no arco-íris, a personagem fala:

Um dia eu entro. Meu pai, minha mãe, meu irmão, a Jolie, meu avô, minha avó, a Pituca, o Arcanjo, tenho certeza que todo mundo um dia entra. Sem janela, sem porta, escada, nada. Só chegar e entrar.
Um dia a gente sai daqui do meio do mapa e entra naquela mistura de cores que minha mãe diz que são sete, mas que eu acho que são muito mais. Aquelas cores que ninguém sabe onde começa uma e acaba a outra.
Tudo junto, misturado, igual arroz com feijão no prato esmaltado, onde a gente guarda também o queijo feito na véspera ou o sanduíche que vai ser feito no dia seguinte. O sanduíche do dia que a gente aprende a olhar o tempo. A gente ou as gentes; essa gentes todas daqui e de outro lugares, outros sertões, Goiás, Bahia, São Paulo. (VIANA, 1993, p. 36)

Fica latente na escritura de Viana um desejo de compartilhar idéias, sonhos e desejos infantis. É possível dizer que o “entrar no arco-íris” exprime um desejo desta completude e igualdade das coisas. No desejo da personagem, a família toda se encontra no arco-íris, os animais preferidos, inclusive a gatinha Jolie e o avô, que já morreram.

A personagem, numa noite, sonha com o dia que todos entrariam no arco-íris. Refletindo sobre o sonho, a personagem se pergunta: “Ou será que arco-íris não tem mapa?”

O temor pela possibilidade da não existência de um caminho, de um mapa que conduza as famílias, as populações, sejam da Bahia, de Goiás, de São Paulo, até o arco-íris fica evidente, e a escritora dispensa por meio da voz da personagem questionamentos a serem projetados e pensados junto com o leitor, propondo que reflitam juntos se será um dia possível encontrar um caminho pelo qual a humanidade siga e supere suas diferenças, onde cores, natureza, animais, pessoas, diferentes raças, diferentes classes sociais, unam-se numa só direção.

Cores bem definidas, acompanhadas de outras, e a junção delas, formando o arco-íris, passam a idéia de identidade, da segurança, da completude, conforme já citamos. A cor *Flicts*, em Ziraldo, tem dificuldade em se encontrar e se conhecer, justamente por ser sozinha, e desfruta de um longo período de sofrimento e rejeição até entender que é igual às outras, quando encontra o lugar ideal para colorir. Fica a observação de que *Flicts* encontra seu lugar também em um elemento da natureza, a lua.

Mensagens de paz, esperança e igualdade atribuídas ao arco-íris não são novidades. Em 1939 Edgard Yipsel Harburg compôs uma das mais prestigiadas composições da música norte-americana “Over the Rainbow”. Os primeiros versos da canção nos dizem:

Somewhere over the rainbow
Way up high
There's a land that I heard of
Once in a lullaby

Somewhere over the rainbow
Skies are blue
And the dreams that you dare to dream
Really do come true

Someday I'll wish upon a star
And wake up where the clouds are far, behind me
Where troubles melt like lemon drops
Away above the chimney tops
There's where you'll find me.
(Over the rainbow, HARBURG, 1939)

Na tradução temos: Em algum lugar além do arco-íris/Bem alto/Existe uma terra da qual eu ouvi falar/Uma vez numa canção de ninar. Em algum lugar além do arco-íris/Os céus são azuis/E os sonhos que você se atreveu a sonhar/Realmente se concretizam. Um dia vou fazer um desejo a uma estrela/E acordar onde as nuvens estarão longes, atrás de mim/Onde problemas se derretem como pastilhas de limão/Muito acima dos topos das chaminés/Lá é onde você me encontrará.

A canção que sonha com a terra encantada mencionada nas canções de ninar, fantasia da mente das crianças e dos adultos, que buscam atingir o inatingível por meio do arco-íris, onde todos os problemas e as dificuldades se derretem foi adotada pelas tropas americanas na Segunda Guerra Mundial como símbolo de sua esperança e crença em uma vida melhor, numa terra de paz além das nuvens, além dos topos das chaminés.

Desta maneira, observamos como o projeto autoral de Viana se propõe a trazer ao leitor reflexões sobre os movimentos, falhas e necessidades da sociedade, atentando e dialogando com o leitor sobre diferentes possibilidades e distintas vivências.

A voz da escritora dispensa grande atenção aos acontecimentos mundiais, e analisar o campo torna-se ação complementar à análise de um comportamento urbano, já que a caracterização de um deles significa a particularização também do outro. Falar sobre a pureza, a sensibilidade, e a permissão para a puerilidade da criança nas narrativas rurais colabora para perceber como na voz e nos sentimentos da escritora a definição da criança que vive em cidade se apresenta de maneira distinta.

A história termina com a personagem dormindo e sonhando. Fica expresso o desejo da escritora em compartilhar um mundo mais rico e igualitário, um mundo definitivamente onírico. Não diferente do que acontece em outras vezes na história, a personagem sonha com o arco-íris. Desta vez, a família toda desfruta do belo colorido e das possibilidades trazidas pelo majestoso elemento da natureza.

A narrativa, construída por Viana com a intenção de atualizar lembranças e valores de sua infância, acabam por dispensar ao leitor mirim, de maneira despojada, noções de uma vida distinta da grande maioria deles, chamando atenção para valores que possam passar despercebidos, como a importância da natureza, as brincadeiras criadas pelas próprias crianças, os momentos preciosos

em família, e em especial o desejo por uma sociedade e uma humanidade mais acolhedora e justa, onde a igualdade e a união de cores resulte num maravilhoso colorido.

SERÁ QUE ELE VEM? (1986)

Raymond Williams, no capítulo "Cidade e Campo" (1989), ao discutir o aparecimento do aspecto rural na literatura gerada na época da Revolução Industrial na Inglaterra, afirma que esta menção ao rural não representa apenas a idéia de um passado mais feliz, embora muitas das pessoas acreditem que a felicidade plena existiu na infância, mas "apóia-se também numa outra idéia de inocência, associada à primeira: a inocência rural dos poemas bucólicos, neobucólicos e reflexivos" (WILLIAMS, 1989, p.69).

Para ele, campo e cidade tornam-se grandes opostos, um deles contendo a idéia da inocência, da pacificidade, da natureza, e o outro, significando a mundanidade.

É essa inocência contida na narrativa que trabalha com o campo que conhecemos em *Será que ele vem?*, obra de 1986, escrita por Vivina de Assis Viana.

Nesta obra, a escritora, que também usa do ambiente rural como pano de fundo para a narrativa, desenvolve uma aproximação do leitor com o ambiente rural, com os aspectos da natureza que rondam a cidade, aspectos que quem mora na cidade presencia de vez em quando ou quase nunca.

Em *Será que ele vem?* Juá, um menino morador da cidade, narra ao leitor as experiências deliciosas que presencia quando vai à fazenda dos avós, enfatizando o dia em que conheceu mais de perto um beija-flor. A narrativa é simples e não faz uso de palavras complicadas e que fujam ao vocabulário do leitor. O tom de confiança e conversa franca aproxima leitor e narrador.

Além de trazer ao leitor experiências prazerosas de Juá no meio rural, em contato com o verde e com os bichos, Viana trata de um ponto que acaba trazendo aos leitores, quase que em sua unanimidade, uma identificação com sua obra, que é o sentimento de bem-estar na casa dos avós.

As figuras avô e avó despertam lembranças e significados para a vida de muitas pessoas que já são hoje adultas, pois, associadas ao seu tempo de infância, apontam para a liberdade, o amor incondicional, sentimentos prazerosos e que representam completude e satisfação. Juá sentia-se assim quando visitava os avós.

Sobre este assunto, Maurice Halbwachs (1990) faz importantes apontamentos, considerando o importante papel dos avós para a constituição das pessoas como tais. Para ele, os avós representam um pedaço da História, como se estivesse ainda viva, porque ela vive naquela pessoa de idade, que presenciou e foi parte de um período. Para ele, os avós funcionam como nossa ponte ao passado, estendendo nossa experiência como indivíduos. São elementos vivos do passado circundados por outra época, outro momento, como os monumentos históricos no centro de São Paulo, que propõem uma inserção do momento histórico no pano de fundo moderno da metrópole, como já apontou Canclini (2000).

Mais uma vez, o aspecto familiar fica valorizado, apresentado de maneira positiva e otimista, como se percebe ao longo do projeto autoral.

A escritora chama a atenção para o fato de toda a família ser próxima, integrada e encontrar na companhia uns dos outros o bem estar e a união. Segundo Juá, numa espécie de tradição, a família se encontrava na fazenda na época de primavera para desfrutar das belezas que a natureza passava a oferecer nesta época do ano. Notamos, então, também aqui, o elemento família, sempre presente, quando se fala em meio rural. Aldo Solari (1972), quando menciona características da vida rural, não deixa de fazer referência à união e cumplicidade das relações das pessoas que vivem no campo. Limitadas a um número mais reduzido de contatos, eles acabam sendo mais unidos e familiarizados:

O número de contatos é menor, mas eles são mais concretos, mais diretos, menos parciais, cada indivíduo sabe muito mais daqueles com que trata do que os indivíduos do meio urbano. (SOLARI, 1972, p. 11)

Fica evidente que acontece na obra de Viana um mesmo retrato, de uma família onde os pequenos momentos, como o fato de sentar-se para admirarem juntos o jardim após o almoço têm grande peso e os caracteriza e constitui como família e individualidade.

Vale ressaltar aqui a distinção que pode ser feita no conceito família entre esta obra e *O dia de ver meu pai*, obra considerada urbana, por tratar de assuntos referentes à cidade. A família, na obra que trata das problemáticas urbanas, aparece desfalcada e sem valores, enquanto aqui ela é ponto alto e importante, já que juntos, desfrutam de pequenos prazeres da vida, como cheirar as flores e passear por elas.

O jardim fica todo colorido: rosas, hortênsias, violetas, margaridas, cravos, cravinas e outras flores que conheço, mesmo não sabendo o nome. O jardim não fica só colorido. Fica movimentado também. Meu avô, minha avó, meus tios, meu irmão, meu pai, minha mãe, todo mundo vai pra lá depois do almoço. O sol é quentinho, gostoso. A gente olha as flores crescendo, cheira as cheirosas. Passeando pra lá e pra cá, vamos colhendo as mais bonitas. Uma, duas, muitas. (VIANA, 1992, p.7)

A natureza entra na narrativa trazendo, além das flores, animais pequenos e que fazem parte do jardim da casa do avô de Juá. Este elemento configura-se como extensão do relacionamento familiar e passa a possuir significado para os membros dela, que reservam tempo de seu dia-a-dia para dedicar-se a ela.

A menção aos diversos nomes de flores simula um movimento por parte da escritora em favor de manter viva a natureza tão frágil e ameaçada frente a urbanização a galope. Apenas no ambiente rural elas encontram espaço para existir em sua completude.

Novamente fica evidente a característica de tranquilidade e serenidade que Viana imprime às narrativas que desfrutam do ambiente rural. *Será que ele vem?* confirma e colabora para que se entenda no campo o ambiente da perfeição, corroborando uma tradição de narrativas que tratam do rural como local de perfeição.

Muitos nomes de pássaros são mencionados, entre outros animais como joaninhas, minhocas e formigas. O beija-flor tem espaço importante na apresentação dos animais, pois será uma das personagens principais da narrativa. Juá descreve o beija-flor com a minúcia de quem conhece de perto a natureza e seus mistérios.

Será que todo mundo já viu um beija-flor? É um passarinho pequenininho mesmo. Tem um bico enorme, fininho, comprido, parecendo uma agulha. É isso mesmo: igualzinho a uma agulha. Enorme, fininha, comprida. Ele fica beijando as flores com esse bicão. Cada vez que um beija-flor beija uma

flor, não está só beijando, não. Está almoçando também, ou jantando. A comida está lá dentro da flor. Ela atravessa aquele bicão todo e depois chega na barriga dele. (VIANA, 1992, p. 9-10).

De maneira interessante, Juá, durante toda a narrativa, dedica-se a aproximar do beija-flor, a pegá-lo, não ansioso pela caça, mas desejando acariciar e afagar o pássaro, pra depois soltar.

Observar um beija-flor é sempre desfrutar de um prazer, pois o pássaro possui peculiaridades que cativam o olhar do observador. Suas penas em coloração furta-cor dadas por estruturas iridescentes existentes em suas penas, seu vôo rápido e sua agilidade no ar e no bicar das flores ao se alimentar só colaboram para acentuar seu comportamento gracioso e particular.

Falar do beija-flor abre possibilidades para a reflexão proposta por Viana em sua obra, sobre as belezas da vida, sobre as maravilhas que habitam o dia-a-dia, sobre a suavidade com a qual se pode viver a vida no campo.

A fascinação de Juá com o lindo e peculiar bicho nos traz um paralelo com a fascinação do menino pela vida no rural, onde encontra paz, tranqüilidade, amor dos avós, e contato estreito com a natureza, tão plena de cores e encantadora.

Fica explícito um desejo da autora em realçar as belezas do campo, trazendo ao leitor noções desta realidade, que a ele pode parecer mais distante e longínqua, caso a referência seja o leitor da cidade.

Como em *O rei dos cacós*, narrativa infantil já citada que relata a brincadeira de dois irmãos no rio Jacaré, como com outras crianças que vivem na fazenda, também aqui em *Será que ele vem?*, a diversão principal é brincar com a natureza. Juá fica cansado, com sede, e com a roupa toda suja de terra, porque gosta de brincar de correr por entre as plantas e em busca do beija-flor, querendo alcançar o pássaro e ver de perto o bico, as penas, a asa do pequeno bichinho.

Como em outras narrativas de Viana, a música é presente. As cantigas que faziam parte da vida das pessoas de antigamente marcam episódios da vida de Juá, como no dia em que um beija-flor entra acidentalmente no quarto de seu tio. Querendo se aproximar do beija-flor, a família se reúne no quarto, tentando alcançá-lo:

Minha tia tentou jogar uma toalha no beija-flor, não acertou, jogou de novo, ele voou pro outro canto da vidraça, parecia até de propósito. Ela gritou, pulou, tropeçou no pé da cama, caiu, levantou. Cansada, começou a cantar bem baixinho: “Meu coração, não sei por quê, bate feliz, quando te vê, e os meus olhos ficam sorrindo e pelas ruas vão te seguindo, mas, mesmo assim, foges de mim”.

Fiquei ouvindo e pensando que aquilo também não era música pra beija-flor. Quando ela terminou, falei:

- Ah, agora é que ele não vem mesmo, tia Celeste. Você complicou tudo, ele vai achar que a gente tá querendo ser dono dele. E é mentira, viu? Mentira pura. (VIANA, 1992, p. 23).

Mais uma vez amostra-se a importância atribuída pela autora à música. A melodia embala a narrativa, sendo representante artística de grande valia para entender mais da personagem, tão mergulhada em uma relação de amor e apego ao passarinho.

A fuga constante do beija-flor, querendo sair do quarto e voltar para a natureza dialoga com a condição de Juá, morador da cidade, preso dentro dela, mas que visita com frequência a fazenda do avô, encontrando nela a verdadeira realização e liberdade para ser criança.

O beija-flor, pássaro acostumado a viver sozinho pelos ares, nunca em bando, traz identificação com o menino Juá. Em determinado momento, ambos sozinhos no quarto encontram em si mesmos reflexos do sentimento de falta de liberdade quando acudados num ambiente em que não querem viver.

Expressa-se aqui a preocupação da escritora com a questão da liberdade infantil, que fica tolhida quando a criança é obrigada a viver enclausurada em prédio.

No restante da narrativa, a única preocupação de Juá é fazer amizade com o beija-flor. Tenta de todas as maneiras, tenta todas as possibilidades para chegar mais perto do passarinho. Canta, fala alto, fala baixo, chora, promete uma flor do jardim, e no final acaba adormecendo.

Sem saber se o beija-flor vem ou não, misturando sonho e realidade, Juá sente mais de perto o animalzinho chegar. Mais uma vez configura-se a importância de sonhar, e atingir por meio do sonho aquilo que se deseja, alinhavando uma tradição de uma marca escritural. Juá desfruta de um adormecer confortável na cama do quarto do tio, na fazenda dos avós, pegando no sono, querendo ser amigo do beija-flor, querendo ser livre como o beija-flor.

Fica evidente, portanto um anseio da autora em compartilhar e tratar com o leitor dos desejos de criança, que desdobram-se em uma ansiedade de conhecer e desfrutar de maneira integral das belezas da natureza, realidade tão distinta do que se encontra na cidade grande.

RETRATO DE UMA SOCIEDADE

Conhecendo essas obras da escritora Vivina de Assis Viana, o leitor que entra em contato com essas narrativas percebe que todas elas possuem uma espécie de núcleo, de âmago que apresenta e traz à tona uma referência, em certo aspecto idealizada em relação a este passado mais rural, pleno de inocência e tranqüilidade, não chamando atenção do leitor para dificuldades e contratemplos que possam existir para aqueles que moram no ambiente rural.

É evidente que a autora apresenta para o público infantil o lado bom e aparentemente indefectível da vida no campo, poupando-a do contato com um lado mais verdadeiro que possa haver, que pode compreender desde cedo a inclusão da criança nas tarefas domésticas, a dificuldade de mobilidade, visto o isolamento do ambiente rural, um atraso em relação à modernidade, dependendo muitas vezes de elementos que, num ambiente moderno, haveria instantânea resolução. Desta maneira, fica à mostra a herança de um pensamento romântico, que já citamos, mas que permite considerações mais profundas, já que inclui além de uma simples referência idealizada a um passado pré-capitalista, da pré-exploração do trabalho do homem, e de seu tempo e de sua qualidade, mas também remonta a um culto dos valores morais, entre outros valores, que apresenta este passado.

Também fica fácil relacionar a aparente utopia frente aos valores do campo, no qual figuram como ambiente desprovido de desvantagens e pontos negativo, à “utopia retrospectiva” mencionada por Antonio Candido em *Os Parceiros do Rio Bonito*. Esta obra de Candido que configura-se quase que como um trabalho sociológico, busca observar a mudança de vida pela qual passou o caipira mediante a brusca expansão capitalista. O teórico, ao estudar aspectos da vida caipira observa que a nova situação econômica imprime, de certa forma um “saudosismo

transfigurador”, uma “utopia retrospectiva” (CANDIDO, 1971, p. 193), que configura-se como uma comparação, pelos mais velhos, em especial, do presente, com a antiga vida tradicional, valorizando em excesso este passado e criando uma representação um tanto idealizada dele.

Os caipiras sabem que essa é uma imagem ideal, e na verdade havia mais mortes e violências, a maleita “abria faia (falha) no povo”, ocorriam anos de míngua e fome. Sabem, por outro lado, que não havia recursos como agora, nem os bens de consumo que lhes dão prazer quando obtidos. No entanto, é a sua maneira de criar uma idade de ouro para o tempo onde funcionavam normalmente as instituições fundamentais da sua cultura, cuja crise lhes aparece vagamente como fim da era onde tinham razão de ser como tipos humanos. (CANDIDO, 1971, p. 195)

Observamos, então, que essa lamuria a respeito do tempo presente, vendo no tempo passado a prosperidade e a fartura, configura-se como característica de uma sociedade insatisfeita e que projeta um sentimento idealizador frente a um desencanto que possa existir, muitas vezes relacionado à situação econômica, ou algum outro tipo de infelicidade.

Fica então visível o paralelo que se pode estabelecer com as narrativas de Viana que abordam e trabalham o campo. Da mesma maneira, um desencanto e uma desesperança frente ao tempo presente, dotado de grandes doses de desigualdades e violências, projetam em sua obra olhares mais idealizados que constroem uma realidade distinta da que havia na época. A escritora, motivada por tamanha depressão frente ao que a vida moderna oferecia, como ela mesma cita em diversas entrevistas, faz o ambiente rural soar como o lugar onde tudo era perfeito.

O que se pode observar, então, é que Viana possui, por motivos diversos, já mencionados, um afeto pelos valores do campo. Nas narrativas discutidas anteriormente, o campo figura como ambiente de paz e tranqüilidade, palco das lembranças mais doces da infância, da união familiar, do apreço da natureza e da eterna meninice.

Considerando o pensamento que caminha por entre as virtudes e pontos positivos do ambiente rural, Michel Löwy apresenta em *Romantismo e Messianismo* (1990), algumas análises e reitera considerações de grande valia para

o melhor entendimento sobre o pensamento romântico, tal como a reflexão sobre em que medida ele se alia, ou não, às teorias marxistas, entre outras apreciações.

O que se pode observar, então, é um sentimento de nostalgia e valorização extrema do passado, num ambiente ainda rural. Para Löwy (1990, p.14) “atrás do ‘tumulto multicolor’ há um núcleo sólido, uma invariante essencial, que é precisamente a referência idealizada ao passado pré-capitalista”.

Consta aqui uma importante distinção que é identificada em Viana, e já discutida no segundo capítulo, e vê-se agora em Michel Löwy. Os valores, morais ou de relacionamentos, que se encontravam mais fortalecidos e concretos, nas sociedades rurais, encontravam-se, agora, perdidos e inúteis com a chegada da vida urbana e quantificada.

Por *quantificada*, entende-se:

Quantificação da vida, isto é, a total dominação do valor da troca (quantitativo), do cálculo frio do preço e do lucro, e das leis do mercado, acima do conjunto do tecido social. (LÖWY, 1990, p. 37).

A quantificação da vida na cidade significava o que observamos nas obras urbanas da escritora: a quantificação do casamento, a quantificação da família, a quantificação das amizades, em outras palavras, todos estes elementos se encontravam fadados a serem reduzidos a relações de lucro, relações de troca, relações puramente utilitárias, que se infiltraram no campo, conforme Raymond Williams, perante as complexas mudanças nas relações de propriedade no período de dissolução do feudalismo, dando à luz essa classe marcada pelo “capitalismo agrário incipiente”. (1989, p. 88)

Para o teórico Michel Löwy, pode se dizer que:

O declínio de todos os valores qualitativos - de ordem social, religiosa, ética, cultural ou estética -, a dissolução de todos os vínculos humanos qualitativos, a morte da imaginação e do romance, a uniformização monótona da vida, a relação puramente utilitária – isto é, quantitativamente calculável – dos seres humanos entre si e com a natureza. (LÖWY, 1990, p.37).

É possível perceber, então, que em largas escalas, a distinção entre as obras urbanas e rurais de Viana de Assis Viana existem, de fato, compreendendo

aspectos diversos, que vão desde a esfera familiar a outros relacionamentos, ou da esfera das tradições e dos valores, dos aprendizados e dos pequenos gestos, marcando e caracterizando cada uma delas.

A grande parte destes elementos é abordada em ambos os grupos de obras, ora mais enfaticamente em um aspecto, ora em outro. Porém, o que é relevante e que deve ser mencionado é que existe, por parte da autora, uma preocupação em delatar e relatar cada uma destas dessemelhanças, chamando a atenção do leitor para pequenas especificidades que colaboram para a reflexão e formação do caráter dos pequenos leitores.

É importante notar que para a escritora é essencial que o leitor faça este trajeto mental, observando e definindo aspectos sobre elementos que estão presentes na vida de quem mora na cidade, na vida de quem mora no campo, a fim de emancipar a si próprio.

Viana contribui com este pensamento quando deixa claro o que entende por literatura. Focando-se no leitor, reitera seu compromisso com o conteúdo informacional a ser disponibilizado para ele por meio de sua escrita.

Um fator que também colabora em particular para este conjunto de obras da escritora que usa do espaço do campo para elaborar narrativas é o caráter memorial que estas obras carregam.

Viana, além de relatar de maneira ficcional narrativas sobre bons momentos em companhia da natureza, comporta em suas obras boa dose de suas próprias memórias. Plena de um sentimentalismo de quem já viveu a situação, ou ao menos desfrutou de algo similar ao narrado, a autora despeja conteúdos que vão além e misteriosamente tocam o coração do leitor.

Foi na fazenda que ela foi alfabetizada, que ela brincou das melhores brincadeiras, que ela desfrutou dos melhores sentimentos de liberdade.

Maurice Halbwachs (1990) de maneira interessante explica como, por vezes, um importante episódio que integra a memória de uma criança pode ser guardado e fica retida às margens da memória, e de repente, por algum motivo, o acontecimento toma sentido e desperta, renasce, num sentimento de terras não antes descobertas.

Parece-nos semelhante ao movimento que Viana faz. Ao entrar em contato com a cidade, com a frieza e as grandes chaminés das metrópoles, com as novas noções a respeito dos relacionamentos em família, ao conhecer a começar a

ter conhecimentos mais amplos, as memórias sobre a infância na natureza, as brincadeiras inventadas, longe de terem qualquer preço para a sua obtenção, despertam, como que em um movimento de tomada de sentido e necessidade de compreensão.

A memória funciona como álibi e maneira de se agarrar a um passado que foi sobremaneira satisfatório e que traz, com frequência, recordações de caráter positivo.

É possível verificar aqui que as três personagens centrais das narrativas reiteram um sentimento de afeto às memórias da época do sítio, corroborando um pensamento proveniente da mente e dos gostos pessoais da escritora. O fato, que não distancia as narrativas de seu cunho ficcional, rememora o leitor das possibilidades e do leque aberto e híbrido que representa o processo da escritura, e todas as possibilidades que ele apresenta.

Tanto em Foucault (2000), atentando-nos para a complexidade e profundidade do conceito de autoria, como em Barthes (2004), quando nos fartamos de idéias sobre a escritura e suas peculiaridades, observamos o processo rico e misterioso que pode significar a construção de uma obra.

Assim, falar destas obras das quais viemos nos ocupando ao longo deste capítulo nos remete a esse autor do qual fala Foucault, que não apenas vive e se caracteriza de seu nome próprio, mas é a voz de toda uma coletividade a fim de produzir escritos, ao mesmo tempo em que é unidade e singularidade reafirmado na coletividade de seus textos.

Este acervo bibliográfico que desenvolve em si uma temática mais envolvida com o lado natural da vida deixa aos leitores uma voz que não é apenas de Vivina de Assis Viana, mas se dá nela, e envolve uma tomada de posição, valorizando e atentando para elementos que só se concretizam no meio rural. Sendo memórias da escritora ou não, são uma extensão daquilo que uma sociedade viveu e presenciou, e gradativamente, desaparecem como uma imagem que se embranquece, frente “à natureza insípida do sistema burocrático (pós-capitalista) industrial” (LÖWY, 1990, p. 51).

CAPÍTULO 4

IMPRESSÕES DIGITAIS

...Renda-se agora ou nunca,
Pois tudo será diferente
Depois da máquina do sucesso
Do silício inteligente...

Eduardo Quadros Araújo. *Homo Digitalis*

UMA ESCRITURA VIRTUAL

Até o presente momento, temos conhecido de Vivina de Assis diferentes tendências no que diz respeito ao tema. Observamos nos capítulos que antecederam este, que a obra da escritora contou com duas temáticas distintas, abordando ora um veio que aponta para o urbano, trazendo à tona as mazelas sociais trazidas pelo crescimento das cidades, e ora o lado rural da vida, onde a tranqüilidade e as brincadeiras de criança tomam o espaço, tendo como pano de fundo o chão de terra.

Viana é uma escritora que possui grandes doses de diversidades no que diz respeito a seu processo de escritura. O fato de a escritora estar ainda viva e ativa em suas publicações e em seu trabalho de consultoria a editoras, também colabora para que suas escrituras sigam em ritmo constante de novidades.

Desta maneira, a escritora, que anda sempre atenta aos movimentos da sociedade em que vive, quis trazer para seus leitores uma narrativa diferente. Mais distinta ainda, seria a maneira onde, e pela qual, esta narrativa seria escrita.

Em busca constante por inovações de várias naturezas, e observando os caminhos pelos quais a literatura tem trilhado, Vivina de Assis Viana, em 2004, aceitou uma proposta não nova, porém considerada ainda recente, contrariando previsões pessimistas e tomando a frente em prol de um novo projeto que surge e que instaura uma nova era na história da leitura. Viana abre os braços para a possibilidade de uma mescla entre o livro e o suporte digital.

Encontramos no texto “A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado”, de Tânia Pellegrini, observações riquíssimas no que diz respeito ao modo de sobrevivência de veiculação da literatura atual.

Para a teórica, a literatura dos últimos trinta anos vem sendo obrigada a, de alguma forma, submeter-se a espécies de preceitos estimulados pela mídia e pelo mercado.

Atenta às mudanças dos valores que imperam sobre a literatura, Pellegrini observa de que maneira o público, ou a recepção do texto é agora a mola-mestra, lançando sobre o autor seus interesses e preferências, obrigando que o autor coloque-se em posição de subserviência, produzindo uma literatura estritamente direcionada ao gosto do freguês, que nem tem sido tão significativa, vista a baixíssima porcentagem de leitores no país, completamente desproporcional ao crescimento populacional.

Fica fácil notar como as relações entre leitor e obra encontram-se inteiramente alterados, dando lugar a “uma intrincada rede de produção e consumo de preferências e tendências vinculadas à dinâmica do mercado” (PELLEGRINI, p.5).

É evidente que diante deste quadro, alguns escritores têm feito um tipo de movimento de adaptação a esse público, uns com maior intensidade, outros com menor, a fim de manter-se no mercado, já que, é evidente o desejo de todo e qualquer escritor de desfrutar da possibilidade de viver do próprio trabalho da escritura.

Desta mesma maneira, outros escritores procuram veicular sua literatura de alguma forma que atinja o público leitor e seus interesses. Essa outra forma seria veicular seu texto usando-se de um dos meios mais rápidos e democráticos existentes, a internet.

Diante do olhar sobre a literatura e internet, a mais instantânea idéia era de que ambas não poderiam, de modo algum, ocupar o mesmo lugar. A verdade é que hoje, vivendo na era do suporte tecnológico, não há arte que não esteja submetida a conviver, adaptando-se ou não, ao lado da informatização.

De acordo com alguns teóricos, como Umberto Eco, dizer que os livros, num futuro breve se configurarão como obsoletos e terão seus dias contados, massacrados pelo multidimensional mundo computadorizado não denota exagero algum, porém já são visíveis os traços que permitem relacionar o mundo digital ao

mundo escrito com sucesso, e pretendemos levantá-los a fim de corroborar o fato da pacífica e renovadora mistura de ambos.

É preciso ter a consciência de que o medo pela possibilidade de que coisas novas venham a adormecer outras não é novidade nenhuma. Se o faraó Thamus temeu pela memória da humanidade quando do surgimento da escrita, nossos teóricos, pesquisadores e escritores têm algum direito de temerem pela literatura. Porém, que não vença o temor, pois Viana nos presenteou com uma maravilhosa demonstração de como se casa a literatura e o meio digital.

Desta maneira, Vivina de Assis Viana desfruta do elemento mais moderno e atual do momento, usando da internet a fim de produzir um texto distinto pleno de novas probabilidades e perspectivas, procedendo de maneira similar ao movimento que fez na década de 70, quando, em meio a uma literatura adulta de denúncia social, trouxe às crianças livros em tom de conversa aberta sobre a sociedade e seus males.

A iniciativa para a produção destes contos na internet veio do site do Banco Real, que propôs a escritura de um conto interativo, que se encontra até os dias de hoje disponível na internet, numa página para crianças que o site criou. O lugar que guarda o livro digital se chamou “O canto do conto” e pode ser encontrado por meio do endereço: <http://www.brincandonarede.com.br>.

O projeto que propõe a combinação entre as letras e os cliques contou com dez capítulos quinzenais. Além da proposta em questão proporcionar a interação dos meios comunicacionais, conta com a seguinte peculiaridade: a escritora era responsável por disponibilizar em rede, previamente, o capítulo a determinados leitores, já cientes do funcionamento do projeto. Por meio de perguntas formuladas pelo próprio sítio do Banco Real, estes leitores internautas respondiam as questões, fazendo simultaneamente um processo de sugestões para autora, sobre possíveis inserções ou omissões a serem feitas na narrativa.

Após o período vigente para o envio das sugestões dos leitores para Viana, a autora republicava o capítulo, agora recheado das idéias advindas do público internauta.

De acordo com as normas propostas pelo sítio, os autores e autoras convidados pelo site a participar do projeto interativo poderiam, ou não, acatar as sugestões do público mirim. Caso julgassem desnecessárias, incoerentes ou

prejudiciais ao desenvolvimento da narrativa a alteração de qualquer elemento, tinham o direito de não utilizar determinados pareceres.

O conto de Viana apresentou um resultado belíssimo e abriu a discussão para muitos conceitos modernos que andam perambulando pelas escrituras dos teóricos da literatura. O suporte digital, que foi adentrando as estruturas do mundo todo com muita facilidade e rapidez, não trilharia caminhos diferentes em relação ao universo da leitura.

É por isso que se pretende analisar e levantar com cautela muitas das coisas que se pôde perceber a respeito desta interação que de fato deu certo, a despeito de qualquer medo de que não se encaixassem, talvez por aparentarem um tipo de oposição. Munidos de idéias de alguns teóricos, observações serão aqui levantadas, a fim de colaborar para a constituição de uma teoria e ilustração sobre como pode funcionar a mescla livro e internet.

A despeito de profecias pessimistas, chegando muitas vezes a ouvir falar em fim do livro, a sociedade agora conhece novas formas de combinações, dissolvendo hierarquias como a do leitor e escritor, entendendo a rede como espaço democratizante e alargador de fronteiras corroborando para afrouxar o conceito de autoria quando se fala em um texto escrito a várias mãos.

Quanto a nós, leitores, a proposta parece trazer uma nova perspectiva no que diz respeito à combinação entre o livro e a internet. A escritora, durante a entrevista em 2005, não esconde o que achou da idéia:

Ah... Eu achei maravilhoso, primeiro porque eu tenho sessenta e cinco anos, quer dizer, não sou velhíssima, mas também não sou nenhuma menininha. Sou da roça, com cavalo, já falei, já repeti, cavalo, vaca, cachorro, gato, só [...]

Internet, eu nem passava perto, e de repente, você sabe que escritor é muito dividido né, não sei se você já percebeu, escritor é muito dividido entre o uso ou não do computador [...]

Aí comecei a ver que mudava parágrafo, você passa pra cá, passa pra lá, não precisa apagar, porque máquina não tem jeito de você ter estes recursos, e à mão é trabalhoso [...]

Quer dizer, quando me convidaram, graças a Deus eu já sabia o processo todo, senão ia ser trabalhoso, porque tem dia marcado, certinho, você tem que mandar o capítulo porque aí eles mandam pras crianças, aí as crianças lêem, tudo direitinho. E aí deu certo. Eu fiquei extremamente fascinada, principalmente com essa história de ter gente escrevendo junto comigo, porque o hábito de escrever é muito solitário. (VIANA, 2005a, 2005b, 2005c).

Para entender melhor como estas observações se aplicam ao conto digital elaborado por Viana e seus leitores-escritores, pretendemos, em primeira instância, mostrar um pouco desta narrativa online.

A ESTRUTURA DE *A PIPOCA DO QUINTO ANDAR*:

O conto de Vivina de Assis Viana, delicadamente desenvolvido a várias mãos, chamou-se *A Pipoca do Quinto Andar*, uma narrativa mais vívida do que nunca, e que contou com muita fantasia, idéias diversas, provocando e aguçando as sensações do público leitor.

A narrativa conta com a história de uma família que se muda para um prédio na cidade de São Paulo. São recebidos pelos novos vizinhos, que trazem com eles uma cesta lotada de cheirosas pipocas, como presente de boas vindas, além de presentear os leitores com ótimas doses de humor. Ao longo da narrativa, eles vão se conhecendo, e seus diálogos rápidos dão o tom acelerado da história que se desenrola.

Tecendo uma narrativa de tom despojado, Vivina de Assis Viana propõe no desenvolvimento da história uma conversa tanto com as personagens da narrativa, como com os próprios leitores.

O site do Banco Real, muito colorido e abarrotado de paisagens e personagens que emolduram o texto, disponibiliza a estrutura de um livro para que a leitura online aconteça.

Podemos notar que, embora exista inovação por parte do site, ao sugerir a combinação entre a internet e o livro, padrões são mantidos, a fim de que o leitor sintasse ao menos em parte familiarizado com o texto.

O livro digital é dividido em capítulos que, como já mencionamos anteriormente, conta com dez deles, e as páginas são viradas com um clique do mouse.

Ao abrir a página do “Canto do Conto”, o leitor encontra-se com uma sinopse da obra, que resume em poucas linhas a situação inicial da narrativa, com o objetivo de ali cativar o leitor. Também fica disponível para consulta a página

que contém o nome das crianças que integraram o processo de escritura da narrativa.



Figura 9 – A estrutura do site que imita o livro.

Temos, ao longo do texto, grafadas na cor roxa, as palavras que possam ocasionar dúvidas quanto ao seu significado, já que o público leitor, em sua maioria crianças, podem, por vezes, desconhecer algum dos vocábulos.

Em auxílio ao infantil leitor, não é necessária a recorrência ao dicionário em caso de dúvida. O mouse, passado sobre a palavra, dá ali a sua definição, procedimento que se assemelha ao do hipertexto, onde, de um texto recorreremos com facilidade a outro, muitas vezes explicativos, como no caso da renomada Wikipedia.

COMO SE CONTA O CONTO

No capítulo introdutório, a narrativa é apresentada por um método metatextual, onde a narradora explica, de uma maneira que caminha entre o real e o fantástico, o acontecimento que originou o conto, que teria sido seu contato com a editora.

Um dia, quando estava, como agora, escrevendo neste computador, recebi, por e-mail, o primeiro recado:

- Viví, fiquei sabendo que você escreve histórias. Quer escrever uma sobre a minha família? Um abraço da Lúcia.

Disse que escreveria, sim, mas acompanhada.

- Acompanhada? Sempre soube que os escritores escrevem sozinhos, na maior solidão. Explica isso direito, Viví.

Expliquei bem explicadinho, por telefone:

- Lúcia, é o seguinte: se eu escrever a história que você está querendo, será pela internet.

- Internet, Viví? Com todo mundo lendo?

- Todo mundo, não! Nada de exageros. Todo mundo, não, mas muita gente. Crianças.

- Crianças?

Continuei explicando bem explicadinho:

- Existe, na internet, um site chamado Brincando na Rede. Nesse site, alguma história sempre está sendo escrita. Em capítulos. De quinze em quinze dias, capítulo novo...

- E daí? E as crianças?

- As crianças vão lendo os capítulos e ajudando o autor, escrevendo com ele.

- Como é que elas fazem isso?

- Muito fácil: elas enviam e-mails com opiniões, palpites, sugestões.

- E o autor coloca na história as opiniões, os palpites e as sugestões delas?

Você coloca, Viví?

- Tudinho! - respondi.

- E se as sugestões não forem boas, Viví? Você finge que não leu?

- Lúcia, como é que eu vou fingir que não li, se eu sei que li?

Ela deve ter pensado que eu estava complicando. Mudou de assunto, desligou, parou de enviar e-mails. Até que um dia...

- Viví, a história vai começar amanhã de manhã, não se atrase! Beijos da Lúcia. (VIANA, 2004, p. 5)

Observa-se que Viana explica o método pelo qual construirá a narrativa, explicitando para o leitor o seu cunho ficcional. Ela conta ao leitor de que maneira surgiu a idéia do conto que viria a se constituir na internet, inserindo o fato na própria narrativa.

A família de Lúcia, ou a família que está se mudando é uma família comum e bem estruturada. Pais e filhos vivem juntos e os diálogos entre os cinco (uma menina e dois meninos) acontecem sempre. A cargo do pai, fica sempre a função de dar qualquer tipo de instrução. Quando o menino do meio afirma que gostaria de trocar de função por um dia, e viver na pele do pai, dando se ao luxo de receber café no escritório, entre outras “mordomias de pai”, o pai responde:

Nada disso! - interrompeu o pai. - Nada de filho virar pai antes da hora! A gente é igual planta. Tem a hora de plantar, a de germinar, a de nascer, a de crescer. Vocês foram plantados, germinaram, nasceram e, agora, estão crescendo. Entenderam? É hora de crescer, buscar chinelo, levar café, calar a boca... (VIANA, 2000, p. 12).

A proximidade familiar fica evidente também quando observamos nas falas das crianças a preocupação dos pais com sua educação. Em um trecho do segundo capítulo, o filho menor de Lúcia, agarrado à perna da mãe, menciona o fato de a mãe ler para eles belas histórias à noite, antes de dormir.

A família vizinha, composta de pai e filha, é caracterizada por ser uma família mais distinta. Chineses, Jornalzinho e o Sr. Chang recebem a família de Lúcia com um cheiroso balde de pipoca. Quando questionada sobre a mãe, Jornalzinho quase formula uma resposta, mas desiste de tentar dar explicações: “Não, minha mãe tá viajando, ela foi... deixa pra lá, só quero falar de vocês”.

A família nada convencional é que traz a mágica para dentro da narrativa. A família de Lúcia e Henrique conhecem um pouco da fantasia e do mundo de faz de conta após conhecer Sr. Chang, que, chamado de MerLin aos fins de semana, tem um quê de mágico, e é rapidamente responsabilizado pelo sumiço das pipocas do cesto, logo no início do terceiro capítulo.

De maneira lúdica, Henrique, pai responsável e que desempenha o papel da paternidade com rigor, tem inserido em seu cotidiano os primeiros traços de magia, quando seus “chinelos de pai” magicamente vão parar dentro da cesta, antes cheia de pipoca.

As crianças que colaboraram com idéias para o desenrolar da narrativa são inseridas no texto como personagens. Vivi, a personagem de Viana menciona as crianças de maneira natural acusando-as como as responsáveis pela ocorrência do que há de fantástico na narrativa.

A escritora, além de encorpar na narrativa o processo de escritura do conto, adianta ao leitor outra característica importante: a participação do público infantil como co-autores de sua narrativa. No trecho que se segue, podemos observar a menção que a escritora faz a este fato peculiar e que dá um tom particularizador à história escrita por Viana.

- Fala verdade, Vivi. Caminhão escalando escada e pipoca despencando da janela, isso é idéia sua?
- Não menti. As idéias eram das crianças que me escreviam, aqui para o site Brincando na Rede. Edna, Chris, várias crianças. (VIANA, 2004, p. 37).

Não existe preocupação, por parte da escritora, de que o leitor leia a narrativa entendendo-a como verdade absoluta, mas ela o atenta, por diversas vezes, para o método que aponta para o lado ficcional e pensado da escritura, lapidado com cautela por todo escritor. Desde a idéia inicial sobre o tema central da narrativa até a escolha dos nomes das personagens, é disponibilizado para o leitor mirim, deixando-o consciente sobre tudo o que se passa por trás do processo de escritura de uma história.

Fica claro, portanto, ao longo da narrativa toda, esse intercâmbio entre informações dos mundos externo e interno referentes à narrativa.

Mundo virtual e real são ali misturados, quando Viana brinca de trazer para o leitor uma significativa combinação, afirmando que sua narrativa estaria contaminada por um vírus desses de computador, chamado “vírus piruá” e que por esse motivo a pipoca teria desaparecido do cesto.

Brincando com as possibilidades, a escritora mescla o suporte do texto com o texto em si e propõe uma brincadeira gostosa numa narrativa que abre tantas probabilidades a serem exploradas. Fica evidente que um texto novo e de perspectivas a serem ainda descobertas, torna-se fácil criar estas novas adaptações e propor novas maneiras para que elas funcionem.

Novidade, Jornalzinho, é eu poder informar e afirmar, com certeza absoluta, que entrou um vírus nesta nossa história. Igualzinho aqueles que entram nos computadores. Quem descobriu foi o Dario, que me escreveu ontem. Menino esperto. Com 12 anos, descobriu até o nome do vírus, você acredita? (VIANA,2004, p. 38)

Observa-se o quanto o leitor Dario desfruta da atenção da escritora, já que constam no texto de Viana peculiaridades que diz respeito ao modo de produção do texto. O texto que se segue também colabora para demonstrar tal procedimento:

- Dario disse que eu sou mágico e ele não está enganado. Disse também que, como esta história é virtual, eu fui infectado por um vírus que acabou sumindo com a pipoca! Disse ainda que o vírus é do mal, igual o que visita o computador da casa dele. Menino esperto. No final da carta, ele escreveu:
- O vírus tem que ter nome de coisa ruim. Nada melhor, portanto, do que o nome da única parte ruim da pipoca: PIRUÁ! (VIANA, 2005, p. 39-40).

Jornalzinho funciona na narrativa como o retrato da criança inteligente e informada, sempre atenta aos acontecimentos mundiais. Levando esse nome por assemelhar-se a um jornal, meio de comunicação conhecido por veicular grande número de informações, a personagem é interessada em aprender, questionadora, e não tem dificuldades em expor seu ponto de vista frente a diferentes discussões.

É isso aí, Bete, mas existe gente sem casa, não existe? Existe mais gente sem casa do que casa sem gente - palpitou Jornalzinho, doidinha para começar mais um discurso. (VIANA, 2005, p. 45).

A representação da criança moderna e madura o suficiente para integrar uma discussão sobre aspectos sociais do país fica evidente em Jornalzinho. Já em alguns momentos, acostumada a falar tudo o que lhe vem na cabeça, recebe do pai olhares intimidadores, indicativos de que a conversa pode não estar indo bem. O controle e a orientação do pai não deixam de constar como indicativos da condição de puerilidade de Jornalzinho.

- É isso mesmo, pai! Não me olhe assim, não ligo a mínima! Aprendi a dizer a verdade com você, esqueceu? Tem hora que a Vivi atrapalha, sim. Fica voando, com um colosso de idéias. Se a gente não segurar, adeus história! (VIANA, 2005, 147).

A bruxa, que antes era bordado da toalha que cobria a cesta de pipocas, por magia ou pela infecção do piruá, “desgruda-se” da toalha e torna-se personagem. Madame Bruxilda Borges do Frevo Bom é amigável e muito simpática. Preocupada em mostrar que não é bruxa ruim, anda pelas páginas do conto com um dicionário na mão, e quando percebe algum julgamento equivocado sobre ela, abre o dicionário na letra “b” e diante das evidências prova que não é daquelas feiticeiras que antes iam pra fogueira, mas é maga e mágica.

Brincando com os estereótipos, Viana traz a possibilidade da existência de bruxa boa. Diante da fala de Jornalzinho: “Toalhas voadoras, pipocas fantasmas, vírus piruás, chinelos misteriosos, até aí, tudo bem. Mas bruxa virar fada, por exemplo, e ser feliz pra sempre, isso não! Tudo tem limite!” e observando a

carência de Madame Bruxilda, que afirma que gostaria de ter uma família, Vivi afirma:

- Tá vendo, Jornalzinho? Bruxa, pra se dar bem, não precisa virar fada. Mister Lin abriu o dicionário na letra V, de Vizinho e Vivi:
- Bruxa pode ser vizinha, morar perto, estar do lado da gente. (VIANA, 2005, p. 67).

Desta forma, a escritora traz para o cotidiano infantil possíveis diferenças no que diz ao conto de fada convencional. Aliando-se a Fernanda Lopes de Almeida em *A fada que tinha idéias*, Viana colabora para reduzir a popular idéia negativa a respeito da figura da bruxa. O desmantelamento da condição de personagens totalmente boas ou totalmente ruins dialoga com a irreal condição maniqueísta das pessoas.

A mistura de elementos do real, normalmente trazidos pelas crianças que propoem as idéias ao texto ficam evidentes na escritura do conto, misturando-se ao cotidiano das personagens, onde fantasia e realidade encontram-se convivendo dentro de uma mesma moldura. Para Nelly Novaes Coelho, este procedimento adotado configura-se como um realismo mágico, que, na voz da própria escritora, significa:

Obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, em que as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum, em que irrompe algo "estranho", que é visto ou vivido com a maior naturalidade pelas personagens. (COELHO, 1987, p.158)

D. Leda, professora do colégio no qual as crianças que colaboram para a escritura do contos estudam, aparece na narrativa e vira até personagem, sendo mencionada durante quase todo o capítulo e ganhando ilustração ao lado de Beto, o filho mais novo, e Henrique, marido de Lúcia. Madame Bruxilda Frevo Bom, desfrutando da situação em que todos são um pouco personagens, um pouco autores, e um pouco leitores, ajuda Viana:

Vivi, fecha o livro que a gente já leu e já viu tudo o que tinha pra ler e pra ver. Quero sugerir ao Daniel Kondo que desenhe o Artur no laboratório de química, ao lado da D. Leda, a melhor professora de português do colégio. (VIANA, 2004, p. 81).

D. Leda parece uma bruxa disfarçada... A casa dela é estranha, cheia de segredos e esconderijos. E sua fascinação por química? Ano passado, quando o Galdino, o professor mais querido do colégio, ficou doente, na mesma hora D. Leda voou para o laboratório, para preparar suas poções... (VIANA, 2000, p. 90)

Viana também faz questão de evidenciar ao leitor que a narrativa não é apenas “ajudada” pelas idéias das crianças, mas elas colaboram dando continuidade às idéias que virão, sendo parte essencial deste trabalho desempenhado por escritor e leitor.

- Calma, Lúcia, vamos dar um jeito... Não te disse que as histórias mais desarrumadas acabam se arrumando?

Henrique abraça Lúcia, e fala, bem baixinho:

- Sabe quem vai resolver isso, meu amor? As crianças do Brincando na Rede! Sinto que podemos contar com elas! (VIANA, 2000, 109)

Sr. Chang, ou Mer Lin brinca com a família quando transforma Henrique em filho e Beto em pai, desejo declarado do filho desde o começo do conto. A magia invade até os padrões familiares e brinca com as diferenças e com as vantagens que Beto andava sonhando, como ter cadeira de balanço, tomar café e assistir futebol.

A narrativa se desenvolve e prossegue até o fim de maneira fantástica. O caminhão de mudança flutua até a janela, Daniel Kondo integra a narrativa, disposto a conhecer as personagens que ele mesmo criou, e as personagens ficam todas amigas: fada, bruxa, gente.

Os móveis de dentro do caminhão flutuam para dentro da casa, e os amigos encerram a histórias abraçados na sala, se questionando como será tudo agora que a história acabou. A dúvida da família sobre o “e agora?”, o como será morar em prédio, como será agora que não existe mais história, torna-se uma brincadeira que se dirige também ao leitor, que fica livre para decidir o fim da história, de modo a fazer parte da narrativa junto a outros leitores que tiveram o aval para serem escritores.

UMA ESCRITORA MODERNA

Observa-se em Viana, o processo de adaptação e atualização que a escritora faz frente ao meio em que se encontra. Já notamos na década de 70, uma época de literatura de protesto frente a uma política intimidados, uma preocupação da autora em trazer para as crianças o diálogo com os assuntos da sociedade. Concomitantemente, em meio a este sufoco social, parece libertador refugiar-se na área rural, pôr os pés na terra e respirar ar puro. E foi o que Viana fez, propondo ao leitor narrativas plenas de serenidade e tranqüilidade. Mais tarde, ou nos tempos atuais, reconhecendo nas crianças o gosto pelo aparato multimidiático, pareceu coerente e preciso combinar a literatura com a moderna internet.

Fica evidente que o escritor, de maneira natural e sábia vai trilhando os próprios caminhos, conhecendo e reconhecendo o que pode ser abordado, e especialmente o “como” pode ser abordado.

Nas palavras de Viana:

[...] Agora depois de velha, é que eu ando meio com fantasias.
Na internet, eu já escrevi história que tem bruxa, você viu, apesar de que eu tento colocar a bruxa bem na realidade (VIANA, 2005, p. 7)

A escritora mesma tem a percepção de que as temáticas vão se alterando, os meios, os modos, o como, e os porquês, amadurecendo e reconhecendo as necessidades do momento junto ao processo da escritura.

Trata-se aqui de uma proposta fantasiosa, que brinca com o maravilhoso, ao mesmo tempo em que a narrativa desfruta de um tema bastante urbano, que é a mudança de casa para prédio. Mudança de casa mexe com a rotina familiar e se assemelha às obras mencionadas no capítulo referente às obras de caráter urbano, em especial *O mundo é pra ser voado* (1987).

Sempre tratando o leitor com uma linguagem direta e sem uso de diminutivos, Viana enfoca o respeito ao leitor, e a compreensão de que ser criança não é sinônimo de palavras tolas.

Também é relevante citar como a escritora enfatiza que a grande maioria de personagens são inspiradas, de fato, em pessoas que fazem parte de seu círculo de amizades e familiar, o que não deixa de ser aplicado a este conto.

As personagens do conto em internet são inspiradas em amigos e colegas da escritora, alguns deles participavam da oficina de escrita que Viana integrava na época, outros são colegas de longa data, que simplesmente entram na narrativa por uma idéia da escritora.

É importante mencionar, no entanto, que a partir do momento em que elas integram a narrativa e tornam-se personagens, abandonam de certa forma a carga realista e a representação que elas encontram na mente da escritora, mas modelam-se ao maravilhoso proposto pela mente criativa das crianças. Assim, as personagens inspiradas em realidade, ao tomar contato com as idéias infantis transformam-se em bruxa, fada, mágico, todos eles elementos característicos da veia fantástica que o próprio conto traz abertura para que aconteça.

É possível notar, então, que podem ser apontados elementos que particularizam "A pipoca do Quinto Andar", trazendo ao leitor uma narrativa que tem lugar e representação especial para o projeto literário da escritora, já que configura-se como um texto de grande valia, apontando para a completude e hibridismo do projeto literário de Viana, especialmente em razão da escritora ser aberta para o entendimento da colaboração que elementos externos à literatura podem trazer.

Para Foucault, de maneira interessante, a escrita configura-se como um espaço passível do desaparecimento do autor, uma vez que as marcas nítidas do escritor passam por um processo de camuflagem e desaparecem, em razão da mescla que passa a existir entre ele mesmo e o que escreve. Diante desta idéia, um texto construído a tantas mãos certamente colabora para potencializar ainda mais a imagem do esmaecimento do autor no texto. Um texto construído a tantas mãos presumiria, com certeza, uma narrativa muito mais híbrida e com idéias variadas.

Em *A autoria vista sob suporte tecnológico*, Pedro de Souza discute o texto cibernético e faz importantes apontamentos:

Observa-se nesta tecnologia de expressão uma democratização do acesso à escrita e uma ampliação do espaço para pôr em circulação o que se escreve. Neste sentido, a era digital abre-se como uma solução para muitos, que, embora escrevendo continuamente em qualquer domínio das práticas culturais – literatura, ciências, jornalismo -, nem sempre têm oportunidade de ver seus escritos publicados. (SOUZA, 2004, p. 1)

Pedro de Souza, em sua indispensável nota, nos relembra sobre o espaço democratizante que simboliza a internet. Ali, todos podem se tornar autores, deixando, literalmente suas impressões virtuais acerca do mundo, da sociedade, dos acontecimentos de sua vida e de outros, das novelas, e ganham espaço para compartilharem seus questionamentos, colaboram com dúvidas de outros, enfim, gozam de oportunidades de terem sua própria idéia e disponibilizá-la.

De acordo com Gil Calvo (2007), pesquisador da universidade de Madri, no artigo “Quem tem medo de hipertexto”, desmancha-se no texto digital a oligarquia de sábios autores para transformar-se numa “sociedade aberta de leitores-escritores”. Para ele, a internet traz uma vantagem que outros meios que dizem respeito à leitura e escritura não disponibilizam. Esta vantagem é a possibilidade de identidade e reconhecimento.

Em uma conversa com a escritora, Viana menciona um dado importante e que colabora para a concepção de seu texto da forma como ele ocorre. De acordo com ela, todas e quaisquer sugestões advindas do público infantil leitor foram acatadas, não havendo possibilidade, segundo suas próprias palavras, de se desfazer de nenhuma das idéias que constavam nos e-mails que enchiam sua caixa postal.

Em suas palavras:

Agora, no caso da Internet... Você viu lá a quantidade de crianças, impressionante! Foi demais, palpito de toda ordem, e eu aproveitava sempre o máximo. Eles têm idéias muito melhores do que eu, porque eu não ia aproveitar? Então é isso, a resposta é a mais produtiva possível. (VIANA, 2005, p. 17).

Podemos, então, compreender uma intersecção entre as observações de Viana e de Pedro de Souza. Ambos, um teorizando e outro praticando, acreditam e entendem que o meio digital representa uma forma de democratizar a escritura, abrindo espaço para uma maior possibilidade de expressão do leitor ou escritor. Por meio do armazenamento e bom uso das idéias das crianças em sua totalidade, a escritora firma a compreensão da importância de dar a oportunidade para que todos opinem e vejam, de fato, sua idéia em circulação, proporcionando às crianças leitores uma experiência com a escritura.

Diante da observação de que a internet constitui um espaço onde os internautas podem desfrutar da passagem da condição de leitores para escritores, torna-se importante uma discussão sobre linha que separa leitor e escritor, que se torna aqui, mais tênue e frágil.

É interessante observar de que maneira se desdobra o conceito de autoria num texto que é elaborado e tecido em meio a tantas idéias, contando com diferentes repertórios e perspectivas. A noção de propriedade se transforma e o autor, que parecia ser um nome que caracteriza e define um texto, como apontava Foucault (2000), que colaborou para o estudo mais marcante sobre a função do autor, se dissolve e se alarga, compreendendo uma teoria mais abrangedora.

Observa-se que, na verdade, o processo autoral em sua essência permanece o mesmo, já que não existem evidências que o transformem e proponham alterações significativas no texto. Sabemos que, de acordo com Foucault, o autor configura-se como esta entidade composta de muitas vozes que vão além da humanidade daquele que escreve, e de suas impressões, interesses e da temática que ele propõe tratar. O que consta, neste caso do conto online, como aspecto diferencial, é a via pela qual estas vozes acessam o texto. Enquanto na obra em livro, as vozes são experiências da própria autora misturadas a pensamentos e indignações de uma sociedade, aqui, as interações são diretas e objetivas, partindo dos próprios leitores virtuais.

Em *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), Roger Chartier nos traz reflexões sobre a situação do autor, do texto e do leitor e seus significados e funções desde meados da década de 1450, quando a reprodução dos textos acontecia à mão, até hoje, na era dos livros publicados e reproduzidos via internet.

Falando sobre tantas possibilidades que o texto via internet apresenta, tais como o alargamento do conceito de autoria, já que um texto permite a construção a várias mãos, ou o espaço democratizante que a internet representa para que leitores possam se tornar autores, temos:

Talvez os autores da era da multimídia, um pouco como o autor de teatro, sejam governados, não mais pela tirania das formas do objeto-livro tradicional, mas no próprio processo da criação, pela pluralidade das formas de apresentação do texto permitida pelo suporte eletrônico. (CHARTIER, 1999, p. 72).

Além da observação de que hoje o conceito de autoria pode abranger mais de um autor, exatamente porque o texto mais moderno compreende estas aberturas, temos em mente que para a existência da obra, é necessário que alguém a escreva, e para que ela seja obra é preciso que haja leitores. Esse movimento acaba por sugerir que ambos os três elementos não existam sem a presença do outro.

Para Roger Chartier, um livro sem leitor existe apenas como objeto, pois, sem a presença do leitor, ele se torna virtual. Em suas palavras:

Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para fazer dele uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência? Paul Ricoeur lembrou muitas vezes que o fato de que um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, inertes, sem existência verdadeira. (CHARTIER, 1999, p.154).

Quando falamos, então, em sentido completo de uma obra, lembramo-nos que ela somente completa esse sentido no leitor, tratando-o não apenas como um elemento integrante do trinômio, mas como um co-autor, de fato.

Aqui em “A pipoca do quinto andar”, encontramos uma situação em que o conceito se concretiza e quando o texto encontra no leitor seu sentido, abre-se para ele a possibilidade de se relacionar com este texto não apenas de forma idealizada, mas de maneira palpável e real.

Os leitores primeiros, que foram as crianças que colaboraram com sugestões, trabalharam efetivamente como co-autores, participando da construção da história e tendo a possibilidade de alterar elementos da narrativa, apontando muitas vezes para direções inusitadas.

Mencionando outras obras que se apóiam atualmente no suporte digital e são comercializadas por meio de CD-ROM Chartier completa:

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas mais antigas do livro [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. (CHARTIER, 1999, p. 91).

Estudar esta dissolução do conceito da autoria que parece se instaurar em muitas das letras que se apóiam em suporte digital exige ainda algum esforço e mais tempo a fim de criar bases mais sólidas, opiniões mais massificadas e teorias mais concretas.

A verdade é que, ainda que contemos com aqueles que sofrem o medo do domínio digital, ou com os otimistas, que fazem já do digital condição *si ne qua non* para a sobrevivência da literatura, as mudanças têm dado novo rumo a produções de todas as naturezas, proporcionando um novo ritmo para a condição humana.

Sobre a experiência de não ter domínio exclusivo sobre o texto, Vivina de Assis Viana recorda-se de sua obra *Ana e Pedro: cartas* (1992), onde experimentou a criação de um romance epistolar no qual as cartas eram verdadeiramente trocadas entre Viana e o escritor Ronald Claver. Viana afirma que embora tentasse dar algum direcionamento à narrativa por meio de uma carta enviada, nunca saberia que resposta viria por parte do correspondente, e estava sempre ciente de que a qualquer minuto poderia ser conduzida a dar um novo rumo à história.

[...] eu tinha já ficado muito realizada quando escrevi o livro com o Ronald, um livro que eu sou dona dele só 50%. E digo fascinada porque eu mandava uma carta e pensava, bom, agora, mandei a carta e com isso que eu falei, isso que eu perguntei e tudo o que a Ana colocou aqui, acho que o Pedro vai andar por esse, esse, esse caminho, mas isso era o que eu pensava, porque não era o que o Ronald fazia. (VIANA, 2005, p.23).

Fica evidente o tom fantástico na narrativa quando a escritora brinca com o ilustrador do conto online, Daniel Kondo, inserindo-o como personagem da história. Kondo, a quem a personagem “Vivi” se refere várias vezes ao longo da narrativa, recebe pedidos das personagens ou da própria escritora, sugerindo que ele faça determinada ilustração ou que ele ilustre uma ou outra personagem de uma maneira particular.

Fica disponível, então, um diálogo entre os âmbitos interno e externo da narrativa, por meio deste contato com o ilustrador. Num movimento que se assemelha ao que ocorre quando a escritora fala sobre o surgimento do projeto da escritura na internet, conto e mundo real se misturam e o ilustrador se torna

personagem. É o que vemos nos capítulos “A arte do artista”, “Socorro, Daniel Kondo” e “Dá nó na cabeça?”:

- Meu Deus do céu, que história mais maluca! Onde já se viu gente ler o próprio livros, como se estivesse dentro e fora dele? Vivi, fala a verdade, ao menos uma vez! Você que fica nos escrevendo e o Daniel Kondo, que fica nos desenhando, vocês combinaram isso tudo? Garanto que vocês são amigos de longuíssima data. Confesso a Jornalzinho e a todos que nunca vi o Daniel. Nem ele nunca me viu, claro. Mas estamos ficando amigos, sim. Afinal, a gente se encontra aqui, na pipoca do quinto andar, de quinze em quinze dias. Ele vê meu texto, eu leio os desenhos dele. Os traços, as ilustrações. A arte do artista, como ensina o dicionário, na letra A [...]

- Vivi, fecha o livro, que a gente já leu e já viu tudo o que tinha pra ler e pra ver. Quero sugerir ao Daniel Kondo que desenhe o Artur no laboratório de química, ao lado da D. Leda, a melhor professora de português do colégio. [...]

Aqui, agora. Olhe atrás de você. Esse cara com cara de japonês, que acabou de chegar, é ou não é o Daniel Kondo? [...]

- Pois foi por isso que eu vim, gente! - disse Daniel, finalmente. - Não agüentava mais ficar em casa, sozinho, esperando o computador me trazer vocês. Queria ouvir a voz, ver a cara, o jeito de cada um. [...]

Eu lhe disse que não, claro. Mas, se Daniel vinha nos desenhando desde o primeiro capítulo, quem, melhor que ele, para saber nossa cara? Afinal, tínhamos - e temos - a cara que ele imaginou, inventou, criou.

Parecendo adivinhar meus pensamentos, ele disse:

- Além de querer, eu precisava conhecer vocês. E dizer que tô adorando essa mistura, muito bem feitinha, de realidade e fantasia. Dá nó na cabeça do ilustrador, sabiam? Mas tô adorando. (VIANA, 2004c, 2004b, 2004c, 2004d, 2004e)

O ilustrador como parte da narrativa atenta o leitor para a mescla entre dois mundos diferentes, sejam eles o real e o fantástico, sejam o literário e o virtual.

A brincadeira de passear entre elementos aparentemente distintos e de relacionamento complicado encanta a própria escritora, que confessa: “no caso da Internet, por exemplo, achei a maior graça em ficar conversando com o ilustrador, que eu não conheço” (VIANA, 2005, p. 12).

Em tom de bom humor, durante a entrevista em São Paulo, ela conta de seu relacionamento com Kondo.

Aí um dia antes de começar o texto, ele me ligou, eles passaram o meu telefone pra ele, e ele perguntou se eu podia mandar uma foto pra ele, porque ele ia me desenhar .

Mas eu não mandei, igual ao que eu to te falando, falei:

- Mando, claro e tal - mas eu nem lembrei, eu sou assim.

Aí saiu lá, e eu estou lá, do jeito que ele me imaginou, porque ele nunca me viu, até hoje... Mas eu achei ótimo, porque eu estou magrinha, foi melhor do que se eu mandasse a foto (risos). E aí a gente trocou uns e-mails, ele falou que tava gostando muito da minha história; eu falava que estava lindo o

desenho dele, o traço, e estava mesmo. Aí comecei a pôr ele dentro da história, achava legal, falava:

- Ah, vamos pedir pro Kondo desenhar isso, desenhar aquilo?- e ele desenhava.

Então, eu achei ótimo. (VIANA, 2005, p. 13).

Na fala de Viana, autor e ilustrador desfrutam da possibilidade do texto via internet, abrindo espaço para novas criações e inserções, novas possibilidade de diálogos que, de maneira convencional, num texto impresso, teriam dificuldade de acontecer.

Fica visível, então, como a criação literária na internet pode resultar numa narrativa que, além de suas características renovadoras, por abranger dois espaços aparentemente distintos e incomunicáveis, que são a literatura e a internet, colabora com outras características que podem a participação de leitores e a possibilidade da interação autor e leitor, característica que se realiza com mais propriedade no texto em suporte digital.

UM EXPERIMENTO DE EXCELÊNCIA

Sabendo-se que o foco deste trabalho é apresentar e falar um pouco sobre a criação literária da escritora, não se objetiva aqui puramente a discussão da possibilidade de se escrever um conto tendo como suporte a internet. Porém, fica impossível não mencionar como podem literatura e internet formarem um projeto viável, até porque discutir este assunto seria falar de uma idéia que a própria autora defende e considera importante.

Outros autores nos falam sobre como olhar para esta possibilidade que emerge na era do virtual, como Chartier (1999), que menciona a idéia de concretização que ele atribui ao texto eletrônico. Traduzindo o sonho de Kant, Chartier (1999, p. 134) relembra:

O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e, que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico.

Em “O fim do livro e o livro sem fim” (2001), Sérgio Bellei nos propõe discussões que dizem respeito às possibilidades que os meios eletrônicos pós-modernos podem representar. O autor cita o ensaio “The End of Books”, de Coover, que nos diz que

no mundo real dos dias de hoje, vale dizer, no mundo das transmissões de vídeo, telefones celulares, aparelhos de fax e, particularmente, nos ambientes digitais em que se ouve o zumbir dos computadores operados por hackers e fanáticos do ciberespaço, ouve-se dizer com frequência que o meio impresso é obsoleto e está fadado a desaparecer... Isto significaria também, evidentemente, que o romance, como o conhecemos hoje, desapareceria. (COOVER, 1992, apud BELLEI, 2001, p.14).

A condição do texto em meio digital sempre foi uma idéia inicialmente tratada com cautela, representando uma ameaça ao texto escrito. De acordo com Umberto Eco (ano), entendia-se que as necessidades a que o texto impresso atenderia, não seriam possivelmente atendidas pelo computador. Apesar de ser possível observar que tal fato não acontece estritamente desta maneira, já que na verdade um texto disponível em meio digital acaba por sofrer acréscimos que o tornam ainda mais interativos, lembramos, nas palavras de Chartier, quando mencionando a enciclopédia em meio digital, apontando algumas de suas peculiaridades, que podem se aplicar a muitos dos textos em internet, que “pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som podem ser conservados e transmitidos”. (CHARTIER, 1999, p. 134)

Faz-se, porém, mais que necessário atentar para maneira pela qual Viana enriquece seu projeto literário ao tornar parte dele uma experiência tão nova e aglutinadora como a da escritura via internet.

Nela, valores são revistos, apontando para possibilidades até então consideradas distintas e paradigmas são quebrados, trazendo ao leitor um novo olhar sobre o que se entende, de fato, por literatura.

Veicular a escritura via internet, contar com a ajuda de crianças leitoras para o desenvolvimento da narrativa configura-se como um trabalho de grande audácia do escritor, que se propõe a compreender e acreditar que a modernização chegou até para as mais consagradas letras.

Torna-se visível o reconhecimento da importância do público leitor, mais influente do que nunca, e que funciona como alvos em potencial a serem alcançados, sem o qual nada funciona.

Vivina de Assis Viana, após experimentar a mescla entre o texto literário adicionado do recurso digital, afirma que é possível escrever e ler em rede, e não é necessário que as categorias livros e internet se excluam. Ambas, podem, por excelência, se combinar e produzir um romance ou conto de extrema modernidade e com regras que ele mesmo faz.

Em entrevista concedida, quando questionada sobre o conto interativo, a escritora Vivina de Assis Viana deixa transparecer de que maneira entendeu o projeto proposto pelo sítio do Banco Real.

Eu acho incrível e acho que internet não é pra acabar com livro não, como muita gente fala [...] Hoje em dia, apesar de a televisão ocupar o espaço dela, o computador ocupar o espaço dele, eu acho que dá pra conviver tudo isso com literatura e a prova disso é que a gente escreve livro pela internet. Eu não acho que você tem que ficar brigando com as outras coisas, você tem que somar. (VIANA, 2005, p. 24)

De acordo com Viana, “escrever é um ato aglutinador”. Aqui, sua fala entra em prática. Nada mais aglutinador do que a possibilidade de escrever juntos. No conto interativo de Vivina de Assis Viana o mundo literário toma nova forma, mais ampla e abrangente, possibilitando novos olhares, menos amedrontados, frente ao desconhecido, na nova literatura, a literatura em tempo de espetáculo.

CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho foi possível perceber como o estudo sobre a criação literária de Vivina de Assis Viana se dá em diferentes contextos e temas, voltados para uma representação da infância com seus conflitos, curiosidades e momentos de diversão.

Ainda que tenhamos observado como as obras, com suas peculiaridades, abordam a temática urbana (ao retratarem uma sociedade e suas mazelas, os relacionamentos pessoais e problemas que entraram em cena junto à chegada do inchaço das cidades), a cena rural (plena de sua tranqüilidade e sossego, tendo como personagens crianças cuja preocupação se resume às brincadeiras no rio ou com os animais) e valem-se de suportes digitais e impressos, fica claro que a autora, com esta criação poliédrica tem como objetivo pensar a arte literária para o leitor mirim sobre os aspectos relevantes da vida individual e em sociedade.

Ao trazer um trabalho de reflexão, com o propósito da emancipação deste leitor, Viana propõe narrativas que despertam este público leitor para o que o mundo oferece. Conhecendo Viana por meio de uma entrevista reveladora, a nós concedida em 2005, observamos a importância que a escritora atribui à conversa com os pequenos, sobre os problemas e as desigualdades, as dificuldades e as tristezas da vida, já que eles são, por vezes, vítimas de carências de tantas naturezas, como algumas de suas personagens que integram as obras que tratam da cidade. Reiteramos aqui o conceito da intenção da escritura. A todo momento, em todas as narrativas, sejam elas urbanas, rurais, virtuais, ficam claros o desejo e o propósito da escritora em fazer o uso da palavra escrita de maneira que ela parta de um pensamento ou desejo, e atinja em certo as expectativas do leitor.

É nítida, ao longo de muitos dos trechos transcritos neste trabalho, sejam eles de entrevistas ou de obras, a intenção de a escritora se mostrar e se consolidar, traduzindo-se em palavras e frases com as quais Viana organiza narrativas plenas de beleza e sensibilidade.

A entidade autora, que se constitui distinta, mas intrinsecamente ligada à humanidade de Viana, configura-se aqui como uma voz que dedicou-se e dedica-se com propriedade a tratar de assuntos diversos. Observar de que maneira

Viana dedicou-se a, na década de 70, trazer ao público leitor uma conversa franca a respeito da sociedade e suas problemáticas, atesta a importante afirmação feita por Foucault, quando ele assegura que alguns autores não são apenas autores de suas próprias obras, mas são entendidos com autores de toda uma tradição dentro da qual outras obras poderão tomar lugar e por aquele caminho seguir.

Em Viana, cada livro, com sua peculiaridade, com sua abordagem, demonstra um rigoroso processo de trabalho com a linguagem em prol da melhor escritura possível, no sentido de uma escritura aberta e comunicativa, tratando com o leitor de assuntos que variam entre a fragilidade e a docilidade, os percalços inerentes à infância, até o simples propósito do entretenimento.

Nas obras mais realistas, por exemplo, a fim de trazer uma identificação imediata entre leitor e personagem, ela propõe, em algumas das obras, aos pequenos personagens, que desfrutam muitas vezes das mesmas dificuldades de alguns dos leitores, situações similares e que provocam um sentimento de conforto e encontro entre ambos. Dentro desta temática que, na verdade, não é considerada peculiar à literatura escrita para crianças, Viana compartilha do tratamento dos problemas da vida brasileira moderna ou de seu crescimento desigual. O que deixa o questionamento sobre esta literatura que procura tratar da vida “tal qual ela é”, é sua impossibilidade de tratar, com a criança, sobre as causas e origens deste problema, tal qual de suas soluções e prováveis desfechos.

É possível notar em *O dia de ver meu pai* (1988), que o menino Fabiano percorre toda a narrativa sem mais explicações sobre a dissolução da família, vítima do sentimento de individualismo plantado e regado pelo crescimento da cidade. É importante atentar para o fato de que outras obras deste período encontram a mesma dificuldade, pois o movimento que elas seguem, de acompanhar as problemáticas modernas, não lhes proporciona qualquer chance de explicar o “como”, o “porquê” e a solução destas situações, porque nem a vida real consegue resolver estas questões.

Fica, então, a observação de que não deixa de ser de indubitável importância o tratamento destas mazelas sociais. Foi em boa hora que estas obras vieram trazer para o leitor situações mais reais e que os tratavam como crianças e jovens mais amadurecidos, visto que, como sabemos, eles de fato mudaram. Porém, não se pode negar que alguns questionamentos insolúveis perambulam por entre estas obras, como a origem dos problemas apresentados e sua possível solução.

Lembramo-nos de que este papel compensatório pode caber à literatura fantástica, que segundo Regina Zilberman, em *Literatura Infantil na Escola* (1985, p. 93), propõe ao leitor uma transformação e emancipação social por meio da mutação que as forças sobrenaturais e as fadas e bruxas representam.

É claro que a literatura que se vale do fantástico também traz seus questionamentos, como a possibilidade do mascaramento da realidade para a criança, trazendo para ela um “mundo de faz de conta”, num movimento de poupá-la e mantê-la criança. Cabe a alguns teóricos observar de que maneira isso acontece nas diferentes obras que se usam do fantástico.

O conto digital que, munido de bruxas e fadas, brinca com a imaginação da criança em tom leve e descompromissado, carrega impressões digitais das crianças que passaram por lá, brincando de autoras junto a Viana.

O que observamos, também, diz respeito às obras de temática rural. Nunca abandonando a linguagem de fácil entendimento, e buscando retratar o cotidiano do sítio, especialmente em contraste com a vida acelerada da cidade, Viana traz, em tom afetoso, retratos de suas memórias, e é raro não nos parecer que os tempos de criança eram melhores e mais suaves do que o cotidiano.

Esta dissertação, então, ao discutir as intenções da escritura de Viana, trouxe à tona minúcias e peculiaridades de suas obras, ao passo que abriu espaço para importantes observações a serem levantadas:

A primeira, ao se trabalhar com um escritor ainda vivo, é que o pesquisador busca esgotar as observações e análises de sua obra já escrita, mas nunca esgota sua escritura (ou o texto em ruminação, o porvir literário numa acepção barthesiana do termo). Porém, fica nítido que um trabalho como este se torna ainda mais rico por trazer discussões que podem ser ainda reiteradas e, mais, postas em questão e contrariadas, tanto por outros estudos, como por produções do autor que possam ainda vir à tona.

Assim, a despeito de qualquer pessimismo pelo fato de o autor estar vivo e o estudo do que foi produzido soar como um movimento de encerramento de seus trabalhos, esta discussão não deixa de abrir espaço para estudos que almejem continuar levantando aspectos que existam e ainda possam surgir deste escritor.

O prazer e a importância do trabalho com um autor ainda vivo se revelam aqui, desfrutando da peculiaridade e de seu enriquecimento por meio de relatos do próprio autor, que revelam, em diversos momentos, seus motivos, anseios

e objetivos.

A escritura de Vivina de Assis Viana colaborou sobremaneira para o enriquecimento e estabelecimento de uma literatura realista especial da década de 70, preocupada em tratar de perto as ansiedades e dificuldades do leitor infantil, trouxe, simultaneamente uma literatura apaixonada pelo ar puro do ambiente rural, em contraste com o ar poluído das cidades, e posteriormente apresentou ao leitor a possibilidade da mescla entre literatura e internet, provando e aprovando da mais nova forma de se fazer literatura (relembramos aqui os relatos da escritora sobre sua opinião a respeito da literatura na internet).

O que este trabalho deixa ao leitor e a pesquisadores que almejem um trabalho similar é a observação da concretude com que autor e obra se complementam e se definem.

Viana nos transporta, durante toda a leitura deste trabalho, para dentro e fora da narrativa, costurando fio a fio vida e obra, mostrando como ambas juntas colaboram para o entendimento de seu projeto literário, e de que maneira seu projeto literário apresenta-se híbrido e variado, abrangendo diferentes formas de se fazer literatura.

Entrar em contato com a vida de Vivina de Assis Viana traz colorido e ilumina as narrativas da escritora, que são agora compreendidas à luz de suas vivências e experiências. Estas narrativas nascem sob uma escolha rigorosa e minuciosa de palavras, caminham com firmeza por entre muitos temas, sempre acompanhadas de ricas intenções e finalidades.

Seja escritor de literatura para crianças ou adultos, o artista que dispensa seus sentimentos em forma de livros tem sempre algo a dizer por meio de sua escrita. Vivina de Assis Viana tem sonhos e tem alvos, e é em suas obras que os encontramos retratados, e é em sua vida que encontramos a origem do desejo de retratá-los.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ANTUNES, Benedito (Org). *Memória, literatura e tecnologia*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BARTHES, Roland. *O grão da voz: entrevistas 1962-1980*. Lisboa: Edições 70, 1981. (Coleção Signos).

_____. *O grau zero da escritura: seguido de novos ensaios críticos*. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *O prazer do texto*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BELLEI, Sérgio Luís Prado. *O fim do livro e o livro sem fim*. Revista Brasil de Literatura, Rio de Janeiro, RJ, v. III, p. 1-16, 2001.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: História de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

BRAITH, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nelson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2000 (Ensaio Latino-americanos, 1).

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, SP, v. 24, n. 9, p.803-9, setembro de 1972.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: José Olympio, 1964.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CLAVER, Ronald e VIANA, Vivina de Assis. *Ana e Pedro: cartas*. São Paulo: Atual, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.

COOVER, Robert. The End of Books. Disponível em: <<http://www.tnellen.com/ted/endofbooks.html>>. Acesso em: 23 ag. 2008.

CORRÊA, Almir A. Técnica e valor do texto literário na era digital. *Textodigital*, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, 91-97, 2004.

CORRÊA, Regina Helena M. A. Literatura e Leitor na era do hipertexto. *Caderno de Letras da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, RJ, v. 32, p. 121-148, 2007.

CRUZ, Heloísa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo 189/1915*. 1994. Tese (Doutorado) - FFLCH, Universidade de São Paulo, Data de Defesa: 16/06/1994.

ECO, Umberto. Da Internet a Gutemberg. Disponível em: <<http://www.Italinet.com/columbia/internet.html>>. Acesso em: 20 ag. 2008.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Dicionário Online Babylon. Disponível em: <<http://dicionario.babylon.com>>. Acesso em: 12/02/2009.

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4 ed. Lisboa: Passagens, 2000.

GEORGE, Pierre. "As bases geográficas da sociologia rural" In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo (orgs.). *Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

HALBACKS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HOSBAWM, Eric, RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu*. Trad. João Roberto Martins. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

LÖWY, Michel. *Romantismo e Messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAY, Karl. *Winnetou*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MÓLNAR, Ferenc. *Os meninos da Rua Paulo*. Trad. Paulo Rónai. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem completa. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: Editora SENAC de São Paulo, 2000.

NOVAIS, Fernando A. (org). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 4.

PELLEGRINI, Tânia. A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio33.html>. Acesso em: 31 jan. 2009.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. *Juventude de Papel: representação juvenil na imprensa contemporânea*. Maringá: EDUEM, 1999.

SOLARI, Aldo. "O objeto da sociologia rural". In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo (orgs.). *Vida rural e mudança social: leituras básicas de sociologia rural*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

SOUZA, Pedro de. A autoria vista sob suporte tecnológico. *Multiciência*, Campinas, SP, v. 01, n. 02, 2004. Disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/art01_2.htm>. Acesso em: 15 jun. 2007.

STRAUSS, Claude Lévi; GOUCH, Kathleen; SPIRO, Melford. *A família: origem e evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?: Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.

VELOSO, Mariza, MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e terra, 1998.

VIANA, Vivina de Assis Viana. *Arco-íris tem mapa?* São Paulo: Scipione, 1993.

_____. *A pipoca do quinto andar*. Disponível em:<<http://www.brincandonarede.com.br/conto/vercontoaspfr.aspx?cdl=10>> Acesso em: 12 dez. 2004.

_____. Entrevista com Vivina de Assis Viana. Acesso em:<<http://www.geracaobooks.com.br/releases/?entrevista=35>>. Acesso em: 20 nov. 2006.

_____. Gosto de escrever, mas, sobretudo, de ler. A leitura é a lição que mais ensina. Disponível em:<<http://www.atica.com.br/destaques/entrevistas/vivina.asp>>. Acesso em: 05 set. 2005.

_____. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Abril Educação, 1981 (Col. Literatura comentada)

_____. *Meu dente caiu*. Ilustrações Miriam Araújo. 4. ed. Belo Horizonte: Lê, 1986.

_____. *O barulho do tempo*. Ilustrações Marlette Menezes. 1.ed. São Paulo: FTD, 1987 (Coleção primeiras histórias).

_____. *O dia de ver meu pai*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1988.

_____. *O jogo do Pensamento*. Belo Horizonte: Comunicação, 1984.

_____. *O mundo é pra ser voado*. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. *O rei dos cacós*. São Paulo: FTD, 1993. (Coleção segundas histórias).

_____. *Os livros ainda mudam o mundo*. Disponível em:< <http://www.novaalexandria.com.br>> Acesso em: 06 jun. 2005.

_____. RE: crônicas... [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <deca_h@hotmail.com> em 18 jun. de 2007

_____. RE: Dúvidas, comentários e afins. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <deca_h@hotmail.com> em 8 out. 2004.

_____. RE: Descobertas. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <deca_h@hotmail.com> em 8 out. 2004.

_____. RE: Incomodando mais... aaahh meninaa! rs [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <deca_h@hotmail.com> em 30 julh. 2007

_____. RE: Mais textos. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <deca_h@hotmail.com> em 9 jun. 2005

_____. *Sabe de uma coisa?* Diário de uma adolescente. São Paulo: Atual, 1989.

_____. *Será que ele vem?* São Paulo. Moderna, 1992.

_____. *Suando Frio*. Belo Horizonte: Lê, 1995. (Coleção Transalivre).

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina, CADEMARTORI, Lúgia. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

ZIRALDO, Alves Pinto. *Flicts*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

ANEXOS

ANEXO A

Tabela com a bibliografia completa de Vivina de Assis Viana

ANEXO A – Tabela com a bibliografia completa de Vivina de Assis Viana

DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO CONSULTADA
1973	<p>VIANA, Vivina de Assis. A coisa melhor do mundo In: VAN STEEN, Edla (org). <i>O Conto da Mulher Brasileira</i>. São Paulo: Vertente, 1973. (Coleção Panorama).</p> <p>_____. A coisa melhor do mundo. In: ARINOS, Afonso (org). <i>Histórias Mineiras</i>. São Paulo: Ática, 1984.</p>
1977	<p>_____. <i>O dia de ver meu pai</i>. Ilustrações Humberto Guimarães. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1988.</p> <p>_____. <i>O rei dos cacós</i>. Ilustrações Carlos Moreno. São Paulo: FTD, 1993. (Coleção segundas histórias)</p>
1979	<p>_____. Com quem está o anel? In: <i>Criança brinca, não brinca?</i> Edição não-comercial para Rhodia S.A., 1979.</p> <p>_____. Com quem está o anel? . In: <i>Já não somos mais crianças – Para Gostar de Ler</i>. São Paulo: Ática, 2005. v. 37.</p>
1981	<p>_____. Os brincos. In: ABRAMOVICH, Fanny (org). <i>O sadismo de nossa infância</i>.</p>

	<p>São Paulo. Summus, 1981.</p> <p>_____. <i>Graciliano Ramos</i>. São Paulo: Abril Educação, 1981 (Col. Literatura comentada).</p>
1984	<p>_____. <i>O jogo do pensamento</i>. Ilustrações Darcy Penteado. Belo Horizonte, Comunicação, 1984</p> <p>_____. <i>Plantação</i>. In: JOSÉ, Elias. <i>Setecentos, setecentos</i>. São Paulo, FTD, 1997.</p>
1985	<p>_____. <i>Eu sou isso?</i>. Belo Horizonte: Lê, 1985.</p>
1986	<p>_____. <i>Meu dente caiu</i>. Ilustrações Miriam Araújo. 4. ed. Belo Horizonte: Lê, 1986.</p> <p>_____. <i>Será que ele vem?</i> Ilustrações René Francisco. São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Girassol)</p> <p>_____. <i>Suando Frio</i>. 8.ed. Belo Horizonte: Lê, 1998.</p>
1987	<p>_____. <i>O barulho do tempo</i>. Ilustrações Marlette Menezes. 1.ed. São Paulo: FTD, 1987. (Coleção primeiras histórias)</p>
1988	<p>_____. <i>A chave</i>. In: DEONÍSIO, Silva. <i>Contos Paulistas</i>. Porto Alegre: Mercado</p>

	<p>Aberto, 1988.</p> <p>_____. <i>O mundo é para ser voado</i>. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1988. (Série Diálogo).</p> <p>_____. Sorvete. Imprensa Oficial de Minas Gerais - Revista Minas Gerais. Belo Horizonte, BH, v.10, setembro de 1988.</p>
<p>1989</p>	<p>_____. <i>Sabe de uma coisa?</i> Diário de uma adolescente. 9.ed. São Paulo: Atual, 1993. (Série Transas e Tramas)</p> <p>_____. <i>Arco-íris tem mapa?</i> São Paulo: Scipione, 1993.</p> <p>_____. Suzana (com z). In: <i>Quem conta um conto/Personagem</i>. São Paulo, Atual, 1989. v.2.</p>
<p>1990</p>	<p>_____, CLAVER, Ronald. <i>Ana e Pedro: cartas</i>. 8.ed. São Paulo: Atual, 1990. (Série Transas e Tramas).</p> <p>_____. Ele era tão meu amigo. In: <i>Quem conta um conto/Espaço</i>. São Paulo: Atual, 1989. v. 3.</p> <p>_____. Tão longe, de mim tão distante. In: <i>Quem conta um conto/Ponto de vista da narrativa</i>. São Paulo, Atual, 1990. v. 5.</p>

1991	_____. <i>Segredo bem guardado</i> . Belo Horizonte: Formato editorial. 1991.
1992	_____. <i>Picasso</i> . São Paulo: Edições Paulinas, 1992. _____. “Nunca Mais”. In: KUPSTAS, Márcia. <i>Sete faces da primeira vez</i> . São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Veredas). _____. “Quase Namorada”. In: KUPSTAS, Márcia. <i>Sete faces do amor</i> . São Paulo: Moderna, 1992. (Coleção Veredas).
1995	_____. <i>Quero perguntar ao mundo</i> . Ilustrações Marilda Castanha. Projeto Educação para a Cidadania. Belo Horizonte, 1995. (Coleção Cidadão Mirim).
1998	_____. Enquanto meu amor não vem. In: <i>Enquanto meu amor não vem</i> . São Paulo, Saraiva, 1998.
1999	_____. <i>O nome da égua</i> . Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999. _____. <i>O nome do burro</i> . Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999. _____. <i>O nome das vacas</i> . Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999.

<p>2002</p>	<p>_____. Brincando na Rede de acordar. Disponível em: http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx. Acesso em: 10 de dezembro de 2007.</p> <p>_____. <i>Hoje tem Arco-íris. Histórias do tempo da escola: memória e aprendizado</i>. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. (Prosa Presente).</p>
<p>2004</p>	<p>_____. A pipoca do quinto andar. Disponível em: http://www.brincandonarede.com.br/Conto/galeria.aspx. Acesso em: 01 de julho de 2005.</p>
<p>2005</p>	<p>_____. Internato. In: <i>Assim é que se conta</i>. São Paulo: Nova Alexandria, 200</p>
<p>2008</p>	<p>_____. <i>Aqui, em Nova York (NY, In Loco)</i>. Ilustrações Marlette Menezes. Curitiba: Positivo, 2008. (Coleção Temporai).</p>

ANEXO B

“Meus caros formandos” – Texto de Vivina de Assis Viana dedicado a uma turma de Ensino Médio do Distrito mineiro de Mercês de Agua Limpa.

ANEXO B – “Meus caros formandos” – Texto de Vivina de Assis Viana dedicado a uma turma de Ensino Médio do Distrito mineiro de Mercês de Água Limpa

Meus caros formandos,

Quando soube, aqui em São Paulo, tão longe de nossa antiga e querida Capelinha, hoje Mercês de Água Limpa, que vocês haviam se lembrado de mim para participar de um dia tão importante e de uma festa tão esperada, não fiquei apenas emocionada. Pensativa também.

Em casa, no trabalho, na rua, sozinha ou com minha família, eu me perguntava:

- Por que será que os formandos da Turma B de 2003 foram se lembrar logo de mim? Se eles me conhecem tão pouco, se talvez nunca nem tenhamos conversado, se estou sempre tão longe, por quê?

Aos poucos, no trabalho, em casa, na rua, sozinha ou com minha família, entre um pensamento e outro, uma indagação e outra, comecei a entender e a me responder:

- Não, eles não me conhecem tão pouco assim. De vez em quando, a gente conversa. E, além disso, nunca estive longe.

Nesse dia especial, posso garantir-lhes que, na verdade, nunca saí daí. Nem poderia. Criança ainda, com o exemplo de meu pai, que sempre viveu da terra, e de minha mãe, sempre companheira, aprendi a linguagem da convivência com as coisas simples e, por isso mesmo, importantes. A linguagem que me aproximava de meus irmãos, dos empregados da fazenda, dos animais, das plantas, dos elementos da natureza.

Mais tarde, já adulta, quando comecei a escrever, a linguagem escrita foi trazendo de volta personagens e lugares que eu jamais esqueceria: Sebastião Garcia, Vicentinho, Lucrécio, Celeste, Tiche, Pituca, Prego, Douradinha, Pacote, Garricha, Oscarito, Vigarista, Fazenda Santa Luzia...

Quanto mais eu escrevia, mais esses nomes, eternizando pessoas queridas e animais inesquecíveis, iam se fazendo presente em histórias simples, tão nossas: crianças catando cacos em córrego, avó alimentando neto em pratos esmaltados,

menino escolhendo nome pra égua que ganhou do avô, avô batizando vacas com nomes de países, cidades, flores e passarinhos, empregado e patrão - amigos e fiéis - conversando sobre sol, chuva e vento, e filosofando sobre o mundo.

Meu pai e o amigo e empregado fiel, Sebastião Garcia, conversaram enquanto viveram. Com sol, vento ou chuva, com a sabedoria conferida pelo contato permanente com a terra, os dois filosofavam diariamente na cozinha da fazenda, entre goles de café e colheradas de afeto. Nós, os filhos, sabíamos e sentíamos que seres privilegiados (sic), era como se tivéssemos dois pais. E, na hora de viajar até a Estação de Nazareno, para tomar o trem que nos levaria à vida em outros lugares, com outras personagens, era aquele segundo pai, alto e magro, falante e bem humorado, que nos levava, com cuidados que ainda hoje, quando lembrados, nos deixam com os olhos úmidos, como se chovesse, ou melhor, como se chuviscasse dentro de nós.

Nessa Turma B de 2003, a quem me dirijo de forma especial, existem três netos e um bisneto do homem alto e magro que, se estivesse aí, teria os olhos inundados, em dilúvio nunca visto. Na verdade, ele está, pois netos e bisnetos são a seqüência natural e infinita de filhos e netos, imensa roda que, de mãos dadas, jamais termina.

Hoje, sinto que estamos de mãos dadas. Vocês, formandos, seus bisavós, avós, pais, demais familiares, professores, amigos, convidados, eu e meus livros, que nada mais são que nossa possibilidade de conhecimento mútuo, de conversa, de não distanciamento. Não estamos, mais, na cozinha da fazenda, mas somos a continuação daquela conversa diária, que sempre terminava com agradecimentos a Deus, pela vida e pela saúde. Conclusão sábia, de gente sábia.

De mãos dadas, continuação natural e infinita, também podemos ser sábios. Também podemos aprender a viver, a valorizar o que tem valor. A vida, a saúde, a família, a comunidade, os afetos.

Eu não saberia indicar caminhos a vocês, meus caros formandos, meus formandos queridos. Eu também ainda busco meus próprios caminhos. Não saberia ensinar, aprendiz que sou, sobretudo de meus filhos. Mas posso lhes afirmar, sem medo de errar, que acredito no trabalho, seja qual for, onde for. Acredito no meu, muito. E, se não acreditasse, acreditaria, a partir desse nosso encontro-reencontro. Não é um trabalho fácil. Nunca foi, jamais será. Mas, por mais difícil, vale a pena.

Vale a pena continuar a conversa. Aquela, da cozinha da fazenda. Eu escrevo, vocês lêem, e a conversa, quase sem fim, fica do tamanho de nossas vidas. Não, maior, bem maior. Sem fim, ela seguirá - espero e sonho - nos corações e nas almas de nossos filhos, netos e bisnetos, através dos tempos, com chuva, sol ou vento.

Tenham certeza de que o convite de vocês, além de me honrar, me fez muito bem á alma.

Aos poucos, devagar, redescobri pontes, porteiras, passagens. Reconheci lugares, nomes, paisagens. Revi caminhos, rios, córregos. Reencontrei pessoas, afetos. Desenterrei lembranças, revirei saudades. Reguei raízes.

Enraizados uns aos outros, plantados em terreno fértil, sei e sinto que formamos uma única árvore. Por mais que seus galhos e folhagens se multipliquem e se espalhem, o tronco, único, haverá de nos manter unidos, de mãos dadas, trabalhando e construindo. É o que desejo a vocês, a mim, a todos os presentes: trabalho e construção.

Vivina de Assis Viana.
São Paulo, 13-12-03.

ANEXO C

“Paraíso” - Texto de Vivina de Assis Viana escrito para um livro-homenagem ao Distrito de Morro do Ferro

ANEXO C – “Paraíso” - Texto de Vivina de Assis Viana escrito para um livro-homenagem ao Distrito de Morro do Ferro

Paraíso

Conheci Morro do Ferro pelos olhos, pelas palavras e pelo coração de meu pai.

Quantas vezes, em nossa casa, a conversa se prolongava, quase sem fim. Ele falava, mais que ouvia. Nós, os filhos, ouvíamos, mais que falávamos. E minha mãe falava e ouvia, equilibrando. Se ele esquecia algum nome - de gente ou de lugar -, bastava um olhar: ela lembrava.

Assuntos não faltavam. Meu pai gostava de falar sobre o que vivia no dia a dia da fazenda, sobre o que lia em livros e jornais, sobre o que ouvia no rádio.

No entanto, não havia como negar: as melhores histórias, e as que ele mais gostava de contar, nasciam, cresciam e se perpetuavam em uma paisagem que ele jamais esqueceu. A igreja de São João Batista, a praça, as casas de um lado, de outro, as árvores, os esbarrancados, a descida, na saída para Oliveira, e o cemitério, na saída para São Tiago. Cemitério onde descansavam meus avós maternos e meu irmão mais velho, que o sarampo levou ainda pequeno. Três meses, só.

Enquanto ouvia cada palavra e interpretava cada gesto, eu, ainda criança, tentava imaginar a paisagem que não conhecia, a festa do padroeiro - 24 de junho -, a procissão, a missa, o frio, os foguetes, a fogueira, a banda de música. A banda, maravilha nunca vista, que alternava valsas e dobrados, celebrando o sol quente no céu e a alegria ardente na terra com melodias singelas, que as paredes de nossa casa sabiam de cor:

Nesse mundo eu choro a dor

Por uma paixão sem fim,

Ninguém conhece a razão

Porque eu choro no mundo assim...

Da casa para a qual nos mudamos - eu tinha apenas dois anos -, nos arredores de São Tiago, eu tentava imaginar a outra, onde havia nascido, nos arredores de Morro do Ferro, naquele tempo São João Batista.

O barracão construído por meu pai, a caixa d'água, o jardim pequeno, lugar dos sonhos de minha mãe, os eucaliptos plantados por meu avô, o quintal explorado

por meus irmãos, a casa com jeito simples e mineiro, as lamparinas diminuindo a escuridão, a telha de vidro iluminando, a cada manhã, a sala de jantar. Ao lado, o quarto do casal. Quarto em que nascemos, dois de meus quatro irmãos, e eu.

Os cinco irmãos, de tanto ouvir, sabiam de cor os nomes dos dezesseis tios-avós paternos, - nascidos do avô Belarmino e da avó Chiquinha -, e de inúmeros primos, todos vindos da Fazenda da Forquilha, em Carmo da Mata, e espalhados por tantos e tantos lugares de nomes bonitos: Sobrado, Pedra Azul, Jacaré, Pau da Bandeira, Quebra Cangalha, Ribeirão, Florinda...

Do lado materno, mais tios-avós, vindos do avô Sabino e da avó Diolinda, e mais primos...

Entender os parentescos das duas vertentes da família, quando os primos de cá começaram a se casar, não apenas com os primos de lá, mas também entre si, era - e é - tarefa quase impossível...

Quando recebi o convite do Duga para escrever sobre estes cento e sessenta anos de Morro do Ferro como Distrito, pensei, emocionada: *se meu pai ainda estivesse por aqui, a nos contar suas histórias, o que ele gostaria que eu escrevesse? O que me pediria para não esquecer?*

Nessa madrugada paulistana fria e chuvosa, não posso me esquecer dos campos, das várzeas, das grotas, dos rios, dos córregos, das ruas, das esquinas, das casas, da igreja, das festas, da fogueira, do ar, ah, do ar de Morro do Ferro... O ar de lá é diferente - ele dizia, fixando os olhos na distância. Como se sentisse saudade.

Mesmo sem nunca ter morado em Morro do Ferro, sinto saudade. Foi de lá que eu vim, foi lá que eu nasci. Na fazenda do Retiro do Jacaré, lamparinas diminuindo a escuridão, uma telha de vidro anunciando a manhã.

Sinto saudade, muita. Por mim e por meu pai, que me ensinou, com os olhos, as palavras e o coração, que o paraíso pode ser mais simples, e estar mais perto do que imaginamos. Igreja, banda de música –valsas, dobrados -, fogueira, algumas ruas, ar puro, sereno da madrugada, conversas na calçada, raízes, lembranças e afetos cultivados no fundo mais fundo do coração.

ANEXO D

“Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já ta maravilhoso, missão cumprida”: Entrevista com Vivina de Assis Viana.

ANEXO D – “Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já ta maravilhoso, missão cumprida”: Entrevista com Vivina de Assis Viana

“Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já ta maravilhoso, missão cumprida”: Entrevista com Vivina de Assis Viana - 13/07/2005

1. Como, quando e por que você começou a escrever?

Viana: Bom, “como” e “quando” é um pouquinho mais complicado, agora “por que”, eu acho que eu escrevo porque eu leio. Eu tenho poucas certezas na vida, mas uma certeza é que a gente só chega à literatura pela leitura.

Então... Eu sou de uma família de leitores. Meu pai sempre foi fazendeiro, minha mãe também, eles nunca moraram fora de fazenda. Era no fim do mundo. Não chegava nada lá... Não tinha ônibus, nada, nada, nada, mas jornal chegava porque ele assinava.

Ele assinava na época os jornais do Rio e de Minas, que eram os mais conhecidos, o “Correio de Manhã”, “Jornal do Brasil”, e semanalmente chegava tudo lá. Ele assinava a “Revista Cruzeiro”, “Revista Cigarra”, “Alterosa”... Chegava tudo e ele lia.

Ele lia jornal, lia livro, escrevia... A minha mãe escrevia para a “Gurilândia”, e outras seções de jornal para crianças, meus irmãos eram pequeninhos, não sabiam escrever, e ela escrevia cartinhas no nome deles, e chegavam as respostas... Então todo mundo curtiu esse intercâmbio.

Depois, mais tarde quando a gente começou mesmo a estudar, todo mundo alfabetizado, adolescente, estudando em colégio interno, isso eu já falei e dei vários depoimentos, de uma lembrança vivíssima que nós todos temos. Somos cinco irmãos, eu sou a 4ª deles, e a lembrança é a da chegada da minha mãe na fazenda, com a gente, na época das férias, com a mala cheia de livros.

Lá em casa, às vezes, podia não ter dinheiro pra alguma coisa que a gente quisesse, uma roupa nova, ou várias vezes um queria isso, queria aquilo, e meu pai:

- Não, eu tenho que vender o gado, eu tenho que fabricar o polvilho, eu tenho que fazer não sei o que.

Mas se era livro que a gente pedia, aí sempre tinha, sabe? Dinheiro pra livro, não sei onde ele arranjava, não sei se ele ia dar o resto que ele podia ou se, pra livro, ele dava mesmo sem poder, só sei que, pra livro, sempre tinha dinheiro, então é uma coisa que a gente cresceu sabendo sempre: Que livro faz parte da vida, entendeu? Da vida mesmo, diária.

Ele cuidava lá de gado, disso, daquilo e todo intervalo que ele tinha, ele ia pra casa e pegava um livro pra ler, ou um jornal ou uma revista, não necessariamente livro. Mas lia... Nas horas vagas ele lia, então hoje, quando eu penso naquilo, e nessas lembranças que ficaram dele lendo, minha mãe também, mas, ele mais, eu acho que eu devo ter tido, não vou dizer que tive porque às vezes é forçar demais, mas eu devo ter tido várias vezes um pensamento assim: Se andar a cavalo é maravilhoso, ficar aí pelas árvores, pelo quintal, e com o gado, e tal, é maravilhoso, - que eu adorava essa vida de fazenda – e se meu pai, gosta e vive disso e ainda assim ele para de fazer isso, ele para de andar a cavalo pra ler, é porque ler é melhor ainda do que andar a cavalo...!

Eu acho que eu devo ter tido, sabe, raciocínios desse tipo, porque, claro, você faz as opções pelas coisas que você gosta mais...

Então livro, sempre fez parte, sabe? A gente chegava do internato com a minha mãe, e a mala, ela dividia em duas partes: Um lado da mala eram as roupas. E do outro lado eram os livros. Então tirava aqueles livros todos, e tinha livros desse cara aqui, o Karl May, um escritor americano que escrevia sobre índios... escritor americano, não, alemão, que escreveu sobre índio americano, sobre o deserto, tudo. Enfim, a gente aprendeu geografia com esse cara, nos livros deles. E isso aqui, então, era a paixão de todo mundo, e eu, ao mesmo tempo em que eu ficava embevecida com esses livros, eu sofria muito porque eu era a quarta irmã, então eu tinha que esperar os outros lerem primeiro, pra chegar a mim, e eu sabia disso... O mais velho, depois o outro, porque todo mundo era viciado nesse cara, eu sabia. Então é uma coisa muito interessante, porque quando chegava a minha vez, eu já sabia a história.

Esse livro aqui tem três volumes, esse aqui é o primeiro, que eu emprestei, eu tenho na fazenda a coleção dele, mas eu trouxe pro Henrique, meu amigo, e ele está lendo, está com o 2º volume agora e me devolveu esse aqui.

Mas quando eu ia ler, quando chegava à minha mão, um livro desse aqui, por exemplo, eu já sabia o livro inteiro, claro, porque três irmãos já tinham lido meu

pai já tinha lido minha mãe já tinha lido. A gente morava em fazenda, não tinha televisão, e ainda vivíamos conosco mesmo, quer dizer, na hora do almoço, forçosamente alguém me contava, igual você conta hoje um capítulo da novela, você contava o capítulo do livro, um irmão pro outro, e pro outro, e eu "antenada", ouvindo, ouvindo, então eu já sabia que hora, ou como é que eles iam ficar amigos, o Alemão e o *Winnetou*, que é o rapaz apache que dá o título aqui, como é que eles iam se conhecer, tudo, tudo, tudo... Quando ele ia morrer, o que ia acontecer, mas, no entanto, isso é que eu acho incrível, mesmo eu sabendo tudo, eu sabia que eu ia ler o livro, e a hora que eu lia era muito mais rico, sabe? Me falava muito mais do que eu já sabia oralmente. Quer dizer, a leitura é uma experiência que é insubstituível, entendeu? Não adianta você falar:

- Não, já sei, já me contaram.

Não contaram. Se você não leu, não contaram, pelo menos não contaram direito. A leitura é você com você mesmo, e o livro ali no meio.

Então, eu já sabia, por exemplo, que esse cara ia morrer, em que hora, em que capítulo, direitinho. O *Winnetou*, o cacique, já sabia tudo.

Eu devia ter doze anos quando eu li esse livro, e é livrão, são três volumes. A gente lia mesmo, e o tamanho da letra... minúscula.

Então... Mais ou menos no fim do terceiro volume ele morria, aí quando foi chegando a hora, eu falei: - Hoje é que ele vai morrer.

Isso eu lembro direitinho. Eu me preparei, eu fui pra cama da minha avó, pro quarto da minha avó, super confortável... A minha avó morava lá com a gente, e meu pai era filho único, então, meus avós moravam lá. Quer dizer, não é porque é filho único que moravam. Podia ser filho único e não morar, mas os pais dele sempre moraram com ele.

O meu quarto, eu dividia com a minha irmã, não tinha privacidade nenhuma e a minha avó só entrava à noite no quarto dela, pra dormir. Durante o dia, ela tava solta na fazenda, uma mulher magrinha, ágil, sabe, vivia lá entre frutas, bichos e tudo.

Então eu fui por quarto dela e deitei lá, no maior conforto, com o travesseiro macio, sabia que eu ia chorar, mas eu quis chorar em grande estilo (risos). Aí quando chegou aquela hora, realmente eu chorei, mas assim, eu punha o travesseiro no rosto e soluçava, de uma coisa que eu já sabia.

Então, você vê o que é a experiência, né?

Eu acho, cada vez que eu lembro essas coisas, e principalmente quando estou com meus irmãos, que são experiências muito semelhantes, eu acho que eu já escrevia, entendeu? Se você se emociona com um texto a esse ponto, aos doze anos, que é uma coisa só escrita, não tem outros artifícios, não tem nada, e eu tinha uma bagagem ainda muito pequena: uma menina de roça e internato, só conhecia o internato onde eu ia e o trem da estação que me levava e que me trazia e pronto. Não conhecia mais nada. E você se emociona a esse ponto com índios e Alemanha, acampamentos, apaches, é porque a literatura é uma coisa fortíssima. É melhor do que andar a cavalo, e tão boa que você até se prepara pro momento, na cama da avó.

Eu acho que, eu tinha grandes chances, não digo de ser escritora, mas de continuar a vida toda trabalhando com livros, que foi o que eu fiz. Fui fazer curso de Letras, que era a coisa mais próxima que eu sabia sobre livro.

Agora, a outra experiência mais séria que eu tive com a escrita, que mais tarde eu fui me lembrando eu também tinha uns doze, treze anos. Foi no colégio, com redação.

A professora tinha mandado a gente fazer, as professoras quase todas eram freiras, porque era colégio religioso, mas tinham algumas leigas e a professora de português da minha hoje, 7ª série, que naquele tempo era 2ª ginasial, ela era leiga, morava em São João del-Rey e ia lá só dar aulas, dar aula de Português, e até acho fotos dela depois pra te mostrar, porque ela ia aos meus lançamentos de livros e chorava... Ela morreu já... Eu até fiz algumas crônicas pra ela, lá no Estado de Minas, quando você chegar nas crônicas você vai encontrar, dedicadas a ela.

Então, ela, numa aula normal, na 7ª série, leu um poema pra nós, de um menino pobre, nunca descobri que poema é esse. Eu sei que era um menino que estava sonhando com o Papai Noel, e que queria, ficava pedindo um presente pro Papai Noel. E a mãe falava com ele, era um soneto, a mãe falava que não tinha jeito, ele não ia ganhar presente, eles não tinham dinheiro, era uma coisa que não tinha como, e aí ela terminava assim:

- Como é que de ti ele vai se lembrar?

Qualquer coisa assim... “como”? E ela leu esse soneto umas três vezes pra gente e esse “como” é o que mais me ficou. “Como”, “como”? Aí ela falou:

- Agora vocês vão fazer uma redação sobre esse poema em casa.

E aí a gente fez, entregou, ela levou pra casa, tudo normal.

Quando ela trouxe de volta, ela foi entregando. Então aluno, aluno, aluno, sempre trinta alunos, toda classe lá no colégio era de trinta. E aí, ela foi entregando e nada, a minha nunca que vinha, até que ela entregou todas e ficou com uma na mão eu falei:

- Bom, deve ser a minha...

Aí ela falou:

- Agora, aqui, antes de cada um ver a sua aí, corrigir os erros, todo mundo olhe, mas antes de entregar todas, eu queria falar o seguinte, estou com uma redação aqui, que foi feita aqui, naquela mesma hora, quer dizer, vocês fizeram do mesmo jeito, levaram pra casa, todo mundo escreveu, tudo, só que eu senti, é que essa aluna, trabalhou muito, se esforçou e escreveu uma coisa muito bonita que eu queria ler pra vocês.

E aí ela começou a ler, e eu falei:

- Bom, fui eu mesma, essa é a minha redação.

E aí eu fiquei felicíssima, eu fiquei orgulhosíssima, foi a minha primeira experiência, hoje, pensando, quer dizer, naquele dia, eu tive leitores. Agora, se eu disser que a partir desse dia, eu falava:

- Bom, então vou ser escritora, fiz uma redação maravilhosa...

Não, aí eu estaria falando ficção. Nunca pensei... Fiquei super feliz, e claro, eu acho que é meio inevitável, é como eu estou falando, lá na minha família todo mundo escreve, ninguém é escritor, mas todo mundo escreve corretamente e bem, porque todo mundo leu e lê desbravadamente até hoje, então não tem jeito, você lê, você escreve.

Andréia: Eu percebi isso inclusive nos seus filhos... quando te escreveram a homenagem. (Num evento de Literatura no final de 2004, os filhos de Viana lhe escreveram uma homenagem)

Viana: É... Pois é... Então e eles nem são da área. A menina pediu aquilo ali, correndo lá no intervalo e ficou lindo. E, no entanto, eles lêem muito pouco, nossa! Comparado com o que eu lia... Porque o mundo hoje é outro, eles não moram em fazenda que não tem televisão, eles moram aqui, nasceram aqui.

Mas, então, essas coisas foram acontecendo...

Aí fui estudar Letras, quer dizer, fui ser professora, fui ler junto com o aluno, lia sozinha, casei com um jornalista, quer dizer, eu sempre tava ligada em livro, eu acho que uma hora eu chegaria lá, e cheguei!

Agora, certinho, “quando”, eu não sei. O que eu tenho certeza é isso, é o “porque”. Eu escrevo porque eu li, e continuo escrevendo porque continuo lendo, eu acho que é impossível você separar, eu não posso admitir que alguém fale que sabe escrever sem ler, isso eu acho que não.

2. Você acredita que alguns autores e obras tenham exercido influência marcante em sua produção? Que autores e obras? Que tipo de influências?

Viana: Eu acho que todo mundo que eu leio me influencia. Se eu gosto, claro que as influências são maiores porque você vai ler mais quem você gosta mais.

Então... É o Graciliano (Ramos), você sabe, claro, o Graciliano é a pessoa que mais me emocionou até hoje, com o texto, porque isso aqui por exemplo, que eu to te falando, que é história de adolescente que fez chorar (Winnetou), não é o texto, é o enredo. É o índio, é aquela coisa, é uma história que eu acho bonita até hoje, os valores e tudo. Agora, o Graciliano não. O Graciliano é o texto mesmo, é aquela coisa de ler uma frase, curtinha, porque ele é conciso, e eu leio aquilo ali e falo:

- Como é que pode falar tanto em tão pouco?

Depois eu falo:

- Bom, isso é burrice, não é tão pouco. Isso aqui é muito, fala muito. Só é pequeno, mas é muito, não é pouco.

E então é claro que se eu leio, leio e leio, e já li várias vezes ele, não só pra trabalhar, eu tinha que ler pra fazer um trabalho encomendado, que era a Literatura Comentada, me encomendaram porque sabiam que eu gostava dele, que eu conhecia relativamente. Mas claro que aí eu fui reler várias vezes tudo porque escrever um livro é uma responsabilidade muito grande e nem é a minha área, porque é uma coisa meio didática, mas, se cada vez que eu leio eu gosto mais, e se eu leio muito, me influencia.

Se você fica ouvindo uma música o dia inteiro, você cantarola aquela música até sonhando eu acho. O seu subconsciente está lá, ligado e com Literatura é a mesma coisa.

Então, eu tenho esses autores que eu gosto muito. Eu gosto muito do Cortazar, gosto demais do García Márquez, gosto muito do Graciliano. Entre os juvenis, a Lygia Bojunga, eu acho uma escritora incrível, pouca gente conhece o

Carlos Moraes, que escreveu um livro chamado *A Vingança do Timão*... Eu queria ter escrito esse livro. Isso ele sabe, ele vem aqui de vez em quando, a gente conversa... Você viu que eu fiz a contracapa do livro?

Isso eu falo pra ele, se inveja pudesse ser uma coisa saudável, a minha seria por causa de *A Vingança do Timão*. *A bolsa amarela* eu também gostaria de ter escrito. Eu acho que influencia, eu acho que se você gosta, influencia.

Tem um escritor inglês chamado Thomas Hardy que eu li também na faculdade, um livro chamado *Judas, o obscuro*, conhece?

Andréia: Conheço.

Viana: Já leu?

Andréia: Não.

Viana: Nossa, é tão triste, mas é lindo aquele livro. Eu li com a sua idade, e agora ele já está ali, com aqueles que eu te falei hoje, que eu coloco na fila, pra numa hora dessas ler de novo. Eu quero ler *Os Meninos da Rua Paulo*, você já leu?

Andréia: Não, mas eu tenho.

Viana: Ah, então lê. Esse é de chorar também. Fabiano, meu filho, leu há um mês. Saiu uma edição nova agora, e quando me perguntaram, falei:

- Olha, eu quero um livro que saiu agora: *Os Meninos da Rua Paulo*.

O meu era letrinha pequena, que agora eu já não leio mais, minha vista... não dá! E aí, saiu esse novo, estou lendo, e achando maravilhoso de novo.

Então eu acho que na hora, essas coisas vêm. Igual, se eu vou falar de música na hora em que eu escrevo, ou se eu vou falar de time de futebol, acho que você deve ter até pergunta sobre isso, não sei, mas se eu for falar de um time que eu queira, que é legal que tem um torcedor, que eu quero uma cara fanático, eu vou falar do Galo, que é o meu time. Eu não vou colocar nunca o Cruzeiro, quero que o Cruzeiro perca sempre. Nos meus livros, o Cruzeiro vai perder sempre (risos).

Ou se eu tiver que citar um sambista, vai ser o Paulinho da Viola. Se for um cara mais tradicional um pouquinho, o Lupicínio. É a minha turma, a minha tribo. Eles é que me influenciam também, não é só livro, é letra de música, tudo. Não é só escritor... Quer dizer, é escritor, né? O Paulinho é escritor, o Chico é escritor, Caetano é escritor. Claro. Então toda hora que eu cito, eles estão me influenciando, significa que eles entraram na minha cabeça e não saíram, a leitura que eu faço é essa.

3. Como escritora de literatura infantil, sua produção se inicia nos anos 70, período considerado como o “boom” do gênero no Brasil, particularmente com a expansão da vertente do aspecto verista, realista. Isso influenciou diretamente o seu trabalho?

Viana: É, eu acho que sim. Agora depois de velha, é que eu ando meio com fantasias.

Na internet, eu já escrevi história que tem bruxa, você viu, apesar de que eu tento colocar a bruxa bem na realidade, a bruxa entra, mora na gaveta, mora na gaveta do meu amigo que é o Zé (José Luis Moura), o retrato dele tá lá na geladeira, vou te mostrar, o dono da gaveta da bruxa. Ele era meu colega de oficina, economista e ele ia pra Inglaterra, estava preparando a viagem quando eu estava escrevendo, e um dia ele falou um negócio de um pijama de elefante, e daí eu botei tudo na internet, (risos) foi entrando lá...

Mas, antes não, quando eu tenho alguns bichos na minha história, eles podem até falar, não sei se eu tenho algum bicho assim, mas antes não...

Eu tenho essa série aqui, não sei se você conhece, *O nome da égua*, *O nome do burro*, são todos bichos muito reais, da fazenda, com os nomes que eles tinham lá mesmo, e com os donos. Os nomes que estão aqui são dos meus sobrinhos, meu pai, e tal. Quer dizer, bichos muito reais. Muito perto da realidade.

Então, eu acho que sim, o fato de eu ter começado a escrever na década de 1970, meu primeiro livro publicado é de 1977, que é este aqui (*O dia de ver meu pai*), não foi o primeiro que eu escrevi, foi o primeiro que eu publiquei. O primeiro que eu escrevi foi *O rei dos cacos*, deve ter sido em 1970 mesmo, ou 1971, por aí, só que ele saiu acho que em 1978, porque eu escrevi pra mim. Como eu estou te falando, era professora... Um dia eu tava com uma saudade dos meus tempos de criança, sentei, escrevi *O rei dos cacos* e guardei. Eu não tava escrevendo livro nenhum, eu escrevi um conto. Eu achei, falei:

- Vou escrever um conto.

E escrevi um conto chamado *O rei dos cacos*.

Aí depois eu comecei a mexer com livro infantil e um dia um cara falou:

- Você não tem outro texto? – e eu falei:

- Eu tenho esse daqui, mas isso não é livro infantil.

Ele leu e falou:

- É! É livro infantil, sim, vamos fazer.

Eu acho que esse daqui também não é (*O dia de ver meu pai*). É conto de adulto, entendeu?

Apesar de eu ter escrito pra ser livro infantil, esse aqui foi pedido.

Então, se eu estava naquela época, naquele grupo, naquele meio, de um modo geral, tem uma coisa que é coletiva. E teve um fenômeno mesmo, de coletividade que era o realismo. Era época de realismo.

Quando o cara me pediu, por exemplo, pra escrever esse livro (*O dia de ver meu pai*), o editor lá de Belo Horizonte, da editora Comunicação, eu tenho aí, te mostro a primeira edição. Então, ele tinha uma coleção chamada *A Coleção do Pinto*, e era de livros assim... Ele queria que a coleção tivesse sempre temas reais, então o primeiro chamava *O menino e o pinto do menino*.

Andréia: Wander Piroli, né?

Viana: Isso... Wander... você já leu?

Andréia: Já.

Viana: É lindo, né?

Andréia: É...

Viana: Então, é aquela coisa de menino, professora, escola, dificuldade de você criar um pintinho em casa, uma coisa bem de hoje, né? Não é aquele quintal, com as galinhas todas felizes cercadas de pintos debaixo da asa da galinha, acabou. Não é mais.

O segundo volume da coleção era também do Wander Piroli, lindíssimo, mais bonito até, eu acho, do que o outro, chama *Os Rios morrem de sede*, o da pescaria. É o pai que leva o filho pra pescar num rio nos arredores de Belo Horizonte de trem, com o sanduíche, pão com salame, igualzinho o pai dele fazia com ele, vai pro mesmo lugar, com os anzóis e tudo e chega lá, não tem mais rio. Então, os rios morrem de sede. É lindo...

O outro era uma história de pivete, chamada *Pivete*, mesmo, do Henry Correia e o meu era o quarto, então, quando ele conversou comigo, falou:

- Você não quer fazer um texto pra mim? É um livro inclusive pra essa coleção e eu estou pensando em alguns temas: isso, aquilo, separação de casal...

Falei:

- É esse!

Eu dava aula aqui na época. Dava aula aqui em São Paulo, convivia com adolescente, e então convivendo com adolescente você ta convivendo direto com

esse tipo de coisas. Eu tinha uma filha só, a Mariana, e escrevi aqui, nessa sala, esse livro, em três madrugadas. Gilberto trabalhava só à noite nessa época, Mariana chorava muito, aí, eu não dormia mesmo e escrevi esse livro, em três madrugadas.

Aí, como ele já foi escrito assim, com destino certo, ele saiu primeiro, aí depois saiu *O rei dos cacós*, depois saiu esse aqui (*O barulho do tempo*) que também já estava escrito, que eu guardei e nem sabia. Por aí vai...

4. A sua infância foi extremamente rural, e você escreveu tanto livros com essa influência, como livros bem urbanos. Como você vê isso? Quais deles lhe deram mais prazer de escrever? Por quê?

Viana: O prazer é o mesmo. Essa pergunta, de vez em quando fazem, não desse jeitinho seu, mas de vez em quando fazem com relação à literatura infantil e de adulto, pra escritor que tem os dois lados, gente com a bagagem maior que a minha, claro, sempre se fala, isso. O prazer é o mesmo, não é porque você escreve pra crianças que é fácil, pelo contrário, é difícilíssimo você achar o tom certo, que satisfaça a criança e te satisfaça, porque tem muito livro bobo pra criança. Você bota tudo no diminutivo e pronto. Pelo amor de Deus...

Aí é a mesma coisa. O prazer é o mesmo, se é “rural” ou se não é. Agora, eu é que sou duas. (risos) Eu é que tenho um lado “rural” que às vezes fala mais alto, então, eu escrevo sobre lá. E às vezes é o “urbano”, que ta me incomodando muito.

Eu escrevo basicamente, acho que sobre três coisas: o que me emociona, o que me incomoda e o que eu conheço. O que eu não conheço é muito difícil. Então, por exemplo *separação*, me incomoda, escrevi. *Mudança*... Uma época me incomodou muito, estava mudando de dois em dois anos, meu filho tinha quatro anos e já tínhamos mudado três vezes, aí eu escrevi *O mundo é pra ser voado*. Ou então nas emoções: *O rei dos cacós*. Eu me emociono profundamente até hoje, escrevi num dia de saudades. Aquele livro é pura saudade. E é por aí, e às vezes incomoda e emociona também, aí *O dia de ver meu pai*, quer dizer, pode vir junto. Então, às vezes se o urbano me emociona muito ou me incomoda muito, eu escrevo.

Um dia eu estava... Foi na época em que eu escrevia crônicas, em 1990, eu estou me lembrando porque eu estou reescrevendo as crônicas agora, com o Christian, que eu estou pensando em publicar, e ele está organizando pra mim. Então, teve um dia, quando quebraram o Muro de Berlim, eu vi uma notícia num

jornal, não é que eu não queira citar a Globo, não sei se foi no Jornal da Globo, e a gente bota tudo na Globo porque é o que a gente assiste, mas pode não ter sido na Globo... Eu escutei uma notícia, de uma mulher que tinha tirado um livro na biblioteca de Berlim, Berlim uma só, sem a divisão, e levado pra casa pra devolver 15 dias depois. Aí, eles dividiram a cidade, praticamente de um dia pro outro, que a coisa lá foi violenta, e ela ficou com o livro do lado de lá, do lado oriental e não podia devolver, durante vinte anos ou dezenove anos, o que durou o muro. Daí, no dia em que derrubaram o muro, uma das primeiras coisas que ela fez foi ir lá devolver o livro, e eu vi essa notícia.

Eu fiquei arrepiada quando vi. Lá estava a repórter mostrando, e eu falei:

- Pô, mas que vontade de saber que livro é esse, o nome desse livro, que mulher é essa, como é que ela fez, como é que foi...

Porque isso podia dar um outro livro. Mas não tinha nenhuma informação, foi só isso. Aí eu escrevi a crônica *Ela de um lado, os livros do outro*, que agora estou querendo mudar o título para *Ela de lá, eles de cá*, ou *Ela de cá, eles de lá*, qualquer coisa assim.

Então, você vê, nesse momento, por exemplo, é o urbano, é o urbano que emociona, então, não vou ser louca de falar que cidade só tem problema, não tem. Quando eu estou mais urbana, quando eu estou emocionalmente mais urbana, eu escrevo daqui... Quando é lá, de lá, mas pra mim é igual.

Agora, as minhas lembranças mais antigas são rurais, então coincide de ser mais criança. Apesar de que agora na Internet, eu andei criando uns personagzinhos urbanos, urbanos até demais porque são informatizados.

5. Você poderia comentar, de modo geral como se dá o seu processo de criação literária?

Viana: É... é engraçado, às vezes me ocorre, como eu estou te falando, são as coisas que eu gosto, que eu penso, que eu vejo, às vezes na hora você vê uma cena, não dá importância nenhuma, depois...

Na época em que eu estava escrevendo crônica, acontecia muito isso, porque você fica ligado, porque a crônica é o cotidiano, mesmo. Então às vezes eu via uma mulher levando um tombo na rua, e era apenas uma mulher levando um tombo. Dali a três dias, eu ia escrever, daí aquela cena voltava. Então é claro que eu

criava em cima do tombo, inventava alguma coisa, aumentava, interpretava. Às vezes é isso, eu vejo, e crio em cima do que eu vejo, às vezes, já falei, me emociona, me incomoda.

Agora, escrevo também, tem acontecido, já aconteceram vários livros, *Ana e Pedro*, por exemplo, livros que ninguém imagina, que não nasceram de mim. Podem ter sido idéias de terceiros, de editor . Tem gente que fala assim:

- Puxa, escrever sob encomenda?

Mas não é uma encomenda, não é uma pizza, que você fala:

- Ó, em meia hora está aí.

Não é isso. A pessoa te faz a proposta, a Sônia Junqueira, por exemplo...

Eu e Ronald Claver estávamos lançando os diários. Eu escrevi um diário feminino (*Sabe de uma coisa?*) e ele o masculino, juntos, quer dizer, ele em Belo Horizonte e eu aqui, mas era pra lançar junto, essa era proposta da editora. Lançamos. No dia do lançamento, num almoço com a Sônia Junqueira, já te contei isso?

Andréia: Não.

Viana: Ela, que era a editora, mineira também, que trabalhava na Atual na época, agora é da Formato, ela que editou esse aqui (*O dia de ver meu pai*), me falou:

- Olha, eu estou querendo um livro de cartas para o catálogo da Atual, e acho que vocês dois tem muita cara de quem gosta de carta, de que vão gostar de escrever um livro de cartas. Vocês querem fazer um livro de cartas?

Era uma idéia que eu gostaria de ter tido, agora, que eu tenho que reconhecer que eu não tive, a Sônia teve. Ela me conhece, é minha amiga, foi colega do Ronald, conhece o Ronald, não é encomendar uma coisa qualquer. É encomendar para a pessoa, a coisa certa, do jeito dela. Se eu não gostasse, é evidente que eu ia falar:

- Não, não dou conta de escrever um livro disso, meu caminho é outro, não é por aí.

Então, nesse caso, eu vou criar, claro. O livro é nosso, meu e do Ronald, a gente criou, a idéia não era nossa, porque existe essa criação em cima da idéia do outro. Agora, todas as vezes que eu escrevo... Antes, que eu escrevia à mão, depois à máquina, e agora no computador, é uma luta feia, eu sou preguiçosa, sou desorganizada, sou bastante perdida, sou uma pessoa distraída, sou do tipo que

levanta pra fazer mil coisas e ao meio-dia já esqueci a metade A outra metade? Eu não vou fazer mesmo, e também nunca mais eu vou me lembrar delas, é um pouco por aí.

Então é difícil. Eu estou com uma historinha ali que faz uns três ou quatro anos que está no computador, ela está parada. É de um menininho... Eu vou fazer, eu sei que uma hora eu vou terminar, mas então a hora que eu sento lá e falo:

- Bom, agora eu tenho que escrever, - aí realmente eu escrevo.

Eu posso ficar dez horas, e aí eu não lembro de nada mesmo, eu fico ali em cima do texto, ele tem que ficar do meu jeito, enquanto eu não acho que ele está bonito, eu não entrego, porque eu acho que com a estética, eu tenho um compromisso sem fim, infindo, que não acaba, e se eu não achar bonito eu não publico. Eu nunca vou me arrepender de ter publicado um livro, porque eu só publico na hora em que eu tenho certeza, absoluta de que ele ta do jeito que eu queria. Não me preocupo muito com o enredo, não, por exemplo:

- Vamos escrever um livro de cartas?

- Vamos escrever um livro de cartas, vai ser o mais bonito possível.

Esse livro, todo mundo cobra, os alunos todos:

- Ah, mas não casou, não namorou, como é que é? Por quê?

E eu falo:

- Pois é assim que eu queria, me deu um trabalhão terminar o livro com um ponto de interrogação, eu tenho vários livros que terminam em interrogação. Sabe por quê? Eu sou interrogativa, eu não tenho resposta, eu tenho pergunta também. É isso que eu gosto de colocar, eu acho que a gente tem que pensar junto, eu não tenho entregar livro pronto pra ninguém, sabe? Eu quero entregar um livro questionador, eu não sei se eu consigo.

6. Que relação você mantém com a linguagem, o estilo?

Viana: É engraçado... São os modelos mesmo.

Meu modelo é o Graciliano, não estou dizendo que eu estou imitando, porque também eu não sou nem pretensiosa e nem boba, mas eu gosto das frases curtas. Pra mim tem que ser claro, tem que ser curto, tem que todo mundo que quiser ler, entender. Não tenho o mínimo interesse em bagunçar a cabeça de ninguém, e eu mesma tenho uma dificuldade de entender uma literatura mais

complicada. Tem livros que eu leio um pedaço, no outro dia eu tenho que reler... Eu acabo herdando, sabe?

Eu acho que a simplicidade, a síntese, essas coisas são indispensáveis. Eu gostaria de escrever assim, e é do jeito que eu acho bonito. Agora, isso é uma coisa que talvez eu saiba mais sentir do que expressar, do que falar. Na hora, eu leio a frase que eu estou fazendo, vejo se elas estão bonitas ou não. É uma coisa pessoal. Se não estiver, eu deleteo.

7. Quando você escreve, imagina como será a ilustração do livro? Dá orientações ao ilustrador ou deixa totalmente por conta dele o caminho a seguir?

Viana: Não, não penso em nada, eu sou péssima de traço. Não sei desenhar uma casa, uma árvore, não penso em nada, a maioria dos livros eu vi prontos. Eu entrego para o editor e confio nele, o trabalho daí pra frente é dele, eu só escrevo.

Às vezes eu vi durante. Depende, porque se é um editor de São Paulo, um cara amigo, que me chama pra ver, eu vejo, mas eu não vou lá pra ver a ilustração. Às vezes eu ia na editora por outros motivos e aí alguém dizia:

- A ilustração do seu livro tá aí, quer ver?

- Claro que quero!

Aí vejo. No caso da Internet, por exemplo, achei a maior graça em ficar conversando com o ilustrador, que eu não conheço. Nenhum dos dois! O primeiro eu indiquei, o do primeiro livro, *Brincando na rede*. Eu gosto muito dele, ele já tinha feito esse livro aqui (*Arco-íris tem mapa?*) pra mim, mas eu não o conheço pessoalmente, conheço o desenho. Gostei muito dele, o Luiz Maia, e aí indiquei na primeira história da internet.

Quando foi a segunda agora, eles me perguntaram:

- Tem ilustrador.

Falei:

- Ah, tem várias pessoas que eu conheço, mas eu nem sei se trabalham com a Internet, tem o Luiz Maia.

. Eles falaram:

- É, mas o Luiz Maia já fez um, era legal variar, mas a gente vai consultar.

Consultaram, ele não podia, porque essa história da internet leva meses, é um trabalho longo, se a pessoa tem muito compromisso não dá. Aí eles falaram:

- Você não quer ver no nosso site?

Aí eu fiquei impressionada com aquele menino, o Kondo (Daniel Kondo), japonês. Aí falei:

- Bom, esse cara aqui eu achei legal.

Aí eles falaram:

- A gente vai ver se ele pode

Aí, depois me ligaram:

- É ele.

Aí um dia antes de começar o texto, ele me ligou, eles passaram o meu telefone pra ele, e ele perguntou se eu podia mandar uma foto pra ele, porque ele ia me desenhar .

Mas eu não mandei, igual ao que eu to te falando, falei:

- Mando, claro e tal - mas eu nem lembrei, eu sou assim.

Aí saiu lá, e eu estou lá, do jeito que ele me imaginou, porque ele nunca me viu, até hoje... Mas eu achei ótimo, porque eu estou magrinha, foi melhor do que se eu mandasse a foto (risos). E aí a gente trocou uns e-mails, ele falou que tava gostando muito da minha história; eu falava que estava lindo o desenho dele, o traço, e estava mesmo. Aí comecei a pôr ele dentro da história, achava legal, falava:

- Ah, vamos pedir pro Kondo desenhar isso, desenhar aquilo?- e ele desenhava.

Então, eu achei ótimo. Você vê, tem de tudo. Mas na hora que eu estou escrevendo, nem penso se vai ser ilustrado, quando eu escrevi isso aqui, não pensei em ilustração, em *O rei dos cacos*? Nunca! Eu estava escrevendo pra mim...

8. Você começou com literatura para adultos. O que lhe fez pensar em ser escritora também de literatura infantil e juvenil?

Viana: É porque eu não vejo diferença. É como eu te falei, pra mim escritor é escritor, seja do que for. Então, eu não vejo diferença, a diferença está só na aparência do livro, então tanto faz. Você anda por ali ou por aqui. Pra mim é igual e eu sei que eu dou conta de escrever um texto pra adulto ou um texto pra criança.

9. Por que escrever literatura infantil? Por que escrever literatura juvenil?

Viana: Porque é literatura. Sob encomenda, ou eu estou com mais vontade, ou eu estou convivendo mais com adolescente, estou convivendo mais com criança, estou mais com aquilo na cabeça, mas é só por aí...

O ato de escrever não tem a mínima diferença, é dolorosíssimo, trabalhosíssimo, seja pra quem for.

10. Quais são seus desafios, motivações ou desmotivações como escritora de literatura infantil?

Viana: Ah, um desafio acho que é sempre a linguagem, o meu desafio é a linguagem, não sei se eu consigo isso. O que eu queria, além de escrever livros questionadores, como eu te falei, que eu não estou preocupada com o enredo, com o que acontece, eu gostaria que no meu livro o que acontecesse fosse o texto, meu compromisso é com o texto. É mais a “maneira de falar” do que “o que” eu estou falando. Você percebe? Fui clara?

Então, esse é o grande desafio, a linguagem, porque eu sempre quero encontrar uma linguagem que eu quase não seja capaz de fazer, é aí que eu quero chegar sempre, esse é o desafio, eu quero ser capaz de fazer uma coisa amanhã, que hoje talvez não seja. É diário.

Desmotivação? Muitas, claro! Acho que é uma ladainha sem fim, nem vai dar pra gente falar aqui. O país; a quantidade de leitores, que nem existe num país deste tamanho; o livro que não chega na livraria. Se for infanto-juvenil, ainda tem a escola, na escola chega, mas é pouquíssimo.

Então, se você vai pensar quais seriam os seus sonhos, se você morasse num país altamente alfabetizado... Se você morasse no Japão, que as tiragens são gigantescas e que todo mundo dá livros de presente, toda criança quer ganhar livros...

Aqui você fica até com vergonha de dar um livro, então, claro que isso desmotiva. Você tem que fazer essas coisas, mesmo em área de livro, eu faço várias coisas paralelas, para editoras, para você ter também algum dinheiro, porque com livro você não ganha, não ganha mesmo, pode ganhar um prêmio ou outro, mas isso é um prêmio ou outro. Com venda, não, de jeito nenhum, a não ser best-sellers. Mas daí é outra coisa, não é disso que a gente está falando.

11. Você acredita numa especificidade desses subgêneros? É diferente escrever para crianças jovens e adultos? Por quê?

Andréia: A gente já falou um pouco, né?

Viana: É, então... Pra mim não é.

12. Você acredita numa literatura especificamente feminina? Em que termos?

Viana: Não, não, não... Nada dessas coisas eu acredito (risos). É a maneira de ver. Isso é tão variável quanto são as pessoas. Eu sou mulher, e não é por isso que eu vou escrever só sobre mulher. Quem escreve mais bonito sobre mulher do que o Chico Buarque? Ninguém... eu não conheço...

Então acho que você tem que fazer essa pergunta pra ele também (risos).

13. Em que medida você acredita que o mercado afete a sua produção literária? No caso da literatura para crianças e jovens, essa influência assume características diferenciadas da produção adulta? Por quê?

Viana: É, a gente não tem estímulo...

Nem eu, nem escritor nenhum. A gente escreve porque gosta de livro, gosta de ir numa escola, gosta de conversar com os meninos, e esse nosso encontro aqui agora, acho maravilhoso, quer dizer, se eu não escrevesse, você não estava aqui... Mas é isso, dilui no afeto, no encontro.

Agora: Mercado. Pensa bem, se além de tudo, a gente pudesse viver disso... Seria ótimo, mas não é... É claro que você faz a metade dos livros que você faria, primeiro porque você tem que gastar o tempo fazendo outras coisas, e segundo porque você pensa em si mesmo, e fala:

- Ah, outro livro?

É claro que depois você faz. É um vício, mas aquele estímulo, da coisa organizada, igual a qualquer projeto, como se você estivesse numa firma de arquitetura, que você faz um projeto pra empresa, no outro mês tem pra outra, no outro mês tem pra outra de novo, é diferente. Aqui não tem continuidade.

De modo geral, teve uma época aí que teve um boom de literatura infanto-juvenil, que eu acho que foi bem nos anos 90. Por aí, eu via, ouvia em congressos, nos arredores, os escritores que tinham produção adulta, falando que estavam se

voltando para a infanto-juvenil porque estava vendendo muito. Realmente, como eu te falei, a escola é um filão, o governo comprava muito livro, atualmente eu não sei como é o programa, mas comprava muito para as bibliotecas: públicas, federais, municipais, estaduais, mas muito mesmo. De algumas editoras, compravam para a biblioteca infantil, infanto-juvenil.

Aí então as chances de serem “comprados”, eram mais pra esses escritores mesmo, do que os de adulto. Agora, atualmente é que tudo está vendendo muito pouco, inclusive infanto-juvenil. As editoras têm falado isso... Que a venda está caindo muito, eu não sei bem como está essa diferença. Até alguns anos atrás, eu não sei hoje, não estou atualizada, mas as opções de livros de adultos, livros normais, não estou falando de best-seller, mas autor já um pouco conhecido, as edições eram de 3.000 exemplares, por edição, podia levar um ano, dois, três, variava. Mas eles nunca arriscavam mais de 3.000 exemplares pra um livro adulto. E os juvenis às vezes eram 10.000, 8.000. Atualmente, eu acho que baixou também, acho que ta nuns 3.000, mas não sei a de adulto agora, se abaixou ou não, você teria que ver com um editor, não sei...

14. Como você vê as relações entre literatura e jornalismo? Em que medida o jornalismo afeta sua obra?

Viana: Eu acho que o jornalismo pode afetar minha obra porque eu leio jornal desde criança, igual eu te falei. Todo dia, antes de tomar o café, eu leio *O Estadão* e a *Folha de São Paulo*, porque que a gente assina. E leio tudo, tudo, futebol, que eu sou alucinada, esporte em geral, vôlei, tudo que você perguntar eu sei, pode me entrevistar sobre o Guga, o Federer, esses tenistas todos aí, que eu sei, de vôlei eu sei, basquete não. Basquete, eu ainda não consegui entender direito e tal, mas futebol, vôlei, tênis, tudo eu sei. Eu jogava vôlei quando era estudante, então leio crônicas sobre esporte, tem um pessoal que escreve muito bem, o João Saldanha, antigamente. Fiz crônica pra ele quando ele morreu, em homenagem a ele. Então, leio o jornal inteiro, as páginas todas, política eu leio tudo, cronista, notícia, horóscopo, tudo.

É o que eu te falei, eu acho que os autores que eu leio me influenciam, as músicas que eu ouço me influenciam, os jornais que eu leio devem me influenciar,

agora, sobre literatura e jornalismo, especificamente, eu não sei porque nunca fui jornalista. Teve as crônicas, mas crônica é literatura.

Eu usei o veículo do jornal, mas fiz literatura, pelo menos a minha pretensão era fazer literatura. Matéria só pra jornal nunca fiz, o que eu já fiz em jornal, além de crônica é crítica de livro, que eu fiz muitos anos pro *Jornal da Tarde*, aqui em São Paulo. Crítica, assim, comentários...

Deve ter sido nos anos 80. Têm outros também, em jornais menores, que eu nem me lembro mais, um jornal que a família do Raduan Nassar tinha, um jornal lá no bairro de Pinheiros chamado “Jornal do Bairro”. Lá também eu escrevi várias coisas, mas eu nem tenho isso mas, nem sei...

15. Como são as suas relações com os seus leitores? Freqüentes? Intensas? Por que meios?

Viana: Olha, freqüente, no caso de escola, é mais quando tem livro novo. Quando tem livro novo, a editora carrega mais na divulgação daquele livro, aí o colégio adota, te convida, tanto que eu já viajei muito. Já fiz isso aqui em São Paulo, já fui pro interior também, é sempre bom, sempre dá certo, eu adoro, sou professora... *Suando Frio* está aí, pra mostrar o que eu acho. Tudo o que eu penso de aluno, de jovem está ali, é aquilo mesmo.

Então, é sempre bom, nunca foi negativo. Agora, quando eu escrevi a crônica, você vê, cada veículo é diferente, porque com o livro infantil, é mais pela escola que eu encontro leitor, encontro o professor, e a resposta vem de lá, chega carta também, devem ter várias aqui, depois posso ler alguma pra te mostrar, chega muita carta na editora de menino que leu e comenta o livro, a professora manda escrever, e tal, e eles escrevem.

Agora, no caso da Internet... Você viu lá a quantidade de crianças, impressionante! Foi demais, palpite de toda ordem, e eu aproveitava sempre o máximo. Eles têm idéias muito melhores do que eu, porque eu não ia aproveitar? Então é isso, a resposta é a mais produtiva possível, de adulto também.

16. E sua relação com o universo editorial, como é? Você, por vezes, atua como editora, mas também está do outro lado do processo, como escritora. Como é isso?

Viana: Não.... editora, não. Eu podia ser assim, uma coordenadora, editora eu nunca fui. Então, no caso, como autora que já te falei, escrevo, mando, claro que nessa altura da vida você conhece os editores todos e os editores todos te conhecem, e alguns são grandes amigos.

A Sônia (Junqueira) é minha irmã... Então é claro, que se eu estou escrevendo alguma coisa, ela sabe, ela mesma diz:

- Não, isso aqui não é bem o jeito da editora. - porque a editora também tem um espírito.

Então, eu como editora é isso, eu faço o texto e mando.

Agora, por exemplo, eu estou organizando as minhas crônicas, aquelas que eu escrevi há nove anos, toda semana. O Christian está selecionando, está tudo aqui, têm umas que a gente nem vai por, são crônicas datadas, falam do Collor, então não tem muito a ver mais. E têm muitas sobre crianças, sobre bicho, sobre cidade, sobre família, os acontecimentos: morte do João Saldanha, Ricardo Ramos etc.

Então, nós estamos organizando... Quem é que vai publicar essas crônicas, se alguém publicar? Não sei... Entendeu? A gente vai fazer um projetinho, apresentar em algumas editoras, pensar numa editora que venda, que vá fazer um livro bonito.

Vou procurar editora que faça livro bonito, que tenha um bom nome, agora, pode ser que ela não queira, que fale:

- Não, não quero crônica.

Aí, eu vou pra uma que queira. Já a coordenação não, na coordenação, eu trabalhei muito tempo com a Sônia, aí ela foi embora, o Henrique era o sub-chefe dela, assumiu, e eu trabalho com ele, principalmente pra Atual, já fiz pra FTD também.

É assim... Eu faço leitura crítica, porque fui professora. Então, às vezes ela tinha alguma dúvida e mandava pra mim:

- Vivina, dá uma olhada pra mim.

Daí eu dava um parecer. Eles nunca mandavam o autor, eu não sabia de quem que eu estava lendo, às vezes eu sabia, porque você conhece tanto a escrita às vezes... Se você pegar um livro meu, você sabe que é meu...

Aí, eu mandava, falava:

- Ó, ta legal - ou então – Isso aí não ta bom, vê se o autor não põe de um outro jeito, está curto, está grande, está sobrando...

Punha o que eu achava, recebia por isso, mas claro, sem compromisso nenhum se ela ia acatar ou não, publicar ou não, essa decisão é dela, ela é a editora, e eu era só uma consultora. Então, no caso da coordenação, eu posso apresentar um projeto meu, que é o que eu fiz, que eu te falei, que tem a Ana Maria Machado, *Esta Força Estranha*, e que surgiu muito antes do programa do Boris (Caso) que se chama também “Passando a limpo”.

Eu apresentei esse projeto que se chama “Passando a limpo”. A coleção nasceu da Nestlé, de quando eu fazia a Bienal da Nestlé. A gente chamava sempre aquele pessoal pra dar depoimento, e todo mundo adora isso, que a gente ta fazendo aqui, é isso que eu faço. Depende muito disso, porque tem cada coisa maravilhosa, a Lygia (Lygia Fagundes Telles) chorava, o pessoal todo chorava.

Então eu falava:

- Gente, se fica todo mundo fascinado com isso, quando você vai na sala de aula, quando você faz uma mesa redonda, quando você faz um negócio pro Brasil inteiro, que é a Bienal Nestlé, né... Por que não fazer isso em livro?

Então, listei uns autores que tinham muita importância, não só no nome mas no meio juvenil, porque senão a editora também não quer, e falei sobre o projeto, falei que era exatamente isso, que a pessoa pusesse um depoimento, do que ela acha, do que ela pensa, por que ela escreve, por que ela não escreve, como ela escreve, o que ela escreve, só que isso, por escrito, no livro, aí fizemos... Seis volumes, um do José Paulo Paes, que é lindo; o último foi com o Marcos Rey, que é maravilhoso, *O caso do filho do encadernador*, se chama, o pai dele era encadernador; um com a Fanny Abramovich; um com o Flávio de Sousa, aquele roteirista do Rá-Tim-Bum, e um com a Ana Maria Machado.

Então, esse projeto é meu, quer dizer, apresentei, a editora topou, eu procuro os autores, é claro que eu falei:

- To pensando na Ana Maria...

Aí a editora já falou o tanto que podia pagar, se eles aceitassem, dar um adiantamento, porque vai escrever pra editora, direito autoral, prazo, tamanho, aí, liga pro autor:

- Olha, quer? É assim, assim, gostaríamos muito e tal.

Aí, se a pessoa quiser, ela faz, manda pra mim, eu leio, vejo se eu gosto, se eu não gosto, vou discutir, porque depois eu tenho que entregar pronto lá. Agora, mesmo quando eu entrego pronto lá, pode ter alguma coisa que eles voltem pra mim:

- Isso aí eu acho que não e tal, vamos ver melhor...

Mas não sou editora, nunca fui e nem entendo nada disso, produção e tal.

Andréia: O trabalho que você está fazendo agora é pra qual editora?

Viana: Atual.

Andréia: Pro Henrique?

Viana: É... Atual... Quer dizer, Saraiva, porque a Saraiva comprou a Atual, continua, mas a empresa é a Saraiva. E o Henrique é o editor, não é o dono.

17. Quando fazemos um trabalho que nos liga diretamente ao público, esperamos um retorno. Sendo escritora de literatura infantil, é possível ter essa resposta?

Viana: É... Você está aqui! A resposta é essa. Eu acho que a resposta é essa! O livro está na livraria, foge do seu controle. Então, se é pra chegar no público, a coisa melhor que tem é você encontrar alguém que leu seu livro. Já não digo gostar, porque daí é demais (risos).

18. Você escreveu O Rei dos Cacos, que é uma história sua com seu irmão, uma brincadeira que vocês tinham. Qual a sua percepção em relação à recepção do público, já que você escreveu sobre algo tão pessoal?

Viana: Olha, esse livro é uma coisa impressionante, porque como eu te falei, escrevi de pura saudade. Eu tinha certeza de que ninguém no mundo tinha brincado de caco no córrego, a não ser eu e o meu irmão, porque nenhum dos meus outros irmãos brincaram, fomos só nos dois. Também nunca vi filho de empregado nenhum andando no córrego atrás de caco, nem primo nosso, nada, era uma experiência nossa.

Aí fica todo mundo fascinado com esse livro, é chato falar, mas tem que falar... Numa conversa com Edemir Perrotti (professor da ECA e coordenador da Coleção Olh'Arte) e me contou uma coisa que ele fez uma vez uma vez lá em Belo

Horizonte, com professores, e que sempre fazem. Inclusive, há pouco tempo eu encontrei uma moça que me contou igualzinho, ela participou... Foi um curso de aperfeiçoamento para professores, ele foi convidado e aí leram *O rei dos cacos*, ele e os professores, a maioria me conhecia... E naquela escola onde eles estavam, tinha lá uma fazenda, e depois que ele leu, ele falou que eles então iam brincar de “rei dos cacos”, por onde eles quisessem. E aí uma foi pro córrego, outra foi pra uma palmeira, enfim, a tarefa era essa, que cada um procurasse o próprio caco.

Aí eles voltaram. Tinha gente que tinha caco mesmo, outro tinha uma folha, outro tinha uma flor... E aí cada um começou a falar do caco, e começou aquele choro coletivo, só que um choro bonito, de dentro... Eu fico arrepiada quando eu falo isso... Era um textinho de 40 linhas, então, é um alcance que foge completamente ao seu controle.

E eu lembro uma vez que eu estava falando sobre esse livro, eu acho que foi na Nestlé, e tinha uma senhora italiana, e que falou que lá em Roma, não me lembro onde era, ela brincou de *rei dos racos*, só que ela não escreveu, claro. Então, o tamanho de um livro é uma coisa inacreditável.

Uma vez também, eu fui numa escola aqui no Morumbi, há muitos anos, o livro era novo. A professora me chamou, eram trinta ou quarenta minutos conversando com as crianças sobre o *rei dos cacos*.

Fizeram muitas perguntas, e eram crianças pequenas mesmo, oito ou nove anos. Aí, no livro tem um pedaço que fala que cada vez a gente procurava um caco mais colorido, a gente separava, e cada um queria ter achado o mais colorido, o mais bonito, eu achava que era eu, ele achava que era ele. E a gente guardava, mas os brancos não, a gente jogava fora, porque: Que graça tem um caco de vidro branco?

E uma criança me perguntou isso, se eu achava isso mesmo, eu falei: - Acho! – pensei lá na hora, e falei: - Acho, acho que não tem graça nenhuma um caco de vidro branco - Não achava graça nenhuma quando era criança e continuo não achando.

E eu tinha percebido que quando eu entrei, no fundo assim, tinha uma cortinona, na verdade não era cortina, era um pano mesmo que estava colocado lá, e achei aquilo estranho na hora que eu cheguei, mas como eu sou muito desligada, depois nem vi mais, acostumei e fiquei ali concentrada nas crianças, não fiquei olhando pro fundo da classe.

Aí, quando fizeram essa pergunta, foram lá, puxaram o pano, que realmente estava só pregado lá, com esparadrapo. Estava cheio de azulejo branco, que eles cataram. Azulejos da rua porque aqui não tem caco, pegaram pedaços de azulejos das construções, fizeram um cavalete, e tava cheio de azulejos brancos. Aí, me convidaram pra ir pra lá, e todo mundo com giz colorido, massinha, tinta, guache, começou a pintar, e eu no meio. Aí depois, eles me falaram:

- E aí, você ainda acha que na tem graça?

Nesse dia eu tive ódio de mim, falei:

- Eu tinha que ter posto uma frase tão burra assim? – e aí falei: - Vou tirar, vou tirar essa frase, na próxima edição do livro não tem. Depois, eu falei: - Que nada, pô, se essa frase deu ensejo a um trabalho desse tipo é a melhor frase do livro! É burra, mas é ótima. (risos) Mas é um livrinho de nada.

19. Em Ana e Pedro: Cartas, você e Ronald realmente se corresponderam. De quem foi essa idéia, quem começou?

Viana: É... já falamos, né? Quem começou a mandar fui eu, eu tinha certeza de que quem ia começar era ele, porque ele é professor, era professor da Universidade em Belo Horizonte, e um cara muito organizado: Levanta cedo, todos os dias vai correr, isso às cinco horas da manhã, depois volta. Mora na Pampulha, acho que você conhece, fez faculdade, agora já está aposentado, mas voltava, tomava café, levava os filhos à escola, ia ser diretor, não sei que horas escrevia, todo organizado.

Aí, quando a gente combinou que ia escrever o livro, a gente não combinou nada, a gente só combinou: - Vamos escrever um livro. – Nem se era adolescente pra adolescente, podia ser de pai pra filha, de irmão pra irmão, professor pra aluno, infinito...

Não cominamos nada, que livro seria e nem quem ia escrever primeiro. Quem tivesse vontade escrevia primeiro. Como ele é muito organizado e eu sou caótica, pensei que ia ser ele, mas aí esperei um mês, dois meses, a Sônia morava aqui na época, e nada, e a gente sempre comentando, aí um dia falei:

- Ah! Quer saber? Vou mandar a carta!

Aí escrevi:

- Oi, você não me conhece, sou amiga da Malu... - o que me ocorreu, né?

Pensei:

- Se ele não quiser ele não responde, pronto.

E deu certo.

20. No ano passado você teve a oportunidade de unir literatura infantil e internet. O que achou da combinação entre as duas?

Viana: Ah... Eu achei maravilhoso, primeiro porque eu tenho sessenta e cinco anos, quer dizer, não sou velhíssima, mas também não sou nenhuma menininha. Sou da roça, com cavalo, já falei, já repeti, cavalo, vaca, cachorro, gato, só. O meio de transporte era o cavalo, era assim que a gente ia estudar. Tem um livro aí que depois eu vou te dar pra ler *Memórias do tempo da escola: O encontro*, da Nova Alexandria, para adulto, que tem essa parte toda da minha alfabetização, com a minha mãe e tudo.

Então, a gente andava duas horas a cavalo, atravessava um rio de Minas chamado Rio das Mortes, chegava numa estação, chamada Estação do Nazareno, tomava um trem que chamava Trem do Sertão, que acho que nem existe mais, viajava duas horas de trem pra chegar em São João del-Rey. Era isso duas vezes por ano. Ficava lá no internato quatro meses, depois voltava pras férias, ficava o mês de julho, voltava de novo, ficava mais quatro meses, voltava no fim do ano e ficava três meses, dezembro, janeiro e fevereiro. As aulas começavam em março.

Então era esse o processo, era essa pessoa que eu era, era o que eu conhecia e o lápis, caneta, era isso. Então eu custei, mas aprendi a datilografar, tinha trinta anos. Aliás, tudo pra mim foi tarde, tive filho aos quarenta, hoje está na moda, mas naquela época não.

O Fabiano nasceu, eu já tinha feito quarenta anos.

Aprendi a dirigir com cinqüenta e cinco, com cinqüenta e oito bati o carro, machuquei, quase morri, trombei lá na estrada de terra, perda total, rompi o menisco, tive que operar, nunca mais dirigi, dirigi três anos, tudo comigo é assim, mais tarde.

Nunca fiquei angustiada porque não sabia datilografia, escrevia meus livros à mão, e aí pagava uma pessoa pra datilografar pra mim, ou um amigo, ou o Gilberto tinha um tempo e datilografava. Aqueles primeiros contos, aquele que você leu aí

hoje, *Chave...* Tudo escrito à mão; *rei dos cacos* escrito à mão, tudo. Nunca deixei de escrever por isso, nunca tive pressa. Depois falei:

- Datilografia está fazendo falta!

Aí fui ali no Bella Sintra ... Eu já tinha mais de trinta anos, a Mariana já tinha nascido, quando ela nasceu eu tinha trinta e três, então tinha uns trinta e quatro anos quando eu aprendi. E comecei na hora, quer dizer, pra eu chegar ao computador, você pensa bem... A gente comprou o computador, os meninos logo aprenderam, compramos por causa deles. Internet, eu nem passava perto, e de repente, você sabe que escritor é muito dividido né, não sei se você já percebeu, escritor é muito dividido entre o uso ou não do computador, A Lygia Fagundes Telles por exemplo, não usa, tentou, deu errado, voltou pra máquina Olivetti dela; o Fernando Sabino era alucinado por computador, outros também não gostavam, e eu era da turma do “não”.

Aí comecei a ver que mudava parágrafo, você passa pra cá, passa pra lá, não precisa apagar, porque máquina não tem jeito de você ter estes recursos, e à mão é trabalhoso. Por exemplo, isso até hoje eu faço, eu estou escrevendo aqui, mas aí eu falo:

- Esse personagem, vai acontecer “isso” com ele daqui a muito tempo, mas eu vou esquecer disso - então, à mão, eu punha assim, na beiradinha, pra eu lembrar, que vai acontecer tal coisa, e aí, no computador também eu faço isso e deixo lá, de molho, pode até não acontecer, se não acontecer eu apago, mas fica me lembrando aquilo ali.

Então, tanto começaram a me falar, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, que eu falei:

- Não custa tentar, né?

Achei muito chato no princípio, mas fui aprendendo, entrei na internet, até que fui convidada pra escrever... Quer dizer, quando me convidaram, graças a Deus eu já sabia o processo todo, senão ia ser trabalhoso, porque tem dia marcado, certinho, você tem que mandar o capítulo porque aí eles mandam pras crianças, aí as crianças lêem, tudo direitinho. E aí deu certo. Eu fiquei extremamente fascinada, principalmente com essa história de ter gente escrevendo junto comigo, porque o hábito de escrever é muito solitário, e eu tinha já ficado muito realizada quando escrevi o livro com o Ronald, um livro que eu sou dona dele só 50%. E digo fascinada porque eu mandava uma carta e pensava, bom, agora, mandei a carta e

com isso que eu falei, isso que eu perguntei e tudo o que a Ana colocou aqui, acho que o Pedro vai andar por esse, esse, esse caminho, mas isso era o que eu pensava, porque não era o que o Ronald fazia.

Aí vinha lá a resposta, e eu tinha que mudar os meus caminhos, não por mim, por ele, pra dar coerência e tal. Então... Eu já tinha achado muito rico isso de escrever a quatro mãos, ainda mais em cidades diferentes, e a gente se encontrou algumas vezes... É até engraçado, nós nos encontramos por causa da Nestlé, eu era coordenadora e ele estava participando como jurado na época. Ele veio aqui em São Paulo, a gente se encontrava e conversava, conversava sobre tudo, menos sobre "Ana e Pedro", várias vezes, eu ia pra Belo Horizonte, levava a carta escrita, e falava:

- Essa carta é da Ana - e ele guardava; ou então ele falava:
- A carta do Pedro.

Sobre o livro a gente nunca conversou a gente só escreveu. Engraçado, né?

Então, aí quando chegou na Internet então, era isso multiplicado. Criança, todo mundo palpitando, todo mundo falando, e aquelas respostas imediatas. Então, você escreve o capítulo num dia, depois de cinco dias, as crianças já estão dando retorno... Eu acho incrível e acho que internet, televisão, não são pra acabar com essas coisas, com livro não, igual muita gente fala. É igual eu te falei, claro, a gente gostava de ler, tinha um pai que gostava que a gente lesse, e a outra opção que existia era rádio, mas só, e no início nem tinha.

Agora, hoje em dia, apesar de a televisão ocupar o espaço dela, o computador ocupar o espaço dele, eu acho que dá pra conviver tudo isso com literatura e a prova disso é que a gente escreve livro pela internet. Eu não acho que você tem que ficar brigando com as outras coisas, você tem que somar.

21. No conjunto de sua produção, de qual livro seu você mais gosta e por quê?

Viana: Ah! Isso aí não tem mesmo, não! Não é que eu não queira falar, eu acho que isso aí é igual filho... você tem irmão, né?

Andréia: Tenho.

Viana: Então, pergunta pra sua mãe, não tem...

É a mesma coisa de um recém-nascido! Enquanto você está escrevendo um livro, ou a hora que ele acabou de sair, é nele que você está ligado, é ele que ta te

dando trabalho, e se você não cuidar dele ele não vai ficar pronto, ele morre de fome, ele morre de sede. É igualzinho a um recém-nascido. Mas depois que ele está lá na estante, que criou vida, aprendeu a andar, é igual...

Todos são trabalhosos, como eu te falei. Eu acho que não tem nada mais difícil do que escrever, acho mesmo, isso não é “frase”. É difícilimo, eu levo horas pra escrever dez linhas, e às vezes nem consigo, então é tudo muito trabalhoso, todos eles foram muito difíceis. Eu gosto igual, não tem mesmo, pode acreditar.

22. Você disse numa entrevista: Procuro falar sobre o que conheço, vivo, percebo, se você fosse escrever algo agora, o que você anda percebendo e vivendo que merece ser escrito?

Viana: Eu sou meio repetitiva, mas eu acho que tudo o que emociona merece ser escrito, o que incomoda precisa ser escrito, e se você puder juntar essas duas coisas, melhor. Agora, eu acho que os tempos mudam, mas os cernes são os mesmos. Muda talvez a maneira de abordar... Então por exemplo, a família, escola, aluno, professor, esses são temas eternos, se for pra escrever agora um livro sobre um casal separado, eu escrevo, e vai ser diferente desse (*O dia de ver meu pai*), possivelmente. Mas eu acho que o tema está aí, tão novo quanto naquela época. E se for pra escrever livros de cartas, vamos lá, se fora pra escrever livros de cartas pela internet, vamos, eu acho que eu escreveria tudo o que já escrevi à maneira de hoje; e outras coisas também que eu escrevi, claro.

Mas eu mudei. Todo mundo muda, a gente amadurece, você pode ficar mais amarga, mais otimista, mais pessimista, fora isso, um dia você está de um jeito, outro dia você está de outro, tem coisas que te pegam mais, têm perdas hoje que você não tinha antes, mas no fundo você é a mesma pessoa. Então, muda um pouco a abordagem, porque eu não sou exatamente aquela pessoa que eu já fui, mas eu tenho interesse pelas mesmas coisas, e os temas estão aí... Te respondi?

23. Tem alguma obra nova sendo preparada?

Viana: Tem aquela história no computador, que é de um menino que quer ganhar um diário, e ele quer fazer um diário, mas ele quer ganhar, e ninguém descobre que ele quer o diário, dá uma bicicleta, e ele quer um diário, e eu não sei

como essa história vai acabar, mas eu sei que eu quero escrever a história de um menino que não ganha um diário, e não quer comprar, quer ganhar.

Então, é assim, no fim do ano, eu abri o computador, precisava falar lá no encontro, sobre a minha alfabetização, com a minha mãe e tal, que está nesse livro que eu te falei, *Memórias do tempo da escola*. Aí o Leonel Prata, que é o editor, meu amigo, me mandou um e-mail falando:

- Olha, escreve aquela história, escreve algumas histórias de você adolescente rural, tipo *O rei dos cacos...*

Sabe essa história que eu contei do *Winnetou*, que eu chorei na cama e tal, então, eu contei lá, e ele falou:

- Aquela história da leitura, a experiência pessoal da leitura, escreve que eu publico. Então, possivelmente eu vá escrever essas coisas, mas não to escrevendo.

24. Você tem lido bastante? O que? Tem escritor ou escritora preferidos na literatura contemporânea, tanto estrangeira, nacional, adulta ou infanto-juvenil?

Viana: Não, acho que eu falei que estou lendo *Os meninos da Rua Paulo*.

Eu li há pouco tempo atrás *Memórias de minhas putas tristes* do García Márquez, que saiu há pouco tempo, e eu gosto muito dele; eu reli o Cortazar há pouco tempo, *Todos os fogos, o fogo*, que é um livro de contos, e tem um conto lá que eu acho mesmo um grande chamado *Á saúde dos doentes*; e quero reler *Judas*. Leio muita literatura infantil, que eu recebo de editora e às vezes eu preciso também, ler pra ver o que está saindo.

A gente é injusto quando cita, porque sempre esquece alguém, mas são esses mesmo, gosto muito do Veríssimo. Eu leio os cronistas, já te falei que todo dia eu leio o jornal... Então, todos os dias eu leio o Cony; o Clóvis Rossi; o Jabor, todo dia na Folha; o Ferreira Gullar, todo domingo na Folha, todo dia o Veríssimo no Estadão, leio o Zuenir Ventura no *O Globo* ou no *Jornal do Brasil*, não sei em qual ele escreve, mas eu leio todo domingo; leio esse povo todo. Acho o Cony um escritor deslumbrante, cronista deslumbrante. É Carlos Heitor Cony, pode ler, ele escreve na folha todo dia, na página dois da Folha, a crônica de baixo, a Folha tem todo dia três crônicas, a lá debaixo é a dele, mas é um texto maravilhoso, você vai adorar.

25. Pra você, qual é o papel da literatura hoje?

Viana: Ah, eu acho que hoje, como sempre, o papel da literatura é o papel da arte em geral. Eu acho que é tudo junto, é uma criação, é um jeito de você chegar no outro, e do outro, chegar em alguma coisa. Então, eu acho que é um papel de uma coisa de questionar mesmo, de lançar as coisas por aí, de fazer o povo pensar, pensar junto, fazer pensar, não, porque é pretensioso. Mas eu acho que é pensar junto com o leitor. Eu penso pra escrever e eu espero que ele leia pensando, eu acho que é isso, é alargar o horizonte... O pensamento alarga. Eu acho que se a gente alargar o horizonte próprio e o do leitor, já tá maravilhoso, missão cumprida.

26. Hoje você é conhecida, reconhecida, homenageada. Você imaginou que teria todo esse reconhecimento quando iniciou sua carreira como escritora?

Viana: Não! Não vou mentir! Nunca esperei, isso me espanta, acho que não mereço. Não estou querendo ser modesta, fazendo frases, e sei que tem muita gente que gosta, acredito nas pessoas que gostam, mas nunca vou achar que mereço.

Acho mais é que eu tenho que trabalhar. Como eu quero fazer um texto bonito, eu fico superfeliz quando alguém fala que é bonito, claro, você não ia fazer uma viagem dessas se você não acreditasse no que eu faço, fico superfeliz e não acho que eu mereço nada disso.

27. Você já deu entrevistas, depoimentos, passou por muitos tipos de exposição, mas o que está achando de ser o objeto central da minha pesquisa de iniciação científica e futuramente pós-graduação? Já passou por experiência parecida?

Viana: (Risos) Então! É o que eu to te falando, eu acho que você é louca, eu não mereço. Agora, é aquela história, eu escrevi os livros, e disse:

- Bom, eles chegaram em algum lugar

E era o que eu queria, saíram da escola e da livraria, chegaram lá na cabeça do seu professor, na sua, no coração dele e no seu, e fico superfeliz, emocionadíssima, todo mundo acha a maior graça.

Igual a eu te falei, minhas amigas falam:

- Que isso? E eu não sei, falo:

- Ou estou velha, ou estou famosa, ou estou velha, ou estou não sei o que.

Mas fico assim, espantadíssima, superfeliz, orgulhosa, o que você precisar eu vou fazer. Tudo! Agora, não mereço! Você é maluca e eu embarco na sua maluquice, vamos lá!

28. É provável que essa entrevista venha a ser lida por especialistas em literatura infanto-juvenil, professores, e mesmo alunos de ensino fundamental e médio. Há algo especial que você gostaria de dizer a esses leitores? Gostaria de dar depoimento sobre algum outro tópico não contemplado pelas questões anteriores?

Viana: Ah, o que eu sinto que eu tenho condição de falar é sobre isso mesmo, a experiência da leitura, que eu tenho desde criança, que eu acho maravilhosa, intransferível. Volto no *Winnetou* aqui, ou seja, você vai ler uma coisa que você já sabe o que você vai ler, mas aquilo na hora em que lê, cresce, te penetra, é uma coisa forte. Então eu acho que essa é a primeira grande experiência, a leitura.

E depois, claro, a gente tá falando de literatura, mas as pessoas que trabalham com a área de didática, os professores, é um trabalho incrível desse povo também, desse pessoal todo que trabalha com os livros, com a leitura dos autores, a leitura que os alunos fazem. É algo riquíssimo.

Eu trabalhei um pouco... Pouco, porque dava aulas pra segundo grau, foi uma coisa pequena, mas muito rica, e que gerou livro.

O que eu sinto que dá pra falar é isso: Que a leitura, é uma coisa maravilhosa, a literatura é incrível, escrever é uma palavra gratificante, gratificante é uma palavra tão gasta, mas não me ocorre outra, é uma coisa muito realizadora. Como eu te falei, eu não me arrependo de nenhum livro, e às vezes quando eu pego qualquer um deles, quando eu leio às vezes um pedacinho, eu falo:

- Pô, mas fui eu quem escreveu?- porque eu realmente acho bonito, sabe? – Como é que eu fui escrever um negócio desses? – mas depois eu penso – Não, eu tinha escrever um negócio desses, mesmo, porque eu sofri pra escrever, fiquei muito tempo fazendo isso - noites e noites, dias e dias, cansada, com sono, às vezes até

nem passando muito bem conforme a época da vida, sofrendo mesmo com problemas familiares que são tantos, né, perdas, ou isso, ou aquilo, que você tem que fazer, então... está bonito? Está, mas deu um trabalho desgraçado, então tem que estar bonito mesmo.

Então, eu acho que todo mundo pode ter que, se você quer escrever, e você trabalha pra isso, você escreve. Escrever é um exercício. Claro que não é qualquer pessoa, mas você tem que gostar, tem que ler... Eu fiz oficina, um grupo incrível... Eu era a única escritora, o Christian, engenheiro, 27 anos, idade dos meus filhos, outro era aquele que eu disse que foi pra Inglaterra, economista, outro era jornalista, e a gente se reunia uma vez por semana pra escrever juntos, fazer exercícios, coisa que eu nunca tinha feito. Exercícios de escrita: escrever onze minutos sem parar, sem corrigir, pra mim isso era uma loucura, porque eu só escrevia parada. Aliás, eu não escrevia, eu ficava parada, pensando, pensando... Aí, eu vi que é possível também escrever, você vai escrevendo, às vezes não tem nexo e na hora em que você vai reler tem. Claro que aquilo ali não está definitivo, mas dali pode nascer muita coisa, então eu vi que a pessoa aprende também a escrever de outras maneiras.

Eu acho que a grande maneira é a leitura, mas existem outras técnicas, que eu não conhecia, que eu não tinha tido contato com elas. Tive depois, com essa turminha nova, depois meu filho fez também oficina, mas ele não foi do meu grupo. E já falei com a Andréa, chama-se Andréa a moça, que toda oficina que ela tiver, se eu tiver disponibilidade, pode me chamar que eu vou. Eu quero aprender, sabe.

No princípio ele nem sabiam que eu era escritora, eu não contei. Depois a gente foi se descobrindo, quer dizer, não é que eu não contei que eu era escritora, mas eu não sabia que o outro era engenheiro também, a gente tinha apelidos. Aí foram surgindo as coisas todas, e às vezes alguém falava:

- Pô, mas você tem uma escritora na sua oficina? O que que ela vai fazer lá?

- E ela falava:

- Mas é justamente por isso.

Eu quero ver coisas que eu não vi, que eu não sei, que no meu tempo não tinha, o que eu não tive contato. E a criação coletiva, nunca mexi com isso, quero mexer, quero aprender. A gente aprende, cresce. Agora eu escrevo mais rápido e às vezes eu acho que tem a ver com a oficina.

Então, se eu puder fazer alguma coisa, falar, acho que nessa área é isso: acreditar, que escrever é uma coisa possível, e ter certeza, porque eu acho que eu tenho, e todo mundo que trabalha com isso tem, que além de possível é um ato bonito, e aglutinador, quando você conhece um leitor, você vê:

- Meu Deus, o que eu to fazendo... Até onde ta indo a minha palavra... Como é que ela ta chegando...

Igual a eu te falei do *O rei dos cacos*, pra mim é um livrinho, mas não é, se ele vai parar na mão de uma mulher mais ou menos da minha idade, que foi criada em Roma, e que também brincou e que falou:

- Queria ter escrito esse livro -, então ele não é um livrinho. Eu tenho que acreditar nesse produto, que é o livro, que é a literatura.